
UMA FARSA COM
benefícios
UMA comédia romântica DE
BRUNA PALLAZZO

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by convertEPub

UMA FARSA COM *benefícios*

UMA **comédia romântica** DE

BRUNA PALLAZZO

Copyright © 2022 Bruna Pallazzo

UMA FARSA COM BENEFÍCIOS
1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânicos, sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: Thais Alves
Revisão: Bianca Bonoto & Evelyn Fernandes & Tan Wenjun
Diagramação: April Kroes
Ilustração: Vee - @c.vitoriart

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

SUMÁRIO

Sumário
Nota da autora
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Epílogo
Agradecimentos

NOTA DA AUTORA

Esse é um livro clichê. Ele não tem a proposta de ser super longo ou dramático, muito menos profundo.

“Uma farsa com benefícios” existe para te divertir, e te arrancar um pouco da loucura do mundo real.

É um livro que eu classifico como: “livro sessão da tarde”. Ele acalma. Acalenta. Te deixa com o coração quentinho. E é isso.

Aqui você não vai descobrir maravilhas sobre si mesma, muito menos se pegar pensando na vida ou qualquer coisa assim.

Esse livro é para te **entreter**, e apenas isso. Nada mais, nada menos.

Escrevi ele de uma forma despretensiosa, para me arrancar da minha própria ressaca, e de quebra

dar aos meus leitores uma *comedinha* romântica tranquila para amar.

Ele é leve. Fofo. De arrancar suspiros dos mais desavisados.

Eu espero muito que vocês gostem do Lucas, Luna e Olívia. Espero que a pequena e bonita família que será construída nessas páginas te arranque do mundo real e te jogue em uma bolha gostosa e lotada de purpurina e fadinhas por algumas horas ou dias.

Boa diversão.

Bruna Pallazzo



E eu não sei o porquê, mas com você, eu dançaria
No meio de uma tempestade, com meu melhor vestido
Sem medo
Fearless – Taylor Swift

Para todos os leitores de romance que
adoram dar gritinhos e suspiros durante
a leitura. Esse aqui é para vocês.
Divirtam-se.



Jayden Finnley

Às vezes eu tenho vontade de matar a minha irmã.

Hoje não tenho só vontade, é quase uma necessidade.

Ela tinha que ser a coisinha mais fofa que eu já tinha visto quando era criança? Ela tinha que ser delicada e gentil comigo mesmo quando eu não mereço? Ela tinha que ser legal a ponto de me deixar casar com a sua melhor amiga sem me encher o saco? É por essas e outras coisas que sou obrigado a amar essa tonta do caralho que não cansa de fazer da minha vida um lugar mais difícil de viver.

Estava metendo na minha esposa gostosa quando escutei meu celular tocar. Juro que nunca senti tanto ódio na vida quando Penélope disse que eu deveria atender. Porra, estava quase gozando, mas tive que parar para atender a idiota da minha irmãzinha mais nova que não sabe pesquisar na internet coisas como: antecedentes criminais e histórico da vida pessoal dos caras que ela sai.

É um pior do que o outro.

É um mais feio do que o outro.

Para completar, agora tem uns que são até casados.

Lógico que com os casados, ela não segue em frente. Minha irmã é tonta, mas não é mau-caráter.

Ainda assim, custava pesquisar antes? Eu já ensinei, já disse como os caras funcionam. Porém, ela me escuta? Não escuta.

Aparentemente, o cara de hoje não é só casado, como também está deixando-a desconfortável. Ele não a deixa assim por querer esganá-la como eu, mas sim porque ela não consegue deixar as pessoas tristes. Não me pergunte a lógica, porém a tonta tem medinho de dizer um sonoro *não!*

É por isso que a protejo de tudo e de todos. Acho que se acontecer alguma coisa com aquela praga, eu faleço. E sou bem jovem para morrer. Sabe aquela esposa gostosa que eu tenho? Então, ainda quero meter muito nela antes de ir dessa para uma melhor.

E aqui estou eu, entrando no bar mais badalado de Nova Iorque com um bico do tamanho da Ponte do Brooklyn, prestes a socar a cara do filho da puta que ousou mentir para a minha irmã, e pior, brincou com os sonhos dela.

Quando olho para Olivia, noto que está tensa, porém o cara não toca nela. Apenas conversa enquanto toma o seu uísque. Ele é mais velho. Bem mais velho. E tem uma pose de quem domina o mundo.

E talvez até o faça.

Mas dominar o mundo é tão diferente de dominar a minha irmã...

— Olivia... — limpo a garganta, parando ao lado do babaca. — Vamos?

— É... então... — Minha irmã parece meio sem saber o que fazer enquanto o idiota me olha de cima a baixo.

— E você é? — o cara me pergunta e eu juro que ao ver os olhos dele, sei que sua boca vai acabar acidentalmente encontrando o meu punho, caso ele não coopere comigo.

Não sou conhecido por ser bonzinho.

Meus pais tiveram um casal de filhos. Uma boa e um ruim. Uma com paciência de Jó e o outro sem nenhuma no corpo.

Ele conheceu a Finnley legal e aposto que não vai gostar nada de conhecer o Finnley pau no cu.

— Jayden Finnley, o irmão dela. — Dessa tonta. Dessa idiota. Dessa menina que tem o meu coração nas mãos desde que entrou na minha casa e roubou meus pais de mim!

Maldita hora que aqueles velhos foram dar uma e acabaram fazendo essa menina. E pensar que aquela herança era só minha...

— Acho que há um engano, sua irmã está ótima aqui comigo, não é, *Ollie*? — Mas eu a conheço. Seu desconforto fica latente para mim.

E o desconforto dela só me irrita ainda mais.

— Senhor Brown, com todo o respeito, mas a sua esposa não vai gostar nada quando souber que está saindo para bares com meninas vinte anos mais novas e que, ainda por cima, esqueceu de trazer a própria aliança.

Vamos falar sobre os fatos? Olivia não precisa de mim aqui. Ela só precisava pegar um táxi e ir embora, mas como eu disse...

Ela é boazinha demais. Sonsa demais. Sabe do tipo mosca-morta? Então. Ela é.

Ela não consegue dizer na cara do infiel que não vai abaixar a calcinha para ele hoje e que não pretende vê-lo nunca mais.

Olivia é daquele tipo de gente irritante que tem empatia até por quem não merece. De quem ela puxou isso, eu não faço ideia, já que foi criada por uma atriz respeitadíssima e um empresário do ramo do esporte e ex-atleta.

Ninguém lá em casa tem escrúpulos, mas, pelo visto, minha irmã tem.

Pensando bem, acho que Ollie nasceu com defeito. É a única explicação plausível.

— Mas... É... *Caralho*... — Só se for o meu, que inclusive está até doendo.

— Desculpe, senhor Brown, porém notei a marca da sua aliança no carro hoje e não sabia como te contar. — Ela me olha como quem diz: *Não me mata, irmãozinho.*

E acho que o meu olhar responde mais ou menos assim: *Você me paga, pirralha!* Mas também pode ser que esteja querendo dizer: *Quero te matar, seu ser humano desprovido de senso de proteção!*

Sem esperar nenhuma resposta do infiel, pego a reencarnação da Madre Teresa de Calcutá pelo braço, louco para sair dali.

Depois dessa semana infernal, era tudo o que eu precisava.

Sinceramente, isso aqui deve ser algum carma. Só preciso entender por qual merda que eu já fiz que estou pagando. Até porque, são muitas.

Acho que se o carma começar a agir comigo, ele não termina o trabalho nessa vida.

— Começou a procurar homem no asilo, Olivia? — pergunto, quase soltando fogo pela boca.

— Quarenta e cinco é o meu limite. São só vinte anos... — Meu Deus, eu ajudei a criar essa garota.

Como pode três pessoas errarem tanto com uma única menina?

— *Só*... O que aconteceu com você? Perdeu a noção em casa? Ou começou a ter tara em homens que se parecem com o nosso pai? Essa é a única explicação para uma porra dessas! — Abro a porta do carro com raiva para essa doida. A infeliz ainda tem a audácia de sorrir para mim.

Quando finalmente me sento no banco do motorista, tomo coragem para encarar aquela fuça que tanto amo e me permito sorrir.

— Me deixe adivinhar? Ele entrou na sua livraria, disse que gostava de romances e depois da terceira vez, ao invés de pedir uma indicação literária, pediu o seu número? — Esse é o sonho dela.

Encontrar um cara que goste tanto daquelas porcarias de romances como ela gosta. Um cara que entre no seu comércio e, pouco a pouco, a cada indicação, se apaixone por ela.

Burra.

Não tem como dar outro adjetivo para ela que não esse, e eu sei que não é legal, mas tenho que ser sincero. É o meu papel de irmão.

— Foram três vezes, Jay! — ela diz, como se isso explicasse tudo.

— E por isso você ignorou todos os passos que já disse que precisa fazer quando o assunto é homem? — Sei como os homens funcionam, sou um deles, e juro que tentei ensinar tudo o que essa garota precisava saber, mas ela não aprende.

Às vezes acho que Olivia é um caso perdido.

— Ele adorou *Talvez um Dia* da Colleen Hoover. Ninguém adora esse livro. — Por que essa tal de Colleen Hoover é especial? Jamais entenderei.

Para ser honesto, nem faço ideia de quem ela seja, mas toda vez que a minha irmã fala sobre ela, soa como algo meio... divino?

Se o gosto dela para livros for como é para homens, a tal da Colleen não deve ser lá essas coisas.

— Ele só queria te comer... — digo enquanto ligo o carro.

— Mas...

— Quantas vezes vou ter que dizer que homens, em um primeiro momento, só querem te comer? — Podem até amar e todas essas coisas, mas, a princípio, não se iluda.

Eles sempre *só* querem te comer.

Daí, se valer a pena, ele te pede em namoro e quem sabe um dia, te amarra com uma aliança caríssima e faz uns dois filhos em você.

É uma lógica tão simples, não entendo a dificuldade de compreender isso.

Quer dizer, muitas entendem e sabem jogar o nosso jogo, às vezes, melhor até mesmo do que nós. Minha mulher, inclusive, é do tipo que sabe muito bem jogar, já a minha irmã, não. Na verdade, eu diria que ela é uma espécie quase extinta — Graças a Deus —

de mulheres que acreditam em romance e em coisas tão irreais quanto contos de fadas.

— Você é nojento. — Faz uma careta feia para mim.

— E você, encalhada.

Quer dizer, encalhada não, porque a garota sempre está enrolada em algum encontro. Ou tentando achar essa porra de príncipe encantado que obviamente não existe. Nenhum homem vai querer ler esses livros que tanto gosta e acho muito difícil que algum deles consiga passar no crivo da “senhorita tenho um centro de caridade no meio das pernas”.

É tanto homem feio e problemático que Olivia já ficou que, às vezes, eu me pergunto como ela ainda não desistiu do amor.

Falando em desistir do amor...

— Está sabendo da merda que o Blake se enfiou? — pergunto como quem não quer nada.

Se tem uma coisa que me honro muito em ter, é inteligência.

Como eu não pensei nisso antes?

— E tem como não ter visto? Todo mundo ficou sabendo. As páginas de fofoca não falam de outra coisa.

É, pois é...

Igual a minha irmã, o meu melhor amigo, e cliente, é um burro quando o assunto é relacionamento. Eu não diria que é tonto, está mais para homem...

Mulher se ilude com palavras, já homens, com um boquete. E pelo que entendi, o boquete da tal Irina era realmente muito bom.

Fazer o coração de gelo e antissocial, Lucas Blake Bullard, sossegar por quatro meses foi digno de um milagre.

Mas como todo milagre, ele chega ao fim.

O mar vermelho não ficou aberto a vida toda, nem toda água do mundo virou vinho, etc., etc., etc. Acho que você pegou o espírito da coisa... Era óbvio que em algum momento o Blake ia acabar com aquela loucura.

E acabou.

E foi bem aí que a merda toda aconteceu.

É outro burro, porque eu disse que aquela mulher não era flor que se cheire. Falta de aviso da minha parte não foi.

Agora precisava limpar a porra da reputação do meu cliente, mas como o destino é muito generoso comigo, eu que, até quarenta minutos atrás, não tinha uma solução, agora tenho.

Uma solução que, inclusive, mata dois coelhos com uma cajadada só.

— Você ainda prefere encontrar o bicho-papão a olhar na cara do Blake novamente? — minha pergunta vem lotada de curiosidade.

— Odeio falar sobre isso. — As bochechas da coisinha iludida já ficam vermelhas. — Mas claro que sim. Eu quase o agarrei, Jay...

Como se a melhor amiga dela não tivesse, de fato, me agarrado, mas tudo bem. Acho que todo mundo já entendeu que a mosca-morta é realmente uma mosca-morta.

— Tem o aniversário da Luna no final de semana, o tema é borboletas e eu fiquei de dar as lembrancinhas, mas esqueci de olhar isso... — Só pelo meu jeito de falar, ela já entendeu o que estou pedindo.

— Estarei lá com cinquenta livros de colorir e giz de cera. Não se preocupe. — O mais legal de ser irmão de uma garota assim, é a facilidade de enganá-la.

A coitada acha que pagará a sua dívida comigo por ter vindo às uma da manhã para buscá-la em um encontro bosta, mas isso apenas sanará as custas da minha gasolina.

Preciso de bem mais do que isso. *Eu estava quase gozando, caralho!*

Além do mais, preciso tirar essa tonta do mercado de encontros por um tempo. Não por Olivia. Mas por mim. Não aguento mais quase morrer do coração toda vez que ela diz que conheceu alguém. Quero um tempo dessa merda.

Quero Olivia encalhada. De verdade.

Ela vai namorar com o Blake. De mentirinha, é claro. E depois que tudo acabar, vai dar uma entrevista falando bem dele. Uma opinião ruim só vai ser ignorada quando uma boa for colocada mundo afora. Lógico que vamos processar aquela louca por difamação, contudo um processo não limpa tudo. Precisamos de algo melhor e maior para o meu cliente se tornar o queridinho dos fãs novamente.

É perfeito!

E além do mais, é uma punição perfeita para esses dois por me darem tantas dores de cabeça.

Bem provável que amanhã quem vai querer me matar seja ela, mas são ossos do ofício. Eu nasci primeiro.

A melhor parte de tudo é saber que ele é totalmente avesso ao amor. Acho que deve ter até alergia. Blake só fica casualmente com as mulheres. E minha irmã... Bom, ela é tão obcecada com a palavra relacionamento que tem até uma lista para o *cara perfeito.* Ou seja, é maravilhoso. Eles jamais vão se envolver de verdade.

O problema do envolvimento real é a chance de corações se definharem no processo.

Blake é um ótimo cara, um chato, mas, ainda assim, ótimo. Eu acharia incrível se ele fosse o meu cunhado, ainda mais sendo rico do jeito que é... Meu trabalho como irmão mais velho estaria sanado se eu casasse a minha criatura iludida com ele, mas já desisti desse sonho. Eles não são para ser, não combinam em nada.

Então, já que ele não pode ser o meu cunhado dos sonhos, vai ter que ser meu cunhado de mentira mesmo, até porque, no momento, teremos que aceitar qualquer merda para limpar a imagem dele.

Seis meses.

Encontros.

Festas.

Muitas postagens no *Instagram* e no *TikTok*.

Minha irmã pode até promover o negócio dela enquanto isso.

E no final, para fechar com chave de ouro, um término amigável e uma entrevista respeitosa dela, dizendo que ele era incrível, mas que o amor acabou e blá-blá-blá.

Sou muito o orgulho dos meus pais mesmo. Agradeço todos os dias por não ser a decepção da família.

Eu limparia a reputação do meu cliente e ainda por cima, deixaria minha irmã livre de idiotas e feios por um tempão.

Genial, porra!

Seria uma paz.

Uma época de orgasmos completos e boquetes sensacionais. Para mim, porque para eles, eu realmente acho que serão seis meses de uma seca tão ruim quanto a do deserto do Saara.

Mas, por mim, tudo bem. Penélope e eu fodendo é o que importa, o resto não é problema meu.

Era isso.

Era perfeito.

Eles nem precisam aceitar com um sorriso no rosto. Aceitando, já estava ótimo. Minha irmã não seria um problema, porém não posso dizer o mesmo do outro lado da moeda. Se bem que a tal da Irina disse tantas coisas horríveis que Blake está desesperado e aceitará qualquer coisa.

Vai dar certo. Tenhamos fé.



OLIVIA MOON FINNLEY

Meu irmão me enfia em cada uma, que só sendo eu mesma para aguentar.

Não quero estar aqui. Eu nem fui convidada para a festa de aniversário de seis anos da filha do Blake. Mas aqui estou eu, sentada em uma das cadeiras enquanto tomo uma boa limonada cor-de-rosa, tentando sorrir para todos que passam por mim, sem dar muita pinta de que estou totalmente desconfortável.

Tudo culpa daquele loiro asqueroso!

Jayden ama me atormentar. Sempre amou. Pode ser por causa dos meus livros ou até mesmo pela minha inabilidade de encontrar um homem decente para me relacionar. Ele sempre estava ali à espreita para fazer da minha vida, um inferno.

Eu o odeio.

Mas Jay ainda é o meu irmão, então obviamente o amo também.

O maior problema é que eu sempre acho que ele não será um pé no saco e me deixará em paz após pagar a minha *dívida,* mas

Jay nunca me deixa. Ele é o típico irmão mais velho: chato, protetor e muito, mas muito irritante!

Primeiro ponto, eu nem deveria ter uma dívida com ele. Dividimos os mesmos pais. A mesma família. A mesma herança. Um favor não deveria ser um problema.

Segundo, eu paguei o que devia! Trouxe os livros de colorir com giz de cera e ainda deixei tudo embrulhadinho em sacos estampados de borboletas.

Cumpri com a minha palavra, mas não posso dizer o mesmo de Jayden.

Quando entreguei a caixa de papelão com todas as lembrancinhas, ele apenas mostrou um daqueles sorrisos gelados e meio malvados que apenas os irmãos mais velhos têm, e me disse um sonoro: *Entra aí, ainda preciso de você para uma coisa.*

Imaginei que essa coisa fosse organizar balões, arrumar as lembrancinhas na mesa ou sei lá, bancar a animadora de festas e me vestir de princesa.

Pensei que seria qualquer coisa, menos participar como convidada.

Isso não estava nos meus planos. Eu nem mesmo estou vestida a caráter, já que estava indo trabalhar antes de ser interceptada pelo queridíssimo.

A festa está linda, isso ninguém pode negar. O terraço da enorme casa de Blake, localizada em Manhattan, foi tomado por tons de lilás, balões com glitter e muitas borboletas. Não me lembro há quantos anos não participo de uma festa infantil, mas juro que não lembrava que as crianças eram tão barulhentas e caóticas.

Tem gritos por todos os lados, o que é um pouco assustador, mas ao mesmo tempo meio reconfortante. Tá, ok... é só assustador.

Eu até já sou acostumada com Luna, porém ela não é tão barulhenta, nem mesmo tão levada.

Não a vi crescer, pois quando ela nasceu, eu ainda estava morando em Palo Alto, terminando a minha faculdade, mas hoje em dia nos vemos bastante por causa da sua convivência com o meu irmão. Posso até fugir do pai dela, mas jamais fugiria daquela coisinha bonitinha. Adoro crianças e nunca perco a oportunidade de vê-la quando Jayden a pega para dar uma de melhor padrinho de todos os tempos.

Inclusive, que saudade de morar longe do meu irmão. Eu me mudei para Nova Iorque depois de finalizar o curso de Administração em Stanford, no entanto, já me arrependi.

Deveria ter aberto o meu negócio em qualquer outro lugar, menos aqui. Talvez até mesmo em Seattle, onde fomos criados e ainda é a cidade dos nossos pais. Mas não, eu quis agradá-lo. Quis ficar perto da minha melhor amiga. Eles são a minha família... O que poderia dar errado?

Tudo.

Era óbvio que tudo poderia dar errado.

Jay não está errado quando diz que eu sou uma tonta. Sou mesmo, admito.

Tonta por acreditar nesse bobão e nos seus pedidos que sempre me colocam em uma enrascada.

Todo mundo está elegante e arrumado enquanto eu estou com meu suéter azul, uma calça bege sem graça e, para completar, nem

consegui lavar o cabelo hoje cedo, então precisei fazer um coque igualmente sem graça.

— Você está fazendo aquela cara... — Penélope, minha melhor amiga e cunhada, diz, me tirando dos meus próprios pensamentos.

Como sempre, minha amiga exala sofisticação. Seus cabelos escuros, hoje, estão lisos e sua maquiagem combina lindamente com o seu vestido longo e florido. A garota de pele negra escura sempre soube se vestir muito bem, uma pena que nunca conseguiu me ensinar o mesmo.

— Qual cara?

— Aquela que você faz quando está pensando em matar o Jay. — Ela segura o riso e posso jurar que o jeito que ele me trata só faz com que ela o ame mais.

Minha melhor amiga me ama e se preocupa muito comigo, mas ela, sem dúvidas nenhuma, deseja para mim uma vida melhor do que: livros, gatos e uma taça de vinho antes de dormir.

Para a Penny, é inconcebível que uma mulher de vinte e cinco anos, dona do próprio negócio, inteligente e carismática, não tenha a mínima questão de ter uma vida social.

Tadinha dela, quinze anos de amizade e ela ainda não entendeu que o máximo que uma leitora tem de vida social são as amizades para falar sobre... livros.

Mas veja, não é por mal e nem porque sou uma pessoa chata. Eu só gosto muito de livros e prefiro eles a qualquer tipo de pessoas ou bebidas alcoólicas.

Inclusive, é por isso que o primeiro item da minha lista para encontrar o cara perfeito é:

Ele precisa gostar de ler e ser apaixonado por livros como eu.

Pela minha experiência de vida, apenas um leitor consegue aguentar outro leitor. E além do mais, imagina que bonitinho: um domingo lotado de livros, carinho e um bom café?

Paraíso.

Quero um paraíso desse para mim.

— Você acredita que ele me fez ficar aqui? — resmungo, me coçando para dar um jeito de sair de fininho antes que o Blake, em pessoa, note que estou aqui.

— Claro que acredito. Pelo que eu entendi, ele precisa falar com você — Penny sorri ainda mais, como se já soubesse o que vem a seguir.

— Hoje é sábado, o dia de mais movimento lá na livraria, eu preciso ir para ajudar as meninas. — E não estou mentindo.

É verdade.

A minha paixão por livros me fez abrir uma livraria, no coração do Soho, especializada unicamente em romances. De todos os tipos. Para todos os gostos. — Presente de papai, é claro.

Um sonho antigo que eu vi tomando forma há pouco mais de dez meses.

Sei que aquela livraria nunca vai me deixar rica, mas é a minha verdadeira paixão. É a única coisa que eu realmente quis fazer e que sinto que sou boa, então espero que ela continue dando certo.

Na verdade, eu *preciso* que ela dê certo.

— Suas vendedoras vão dar conta, por que não aproveita para se distrair um pouco? — Penny olha de um lado para outro como se procurasse algo, até que finalmente acha. — Você viu que o irmão mais novo do Blake está aqui?

Ah não, o irmão dele não.

— Daniel é mulherengo — digo, fazendo uma cara de nojo. — Sabe que eu não gosto de caras assim.

— Mas você já gostou do Blake quando ele não era pai e calmo. Pelo que me lembro, na faculdade, ele era pior do que o Jay. E olha que o seu irmão era terrível. — Ela tem razão, só que gostar de Blake foi uma fase rebelde da minha vida.

Todo mundo já teve aquele cara que te fez jogar fora toda a sua moral e te fazer sentir coisas que estavam bem longe de serem apropriadas.

Blake foi esse cara para mim.

Óbvio que em um passado muito distante que me recuso a recordar.

— Eu tinha dezoito anos e não gostava dele... — Eu queria transar com ele. É diferente.

Mentira.

Mas prefiro morrer a admitir que já fui apaixonada de verdade por esse homem.

— Você tinha uma enorme queda por ele, Ollie. Eu me lembro. — Sabe por que essa chata dá muito certo com o meu irmão?

Porque eles são iguaizinhos. É como ver a versão masculina de Jayden.

Eu diria que se a história deles fosse um livro, a trope seria: melhor amiga da irmã com *badgirl Vs. badboy* e uma pitada de *haters to lovers*.

Inclusive, adoraria ler a história deles no papel, mas infelizmente nunca achei nada parecido.

— Quem não tinha uma queda por ele na faculdade? — Arqueio uma sobrancelha enquanto cruzo os braços para a garota que mais se parece com a Barbie.

— É, aí você tem um ponto. — Não foi à toa que Blake foi draftado e apenas dois meses depois deu a notícia de que estava esperando a sua primeira filha.

Me lembro vividamente da época que ele era um dos homens mais disputados daquele campus, além, é claro, de ser o mais mulherengo. Não tinha limites, muito menos discernimento, ele trepava com qualquer uma e em qualquer lugar. Não posso dizer que foi uma surpresa quando ele nos contou sobre a gravidez. Era bem óbvio que em algum momento aquela depravação toda iria dar em alguma coisa.

E bem, deu.

O que não deu mesmo foi o casamento que a mãe dele tanto sonhava para o filho, pois Blake foi bem firme ao dizer naquela época que não se casaria com Margaret, a mãe de Luna, apenas por causa da filha. A Sra. Jéssica Bullard, uma brasileira católica, não podia acreditar que o seu filho mais velho e prodígio do hóquei fosse capaz de fazer uma filha, na filha de alguém, e não pedi-la em casamento logo em seguida.

Foi um caos, porém não tinha muito o que fazer, já que, nessa época, Blake estava em seu primeiro ano na NHL e não dependia dos seus pais para muita coisa.

Eu fiquei chocada quando Jayden me fofocou toda a história e ainda foi categórico em afirmar que o homem, que não acredita em amor, disse que jamais se casaria sem sentir algo muito forte pela sua futura esposa.

— Ainda acho que você tinha que dar uma chance para o Dani. — Não aguento quando ela começa com essa chatice de me empurrar para o primeiro solteiro, que ame livros, que ela conheça.

— Ele considera romance uma perda de tempo e falou de boca cheia que os livros que eu lia nem poderiam ser considerados literatura — rebato, tentando não ficar com raiva de novo por causa desse assunto.

— Ok, ele é meio babaca, mas achei que você gostasse de leitores. — E eu gosto, mas não de todos eles.

E foi por causa de homens como o Daniel que eu bolei o segundo item da minha lista para o homem perfeito:

Ele precisa gostar ou pelo menos respeitar o meu gênero literário preferido.

Dani foi da minha turma na faculdade e assim como eu, ele é o irmão mais novo, estranho e nerd, que está bem longe de ser o filho prodígio. Ele não é tão bonito quanto o irmão e muito menos atlético, mas agora conseguiu se firmar em um escritório de advocacia em Washington e parece estar dando bastante orgulho para os seus pais.

Mas, ainda assim, é um *não* para mim.

Até posso estar meio desesperada por um relacionamento, porém não é para tanto.

— Olivia? — A voz grave e suave arrepia todos os pelos da minha pele.

Essa voz...

Todas as vezes que a escutei me meti em problemas.

Eu culpo o sotaque texano e o timbre meio rouco por isso.

Quando me viro, me deparo com *ele.* É meio irritante como o tempo sempre o faz bem. Não que ele precise melhorar em alguma coisa, mas é como se a cada semana que passa, Deus o forneça meios de transformar a minha vida em um verdadeiro inferno. Até porque, se tem uma coisa que eu penso quando vejo esse homem, é em pecar.

Ele é enorme. Essa é a realidade.

Os ombros são largos, os braços são lotados de veias e as pernas são compridas e torneadas, o que faz com que as minhas bochechas se avermelhem sem que eu consiga evitar.

Blake faz jus ao apelido que recebeu dos torcedores. Ele realmente parece uma muralha. Uma muralha muito, mas muito bonita. Quer dizer... muito bonita sem esse bigode horroroso que começou a usar há dois anos.

Me diz para que ter bigode? É como jogar um tomate na Monalisa. É como rasgar qualquer livro de capa dura. É um atentado às coisas perfeitas. Ele deveria ser processado!

— É... Acho que sou eu. — Penélope até bebe um gole do suco de laranja para disfarçar o sorriso.

Odeio como sempre pareço uma idiota na frente dele.

E odeio ainda mais como ele sempre parece calmo. Tranquilo.

Mas também, com uma beleza dessa, quem iria ficar desconfortável em uma interação com outro ser humano?

Quem diz que beleza não é importante, é porque não vive no mesmo mundo que nós. Beleza é sinônimo de riqueza. Poder. Ela abre portas, mas também fecha. E não tenho dúvidas de que esses lindos olhos verdes já abriram muitas portas por aí. Pernas então, nem se fala.

— Fiquei feliz quando Jay disse que você vinha. Faz quanto tempo que eu não te vejo? Sete, oito meses? — Sua pergunta só me faz queimar mais.

E nem é do jeito bom.

É vergonhoso estar na frente dele depois do nosso passado. Não que ele tenha quebrado o meu coração. Ele nunca chegou perto de ser um babaca comigo.

Às vezes acho que eu que fui babaca com ele.

— Foi na inauguração da loja, então tem uns dez meses — confesso, meio atordoada.

— Luna e eu ficamos felizes por ter vindo. — E por que ele não parece estar mentindo? — Como está a livraria?

— Ah, como todo negócio novo, está se acertando, mas estou adorando — falo, olhando para o meu All Star e ficando feliz por pelo menos ele estar limpinho.

— Está gostando da cidade? Ainda me lembro de quando me mudei para cá, achei tudo uma merda. — Não posso deixar de sorrir.

— Eu demorei um pouco para pegar o jeito, mas até que está sendo legal. Acho que até gosto mais daqui do que de Seattle ou Palo Alto. — Dou de ombros, finalmente levantando a cabeça para olhá-lo.

Além de tudo, ele ainda é alto.

Blake me olha. Eu respiro fundo. Minha garganta chega a secar de tão nervosa que estou.

E então, aquela coisa acontece.

A que eu odeio.

O assunto morre.

O silêncio constrangedor impera.

Antigamente, isso jamais aconteceria. Tínhamos tanto assunto que às vezes até perdíamos o horário da nossa aula. Eu me divertia tanto com ele. E ele também parecia se divertir muito comigo.

Uma pena que eu era imatura demais para discernir o que era amizade e o que era paixão.

O momento é desconfortável, porém é pior porque Blake não parece ligar. Ele só fica ali me olhando. Observando. Talvez até esperando.

Mas não sei o que dizer.

Hoje em dia, temos vidas completamente diferentes. Acho que a única coisa que temos em comum é que ambos temos que suportar o Jay. De resto... nadinha.

— Ah, achei vocês! — meu irmão já chega gritando, quebrando o nosso momento constrangedor. — Fico feliz que estão juntos. Precisamos conversar.

E algo me diz que não vou gostar nada dessa conversa.

O que será que esse doido está aprontando?



Lucas Blake Bullard

Ainda me lembro de como conheci o Jayden. Ele era o goleiro do nosso time de hóquei da faculdade enquanto eu estava jogando na defesa. Ele era filho de uma das lendas do esporte enquanto eu estava lutando muito para me igualar a uma lenda. Ele não queria seguir carreira profissional enquanto isso era tudo o que eu mais queria.

Mas fora essas coisas, éramos muito parecidos.

Adorávamos as festas, as meninas e passar o tempo nos bares famosos de Palo Alto. Tínhamos o mesmo estilo de vida e pensávamos sobre tudo de um jeito parecido. Foi como conhecer um irmão que andou perdido por aí e finalmente eu tinha o encontrado. Não que o meu próprio irmão fosse minimamente parecido comigo, mas tudo bem.

Obviamente nossa vida mudou de forma drástica nos últimos seis anos. As festas deram lugar a reuniões intermináveis para ele e a treinos exaustivos para mim. Os bares deram lugar ao churrasco no domingo. E quanto as mulheres, bom... Jayden se casou com

Penélope, seu enrosco desde a época da faculdade, enquanto eu agora sou o pai da Luna.

Estou longe de ser um santo.

Eu fodo. E com frequência. Mas sou bem mais discreto e seletivo nesse assunto.

Ou pelo menos tento ser.

A bagunça ficou bem mais organizada. E bem mais privada também.

Quer dizer, era privada, até eu achar uma...

Eu não vou odiar essa mulher! Eu sou calmo. Eu sou tranquilo. Eu sou o papai da Luna.

— Então quer dizer que nada do que aquela mulher falou era verdade? — Olivia pergunta, meio assustada com a afirmação do irmão.

Ainda não sei muito bem o que Jayden está propondo, só que uma coisa tenho certeza: é bem provável que eu vá me foder.

Mas quem mandou escolher uma pessoa completamente surtada para me relacionar?

Eu disse que era casual. Disse que era privado. Disse que seria algo passageiro e sem nenhum tipo de futuro.

Eu avisei...

Ela escutou? Não.

Quem saiu como culpado e um enorme pau no cu? Eu.

Quem agora está nas manchetes de todos os veículos de fofoca graças a uma entrevista dela, contando uma tonelada de mentiras? Adivinha... o papai do ano aqui.

Isso que me deixa puto. Eu não iludi ninguém. Jamais disse que as coisas seriam sérias ou que sei lá, teríamos um futuro. Porra,

nem mesmo apresentei a minha filha para aquela garota, por ser bem direto ao explicar que não envolveria minha vida pessoal nas minhas fodas. Então não entendo como ela pode dizer que eu sou um monstro tóxico por tê-la iludido e brincado com seus sentimentos por meses, sendo que o máximo que fiz foi ter brincado com a sua boceta. E pelo que me lembro, ela gostava bastante!

— A parte que ela era o segredinho sujo dele? Verdade. A parte que ele é um traidor tóxico? Mentira — Jayden responde por mim.

Odeio me sentir assim. Exposto. Vulnerável.

— Não entendi nada. Eles estavam juntos ou não? E por que ela era um segredo? — Olivia murmura, mostrando suas garrinhas logo no primeiro momento.

Ela é uma romântica, acho difícil que entenda o conceito de foder alguém sem se apaixonar por essa pessoa.

— Ele *só* fodia ela, entendeu? — Jayden explica com sua acidez característica. — Não lembra que Blake não gosta de relacionamentos? Que tem alergia à palavra amor? Que prefere morrer a ter que colocar uma aliança no dedo de alguém?

— Então eles só... — Olivia parece meio desconfortável, olhando para o irmão. Nunca para mim. — Ela ficou magoada, Jay!

— Ele avisou! Ele sempre avisa! Era um acordo para foder, não entendo a surpresa em relação ao término quando Blake notou que ela estava apaixonada e ele não. — Errado, meu amigo não está.

Eu sempre deixava claro as minhas intenções.

Primeiro que as coisas comigo nunca envolviam vida pessoal, segundo que jamais teria um futuro.

Era só sexo.

Sempre apenas sexo.

E quando eu notava qualquer indício de esperança nas garotas, dava um jeito de cair fora. Não tenho vocação para ser um cretino com ninguém.

Aceita minhas condições quem quer. Somos adultos. Não posso ser culpado por coisas que havia explicado claramente.

Além do mais, era ela que vivia correndo atrás de mim. Eu nunca liguei, nem implorei para ela me amar. Eu só queria gozar.

Não é complicado. É bem simples, na verdade.

— Não teve traição? Ela disse que havia sido traída. — Ela é fofa, mas tenho que dizer que é meio chatinha quando quer.

Parece até a minha mãe, caralho.

— Eu nunca pedi fidelidade a ninguém. Inclusive, tenho provas de que ela estava com outro enquanto estava comigo — falo, tentando limpar a minha barra pelo menos. — Mas se quiser mesmo saber, eu nunca fodo com mais de uma mulher. É sempre uma e ponto-final. Não tenho tanto tempo de sobra assim, Ollie. Com a rotina de um jogador e sendo um pai presente, como acha que eu teria uma mulher na minha cama por semana, sendo que eu nem fodo uma vez por semana?

Irina cometeu dois erros comigo.

O primeiro, se apaixonar por mim.

O segundo, se apaixonar pelo meu dinheiro.

Eu odeio quando as pessoas acham que vou mudar de ideia quando o assunto é relacionamento, mas isso eu até que supero. Agora, me usar? Isso não admito, muito menos ofereço o meu perdão.

Não tenho a menor predileção para ser feito de trouxa.

— Ele terminou com a Irina, porque ela estava insistindo em visitar a casa dele para conhecer a Luna. Duas semanas depois, a benção dos céus, estava dando aquela entrevista maravilhosa e fodendo com a vida de Blake. Entendeu agora, mosca-morta?

— Ei, não fala assim com a sua irmã. Sabe que ela não gosta — resmungo.

Olivia não é sonsa, ela só é... fofa. E está tudo bem. Gosto que ela seja assim.

— Obrigada. — Seu rosto fica da mesma cor de um tomate, mas ela segue olhando para o irmão. — Ok, e o que eu tenho a ver com isso?

Comigo, ela é toda retraída e fofa, com o irmão, às vezes consegue ser mais brava do que o meu treinador, porém eu a entendo, esse homem consegue ser irritante quando quer.

Quando olho para o rosto de Jayden, já sei que as palavras que vão sair de sua boca irão me deixar bravo.

Muito, mas muito bravo.

Não que seja difícil, porque meu pavio é curto e ele é a pessoa mais irritante do planeta Terra.

— Você está solteira. — *Ele não é doido.* — É filha de uma das maiores lendas do hóquei. — *Ele não está mesmo fazendo isso, não é?* — E o mais importante de tudo, não é uma celebridade e nem trabalha no ramo.

— Sigo perdida — reclama, mas acho que ela já entendeu por onde seu irmão está nos levando, só não quer acreditar.

A negação às vezes é o que nos dá paz quando Jayden é o assunto principal.

— Blake precisa limpar a imagem dele e isso só vai rolar se alguém rebater as coisas que aquela infeliz disse sobre ele, mas não pode ser qualquer um, tem que ser alguma namorada. — Jay me olha quase enfurecido. Ele sempre odiou as minhas escolhas quando o assunto era mulher. — Uma que não seja ele que escolheu, já que claramente é um tonto que tem mau gosto, tipo você.

— Ei! — falamos em uníssono.

— Estou falando a verdade. — Dá de ombros, mas não sem antes apontar para nós dois. — Vocês precisam fingir um relacionamento por seis meses, depois ter um término calmo e tranquilo até que você, irmãzinha, dê uma entrevista, dizendo o quão maravilhoso esse homem era com você, mas que infelizmente vocês terminaram porque o amor acabou. Pronto. Lindo. Maravilhoso. Tudo resolvido.

— Como essa história seria boa com um final horroroso desse? — Jura que essa é a preocupação dela?

De tudo o que ele falou, a única coisa que ela achou estranho foi o fato de que no final o amor teria acabado.

Ok. Jayden tem razão quando diz que ela é muito iludida. Puta merda.

— Eu não vou fingir que estou em um relacionamento com a sua irmã, ficou maluco? — Dou uma resposta muito mais realista para essa loucura que ele está propondo. — Eu não namoro, Jayden. Com ninguém. Nem mesmo de mentirinha. Além do mais, Irina disse que eu abusei da minha ex e por isso ela se matou! Tem noção do que ela fez?

— Tenho, e é por isso que Irina vai ter um encontro bem gostoso com os seus advogados na segunda-feira. Mas sua reputação não será limpa apenas em um tribunal. Precisamos de mais. Precisamos que você seja o homem dos sonhos. — Ainda não gosto dessa ideia. Ainda a acho uma merda! — Qual é a sua ideia então para que os fãs parem de vaiar quando você está no gelo e pega no disco? Ela te fez parecer um traidor. Um homem egoísta e sem honra que só pensa em benefício próprio. Irina te colocou no lugar que você está perdendo até patrocinadores. O namoro vai te fazer ficar bem de novo.

É, o problema é bem grande, mas ainda assim...

— É uma mentira muito grande. — Fico meio tenso. — Sem contar que duvido que Olivia acharia bom ficar seis meses fingindo namorar comigo.

A garota chega até a limpar a garganta para falar.

— Eu não me importaria. — Hã? Ela enlouqueceu também. — Acho até que seria bom para a minha loja se eu namorasse alguém em evidência, além do mais, estou meio cansada de encontros com homens casados e toda essa coisa.

— Homens casados? — Mas do que ela está falando?

— Eu sabia que em algum lugar dentro de você morava uma pessoa sórdida e sem escrúpulos como eu, Ollie. Estou orgulhoso. — A resposta dela é dar um sorriso que não contém nenhum tipo de humor.

Pelo que entendi, ela não quer isso, Olivia só quer fazer a própria empresa dar certo.

Ela usaria esse relacionamento como eu.

Seria uma farsa com benefícios para ambos.

— Mas tudo bem se você ficar desconfortável em aparecer com uma garota como eu. Todo mundo sabe que não faço o seu tipo. — Agora sim ela sorri com bastante humor.

Como se tivesse certeza de que alguém como ela jamais atrairia alguém como eu, sendo que é justamente o oposto!

Sempre adorei a calmaria dessa garota. Suas agendas e post-its me intrigavam mais do que qualquer coisa, além de ser reconfortante conhecer alguém com tanta bondade no coração nos dias de hoje.

Nunca tive dúvidas de que se um dia eu ousasse cometer a loucura de me casar — o que jamais irei porque tenho calafrios só de pensar nisso —, me casaria com a garota que está aqui na minha frente agora.

Se eu negar, ela vai achar que tenho problemas com a sua aparência ou seja lá qual outra merda que irá passar por essa mente insegura. Se eu aceitar, corro o risco de me apaixonar perdidamente pela mulher que tem uma lista para o seu *homem perfeito.*

Uma que não me encaixo em NADA!

Eu conferi, acredite em mim.

E ainda tem o problema de que se eu, de fato, me apaixonar e acontecer o milagre de Olivia se apaixonar também, eu não vou querer ficar com ela.

Não quero um relacionamento. Nunca quis e agora, nessa fase da minha vida, está completamente fora de cogitação.

Porra, eu vou matar o Jayden!

— Por mim, ótimo, porém saiba que a imprensa é terrível. Só fiquei preocupado com você.

— Não ficou não — murmura, mas consigo entender com perfeição.

Não fiquei mesmo, estou preocupado é comigo.

Eu vou matar o Jayden!

— Então, vamos fazer isso? — Meu melhor amigo parece ter ganhado na porra da loteria. — Vou repassar tudo para a nossa equipe e vamos pensar em um jeito para começar todo o nosso plano. Vai dar certo.

Não vai dar nada certo.

Pelo contrário...

Vai dar muito errado.

E pensar que tudo isso está acontecendo por conta daquela...

Respira, Lucas, agora você é um pai.

Pais são calmos e serenos.

Pais são racionais e inteligentes.

Pais nunca perdem a cabeça por causa de besteiras.

Pais não xingam a filha dos outros.

Eu sou um ótimo pai.

Inferno!



OLIVIA MOON FINNLEY

O imbecil do meu irmão realmente vai me enfiar em um namoro falso? E para completar com o Lucas Blake Bullard? Como pode existir alguém que não pensa desse jeito? Será que na verdade ele me odeia? Ou talvez tenha sido a quantidade de maconha que fumou na faculdade, o que explica a óbvia falta de raciocínio lógico.

Claro que eu aceitei. Como daria um piti bem na frente do Blake? De vergonhoso, já basta aquele pedido de beijo ridículo que tive a cara de pau de fazer quando ainda era uma caloura na faculdade.

Posso até ser tonta, mas não é para tanto.

Além do mais, tem a questão dele realmente estar precisando. Como negar um pedido de socorro do próprio irmão para ajudar uma pessoa que você conhece há anos? Ele ainda por cima é pai.

Ótimo. Simplesmente, perfeito!

É por isso que gosto de ler.

Livros não me dão dores de cabeça.

Livros não me estressam — tirando aqueles que o mocinho é muito babaca. Daí me estressa, sim.

Livros não me fazem entrar em um plano ridículo para salvar a bunda de um homem mulherengo, sem noção e ainda por cima... gostoso!

Tiro meu sapato, deixando-o na sapateira ao lado da porta, e penduro minha bolsa nos ganchos logo em cima, tentando respirar fundo, me esforçando para não pirar.

Eu ainda consegui dizer que estava fazendo isso pela minha loja, mas juro que agora só consigo pensar no que vou ter que fazer para de fato mostrar que um namoro com aquele homem irá me ajudar em alguma coisa.

O que vou fazer? Colocá-lo para vender os livros da Elle Kennedy? Ou talvez eu o vista de CEO e faça uma sessão de fotos para entregar para as clientes. Garanto que fará o maior sucesso.

Para ser sincera, nem sei se tenho como bancar uma explosão de vendas na minha loja ou sei lá... qualquer coisa assim. Ela ainda é pequena e está se firmando no mercado.

Vou matar o meu irmão!

Berro, internamente, é claro, e vou para a cozinha fazer o meu chá de camomila, o meu favorito. Eu gosto de todas as versões dessa belezinha. Gelado. Quente. Com leite. Puro. Com mel. Tanto faz. Se eu pudesse, viveria apenas dessa bebida gloriosa.

Café é legal, porém nada se compara ao meu bom e velho chá de camomila.

No silêncio da minha casa, tento repassar todas as justificativas que fazem esse namoro falso ser ainda pior do que tirar a calcinha para um homem casado.

Ok, não tem como algo ser pior do que ficar com um homem casado, mas ainda assim é bem ruim.

Chego a tomar um susto quando, do nada, me deparo com o meu irmão sentado no meio da minha cozinha.

— Eu preciso tomar essa chave sua, uma hora você vai entrar aqui e se deparar comigo de pernas abertas para um moço muito legal, vai ser um caos.

— Duvido que esse dia chegue, porque para isso, o coitado terá que enfrentar três encontros de conversas chatíssimas e ainda por cima não ter nenhum defeito.

Em uma parte, ele tem razão. O terceiro item da minha lista é:

Ele precisa me levar a três encontros legais, dignos de um romance best-seller e o mais importante: Não pode ser nada que envolva sexo.

E esse item geralmente é o que corta metade dos homens que tentam conhecer às minhas lindas calcinhas.

— Eu nunca quis um cara perfeito...

— Ele não pode ser mulherengo. — Quem quer correr o risco de pegar uma IST? — Ele não pode beber demais. — Lógico? — Ele não pode fumar. — Eu tenho rinite alérgica, é péssimo ficar do lado de fumantes. — Ele não pode ser grosseiro e nem falar muitos palavrões. — Básico... — E, primordialmente, tem que saber abrir a porta do carro para você, te levar e buscar sempre, pagar a conta sem nem perguntar sobre dividir e, não podemos esquecer, ele não pode ter sido babaca com nenhuma das ex's dele.

— Viu? Eu sou até tranquila.

— Diria que você é idiota, mas acho que isso não entra muito no mérito, já que passamos dessa fase. Bom, a boa notícia é que

com um namoro de mentira, essa sua lista poderá ser arquivada, porém a má é que quando você voltar ao mercado para encontrar um cara legal, provavelmente vai descobrir que ele NÃO EXISTE!

— Eu não vou nem discutir isso com você — resmungo, tirando o saquinho de chá de camomila da minha xícara e me virando de frente para ele. — O que você quer aqui?

— Mamãe me enviou aqui para avisar que os pedreiros começam amanhã a reforma.

— Mas eu disse que não precisava. — Meu apartamento está ótimo, caramba.

— Sabe como ela é. — Controladora. É, eu sei. — Ela achou que sua casa não está boa o suficiente e deve estar falando no ouvido do velho há meses sobre isso, até que ele finalmente não aguentou mais.

Minha mãe adora ser mãe. Cuidar. Comandar. Xeretar. Essa é a praia dela. Quando visitou minha casa pela primeira vez, tudo o que fez foi reclamar. Mas eu gosto. É vintage.

— Eles são loucos.

— Mas pelo menos nos amam. — É, tem essa parte também.

— Mamãe vai surtar com o meu namoro. — Ela ama o Blake.

E é bem provável que nunca mais vá gostar de nenhum outro namorado meu por conta dele.

— Vai ser a realização da vida dela. Olhe pelo lado positivo, todo mundo vai ficar feliz por um tempo.

— Imagine como aquela criatura controladora e perfeccionista vai ficar feliz quando nós terminarmos? Se eu soubesse que o pagamento para aquele favor seria essa loucura, tinha aberto as pernas para o casado. Perderia bem menos.

— Você não é louca — diz, realmente bravo. — Não te criei para essas coisas.

— Você não me criou, é apenas dois anos mais velho do que eu, gênio.

— Sou seu irmão mais velho, ajudei a te educar, sim, senhora. Fui eu quem bati nos garotos que faziam bullying com você. Fui eu que te levei na sua primeira festa. No seu primeiro porre. No seu primeiro beijo. Lembra que até te apresentei o meu amigo no Ensino Médio que você tanto gostava?

Não me orgulho de já ter tido uma quedinha por alguns amigos do meu irmão, mas é verdade.

— Ok, já entendi. — Tomo um gole da minha bebida, ainda digerindo o fato de que, além de tudo, aqui passará por reformas.

— Ela pelo menos te mostrou o projeto?

— Da casa? — Jay acena com a cabeça. — Eu talvez tenha recebido, porém me lembro bem de dizer que não precisava daquilo tudo. Ela vai fazer minha casa ser uma coisa louca em tons de rosa, laranja e amarelo.

E eu amo tanto o meu nude...

Minha mãe é uma perua muito bem arrumada que adora se meter na vida dos filhos, assim como ama cores. É uma artista no final das contas, então acho que faz sentido.

Mamãe não é ruim, ela só é… demais.

— Vou tentar falar com ela, deixa comigo. — Jayden estava sempre conseguindo as coisas para mim.

Eu queria abrir uma livraria? Ele organizou um jantar com os nossos pais.

Eu queria uma casa toda branca e nude? Ele falaria com a nossa mãe.

Eu queria morar em Nova Iorque ao invés de Seattle? Ele foi o meu advogado de defesa no caso: *“Não queremos nossa filhinha tão longe”.*

Eu queria fazer Stanford ao invés de Harvard? Ele foi o meu cara.

Meu irmão, por mais que me irrite na maior parte do tempo, sabe bem demonstrar que se importa comigo.

Ou talvez ele só faça isso porque é um cínico e ama me ter devendo favores a ele... É, essa opção combina mais com esse arrombadinho.

— Ollie... — ele me chama e agora até parece mais sério. — Não se apaixone pelo Blake. Beijinhos. Aquilo na mão. Aquilo na boca... tudo bem, mas não se apaixone por ele.

— Você fala isso como se o Blake me quisesse.

— Ai, mosca... Você é um caso perdido — ele respira fundo antes de me olhar bem dentro dos olhos. — Não se apaixone por aquele babaca porque ele vai quebrar o seu coração, tudo bem?

— Tudo bem — respondo, mesmo sabendo que nesse departamento estamos bem.

Eu não sou mais tão iludida quanto antes, e agora sei que não sou mulher para aquele homem.

— Eu já vou nessa porque quero passar o restante da noite com a minha mulher. — Exibido. — Qualquer coisa você me liga.

— Boa noite, irmão. — Ele me dá um beijo na testa antes de ir, mas para no meio do caminho só para se virar e dizer:

— Obrigado por fazer isso por mim, sei que não aceitou por causa da loja. Amo você, *Little Ollie.*

— E eu te amo também, querido. — E assim ele se vai.

Mas a única coisa que penso é: puta merda, eu vou ter que beijar o Blake?

Não.

Não é possível.

No máximo, dedos entrelaçados e alguns toques.

Meu Deus, mas e se tivermos que nos beijar?

Vamos torcer para que eu não morra de vergonha, ou do coração, o que se tratando de mim, acho que deve ser quase impossível.



Lucas Blake Bullard

Se um dia me contassem que a minha rotina começaria às cinco da manhã, eu soltaria uma sonora gargalhada. Jamais imaginei que aos vinte e sete, já seria expert em acordar cedo, fazer meu café, treinar aeróbico, tentar acordar uma menininha de seis anos que ama dormir, tomar meu banho, em seguida tentar acordar a menininha dorminhoca novamente, dar um belo banho nela, dar o seu café da manhã e enquanto isso, arrumar o seu cabelo — essa é sempre a pior parte — para depois lidar com o trânsito horrível de Nova Iorque.

É cansativo só de pensar, fazer é ainda mais.

— Papai, eu não quero um coque, falei que queria *tancinhas.* — Chego até a respirar fundo.

Coço minha testa, mas sorrio, tentando não ser um cretino com essa coisinha maravilhosa que ganhei de presente quando ainda era um babaca egoísta sem nenhuma responsabilidade quando o assunto era camisinhas.

— Será que hoje não pode ser o coque? — Odeio fazer trancinhas.

Elas são complicadas, demoradas e, para completar, me tomam um tempo que é precioso.

Se chegarmos atrasados na escola novamente, vamos ser punidos e acho que isso não será muito legal.

— Por que não *tancinhas*? — Os olhinhos azuis já se enchem de água e as bochechas se tornam avermelhadas. Minha filha não é uma criança muito difícil.

O problema é sempre por causa desse bendito cabelo que é loiro como os da mãe, mas lotado de cachinhos como os meus.

Ela quer que ele fique arrumado como os das amigas da escola, mas por mais que eu me esforce, sou péssimo nisso.

Me peça para brincar de casinha, bonecas, chazinho da tarde... qualquer coisa: eu serei o melhor.

Porém, não posso dizer a mesma coisa dos meus dotes artísticos para penteados. Sou péssimo. Admito.

— Porque hoje é o dia da feira de artes e se chegarmos atrasados, você não vai poder expor o seu desenho e acho que não queremos isso, não é? — falo, me ajoelhando ao lado de sua cadeira.

— Eu passei muito tempo fazendo aquele desenho. — E é assim que as lágrimas magicamente voltam para os dutos lacrimais e um sorriso atravessa o seu rosto.

É por causa desse sorriso que essa minipessoa me tem nas mãos.

— Amanhã você faz *tancinhas*? — me pergunta com olhos pidões que me arrancam até as economias se eu bobear.

— Claro, borboletinha. — Até porque, o que você não pede sorrindo que eu não faça mesmo com ódio?

Está aí uma coisa que a maioria dos pais nunca me contaram, mas que hoje em dia, depois de toda a minha experiência, eu aprendi: pais conseguem manejar muito bem os próprios sentimentos.

Está com raiva? Grite na cama com um travesseiro na cara.

Está triste? Chore no banho.

Deu vontade de berrar com a criança? Vá para o carro e soque o volante até passar.

É uma eterna luta com as próprias emoções e os próprios desejos.

Nem me recordo de como era viver uma vida onde eu precisava pensar apenas em mim. Em todos os âmbitos dela, já não sou mais a prioridade. A Luna é.

Organizo todos os meus horários de trabalho para passar mais tempo com ela. Encaixo minha vida social no tempo que sobra. Até o meu dinheiro não é mais para mim. Viagens, casa, o meu carro, tudo é moldado para comportar uma criança.

E por mais que soe um pouco difícil, eu não mudaria nada. Nunca desejei ser pai de alguém, mas hoje eu tenho certeza de que ela é a minha maior realização.

Aos vinte e dois, eu tinha uma ideia muito concreta sobre o meu futuro. Eu seria jogador profissional de hóquei. Viveria rodeado de mulheres. E me divertiria sempre que possível.

Luna mudou tudo.

Ela me mudou.

Hoje sou jogador profissional, porém estou longe de ser o homem mais festeiro que já existiu. Muito pelo contrário. Sou sempre o último a chegar e o primeiro a ir embora dos lugares.

— Pega a sua mochila e vamos. — Beijo os seus cabelos ao me levantar e solto um suspiro quando olho para a zona que vou deixar para a pobre Quinn limpar.

Juro que tento dar conta de tudo e não ser um desorganizado de merda, mas é meio impossível.

Luna dá mais uma colherada no cereal com leite, mas logo limpa a boca com a manga do moletom.

Respira, Lucas. É só lavar. As pessoas vão pensar que você não dá uma roupa limpa para a sua filha vestir? Sim. Elas vão te julgar e te olhar feio na escola? Também. Mas quem se importa, não é? Ninguém paga as suas contas mesmo.

Ter filhos é um exercício de paciência. Às vezes, tenho para mim que eles são seres que foram pensados por Deus para nos fazer pagar por todos os nossos pecados.

Nada faz você pagar tanto com a língua do que um filho.

Nada te faz passar tanta vergonha quanto eles também.

— Papai, não esquece que hoje nós vamos ao cinema depois da escola. — Claro que eu tinha esquecido!

O cinema, porra!

— Não esqueço, filha. Não se preocupe. Te busco às quatro e depois vamos para lá. — Com que tempo, eu também não sei, já que tinha marcado uma reunião com Jay às cinco e meia.

Mas tudo bem, passo para amanhã enquanto essa mocinha vai estar na escola.

Vai dar tudo certo... Eu acho.

Luna para no meio do caminho e olha sobre o ombro, o que me deixa um pouco tenso, porém sorrio mesmo assim.

— Você esqueceu, não é, papai? — Precisa ser tão esperta?

Eu não iria reclamar se ela fosse boazinha igual a Olivia, por exemplo.

— Claro que não.

— Então por que está *estlanho*? — questiona, seguindo até a sala de estar para pegar a mochila e calçar o tênis que eu já deixei separado na noite anterior.

Ela consegue falar muitas coisas com perfeição, mas qualquer palavra com a letra “R”, ainda é um problema. Ora ela o troca pelo ‘’L’’, ora ela o tira da palavra completamente. O que eu não me importo, acho muito fofo o jeitinho que pronuncia as palavras, mas como é algo que precisa de orientação e tratamento, hoje em dia Luna faz sessões com a fono duas vezes na semana.

— Muitas coisas na cabeça, mas nada que você precise se preocupar. — E não estou mentindo, agora.

— Está assim por causa daquela feia? — *Do que essa garota está falando?* Acho que ela percebe a minha feição confusa, porque completa: — A mulher que falou aquelas coisas de você, papai.

— Como você ficou sabendo disso? — Acho que agora a minha calmaria está bem longe de ser real.

Ela nunca é, mas tudo bem. Pelo menos, eu tento.

— A Lolla disse que as pessoas estavam *bigando* com você por causa da feia. Eu vi o vídeo. Ela me mostrou.

— Vocês não têm autorização para terem celulares, Luna!

— Mas não é meu, papai. É da Lolla. — E quem é essa Lolla? E por que já quero essa criança longe da minha filha? — Você é ruim, papai?

— Não, filha... — É complicado e nem sei como abordar esse assunto com ela.

Porque eu não sou realmente ruim, mas também estou bem longe de ser bom.

Tenho qualidades e defeitos como qualquer outro ser humano.

É por isso que nunca quis ser uma celebridade.

Exatamente por isso.

As pessoas endeusam ou vilanizam seres humanos como se não fossem um também.

As pessoas julgam a vida alheia como se não fossem passíveis dos mesmos julgamentos. Como se não errassem como qualquer um.

— Papai... — Nada de bom vem depois desse papai. — Me *poromote* que vai me deixar conhecer a sua próxima *namoladinha*?

Suspiro, coçando minha nuca meio desconfortável, e tento pela milésima vez, só no dia de hoje, não pirar.

Quando não é o trabalho, é em casa, quando não é em casa, às vezes é em ambos os lugares.

— Você sabe bem o que eu penso sobre isso... — falo um pouco sem paciência, ajudando-a a colocar a mochila nas costas.

— Que você não gosta de *mistular* as coisas — me diz, rolando os olhos.

Seis anos.

SEIS!

Ainda nem aprendeu a usar o “R” e já não tem mais paciência comigo.

Imagina essa criatura na adolescência? Quer dizer, esquece isso.

Quem quer pensar na adolescência dos próprios filhos? Que terror... Ela toda grande, saindo com pessoas que não são eu,

gostando mais de pessoas que não são eu. Namorando, indo a encontros.

Não.

Definitivamente, não!

— Eu não *quelo* mais que você saia com essas feiosas que ficam falando mal de você! — Até aí, até posso concordar com ela.

Tirando a parte do *feiosa.*

Irina é uma mulher linda, mas, infelizmente, tem uma dificuldade enorme de escutar um não.

Eu diria que ela é mimada pra caralho e ainda não entendeu que o mundo não gira em torno dela. E que quando você se torna adulto, as coisas que diz tem um peso muito maior do que se imagina.

Não a odeio, ou pelo menos estou tentando não odiar, porém não posso dizer que, nesse momento, enquanto noto a preocupação no rosto da minha filha, ela é a minha pessoa preferida no mundo.

Por que essa mulher tinha que ser vingativa? Porra, ela nem me amava, ela só queria o meu nome e o meu status para usar em benefício próprio naquela bosta de Instagram.

Irina criou uma conta na rede social dedicada a mostrar a rotina de uma esposa de jogador de hóquei. Só que ela nunca foi esposa de ninguém. Ela viu em mim, e em alguns outros caras, uma chance de mostrar os bastidores do nosso esporte.

Sempre me incomodei com essa merda. E parece que quanto mais me incomodava, mais ela queria passar dos meus limites.

Eu tenho razão quando digo que relacionamentos só dão merda. Imagina se eu tivesse aberto o meu coração para essa doida? Imagina se eu tivesse namorado com ela?

Eu poderia ter fodido muito mais com as coisas. Eu fiz bem em terminar com a Irina. O jeito com que ela lidou com o término só provou o meu ponto.

— Primeira coisa, nós não falamos das pessoas desse jeito. — Uso o tom mais “papai do ano’’ para ter essa conversa. — Segunda coisa, já te expliquei que namoro é coisa de adulto, assim como celular. Você não deve usar sem a minha supervisão.

Assim como eu não posso escolher as minhas próprias fodas.

É algo que sempre dá merda depois.

— Tá bom, ela não é feiosa, mas o que custa você me *mostlar* uma das suas *namoladas*? — diz, fazendo um esforço enorme para acertar as palavras.

O esforço até dá resultado, já que o “duram’’ sai quase perfeito.

— Luna, por que estamos tendo essa conversa mesmo? — falo, virando as costas e indo em direção à escada que nos leva à garagem.

Quando me mudei para Nova Iorque, não imaginei que seria tão difícil achar uma casa boa com pelo menos dois quartos e espaço para uma criança brincar, mas foi. Como foi!

Primeiro, nós fomos para um apartamento, na época ainda éramos quatro dentro de um mesmo ambiente, e o caos foi certeiro.

Depois, o número de pessoas caiu pela metade, mas finalmente tinha achado o local perfeito. Localizada em Manhattan, nossa casa fica a três quadras do colégio da Luna e a quase oito quilômetros do meu centro de treinamento.

Uma cozinha, uma sala de estar, uma sala de TV e um escritório compõem o andar principal. No segundo andar, temos dois

quartos, ambos sendo suítes, além, é claro, da brinquedoteca dela. Mais acima, temos nosso terraço, o que foi essencial para que eu comprasse essa casa, já que para mim, uma casa que não tenha o mínimo de área verde não pode nem ser considerada uma. Por fim, tem o subsolo, onde temos uma garagem para um carro, além de uma academia completa.

Me custou um rim, mas valeu completamente a pena.

— *Pôque* aquela mulher falou coisas muito feias sobre você e eu não gostei nadinha! — resmunga brava, vindo atrás de mim.

— Filha, essas coisas são de adulto, você não tem nada que xeretar nesses assuntos. — Abro a porta do carro, já pensando no piti que vou dar na escola dela por causa dessa merda de celular.

Eu não deixo a Luna ter celular por uma razão, caralho! Se a galera é louca e quer dar Iphone para crianças de seis anos, ótimo, porém não quero que minha filha tenha acesso a um sem a minha supervisão!

E o mais estressante é que isso foi discutido na reunião de pais há poucas semanas.

— Se você não me mostrar a sua próxima *namolada,* vou ficar chateada. Eu te conto tudo, papai. Você é meu *melhó* amigo, por que eu não posso ser a sua *melhó* amiga também? — Ah, as chantagens emocionais…

Quer conhecer um ser humano bom em manipular pessoas? Cuide de uma criança. Ali você vai entender como o ser humano é foda!

— Você é minha melhor amiga, filha — suspiro, ajudando-a a tirar a mochila das costas e a entrar no carro que é muito alto para as suas pernas pequenas.

— Não sou, não. O tio Jay é seu *melhó* amigo e aposto que conhece todas as suas *namoladas*! — E não é que ela tem um ponto?

Mas ainda não quero vê-la envolvida nessa parte da minha vida. Não quero que Luna se acostume com gente indo e saindo de sua vida como se ela não valesse muita coisa. Depois que a mãe dela faleceu, optei por deixá-la se apegar a pessoas que vão realmente ficar presentes por muito tempo. E não posso mentir, meus... rolos não duram quase nada.

Porra, é isso, minha próxima namorada é a Olivia.

Ollie é a garota mais bondosa que já conheci. Não tenho dúvidas de que ela toparia ser amiguinha de uma neném de seis anos. Ela não viraria a cara para Luna só por causa do pai dela. Não se vingaria de mim usando a minha filha. Melhor, ela não teria nem motivos para se ressentir comigo, porque nada do que vamos viver é real.

Porra, é perfeito!

— Quer saber, você tem razão, borboletinha — falo enquanto a observo colocar o cinto de segurança. — Se eu namorar mais uma vez, eu te apresento a garota, ok?

— Você jura? — pergunta, já me mostrando aquele mindinho torto que veio assim de fábrica. — De dedinho?

— Juro. — Cruzo meu mindinho no dela e aproveito o sorriso da minha garotinha.

— Papai, agora vamos. Não podemos nos atrasar. — E quando olho no relógio, me assusto com o horário.

— Cara... — Chego a morder a língua. — Carvalho!

Bato a porta do carro e corro para o lado do motorista.

A professora Collins iria me matar!



OLIVIA MOON FINNLEY

Ele é muito gostoso.

E olha, eu não costumo chamar as pessoas por esse adjetivo, mas simplesmente não existe um que defina melhor o Blake do que: gostoso.

Pelo amor de Deus. Eu chego a ficar constrangida em vê-lo com esse blazer.

Mas não é a beleza dele que me faz fechar as pernas e ficar muito consciente do meu próprio corpo. É por causa dos seus olhares preocupados que me cercam cada vez que alguém fala alguma coisa que ele acha que vai me colocar em problemas. É pela maneira que me sinto acolhida e cuidada com ele. É por causa do jeito dele, que é único.

Olhos verdes, eu poderia encontrar em qualquer lugar, no entanto, essa postura é algo muito dele. Muito nosso.

Me leva há um tempo onde eu achei que tinha encontrado o homem perfeito. O meu homem perfeito. Uma época em que não existia uma lista, nem nada disso.

Uma época que eu considerava esse cara um bom amigo. O melhor amigo que já tive. O amigo que me fazia sentir coisas e vivia aparecendo nos meus sonhos nada amigáveis.

— Levando em consideração que esse relacionamento é para limpar a imagem do Blake, pensamos em focar também na parte das redes sociais. — A muralha logo se mexe meio desconfortável na cadeira e acho que, por instinto, eu faço o mesmo. — Obviamente, os eventos agora vocês irão juntos e mais para frente, acho que seria sim, bem interessante, trabalharmos com Instagram, TikTok e todo o resto.

— Meu Deus, vocês querem transformar esse relacionamento em um evento? — Blake pergunta diretamente para o meu irmão, que está sentado na ponta da mesa em sua enorme sala de reunião.

Ainda é meio estranho assimilar que o moleque que morava comigo, por acaso se tornou um homem de negócios ainda mais bem sucedido do que o nosso pai.

— Você vai engatar em um relacionamento com a filha de ninguém mais, ninguém menos do que Finnick Finnley, meu camarada. Seu relacionamento já vai ser um evento. Você só vai usar disso para ganhar ainda mais dinheiro e patrocínio.

Eu deveria ter vergonha dele, mas juro que só consigo abrir um sorriso enorme e sentir orgulho.

Ele é muito bom em ser um cara ruim, isso ninguém pode negar.

— Pessoal, achei que tudo isso serviria para limpar a minha imagem, não para me afundar mais. Imagina se alguém sonha que

o relacionamento é falso? Já pensaram nisso? E quando terminarmos? Como será?

— O contrato tem data de validade, Blake. Relaxe e curta o processo. — Jayden oferece um sorriso de conforto para o amigo, porém ele não parece nada feliz.

Limpo minha garganta, tentando pensar milhões de vezes antes de falar alguma coisa errada.

— Acho que trabalhar o nosso relacionamento nas redes sociais vai fazer com que ele seja mais falado e mais compartilhado. Você não foi um traidor. Ficou bem claro que o seu último relacionamento não deu certo por uma série de motivos e só podemos mostrar que é um cara legal, mostrando isso para as pessoas. Vai dar certo e não precisamos mostrar a Luna. A vidinha dela continuará privada como sempre foi — digo de forma doce, tentando acalmar o homem mais agoniado que já conheci.

Desde que estávamos na faculdade, Blake é assim. Ele é muito preocupado com a sua vida pessoal e o irrita de maneira profunda dividir as coisas com pessoas que ele não conhece. Para os fãs, Blake é divertido e carismático, mas ele nunca se abre ou deixa com que as pessoas conheçam sua vida.

Inclusive, o fato dele ser pai não é algo muito exposto pelos jornalistas.

Só que agora a merda está feita. Inevitavelmente, as pessoas entraram em sua vida e ainda por cima, de um jeito meio vingativo, só querendo o seu mal, e como as pessoas não sabem quem ele é de verdade, elas vão pelo discurso que tem acesso.

Se Blake fosse mesmo um homem ruim, eu recuaria e jamais aceitaria essa coisa toda, porém eu o conheço há anos. Já o vi se

envolvendo com várias meninas ao longo desse tempo e nunca, nenhuma vez, ele foi um belo de um filho da puta.

Blake é sincero e deixa sempre as suas intenções bem claras desde o início. Pode parecer pouco, mas não é. O problema nunca vai ser encontrar homens que não querem te levar a sério por aí. Todo mundo tem o direito de escolher o que quer para si. O problema é mentir para transar e depois não bancar o que diz. O problema sempre será não ter responsabilidade afetiva.

E isso é uma coisa que ele jamais vai fazer. Blake é sincero até demais para o meu gosto.

Se eu bem me lembro, foi por causa do seu asco por relacionamentos que a mãe de Luna e ele nunca tiveram algo a mais. Maggie queria um relacionamento, já Blake preferia morrer a ter um.

Eles decidiram ser ótimos amigos. E foram.

Até Maggie falecer, eles eram um time incrível.

A repulsa desse homem por relacionamentos sólidos e sérios é o que o torna tão errado para mim. Assim como Maggie, eu também quero um amor. Sou louca para encontrar um cara que me ame loucamente.

Lucas não é o cara que vai te dar um futuro, mas pelo que dizem, ele é o cara que vai te dar o melhor sexo da sua vida.

Aceita quem quer, e bom... eu quero mais.

Não que ele me queira, né? Mas isso é um papo muito depressivo para uma terça-feira pela manhã.

— Você está confortável com isso, Ollie? — pergunta, soando preocupado.

E para ser sincera, não estou nem um pouco confortável com essa loucura, mas eu cresci sendo filha do meu pai. Por mais que Luna seja afastada da mídia, eu não tive tanta sorte, então meio que sei lidar com a exposição e todo o resto.

Além do mais, será apenas por um tempo. Tudo no meio midiático muda muito rápido. Seremos a bola da vez por uns meses e depois vamos cair no esquecimento como casal. Eu mesma era superconhecida quando criança e agora raramente sou reconhecida.

São fases.

E hoje em dia, elas passam mais rápido do que nunca.

— Não se preocupe, acho que você está mais assustado do que eu. — Tento ser o mais polida possível, sem demonstrar como estar aqui, com ele, me deixa desconfortável.

Ao invés de Blake me responder, ele apenas cerra os olhos e demonstra uma certa desconfiança pela minha resposta.

— Nosso primeiro evento será neste sábado, em uma festa para comemorar o início da pós-temporada. Vocês vão como amigos e é isso que falaremos para todos os repórteres e tudo mais, mas é só para construir uma narrativa — Diana, a assessora de imprensa, fala com firmeza. Pelo visto, ela está amando essa ideia.

— Até porque, para todos os efeitos, vocês se conhecem desde a faculdade, então é muito óbvio que são amigos — Jay parece até segurar o riso para falar.

Babaca.

— É bem provável que nesse evento, os olhos estarão em vocês, então o que vamos pedir é para vocês demonstrarem uma

proximidade, porém não deixem as coisas explícitas ainda — Diana segue explicando.

— Toques — meu irmão explica com uma animação que chega a me assustar. — Mas nada de beijos ou de outras coisas.

— Cala a boca, Jayden — Blake resmunga.

Confesso que essa parte me deixa ainda mais tensa. A última vez que dancei com Blake foi na festinha da fraternidade onde tudo aconteceu. Eu estava meio bêbada e ele estava lá, todo lindo e sorridente, e sempre era tão legal comigo. Óbvio que agarrei o pescoço dele e o olhei de cima a baixo, batendo os cílios de uma forma patética, e pedi um beijo, mas antes mesmo que ele me respondesse, colei nossos lábios para logo em seguida ser segurada pelos ombros e escutar os seguintes dizeres:

— *Eu não posso fazer isso, Ollie.*

Foi o bastante para eu nunca mais conseguir lidar com a vergonha toda vez que olhava para a cara desse cidadão maravilhoso.

Fui idiota, mas o pior é que eu me humilhei.

Péssimo.

Sem dúvidas nenhuma uma das piores coisas que já passei na vida.

Não foi à toa que enterrei aquele dia junto à nossa boa amizade e convivência.

Pode parecer pouco e até mesmo uma bobagem — meu irmão vive me dizendo que é —, porém para mim não parecia assim. A timidez piora um pouco o que rolou e eu nunca fui boa em lidar com constrangimentos. Então, só me afastei.

Além do mais, três meses nem era tanto tempo assim. Éramos amigos, mas não éramos... Tá, éramos bons amigos e eu estraguei tudo por causa de um beijo e uma paixãozinha idiota.

Acho que é por isso que entendo tanto o Blake. Não lidamos muito bem com relacionamentos.

Eu por querer muito um.

Ele por preferir morrer a ter um realmente sério.

— Então nós teremos que tirar fotos juntos na chegada do local, depois na festa ainda teremos que ficar juntos conversando, mas nos tocando parecendo um casal, porém sem nada muito explícito para que as pessoas que estejam lá, vazem as fofocas e comecem a criar uma narrativa sobre um possível relacionamento? — Blake parece repassar todas as coisas na cabeça dele e pelo jeito que se porta, está bravo.

Bravo e bem parecido com a personalidade que encarna dentro do gelo.

Se fôssemos definir Blake baseado nos romances, ele seria Grumpy quando está jogando/trabalhando e Sunshine quando está vivendo a vida normalmente.

Chega a ser bizarra a mudança.

É a primeira vez que eu o vejo encarnar o Grumpy fora do gelo. Não posso dizer que não gosto. Para ser sincera, tem poucas coisas nele que eu não gosto.

— Isso mesmo — Diana confirma, agora meio desconfortável com a clara *putidão* do seu chefe.

— Você vai saber lidar com isso, Olivia? — Eita, e não é que ele olhando bravo para mim e falando com essa voz rouca e grossa me dá ainda mais coisas do que o normal? — Eu vou tocar nas suas

costas, na sua perna, talvez até beijar o seu pescoço. Consegue lidar com isso?

Não consigo. Provavelmente vou ter vários mini AVCs no processo, mas... O que não fazemos pelos amigos do irmão idiota?

Eu vou matar o Jayden!

— Sim, claro. Pode confiar que eu vou sorrir e acenar como se estivesse com o próprio príncipe encantado. — E ao falar isso, estico minha mão para dar três batidinhas na mão dele.

Blake olha o meu movimento para em seguida focar seus olhos em mim, como se estivesse diante de um alien.

— Você mal consegue conversar comigo sem morrer de vergonha, está lembrada disso?

— Olha o tom... — meu irmão interfere, porque a muralha está realmente tensa.

— Mas estou falando sério, Jayden. Olivia mal consegue conversar comigo porque se sente envergonhada na minha presença depois de pedir... — Ah, ele não ia mesmo contar isso no meio de todo mundo.

— Calado! — grito, me transformando de forma instantânea no centro das atenções.

Todos me olham alarmados, principalmente Blake, que nunca me escutou gritar antes. Pelo menos, não com ele.

— Estou te falando, Blake, cada vez mais tenho certeza de que essa menina não foi trocada na maternidade. É minha irmã mesmo. — Cara, como o meu irmão consegue ser insuportável quando quer.

— Vai dar certo — falo, ignorando Jay, e olho dentro dos olhos assustados de Blake. — Você vai poder me tocar e vai me fazer rir

com esse seu humor de milhões. Vamos tomar *cosmopolitan* e deixar as pessoas achando que estamos flertando, mas, provavelmente, só falaremos mal dos caras que eu já saí e enfim, será ótimo, ok? Não vou te envergonhar e nem você vai me envergonhar. Vai dar tudo certo!

Fico até ofegante depois de dizer tudo.

E sem que eu esperasse, Blake desfaz sua carranca e sorri para mim.

E esse sorriso.

Não dá, ele é lindo demais.

— Vai dar tudo certo, Ollie. Você tem razão.

Meu irmão olha para mim com orgulho e a reunião segue sem maiores intercorrências.

Não consigo evitar. Em todo momento, penso apenas em uma coisa: Se algo der errado, o único culpado vai ser Jayden Finnley, o pau no cu do meu irmão!



NÃO FOI AMOR À PRIMEIRA VISTA

Lucas Blake Bullard

É estranho pensar que ainda me lembro de como ela gostava do seu chá: com leite, mel e sempre de camomila. Mais estranho ainda, perceber que nunca esqueci que seus chocolates favoritos eram os de cereja com chocolate amargo.

Me lembro de tudo o que Olivia um dia foi e confesso estar curioso para saber se ainda é.

Nossa amizade foi curta. Quatro meses e tudo estava acabado. Não foi dramático, muito menos triste. Sei muito bem o que aconteceu para chegarmos aqui hoje em dia, porém não consigo evitar de pensar no que poderia ter acontecido caso eu não tivesse deixado essa mulher se enfiar em seu casulo da vergonha e simplesmente sumir das minhas vistas.

Tive saudades dela, mas também sempre soube qual era o meu lugar na vida da Ollie. Não sou homem para ela.

Na verdade, se fosse para ser honesto, não sou homem para ninguém.

No máximo, sou o papai da Luna. De resto, eu passo.

Por conhecê-la, não foi surpresa para mim que Ollie fizesse dos seus livros uma forma de se sustentar. Não que ela precisasse de algo além do cartão de crédito sem limite que seu pai provavelmente continua pagando, no entanto, montar uma loja especializada em romances era um dos seus maiores desejos.

Olivia queria, literalmente, vender amor.

Como apenas transar com uma garota como ela?

Ela é do tipo que, ou pedimos em namoro depois de três encontros, ou deixamos livre para fazer isso com alguém que vá realmente levá-la a sério. Pelo menos, é o que eu penso. Não consigo imaginar esse ser humano iludido transando casualmente. E como nunca me envolvo de forma emocional com ninguém, é óbvio que jamais daríamos certo.

A fachada da livraria é toda rosinha, em um estilo mais clássico, com as molduras da porta e das duas janelas em um tom creme. Ela deixou algumas flores espalhadas por toda a fachada, dando um contraste fofo com o restante da rua, que é inteiramente cinza, preta ou branca.

A *Fly Books* é um ponto colorido no coração de Nova Iorque. Mais a cara da Olivia impossível.

Entro no lugar me sentindo meio nervoso, como há um tempo não me sentia. Não estava nos meus planos passar por aqui, porém não estava me sentindo muito confortável com essa história ainda.

Precisava conferir se Olivia realmente está consciente da merda que está entrando. Ou pelo menos, é isso que eu gostaria de fazer até a encontrar lendo.

Sempre adorei observar suas reações enquanto ela adentra o mundo das palavras. Ollie lê com a mente, mas também com o

corpo. Ela sorri, chora, suspira e às vezes fica até com raiva. Tipo, muita raiva mesmo.

Não foram poucas as vezes que me peguei observando-a igual a um idiota no meio da biblioteca da faculdade.

Ao contrário do Jayden, eu gostava de notar e até mesmo em nossos jogos, lá estava ela, sorrindo para o seu *Kindle* como se o mundo real não existisse. Como se nada fosse tão bom quanto o que estava escrito naquelas páginas.

Bobo? Talvez para alguns. Não para mim.

Sempre fui obcecado por vencer. Se precisasse bater em vários para conseguir os meus resultados, eu o faria. Olivia pelo menos não se metia em problemas para ter o que queria.

Ela só quer o amor.

Ela gosta de viver rodeada dele.

O chá de camomila gelado segue na minha mão assim como a caixa com os bombons de cereja, mas minha atenção segue nela e no seu suéter bege enquanto solta uma risadinha meio constrangida com o que leu.

Se eu bem me lembro, tinha muito amor nesses livros, mas não era só isso que essa pequena provocadora gostava.

Tinha sexo.

Muito sexo.

Do tipo mais sujo e pecaminoso que poderia existir.

Ainda me lembro de quando, por acidente, li uma das páginas que ela estava lendo em um dos nossos almoços. Não era uma simples trepada. Nada disso. O cara estava metendo na boceta da mulher enquanto o seu amigo recebia um oral dela.

Ainda me recordo do choque de saber que dentro daquela criatura fofa vivia uma mulher que amava ler sobre paus, dupla penetração e até mesmo ménage.

Chocante.

É por isso que não penso muito ao deixar as coisas que segurava em uma das mesas que ficam ao lado do sofá, logo na entrada da loja, e sou rápido ao puxar o *Kindle* da sua mão, louco para ver o que, ou melhor quem, está fazendo-a corar.

— Jayden! — Olivia grita, ainda sem olhar para cima.

Sei quando ela o faz, porque sua voz morre aos poucos.

Ela não vai brigar comigo. Ela só consegue ficar corada e se retrair um pouco.

Preciso de pouco tempo para entender o que está acontecendo na cena. O cara está metendo na mulher dentro do carro. Ela por cima. Ele por baixo. Achei bem... básico.

— E não é que temos fodas tranquilas nos romances também? Sem dupla penetração hoje, Ollie? — questiono, sorvendo a delícia de ter suas bochechas coradas para mim.

— Engraçadinho. — Esboça um sorriso fácil.

— Vamos ver... — Tento folhear mais algumas páginas, mesmo vendo o seu nervosismo.

— Acho que você não deveria...

Patins.

Disco.

Hóquei.

Ela está lendo jogadores de hóquei fodendo? Mas que porra é essa?

— Ele é jogador? — murmuro, meio puto. *Por que caralhos eu estou puto?*

— De hóquei. É um clichê, Blake, vários romances que estão expostos aqui têm como personagem principal um jogador de hóquei, tipo você. — O rosto dela está vermelho como um pimentão.

— Então eu sou um clichê? — Por que isso me parece ser meio ruim?

— Homem anti-relacionamento, mulherengo e jogador? Você realmente acha que é diferente de alguma forma?

— Ei, eu pelo menos sou sincero. — Conheço uns três que não têm escrúpulos nenhum para ter as mulheres que querem em suas camas.

— Mas ainda assim é um clichê. — Olivia toma o *Kindle* da minha mão, desligando a tela de forma rápida. — Posso saber o que está fazendo aqui, Sr. Sou diferente de todos os outros?

Ah, que saudade dos seus apelidinhos fofos.

— Te trouxe chá e chocolate. — Mostro com o dedo os dois itens. — E queria conversar com você.

— Você lembra — ela diz, abrindo um sorriso tão lindo que sinto o meu pau pulsar.

Sempre foi assim.

De todas as mulheres que poderia desejar, eu sempre a quis.

Sempre.

É um inferno na Terra.

— Sabe o que eu lembro também? — Ela nem presta atenção em mim. Está ocupada demais dando um gole enorme no chá.

É, algumas coisas nunca mudam.

Meu pau duro pelo seu gemido e o seu gosto por chá, aparentemente, são umas dessas coisas.

— Hum? — questiona, ainda de olhos fechados.

Foco, porra!

— Você nunca curtiu holofotes. Tem certeza de que está confortável com essa situação?

— Eu escutei a entrevista — diz, finalmente abrindo os seus lindos olhos castanhos e mirando em mim. — Ela não falou só sobre você. Nunca te vi falando sobre Luna em lugar nenhum. Todo mundo sabe o quanto você é reservado com as suas relações pessoais. Melhor, todo mundo sabe que construiu um forte para que nada afetasse aquela pequena garotinha. Dizer que você a traiu, foi cruel. Agora, contar que você é pai solteiro e que vive deixando a sua filha com a babá, que prefere foder a ser um bom pai, ultrapassou os limites. Não tenho noção de como foi escutar da boca dela que você maltratou tanto a mãe da Luna que por isso ela se matou. Eu conhecia a Maggie, ela estava feliz com o namorado dela. Me lembro, inclusive... — Suas palavras morrem um pouco. — Bom, sinto muito que ela tenha te magoado daquela forma.

— Não é verdade, então não me magoou. — Aquela entrevista só me provou o que eu já sabia. Irina não era confiável e fiz bem em tirá-la da minha vida. — Mas me irritou.

— Ela não pode levar sua reputação à ruína só porque você escolheu não ficar com ela. — Suas bochechas se avermelham mais, porém isso não a impede de continuar dizendo: — Você também não me quis e nem por isso fiz da sua vida um inferno.

Ah, querida, se você soubesse o quanto eu te quis...

— O que foi feito, ou falado, não tem como recuperar. Não vou fazer pronunciamento algum, só quero que esse inferno pare e que nossas vidas sigam em frente.

Inclusive, quero que a vida de Irina siga em frente.

Sempre achei que gente feliz não enche a porra do saco e não tenho dúvidas de que ela seria muito menos filha da puta se fosse, de fato, feliz, ou melhor, realizada.

Sonho com o dia que ela encontre a fama e o dinheiro que tanto quer e esqueça que um dia eu existi na vida dela.

— Acha que ela vai dar alguma outra entrevista?

— Acho. — Não tenho dúvidas de que vai. Irina não é burra, ela sabe que o meu nome sempre vai chamar muita atenção e vai usar disso para conquistar as coisas que almeja. — Tenho certeza de que aquela merda foi só o começo.

— Não tenho medo dela, Blake. Ela não vai falar nada além do óbvio. E sabe, mesmo não a entendendo, sei que você também não é flor que se cheire.

— Sou ótimo.

— É mulherengo! — diz com uma firmeza que não consigo comprar muito.

É culpa das bochechas coradas.

— Qual é? Eu nem sou tão ruim assim.

— Querer mulheres só para se divertir não é algo legal — resmunga, parecendo a minha mãe.

Duas chatas.

— Tem pessoas que querem a mesma coisa que eu. Nunca tive esse tipo de problema antes. Não sou babaca. Não iludo.

Coloco limites desde o começo. Se as pessoas criam expectativas sobre mim, a culpa não é minha! — Não sou covarde.

Se eu tivesse culpa nessa situação, pode ter certeza que falaria.

Eu não tenho.

É meu direito não querer ter um relacionamento com ela.

É meu direito dizer *não.*

— Tem certeza de que não a iludiu?

— Eu já precisei iludir alguém antes? — pergunto, arqueando a sobrancelha.

— Tá, ok. É só que para mim, é estranho entender que uma mulher é a vilã da sua história. Escutamos tantas coisas sobre como os homens fazem de tudo para ter o que querem. E você e eu sabemos que isso é real. Às vezes me pego pensando o que leva uma pessoa a fazer o que ela fez. É muito pesado, sabe? — Tão empática. Não é à toa que o Jayden vive brigando com ela.

— A dor dela nunca vai justificar o que ela causou em mim. Ninguém tem o direito de ferir ninguém. A relação foi só morrendo, aos poucos, de forma gradativa, fui perdendo o interesse e achei que ela também. Queríamos coisas diferentes, é algo absolutamente normal. Foi uma surpresa escutar aquelas palavras dela. Acha que gosto de estar puto com uma pessoa que ficou na minha vida por algum tempo? Logo eu que evita brigas a qualquer custo? — Respiro fundo para tentar aliviar os meus sentimentos. Essa história me irrita. — Não queria odiar a Irina. E confesso que não vou mover um dedo para fazer mal a ela. Só quero a minha vida de volta, só quero que ela me deixe em paz.

Deixo de lado a parte que meus desejos por Irina foram morrendo à medida que ela foi se tornando cada vez mais enfática em querer conhecer minha casa, e a buscar contatos profissionais falando meu nome.

Eu sei reconhecer quando alguém está me usando, e ela claramente estava.

De qualquer forma, não vai ser eu que ficará expondo às merdas da Irina por aí. O que vivemos, do início ao fim, morrerá comigo.

Eu sou esse tipo de homem. E me orgulho muito disso.

— Ela vai — murmura, abrindo um meio-sorriso. — Eu vou dar conta de ser a sua namorada de mentirinha. Olhe para nós? Já estamos até discutindo.

Sentia falta disso também.

Olivia sempre conseguiu me questionar como ninguém.

— Preciso que vá comigo em uma festa amanhã. — Com esse copo transparente lotado de chá nas mãos e essa carinha avermelhada, ela me tem nas mãos. E a melhor parte é que ela não sabe disso.

Olivia não sabe que eu jamais aceitaria essa loucura com outra pessoa.

Não sou um bom mentiroso.

Não conseguiria fingir as coisas bem.

Normalmente, sou um cara sério, impessoal e até meio travado.

Tá, ok, confesso, sou um homem meio tímido.

Com Olivia, as coisas vão ser mais fáceis. Menos forçadas.

É a Ollie. Minha Ollie. Sempre foi tudo tão fácil com ela. Um namoro de mentirinha seria só mais uma dessas coisas.

— Meu irmão já me mandou mensagem sobre isso. Amanhã vou encontrar um vestido. — Como sempre, ela parece estar indo para a forca quando pensa em fazer compras. — Penny disse que precisa ter brilho.

Qualquer coisa ficaria linda nela. Um pijama e ela seria a mulher mais bonita daquele lugar.

— Posso te ajudar se quiser. — Olivia me olha como se eu fosse um alien. — Eu preciso te conhecer, faz anos que não nos falamos direito. E se alguém me perguntar algo que eu não saiba sobre você?

Conversinha fiada.

— Almoço e compras, então? — Agora já não é mais para a forca que essa pobre mulher parece estar indo. Sala de tortura combina mais com o seu semblante.

— Eu te pego ao meio-dia — respondo, me aproximando para beijar sua testa. *Saudade disso aqui também.* — Te vejo amanhã, Ollie.

— Até amanhã — murmura meio desconcertada.

Eu nem vou transar, mas me sinto tão animado como se estivesse marcando um encontro para isso.

Ah, Jayden, se tudo isso der errado, eu te mato!



OLIVIA MOON FINNLEY

Até um contrato, eu tive que assinar.

Não posso falar sobre a vida pessoal de Blake e sou expressamente proibida de vender as fotos dele para qualquer um.

Pelo amor de Deus, quem faria uma coisa dessa?

Gente como a Irina, me recordo. Gente como ela pode sim acabar sendo bem malvada.

— O azul ficou legal. — O homem chega a destoar em uma loja tão pequena como essa. *É impressão minha ou ele quase não cabe nesse pobre banco?*

— Mandei foto para Penny e ela disse que eu estava parecendo a avó dela. — Na mensagem, minha amiga deixou bem explícito: *Curto, mosca! É para dar vontade de tirá-lo de você, não para se casar com você, entendeu?*

Claro que eu entendia, só não quer dizer que fazia sentido para mim.

Se bem que ela conseguiu encontrar o homem perfeito e se casar com ele enquanto eu sigo aqui, mais encalhada do que o

Titanic no fundo do mar.

Blake dá de ombros, como se não concordasse, enquanto eu volto para o provador, tentando ignorar como essa cena inteira é ridícula.

O homem que eu tentei beijar no passado, hoje está aqui, me ajudando a escolher um vestido para a nossa primeira aparição pública juntos, porque meu irmão idiota nos enfiou em uma relação mentirosa apenas para ver se limpamos a barra do mulherengo que não viu a tempo que estava se relacionando com alguém que não tinha o menor senso de humanidade no corpo.

Minha barriga até se contorce por causa da vergonha.

A última opção que tenho é um vestido inteiro de paetê rosa, que olhando no cabide me dá um enorme receio de que não cubra nem mesmo a minha bunda.

Bom, talvez o problema esteja aí.

Eu não costumo mostrar a bunda para qualquer um.

Depois de tirar o tal vestido azul da vovó, pego meu celular para entender melhor essa coisa de ter que mostrar a bunda.

Olivia:

Mas por que tirar? Ele não deveria me tratar de uma forma diferente? Homens apaixonados acham as mulheres únicas. Mesmo que elas sejam estranhas.

Penny:

Desce da carruagem, Cinderela. Homens querem aquilo que outros homens desejam.

Olivia:

Mas ele não precisa me desejar, Penny. É uma farsa, não um encontro.

Penny:

Vai que tem algum homem legal por lá? Você vai ter que continuar nessa merda por seis meses, não vai ser a vida toda.

É por isso que ela já se casou e eu não.

Penélope sabe lidar com os homens de uma maneira que eu nunca consegui.

Jogo meu celular na bolsa e coloco o vestido rosa brilhoso no corpo. Ele pinica, me deixa desconfortável, mas não mostra a minha bunda. Eu até abaixo um pouco a barra para ter certeza disso antes de abrir a cortina do provador.

Estava preparada para uma gargalhada.

Um suspiro.

Ou até mesmo um: *Nem pensar, Olivia. Vai com o azul e não vamos mais falar sobre isso.*

Mas nada me preparou para o silêncio.

Ali estava eu, descalça, com aquele vestido berrante, um coque na cabeça, esperando que os olhos esverdeados, claríssimos, de Blake, passassem por todo o meu corpo, me avaliando como se eu fosse... Não sei. Ele está me olhando como se me quisesse. Já tinha visto aquele olhar algumas vezes.

A última foi quando eu finalmente tomei coragem para beijá-lo naquela festa idiota.

Mas ele não me quis, poxa.

Por que Blake me olha como se quisesse, então?

— É esse que quer usar? — pergunta com a voz profunda, puxando ainda mais o sotaque texano.

Olho para baixo, tentando ignorar o arrepio que sobe por toda a minha pele.

Gosto desse olhar em mim.

Gosto de sentir que ele me deseja.

Não começa, Olivia!

Tá bom... já parei.

— Acho que sim. — *É esse que está mais à altura de um homem como você?*

— É... É... — Blake desce o olhar novamente e agora para bem no decote, limpando a garganta e desviando o olhar. — É bonito, Ollie.

— Achou vulgar? — pergunto, meio receosa.

— Não — sua resposta é rápida, assim como é assertiva. — Não tem nada de vulgar nesse vestido, Olivia. Está linda, como sempre.

Agora é a minha vez de limpar a garganta.

— Achamos o vestido! — tento soar animada, porém não consigo fazer isso muito bem.

A tensão é enorme.

Argh, ele tinha que ser tão gostoso assim, inferno?



— Então vejamos, você continua apaixonada por livros, chá de camomila e chocolate? — me pergunta, tentando puxar assunto, enquanto tudo o que eu faço é me entupir de alface para ver se o constrangimento passa mais rápido.

Depois daquele momento no provador, tudo o que consegui fazer foi me enfiar no carro dele e evitar qualquer tipo de contato visual com o homem que me tira completamente do eixo.

— Uhum... — Engulo a salada, tentando não parecer uma idiota. — E você continua obcecado com vitórias, brigas e festas?

— Acho que agora sou mais obcecado por trancinhas, filmes da Barbie e fadas. — Fofo. Tenho que admitir.

— Como está sendo essa jornada? Sei que é louco por ela, mas deve ser difícil criar uma criança sozinho.

— É mais fácil do que algumas pessoas dizem, ou talvez seja mais fácil para mim porque fui abençoado com uma garotinha tranquila. Bom, eu não sei, de qualquer forma, ser pai da Luna é o meu trabalho favorito.

Ai, meu útero!

Imagina que bênção deve ser carregar um filho desse homem?

Meu Deus, eu devo estar ficando louca.

— Ainda é chocante ver que você realmente se tornou um bom pai. Confesso que isso não era uma possibilidade para mim, até eu ver acontecer bem diante dos meus olhos.

— Me responda uma coisa, Ollie. Tem alguma coisa que eu faça que não é boa? — Metido, porém não está errado.

— Não acho que eu conheça você direito para assumir que é bom em tudo. — Minha resposta é lotada de duplo sentido, me deixando desconfortável.

— Ah, vai por mim, às vezes é melhor guardarmos certos defeitos para nós mesmos. — E lá estava ele, com aquele olhar que eu poderia jurar ser de desejo.

Se me quer tanto, por que simplesmente não tomou para si?

— Então, qual é o seu plano para fazer com que as pessoas acreditem na nossa pequena farsa? — Ignoro completamente a pessoa ao nosso lado, que vira o seu celular para nós dois e nos arranca da nossa privacidade em um piscar de olhos.

— Acho que não precisamos de um plano. — Simples assim, do nada, ele toca na minha mão, fazendo um pequeno carinho ali, como se me confortasse. O toque não me causa estranheza.

É realmente acolhedor.

Mesmo sendo difícil de admitir, é gostoso.

Tudo com ele sempre foi gostoso.

— Ollie, ainda sou eu, o Lucas. Ainda adoro jogar videogame, mesmo sendo péssimo. Ainda gosto de dormir cedo e acordar tarde. Piro em qualquer filme que tenha ação. E sou obcecado pela The Galaxy. — A banda preferida dele também era a minha.

— Você viu que eles entraram em turnê? — pergunto, sentindo os seus dedos saírem dos meus, me dando uma sensação de inquietude.

Queria eles ali.

Que saco!

— Eu tenho duas entradas para o show aqui em Nova Iorque — comenta com um sorriso pretensioso.

— Mas as vendas nem começaram!

— Nosso patrocinador tem um camarote exclusivo e como sabe que eu sou fã, me deu dois ingressos. Recebi o *e-mail* essa semana. — Blake corta a carne do seu prato, ignorando mais uma vez a senhora que tira mais uma foto dele. Que coisa irritante! — Você quer ir comigo?

— Claro que quero ir com você. Que tipo de pergunta é essa?

— Mas se você chorar quando o Brian aparecer no show e der os primeiros acordes naquele baixo, eu te levo para casa em um piscar de olhos.

— Você não pode me culpar por gostar do melhor. — Como aquele homem é gostoso.

Não que ele seja mais bonito do que o Blake, mas, tadinho, é uma briga desleal. Blake tem a beleza de um deus grego enquanto Brian é só um ser humano muito bonito.

— Eles são uma banda, não tem um melhor do que o outro. É a união que faz a coisa toda acontecer.

— Papo furado, porque você mesmo tem o Hero como favorito que eu sei. — Ele baba no líder da The Galaxy.

Não pelos mesmos motivos que eu babo no Brian.

Enquanto ele admira o homem genial e calculista que se senta atrás da bateria da maior banda de todos os tempos, eu queria só sentar no baixista mesmo.

Fazer o quê? Prioridades.

— Mas o que eu posso fazer se sem aquele homem, nada seria como é? Eles só são bons por causa dele.

— Cadê o papo de que eles são um time e só são o que são por causa disso? — Solto uma risadinha para em seguida dar uma garfada enorme na minha salada.

— Continua engraçadinha.

— Só existe uma pessoa que me acha engraçada no mundo mesmo. Rodei, rodei... e só encontrei você. — Blake sempre ri das minhas piadas, dos meus comentários, do meu jeito.

Ele não tira sarro, é mais como se eu o divertisse.

O homem que sempre foi sério e todo ranzinza, comigo sempre foi o poço do carisma e sorrisos.

— Só existe uma pessoa que me faz rir desse jeito, Ollie.

Sua resposta faz uma sensação quente e aconchegante nascer bem no meio da minha barriga.

Me forço a sorrir mais uma vez para ele e sigo adiante, ignorando esse sentimento.

Blake é legal comigo, sempre foi, mas isso não quer dizer que ele me queira.

É só de mentirinha.

E eu tenho que entender isso o mais rápido possível!



Lucas Blake Bullard

Nunca fui muito fã dos eventos dos patrocinadores. É sempre banhado a muitas fotos, muitos sorrisos falsos e, primordialmente, muita fofoca.

E eu odeio fofoca.

Ao contrário de muitos colegas de profissão, eu nunca quis me tornar uma celebridade. Existe uma diferença enorme entre ser um ótimo jogador com ótimos números e uma celebridade.

Bons jogadores são lembrados pelo que fazem nos jogos e conhecidos, na maioria das vezes, apenas pelos fãs do esporte, já a celebridade é bem mais conhecida e os seus feitos no gelo são cobertos pelo que fazem em sua vida pessoal.

O trio de ouro, que joga no ataque do meu time, são muito conhecidos pelos seus namoros midiáticos, festas polêmicas e entrevistas... peculiares. Axel, River e Mason são excelentes atletas, porém não posso ser hipócrita e dizer que é por causa dos seus talentos que eles arrastam uma multidão para o estádio. Eu não sou como o trio. Passo longe de ser. E gosto disso.

Até Irina entrar na minha vida, as pessoas mal sabiam sobre minha vida pessoal, ou qualquer outra merda desinteressante ao meu respeito.

Não é à toa que sempre gostei de trabalhar na defesa. Gosto de ser da turma do fundão. Aqueles que as pessoas conhecem, mas não tanto. Gostam, mas não amam. Querem entender melhor, mas não são obcecadas.

Gosto de ser uma pessoa reservada e sempre gostei de ser assim.

Por mais que eu tenha tido uma época meio selvagem na faculdade, regada a muitas festas e mulheres, isso não fez de mim um cara menos quieto. Pelo contrário, sempre fui do estilo come quieto. Quanto menos souberem de mim, melhor.

Minhas entrevistas sempre foram focadas no meu trabalho e minha posição pública sempre foi pautada na mesma escolha.

Era a *minha* escolha.

Isso que me enfurece mais em relação à Irina. Ela não tinha o direito de me expor sem o meu consentimento. Ela não tinha o direito de expor a minha filha. Era a nossa intimidade. Nossa vida.

E tudo isso para quê? Fama. Dinheiro. Sucesso.

Ela queria um namoro a todo custo. Me fez juras de amor. Me pressionava para conhecer a minha filha, minha casa... minha vida. A sorte é que sou desconfiado, porque se não fosse, tinha me fodido ainda mais.

Sou do time que acha que as pessoas mostram a verdadeira face quando estão com raiva ou frustradas. Quer saber se uma pessoa é realmente boa? Veja o que ela faz quando você não faz o que ela quer.

A reação dela diz muito.

Gente vingativa comigo não cola. Nunca colou.

É por isso que quando notei o desespero de Irina para ficar comigo, estranhei. Por isso que quando perguntei o que ela tanto gostava em mim e ela não soube me explicar, foi o fim.

Não sou um homem grosseiro, nem insensível, posso até amar o meu videogame e ser meio caladão, mas não me tirem por otário. Eu não sou.

Se alguém diz que te ama, ela sabe, no mínimo, te falar uma única qualidade sobre você. Se ela quer ficar na sua vida, isso não depende do que você dá a ela. E se realmente te respeita, ela não vai usar o próprio ódio para querer te destruir.

Irina ao sentar naquela entrevista e falar inverdades sobre mim, queria apenas uma coisa: o meu fim. E isso só mostra que, de fato, ela nunca me amou, ela apenas quis me usar.

Quando eu disse que ela não seria esposa de um jogador de hóquei e que o plano dela de estampar revistas e sites de fofoca tinha dado errado, ela surtou e utilizou de todos os meios para eu me arrepender de tê-la magoado.

A única coisa que me arrependi foi *dela*.

Eu nunca deveria ter falado com ela. Chamado-a para sair. Ignorado os conselhos do meu melhor amigo e ignorado cada sinal que ela havia dado sobre não ser uma boa pessoa.

Não digo que sou o melhor dos homens. Eu só queria um relacionamento divertido e leve, onde usaríamos os nossos corpos, e era isso.

O meu erro foi ter proposto algo assim, o dela foi aceitar.

Se bem que eu ainda não compro a ideia de que ela me amava. Depois daquela entrevista, qualquer mínima dor na consciência que eu tinha por ter terminado com aquela garota, passou.

Sou muito bonzinho, mas quando canso, eu canso... E para Irina, eu genuinamente desejo o pior.

É, talvez eu a odeie, afinal de contas.

— Você parece tenso — Ollie fala baixinho ao meu lado.

A festa está acontecendo em um grande salão no coração de Manhattan. Tudo é muito luxuoso e brilhoso, porém confesso que foi apenas vendo Olivia sair de sua casa, com esse vestidinho indecente, que fiquei boquiaberto essa noite.

O evento não é de gala, então temos muitas mulheres de vestido curto, mas juro que não esperava por esse modelo em Olivia. Ela é sempre tão recatada, contudo, hoje ela roubou o meu fôlego usando uma peça toda brilhosa, meio larguinha no corpo. Desde a nossa ida à loja, ela está roubando meu fôlego.

As suas coxas finas e branquelas estão à mostra, assim como o seu colo e braços. Eu nunca a vi dessa forma e está me fodendo ver tantas partes do seu corpo assim.

Ela é totalmente o meu tipo.

Não tem uma única coisa nessa mulher que me desagrade.

Quem eu estou tentando enganar? Ela rouba meu fôlego só por existir no mesmo ambiente que eu.

— Não gosto desses eventos — resmungo, mexendo um pouco no meu copo de água, tentando ignorar o meu óbvio interesse nessa mulher. — Sei que são necessários, até porque, estamos nos *playoffs*, mas ainda assim, odeio ter que vir.

Não é maravilhoso que eu nem precise mentir minhas reações? Porra, porque tudo tem que ser tão dificil para mim?

Isso aqui é tortura!

— Veja pelo lado positivo, são apenas três eventos desse por temporada — diz com uma calma e uma paciência que me agradam muito.

Estamos em pé, bem perto do bar do evento, mas acho engraçado que até mesmo de salto, Olivia fica minúscula ao meu lado.

— Quanto de altura você tem? — pergunto, meio intrigado.

Ollie continua um pouco tímida na minha presença, mas percebo que desde o começo da nossa noite, ela está tentando com afinco se controlar.

Tiramos fotos assim que chegamos, porém preciso confessar que não tive coragem de pegar em nenhuma parte do seu corpo.

Ao contrário dela, meu problema estava longe de ser vergonha.

— Um e sessenta e quatro. — Sem perceber, ela morde a bochecha e logo abre um sorriso culpado. — Ok, é um e sessenta e três e meio.

Não consigo segurar o riso quando ele vem. Olivia é muito fofa.

E eu sempre gostei disso nela.

Não é boba, nem mesmo forçada. É só ela.

E eu sempre gostei muito *dela*.

— É uma meleca, porque tenho a altura perfeita para andar de saltos altíssimos, mas odeio me sentir desconfortável, então o

máximo que dá para mim são esses saltos de cinco centímetros que não me fazem ficar dolorida.

Não pense nela dolorida! Não ouse pensar!

Inferno, já estou pensando.

— Fico imaginando quando for a vez de Luna aprender a andar de saltos. — Tento ignorar os meus pensamentos e tudo se torna ainda pior.

Por que a ideia de ver a minha filha andando de salto alto me entristece? Ah é, porque quando essa fase chegar, provavelmente ela será uma adolescente chata.

Muitas pessoas têm medos, eu me cago ao pensar na adolescência da minha filha. Se ela puxar a mim, não tenho dúvidas de que será uma época... intensa.

— Ah, Luna é bailarina, acho que ela será muito melhor do que eu no quesito mobilidade em coisinhas afiadas e pontudas. — Olivia não é muito presente na minha vida, mas na de Luna é diferente.

E eu gosto. Eu deixo que seja assim.

Como minha filha não iria conhecer a mulher que inspirou o nome dela? Não que Olivia ou Luna sonhem com essa merda, mas é a verdade.

— Falando em Luna, eu decidi te apresentar a ela como a minha namorada, ok? — a pergunta parece tirar um pouco do breve conforto que Olivia estava sentindo.

— Não será ruim quando terminarmos? — É bem aqui que solto um sonoro suspiro.

— Provavelmente sim, mas eu não posso mais mentir para a minha filha. Ela está crescendo e as coisas da mídia agora chegam

até ela sem que eu consiga controlar. Luna ficou chateada depois dessa história da Irina. Não quero que isso aconteça de novo. Se ela começar a achar que é normal termos segredos entre nós, mais para frente pode dar problema, entende?

— Então vai contar que a nossa relação é de mentirinha? — pergunta com aqueles olhos caramelos tensos em mim.

— Ela tem seis aninhos, né? A língua dela ainda não é treinada para guardar segredos, então não irei contar. O que nos leva a outra parte. — Um relacionamento de mentira já não é fácil, um relacionamento de mentira com uma criança no pacote... *Um dia eu ainda mato o Jayden!* — Se a Luna se apegar muito a você, saberá lidar com isso? Porque ela te conhece e tudo mais, mas é diferente. Hoje você só é a irmãzinha do tio Jay. Semana que vem será a namorada do papai.

Refleti muito sobre isso e é o melhor para a minha filha. Dessa vez, Luna não acreditou em nada do que foi dito e pelo que sondei, ela não escutou sobre a parte da mãe. Imagina que merda se ela tivesse escutado?

Acho que mesmo não sendo vingativo, se minha filha chorasse por essa história louca da Irina, eu iria tomar providências bem maiores do que um namoro de mentirinha e um processo.

Se ela fizesse Luna chorar, eu ia falar tudo o que sei sobre ela e tenho certeza de que as coisas não ficariam bonitas.

— Acho fofo. — Solta um sorrisinho. — Você fala tudo no diminutivo quando é algo relacionado à Luna.

— Efeitos colaterais de ser pai. — Bebo minha água um pouco envergonhado.

Eu virei um idiota, mas acho que os melhores pais são meio idiotas.

— Fique despreocupado, pois em relação à pequena, sempre serei presente. Nosso término nunca vai abalar o que eu tenho com ela. Podemos até ficarmos mais próximas agora. Inclusive, não me oporia em ser também sua amiga quando isso tudo acabar. Nós crescemos. As coisas mudaram. — Sinto que Olivia precisou de toda a força do mundo para dizer essas palavras.

Tenho até vontade de rir.

Nunca vou conseguir ser amigo de uma garota que penso em foder sempre que vejo.

Entre muitas coisas, está aí um dos motivos pelos quais Olivia e eu nunca daríamos certo.

Ela adorava ser a minha amiga, já eu achava uma bela tortura ser *apenas* o amigo. O que nos faria entrar no segundo problema: Eu iria adorar ter uma amizade colorida com ela, já Ollie seria mais dada a um casamento com seis filhos.

Éramos compatíveis em muitas coisas, menos no que realmente importava.

Eu não corri atrás dela por uma razão.

Nosso afastamento era a melhor saída. Para ambos.

— Sim, claro — confirmo, notando que Ollie abraça o próprio corpo, tentando se esquentar. — Frio?

— Estou bem... — Ela nem termina de falar quando percebe que estou tirando o blazer e colocando-o em cima dos seus ombros.

O contato é tão mínimo, tão rápido, porém é o bastante para eu capturar o seu cheiro adocicado e o seu olhar confuso.

Ela é bonita. Não de um jeito óbvio, ou comum, mas é linda demais!

— Obrigada — agradece, sem graça.

— De nada... — Tento com um empenho enorme não olhar nos seus lábios, mas falho. Eu sempre falho quando o assunto é essa garota. — O vestido é lindo, mas acho que não vai muito bem com o clima da primavera de Nova Iorque.

E ainda tem a parte que tem muita gente olhando para esses seus peitos insanamente gostosos.

— Penny disse que estava bom para a ocasião, e você também disse que estava bom na loja. Nem pensei sobre o clima naquele momento — me responde meio ansiosa e logo emenda: — Foi ela que me ajudou na maquiagem e no cabelo hoje. Penélope sempre diz que os meus lábios em um batom nude ficariam ainda melhores. Acho que ela tem razão. — E pensar que eu chamei essa traidora para ser a madrinha da minha filha.

Tinha que deixar Olivia ainda mais bonita? Tenho certeza de que esse vestido curto e decotado foi um pedido dela.

Normalmente já é foda.

Mas hoje... Nossa, hoje está passando dos limites.

— É, eu também acho que ela tem toda razão. — Solto um sorriso, não conseguindo conter a vontade de flertar com essa mulher.

Suas bochechas atingem um tom de vermelho muito parecido com a cor do seu *drink* — um *cosmopolitan*, que é sempre a única coisa que ela bebe em eventos ou qualquer outro tipo de festa — e revira os olhos.

— Vai dizer que me acha bonita? — desdenha.

— Eu não te acho bonita — falo, sorrindo com o canto esquerdo do lábio. — Você é bonita. Sempre foi.

— Isso foi um flerte... — Ollie soa completamente tensa.

— Isso foi um flerte.

Olivia toma mais um gole do seu *drink* enquanto olha em volta, notando algumas pessoas nos observando.

— Bom, acho que todo mundo está comprando a nossa aproximação — me responde como se tentasse se convencer de que o meu flerte é explicado por causa da nossa farsa.

— Acho que sim. — Minhas mãos coçam para tocá-la.

Observo de perto quando sua língua molha um pouco o seu lábio inferior, me dando uma vontade do caralho de roubar um beijo.

Sempre soube que se um dia eu cometesse o erro de beijá-la, nunca mais iria parar.

O assunto morre, porém me apresso ao notar alguns colegas nos observando. Acho que eles querem saber quem é a nova garota. Eu nunca trago companhia para esses eventos. Devo ser a fofoca da festa.

Me aproximo um pouco do seu ouvido e inspiro o seu perfume de baunilha antes de conseguir dizer minhas palavras.

— As pessoas estão olhando e eu preciso que diga se quer um espaço agora, porque estou prestes a beijar o seu pescoço. Tocar sua cintura. E talvez...

— Só o pescoço — Olivia orienta, meio ofegante.

Minhas mãos vão para o seu quadril e eu a puxo, beijando a região. É leve, e rápido, mas sei que foi intenso por causa do suspiro que ela deixa escapar dos seus lábios.

Meu coração pula rapidamente no peito e eu me sinto até meio tonto.

Guardo para mim qualquer resposta espertinha a respeito da sua óbvia atração por mim.

Não quero assustar a garota, já basta ter feito merda anos atrás.



OLIVIA MOON FINNLEY

É tudo de mentirinha, Ollie, não pira!

Penso, já pirando, completamente tensa com o flerte e o toque deste homem.

É evidente que Blake está entrando no personagem e é mais evidente ainda que ele precisa que as pessoas vejam algum tipo de interação mais íntima entre nós, mas confesso ser algo bem difícil de lidar quando se tem uma óbvia atração pela pessoa.

A forma atenta que ele me observa sempre me agradou e ainda tem a parte de ele ser estupidamente cuidadoso. Precisava colocar esse blazer em cima de mim? Agora eu estou sendo obrigada, além de tudo, a lidar com o seu cheiro que parece me arrebatar.

— Quer mais um *drink*? — me pergunta, lançando um de seus lindos sorrisos em minha direção.

Preciso morder a língua para não dizer o que realmente quero. Se bem que eu preciso começar a dizer, até porque, vai que alguma

dessas pessoas ao nosso redor está escutando nossa conversa? Eu preciso flertar. Me mostrar interessada.

Faz parte do nosso acordo.

— Seu sorriso é lindo — confesso, morta de vergonha.

Se eu pudesse, cavava um buraco aqui mesmo e me enterrava.

Não sou ruim de flerte, porém reconheço que me torno uma besta perto desse homem.

— Isso é um flerte... — sorri ainda mais.

— Isso é um flerte — respondo, desviando os meus olhos dos dele, porque é demais.

Ele é demais para mim.

Não sou feia e estou bem longe de não corresponder aos padrões de beleza da sociedade, mas tenho que ser honesta comigo mesma ao dizer que sou uma mulher *bem* sem graça.

E Lucas Blake Bullard não tem nada de sem graça.

Ele tem a beleza de atores de Hollywood. Enquanto eu sou… sei lá.

Exatamente isso, eu sou *sei lá*.

Nem feia, nem bonita.

Nem gostosa, mas com certeza, sem sal.

Meus cabelos não são loiros, muito menos pretos ou até mesmo ruivos. Eles são meio castanhos, meio uma cor que não sei definir. Uma cor que não tem personalidade alguma.

Não tenho olhos claros, nem mesmo superescuros.

Eu sou como qualquer uma. Ou melhor, sou apenas mais uma.

De qualquer forma, sei que esse homem na minha frente é muita areia para o meu caminhão e hoje acho uma loucura que eu

tenha sonhado em ficar com ele um dia.

Comparada às ex de Blake, eu não faço nem um pouco o seu tipo.

E mesmo ele me fazendo sentir... coisas, não é o suficiente para que possamos funcionar de verdade.

— Gostei disso, Olivia Moon. Você é boa nessa coisa de flertar. — E simplesmente, como se não fosse me matar no processo, dá uma piscadinha para mim.

Homem, eu sou fraca!

— Vai pegar o meu *drink*, Sr. Piscadinhas e sorrisos bonitos. — Tadinha da minha calcinha, vai morrer afogada até o final dessa noite.

— Já volto, Sra. Fofa pra caralho. — E assim sai, indo em direção ao bar.

Fofa pra caralho.

Acho o homem um grande gostoso e vivo sonhando com o tamanho do seu... Bom, com o tamanho dele inteiro enquanto ele me acha fofa.

Fofa.

Não é gostosa.

Não é uma delícia.

Eu sou fofinha. Tipo, fofa a irmãzinha do meu melhor amigo.

Vou matar o Jayden!

Ele tinha mesmo que inventar esse inferno de plano e me envolver nessa história? Como aquele burro não pensou que eu poderia ainda ter uma atração idiota pelo Blake? Quer dizer, como ele pode não entender que qualquer pessoa que goste de homens, se interessaria por esse em específico?

Não é difícil, sabe?

Ele tem o cabelo meio enroladinho em um tom de castanho lindo e ainda tem esse corpo que parece que foi esculpido por anjos, e uma personalidade que muito agrada mulheres como eu.

Ele é carismático, mas é sério. É tímido, mas não é travado. É cuidadoso, mas não é muito grudento. É um ótimo pai. E além do mais, é apaixonado pela carreira.

Me diz, pelo amor de Deus, como o meu irmão poderia pensar que eu seria capaz de segurar os meus sentimentos por um homem desse? Não é ele que vive dizendo que eu sou uma iludida?

— Você é nova por aqui. — Um homem com os cabelos platinados e a pele quase cristalina demais me aborda. — Qual é o seu nome, linda?

Esse é Axel Bentley, a estrela do New York Raptors, o time onde Blake joga.

Bom, o que ele não sabe é que sou mais velha nesse mundo do hóquei do que ele, mas acho que quando eu responder a sua pergunta, Axel irá notar.

E vai fugir.

— Olivia Finnley — respondo com um sorriso no rosto de quem sabe que tem um papai muito fodão.

Papai.

Estou andando demais com Blake. Já estou até pensando como ele.

— Finnley? Meu Deus... — É quase isso mesmo.

Meu pai é uma espécie de Deus para esses garotos.

— Já se apresentou para a *minha* garota, Axel? — Um Blake meio irritado aparece ao meu lado.

Axel não é pequeno, porém nem se compara ao tamanho de Blake. Não é à toa que um trabalha no ataque, já o outro na defesa. Seus corpos foram projetados para coisas diferentes.

— Ela estava aqui me dizendo que carrega o mesmo sobrenome que Finnick Finnley.

— É a filha dele, seu animal. Não a reconheceu? — pergunta, sabendo que eu vivia aparecendo nos jogos do meu pai.

— Não posso dizer que você lembra aquela garotinha fofa — diz, me olhando de cima a baixo com aqueles olhos glaciais de tão azuis.

É impossível não corar.

— Vaza, Axel — sibila, puto com o flerte descarado do amigo. — Vaza antes que eu quebre essa sua fuça de moleque.

Tanto eu quanto Axel rimos da clara cena de ciúmes do meu namorado de mentirinha.

Axel ri porque provavelmente adora tirar uma com a cara de Blake.

Eu rio porque ele é muito bom ator. Não sabia que conseguiria mentir tão bem assim.

— Já estou indo, homem das cavernas. — Mas não antes de me lançar um último olhar. — Se ele não der conta de você, me liga.

— Vai se foder, Axel! — Blake dá um leve empurrão no colega de time, que se afasta rindo. Não me passa despercebido que ele corre para os amigos. Provavelmente, louco para contar a nova fofoca para todos.

Axel é conhecido por ter a língua maior do que a própria boca.

— Você foi bem convincente — digo, pegando a bebida que Blake me oferece.

— E você fez uma péssima escolha de vestido. — Hã? Como é que é?

— Mas você... — *Será que ele já estava treinando a mentira lá na loja?* — E posso saber por que é uma péssima escolha?

— Porque você fica gostosa nele, porra! — A palavra gostosa na boca desse homem aciona tantas coisas em mim.

Jesus, que calor é esse?

— Esse vestidinho indecente deixa qualquer cara louco para saber o que tanto você esconde aí atrás dessa miséria de tecido. — Ele não está sendo babaca? Eu acho que está sendo sim, bem babaca.

— Não é bom você estar ao lado de uma mulher que outros caras desejam? — Pelo menos é o que o meu irmão sempre me explicou.

Homens querem o que outros homens têm.

Simples assim.

— Eu odeio que cobicem o que é meu, Olivia. — Santa misericórdia das viciadas em romance.

Homem possessivo é bem ruim, mas eu juro que em alguns momentos tem um apelo.

Ele está sendo babaca, Olivia! Para de ser tonta!

Tá, ok, já parei.

— Acho que ele só queria saber quem era a sua nova garota — confesso, chegando mais perto dele, descendo um pouco o tom de voz. — E outra coisa, não era você que não se importava com quem as suas mulheres ficavam?

— Elas não eram minhas. Nós tínhamos um acordo de foda. Você é minha namorada. É diferente — fala como se não fosse

atraente vê-lo com ciúmes. — Nunca gostei de dividir nada. Odeio ménage, suruba ou qualquer coisa assim, justamente por isso. Acha que dentro de um relacionamento, eu iria permitir algo assim? Claro que não.

— Sabe que ciúmes não é muito legal, né? — *disse a idiota que está achando superatraente a sua crise de exclusividade.*

— Óbvio que eu sei — resmunga, bebendo um golinho de sua água.

— E outra, não se preocupe porque eu realmente acho que ele não queria nada comigo, essa ceninha era só para levar uma fofoca nova para o time. Sabe como o Axel é. — Não que eu saiba, porém as pessoas comentam.

— Eu sei. — Hum, então quer dizer que ele fica mal-humorado quando está com ciúmes?

Não é que ele tem defeitos mesmo?

O que me leva ao quarto item da minha lista:

Nunca, jamais, em hipótese alguma, o cara pode ser ciumento, possessivo ou controlador, quero um homem com senso, não um macho escroto.

— Não sou como as beldades que você normalmente sai, não precisa ficar todo chatinho. Calma, ninguém vai roubar o seu brinquedinho novo — falo, meio brava.

Blake está me irritando, poxa.

— E quem disse que você é o meu brinquedinho? — Não é possível que vamos brigar no nosso primeiro evento. — E outra coisa, você é linda, pare de falar bobagens. Como não percebe que é linda?

Bom, vejamos: Porque eu tenho vinte e cinco anos e nunca namorei sério na vida?

Porque eu, pelo visto, não sou a mulher dos sonhos de uma única unidade de homem?

Porque se os homens sentem atração pelo que olham, então eu sou meio esquecível, pois raramente consigo chegar ao terceiro encontro com alguém, já que estou sempre tomando *ghost*? Ou pior sou chutada antes da coisa virar um relacionamento de verdade?

— Você que está dando um piti feio por bobagem. — Arqueio minha sobrancelha, meio confusa, meio com tesão.

Até sendo um babaca, eu ainda sinto tesão no idiota. Lamentável.

— Por culpa desse vestido! — devolve, realmente bravo.

— Se reclamar mais um pouco dele, eu vou usar roupas cada vez mais curtas nos nossos encontros — rebato com o nariz lá no teto de tão em pé.

Ah, eu sou boa, mas aceitar essa patifaria já é demais.

— Você não entende, não é? — fala, chegando mais perto de mim. — Cada vez que eu olho para as suas pernas, as imagino em volta do meu quadril enquanto meto tão fundo em você, que tudo o que conseguiria fazer é gemer gostoso no meu ouvido.

É isso. Eu morri. Pode me enterrar.

— É isso que quer de mim, Ollie? Que eu fique de pau duro toda vez que estivermos juntos? — E sem que eu esperasse, Blake chega ainda mais perto da minha boca. — Porque esse relacionamento pode até ser de mentirinha, mas pode ter certeza de que meu pau duro por sua causa é bem real nesse momento, e não queremos isso, não é?

Eu tinha tantas possibilidades aqui.

Podia ser engraçadinha.

Podia ser sensual.

Podia falar qualquer merda que desse corda para um caminho onde esse homem me levaria para um hotel e me foderia até que eu ficasse rouca de tanto gemer o seu nome.

É isso o que eu faço? E seria eu se o fizesse?

— Obviamente não queremos isso. — Como pode um único ser humano ser tão tonto assim?

Mas em minha defesa, não posso me envolver com ele.

Primeiro, eu não transo com caras que não me levem a pelo menos três encontros e tenham um claro interesse em me levar a sério. Segundo, eu me apaixonaria perdidamente por ele e depois iria me lascar, porque ele não se apaixona. Nunca.

Então, não.

Não posso descer minha linda calcinha de renda branca para ele de jeito nenhum.

— Ótimo — murmura, ainda com o olhar preso na minha boca.

— Ótimo — respondo, sentindo o meu coração bater tão forte que até parece que estava correndo uma maratona.

Acho que ele nunca esteve tão acelerado.

— Vou ao banheiro, já volto. — E simples assim, Blake se vira e sai.

Mas o que aconteceu aqui?



Lucas Blake Bullard

Eu não fui um adolescente descolado, muito menos bonito, dado a inúmeras namoradas. Muito pelo contrário. Eu tinha o rosto lotado de espinhas, um apreço enorme pelo meu videogame e fazia mais do tipo, hóquei, estudos e um pouco de televisão do que festas e pose de *badboy* que todas as garotas sempre amavam.

Eu admito: Era um nerd.

E talvez, bem lá no fundo, ainda seja um.

Na faculdade, as coisas mudaram bruscamente para mim. De um ano para o outro, eu simplesmente fiquei mais bonito. Maior. E com o corpo bem mais trabalhado. Minha mãe dizia que era por causa dos hormônios, que os meninos demoram mais para se desenvolver do que as meninas na família dela. Já eu, achava que era um milagre.

Diferente do Ensino Médio, na faculdade me tornei um dos jogadores mais populares da equipe e isso, é claro, me ajudou muito quando o assunto eram garotas.

Passei do patinho feio, virgem aos dezoito, para um moleque mulherengo sem amor à própria orelha, já que não fui criado para

ser mulherengo daquele jeito.

Eu até sou crismado na igreja... Imagina como Sra. Bullard ficou feliz quando eu apareci dizendo que talvez teria engravidado uma garota.

Acho que se minha mãe não morreu naquele dia do coração, ela não morre mais.

E foi assim, que o cara mulherengo e sem noção que tinha pavor só de pensar na palavra relacionamento, passou a entender o motivo de não foder qualquer mulher que passasse em sua frente, sem camisinha.

Sexo pode gerar crianças — ou contrair doenças —, então eu não posso me dar ao luxo de sair fodendo mulheres por aí sem responsabilidade.

Luna foi uma benção. Poderia ser pior… eu poderia ter ficado realmente doente.

— Papai, você pode *palar* de jogar esse negócio só um pouquinho? — minha filha pede, entrando no meu escritório, toda vestida de princesa.

Lá vem...

— Pronto, já pausei. — Ou melhor, nem comecei a jogar.

Acho que faz anos que eu não consigo, de fato, sentar na minha cadeira e passar umas três horas jogando sem ser interrompido.

É foda, mas é a vida.

— Vem *bincar* comigo de princesa e príncipe — pede com aqueles olhinhos de cachorro que acabou de cair da mudança.

E o esforço de acertar o ‘’R’’ nas palavras segue ali. Intacto.

Às vezes, fico até triste quando ela consegue acertar muitas palavras em sequência. É um sintoma do seu crescimento. Ela está cada vez maior. Mais inteligente. Mais independente.

É contraditório como eu anseio em ter mais tempo para mim, ao mesmo tempo que sinto um aperto no coração em vê-la se tornando tão independente.

— Hoje você não consegue brincar sozinha, filha? — Papai queria brincar também, porém umas brincadeiras que envolvem tiros, bombas e outras coisinhas violentas.

— Ah, papai, o que custa? Só um pouquinho? — diz, já ficando com o nariz e os olhos avermelhados.

Ela é uma pequena manipuladora que sabe que eu jamais vou dizer não para ela desse jeito. Não gosto de ver a minha filha chorar, confesso. É meu ponto fraco.

— Vamos lá — suspiro, tirando meu fone da orelha e desligando meu computador.

Na hora que estava fazendo foi gostoso, não é? Agora, vai, aguenta.

É a minha consciência falando, mas podia facilmente ser a minha mãe dizendo na minha orelha.

— Hoje você vai ser o *píncipe.* E eu sou a *pincesa*. E você vai estar triste porque sua esposa morreu... — Meu Deus, mas isso não é traumático demais?

Luna anda falando muito sobre a morte. Venho notando que com o passar dos anos, ela vem, pouco a pouco, entendendo o que significa ter uma mamãe que é uma estrelinha.

Eu nunca escondi dela quem foi/é sua mãe, e nunca omiti também a verdade sobre o que aconteceu, mas acho que só agora,

um pouco mais velha, que vem entendendo o que isso significa.

Minha filha não sabe que a mãe morreu em um acidente, enquanto dirigia bêbada na volta para casa, junto ao seu namorado da época. Mas ela sabe que sua mamãe um dia saiu, sofreu um acidente e hoje em dia mora lá no céu.

Minha filha nunca chorou por causa da mãe, nem nunca perguntou muita coisa sobre ela, porém acho que está começando a ficar curiosa.

— Por que minha esposa morreu, borboletinha? — pergunto meio preocupado.

— Ué, as pessoas morrem, papai — me diz com a simplicidade que apenas um ser humano de seis anos consegue ter. — Mas não fica *tliste* não. Vamos arrumar outra para você.

Sorrio enquanto sou praticamente puxado para o palácio de Luna. Quer dizer, para o seu quarto de brinquedos.

Quando chegamos no seu mundinho cor-de-rosa, lotado de coisas de princesas, ela para e se vira para mim, ficando com a cabeça até levantada para olhar para o meu rosto.

Lá vem...

— Papai, minha mamãe já foi sua esposa?

Que vontade de mentir.

— Não, filha. Nunca foi.

— Por quê? — Não vejo a hora da fase dos porquês passar. Eita fasezinha difícil.

— Porque sua mamãe gostava de outra pessoa, filha. — Não é bem a verdade.

Maggie se apaixonou enquanto ainda estava grávida dela. Ela e Jasper davam muito certo juntos. Passaram de melhores amigos

para namorados em um piscar de olhos. Eu acho que ele sempre foi apaixonado por ela e Maggie caiu de amores quando ele ficou ao seu lado durante a gravidez de uma forma muito legal.

Os dois realmente se amavam, uma pena que eram irresponsáveis.

Ainda não sei como irei contar para Luna que sua mamãe tinha óbvios problemas com festas e drogas. Às vezes até acho que o melhor é não contar.

Não sei.

Esse é um problema para o papai Lucas do futuro. Ela é nova para saber dessas coisas.

— Então, ela tinha outro príncipe? — Pelo seu olhar, parece até que ela descobriu um novo mundo agora.

— Sim, ela tinha outro príncipe.

— Ele virou *estelinha* com ela?

— Sim, ele virou *estelinha* com ela. — Por favor, não fique traumatizada, por favor!

— Que bom, né, papai? Assim ela não ficou sozinha lá no céu. — Eu amo a mente dessa criança.

Eu amo essa criança e ponto-final.

— É, filha... — Nosso papo é cortado quando o meu celular toca.

Chego a sorrir quando vejo que é Olivia me ligando.

Saudades da época que ela vivia me ligando.

— É a tia Ollie — comento com a minha criança, que parece tão curiosa quanto eu. — Alô?

— *Você entende de construção?* — sua voz parece aflita.

— Mais ou menos. O básico. — E Luna segue ali, atenta.

— *Encontraram amianto na minha casa, Blake* — diz, quase chorando. — *Eu pedi para a minha mãe não começar essa reforma, mas ela é teimosa e agora eu estou sem teto, e meu irmão não me atende!*

— Nem sabia que você estava reformando sua casa.

— *Eu não estava!* — praticamente berra. — *Foi tudo a minha mãe*.

— Certo. — Vamos tentar não fazer ela querer voar no meu pescoço, ainda mais depois da nossa discussão na festa. — Eles te deram um prazo?

— *Pelo menos um mês para tirar tudo, mas depois eles terão que refazer o drywall inteiro. Minha mãe disse que acha que terei que morar uns dois ou três meses em um hotel, só que eu me borro de medo de hotéis, inferno*! — Tem pessoas que tem medo de escuro, outras de altura, Ollie tem medo de hotéis. Acha que todos são assombrados. — *E para completar, Jay não me atende!*

— Ele está viajando com a Penélope, volta daqui a dois dias.

— *Mas que inferno!* — grita, brava pra caramba.

Em seguida, cai no choro.

Olivia não é chorona. Menos quando está brava. Não importa o motivo, ela sempre chora quando está muito puta.

— Olha, vamos fazer o seguinte, eu vou aí te buscar e com calma vamos resolver essa situação. — Com um aceno de cabeça, minha filha já corre para pegar os sapatos enquanto eu vou para o meu quarto pegar um moletom.

— *Não tem solução, estou sem um teto por pelo menos dois meses e ainda por cima serei obrigada a ficar na casa do meu*

irmão, escutando-o foder minha melhor amiga — soluça. — *Vou ficar traumatizada para sempre*.

— Ei, você não precisa ficar lá, pode ficar aqui também. Não tem problema nenhum. — Faço o convite sem pensar muito no que estou dizendo.

Os olhos azuis da minha filha chegam a brilhar mais do que pisca-pisca em época de Natal.

— *Não posso atrapalhar a sua vida e a da Luna* — soluça como a boa *drama queen* que mora dentro dela.

— Luna vai amar ter alguém para brincar de bonecas com ela.

— Sim! — grita, realmente animada com a ideia.

— *Ela já sabe?* — Olivia pergunta, parecendo estar tentando se acalmar.

— Não, mas acho que se contarmos juntos... — Sim, estou dividindo a responsabilidade que só é minha na cara dura.

— *Estou na loja, ok? Vou ficar te esperando.*

— Ok, em uns trinta minutos estou aí. — E antes mesmo que eu me dê conta, Luna já está em seu assento no carro enquanto estou desligando o telefone.

— Papaizinho?

Lá vem...

— Sim, filha?

— A titia Ollie é sua namorada? — pergunta na lata, nem me preparei antes.

— Então... — E aqui vamos nós.



OLIVIA MOON FINNLEY

— Eu sabia que você gostava do meu pai, tia Ollie. — Gente, mas a humilhação desse dia nunca vai acabar?

Primeiro, foi o meu secador de cabelo que foi morar no céu dos secadores, depois foi a ligação do meu empreiteiro contando sobre o amianto.

Que caos!

— Filha... — Blake chama a atenção dela quando me observa encolher no banco do seu carro, envergonhada.

— Ela sempre fica *velmelhinha* quando você está perto, eu já notei — diz com uma propriedade que só me faz ficar com ainda mais vergonha. Ela tem seis anos e já percebeu, imagina ele que tem vinte e sete? — Não sou bobinha não, papai.

— Você está feliz que estou namorando com o seu pai, Luna? — pergunto, tentando levar o assunto para um outro lugar.

Pelo visto, Blake contou sobre o nosso relacionamento para ela enquanto vinha para cá. Luna, pelo que notei em nossos

contatos, é uma criança muito curiosa. Uma fofa, porém é preciso ter cuidado, porque até uma vírgula fora do lugar ela nota.

— Sim, você não é feiosa. — Preciso prender o riso com muita força porque realmente...

— O que já falamos sobre isso? Não pode falar assim das pessoas, filha.

— Mas aquela moça que falou mal de você é feiosa, sim. — Antes que eu me dê conta, estou tocando na perna de Blake, tentando dizer para deixar esse assunto pra lá.

É o pai dela, afinal de contas, que virou uma espécie de chacota nacional, ela está chateada e o jeito de lidar com isso é ficando com raiva da pessoa que foi “culpada’’ por isso.

Ela é apenas uma criança e eu entendo os seus sentimentos. Quem nunca sofreu na escola por que o seu pai tinha perdido um jogo importante?

Bom, crianças normais não, mas crianças como Luna e eu, é mais comum do que Blake gostaria de admitir.

Ele olha para minha mão e depois para os meus olhos, e por incrível que pareça, isso parece aliviá-lo de alguma forma. O maxilar se alivia e o bico de quem estava bravo se desfaz.

— Luna, não devemos xingar as pessoas e eu não vou admitir esse tipo de comportamento, ok? — diz firme, mas sem raiva. — Não quero ter que chamar sua atenção outra vez sobre o assunto, estamos conversados?

— Tá bom, papai — resmunga, sem paciência.

Em defesa dela, eu também achei bem feioso o que aquela moça fez, mas depois de Jayden me explicar tudo, confesso ter entendido um pouco melhor a situação.

Irina não estava certa e de jeito nenhum deveria ter feito o que fez, mas o que Blake não entende é que ele quebrou o coração daquela mulher. Ela se apaixonou por ele e provavelmente ele não quis nada sério.

Tudo bem, Irina era bem esquisita com essa história de ser influenciadora e parecia obcecada com a fama, mas ainda assim, acho que ela se apaixonou no final das contas, não soube lidar com a rejeição e fez uma cagada. Uma bem grande.

Uma imperdoável aos olhos de muito, inclusive aos olhos de Blake.

Pelo que conheço do capitão, ele nunca vai perdoá-la por isso, ainda mais agora que Luna está envolvida.

Ela tinha o direito de ficar magoada pelo óbvio pé na bunda. Tinha o direito até de se sentir usada. O que a mulher não tinha o direito é de fazer da vida dele um inferno por causa de uma coisa que ela disse que estava de acordo.

Irina aceitou ficar com ele sabendo como Blake funcionava.

Ele nunca mentiu. Ele não a iludiu. Ele não brincou com os sentimentos dela.

É por isso que eu acho que temos que ter cuidado com aquilo que aceitamos do outro. Às vezes aceitamos o que obviamente não queremos, fazendo nosso coração doer sem necessidade alguma.

O mais louco é pensar que para Blake o final tinha sido tão tranquilo quanto o começo, já que ele notou que ela queria uma coisa que não podia dar. Irina queria fama e um relacionamento, já ele não queria nada daquilo.

Era para ter sido simples, mas não foi.

Ainda tinha aquela parte sobre ela não conseguir dizer nada do que gostava nele e nem conseguir justificar o porquê desejava tanto ter um relacionamento sério com ele.

Eu que não o amo, posso fazer uma lista de coisas a se admirar nele, tirando a beleza da equação.

Ele é um ótimo pai. Um jogador dedicado e muito técnico. Muito carismático, mas também muito reservado e polido. É muito bom fazendo churrasco e consertando carros. É gentil e prestativo. É cuidadoso e preocupado.

Eu nem precisei de muito tempo para pensar nessa quantidade de qualidades. Como ela não pensou? Como Irina queria se casar com alguém que nem conhece?

Como ela sente tanto ódio por uma pessoa que, aparentemente, nem se importava?

Muito confuso.

Eu tento entender mais a cabeça dela, porém acho que quanto mais tento, menos entendo. Só espero que ela possa seguir em frente e se desprenda dessa mágoa boba.

Ele é só mais um cara, além do mais, acho que esse rancor e essa mágoa só vão fazer mal para ela mesma.

— Então... — Blake me olha, parecendo querer ter uma conversa para adultos. — Amianto?

— Amianto. A casa é antiga, é óbvio que tinha alguma coisa lá. — Respiro fundo para falar sobre o assunto.

Mamãe não tinha nada que ter iniciado essa reforma. Agora o que seria uma coisa de proporção mediana, se tornaria algo gigantesco.

Até mesmo os armários iriam ter que cair fora.

— Mas tem em muitos lugares?

— Cozinha, banheiro, sótão... — balbucio.

— Que merda, Ollie.

— Papai, olha a boca! — Luna brada e agora que percebo que ela está com os olhos colados no *tablet*.

— Perdão, borboletinha — responde, suspirando para o próprio descuido.

Esse homem já é um caso complicado. Ele com a filha... fica ainda pior.

Chega a ser triste.

Tinha tudo para ser meu homem dos sonhos, porém odeia ler em geral. Romance então, acho que não suporta. Bebe sempre que está fora da temporada. Ama charutos. Não sabe abrir uma porta para uma dama, parece até que vai cair a mão. É mulherengo. É ciumento sem noção. E ainda por cima, é completamente avesso a relacionamentos.

Blake sempre teve uma aversão a qualquer assunto que se direcionava ao amor. Parece até personagem de livro traumatizado que corre de relacionamentos como o diabo corre da cruz. É cômico.

Ele não é o homem dos sonhos de garotas como eu, mas não posso dizer que ele é um homem ruim.

Blake só não quer compromisso. E tudo bem. Isso não faz dele um cara tóxico. Só faz dele... humano. Ele tem o direito de não querer um, assim como eu tenho o direito de almejar um.

— O convite ainda está de pé, ok? — ele confirma a maior maluquice que ouvi depois de: “*Vocês vão fingir que estão juntos por seis meses”.*

— Acho que vou alugar um Airbnb — digo com confiança, tentando fugir daquela ideia ruim.

— Não vai não. — Ah, pronto. O senhor possessivo ataca novamente.

— E posso saber por quê?

— Todo mundo sabe que tem um monte de tarado que coloca câmeras nos apartamentos, então de jeito nenhum vou te deixar em um imóvel provisório por dois meses, ainda mais sem segurança.

— Papai o que é *talado*? — Ela é muito esperta, eu fico de cara.

— Uma pessoa feiosa, filha. Mas criança não pode dizer tarado, tudo bem? — responde meio em pânico.

Ela nem o responde, segue jogando no *tablet* como se nada tivesse acontecido.

Mas, de qualquer forma, ele tem um ponto.

É só dormir na casa dele também, que mal vai fazer?

Qualquer coisa é melhor do que ter minhas noites de sono atrapalhadas pelos gemidos de Penélope e Jayden.

Meu irmão e minha melhor amiga são, digamos... barulhentos. Agora que são recém-casados, eu fico até com medo de fazer uma mísera visita a eles e sair de lá traumatizada.

— Tem certeza que não vai te atrapalhar? — pergunto, meio desconfortável.

— Vai ser legal, titia Ollie. Eu até deixo você fazer *tancinhas* em mim. — Depois dessa, fica até difícil de negar.

— Eu sou muito boa fazendo trancinhas — murmuro e Blake sorri.

Esse sorriso selaria a paz mundial. Pelo menos em mim, ele sempre gera uma paz enorme.

— Jura? — soa surpreso.

— Uhum. — Deus, como eu vou conviver com a bagunça que é a vida de Blake? — Consigo até fazer uns penteados legais.

É tipo um dom.

— Que ótimo, porque sou péssimo em qualquer coisa que envolva cachos de uma criança. — Dá para perceber...

— Meu irmão vai reclamar. — E só por um olhar, eu já mando o recado para Blake: *Jay vai ficar puto se eu me apaixonar por você.*

Mas ele só dá de ombros como se dissesse: *Não vou deixar você se apaixonar por mim.*

— Eu gosto de *tancinhas,* tia Ollie — a menina diz e ao olhar para trás, noto os seus olhos ansiosos voltados para mim.

Eu tenho um fraco por crianças que é algo que vai muito além. Me dou bem com elas e até já trabalhei como babá em nossas férias em Hamptons, apenas porque eu realmente gostava muito.

Além do mais, conheço pouco da vida do Blake e ele também não conhece nada sobre a minha. Talvez se morarmos na mesma casa seja bom para a nossa farsa.

Daqui a algumas semanas, vamos começar a ter que alimentar nossas redes sociais com algumas fotos. E eu meio que confio nele.

Realmente, seria a melhor opção.

— Prometo que vou fazer trancinhas em você sempre que quiser — digo, sorrindo para Luna, que parece se iluminar com a resposta. — Posso pedir para levarem minhas malas para a sua casa então?

— Cl... Claro — Blake responde meio tenso, meio abobado.

Não entendo o motivo, contudo decido não perguntar.

— Eu posso pagar alguma...

— Não. Fora de cogitação — diz, firme. — Não precisa disso.

— Não posso ficar lá e não pagar nada, Blake. Serão pelo menos dois meses.

— Acredite em mim, trancinhas e brincar de boneca antes de dormir já está de bom tamanho. — E assim, ele parece finalizar a discussão.

“Cada vez que eu olho para as suas pernas, as imagino em volta do meu quadril enquanto meto tão fundo em você, que tudo o que conseguiria fazer é gemer gostoso no meu ouvido.”

A lembrança das suas palavras me atinge feito um raio. Como eu vou sobreviver morando debaixo do mesmo teto do homem que fala tudo no diminutivo com a sua garotinha e que comigo tem a audácia de dizer que me imagina gemendo gostoso em seu ouvido?

Inclusive, como vou gemer gostoso, chamando pelo nome dele, morando na mesma casa que ele?

Realmente, devo estar no meu inferno astral ou qualquer coisa do tipo. É a única explicação para ter tanto azar assim.

E como sempre, a única coisa que se passa na minha cabeça é: quanto será que Penélope quer ganhar para matar o meu irmão sufocado com o travesseiro?

Porque tudo isso segue sendo culpa dele!



Lucas Blake Bullard

Confesso que não me lembrava que Olivia era uma consumista, mas, pelo visto, é. Não tem a menor lógica uma única pessoa ter uma mala para sapatos e outra para roupas. Além do mais, ela sempre usa roupa bege ou azul-claro. Para que tanta coisa? Não tenho dúvidas de que se eu fuçar nessas malas, vou encontrar uns dez pares de All Star preto e pelo menos cinco suéteres azuis praticamente idênticos.

— Então, onde é o quarto de hóspedes? — É bem aqui que ela vai dar uma leve pirada, mas tudo sob controle.

Vai dar certo.

— Você vai ficar no meu quarto — limpo a garganta, ficando absolutamente focado no meu chá de hortelã enquanto Olivia me encara boquiaberta. — Não se preocupe, eu vou dormir com a Luna.

— Mas vocês não são *namolados*? — pergunta minha filha, surgindo do nada na cozinha. Jayden e Luna poderiam competir quem faz da minha vida mais difícil. — Pensei que *namolados* dormiam juntos, igual ao tio Jay e a tia Penny.

Poderia mentir para ela e dar uma desculpa qualquer, mas conheço muito bem a filha que eu fiz. Essa espertinha vai transformar esse assunto em algo enorme.

Pensando rapidamente, respondo:

— Pensei que você ia ficar com ciúmes do papai. Se o papai dormir com a titia Ollie, você não vai poder dormir lá comigo quando tiver pesadelo.

— Vou poder sim — responde, confiante. — É só vocês deixarem um espacinho para mim. A cama é *glandona.*

Ollie até olha para o outro lado, tentando não demonstrar a vontade de rir, me deixando sozinho para lidar com esse pequeno probleminha.

— A titia Ollie não vai gostar de ser acordada à noite, filha.

— Ela não se importa. — Olha o atrevimento dessa criatura. — Não é, tia Ollie?

— Lógico que não — responde rapidamente. — Por mim, tudo certo. De verdade, Blake, é só uma cama. Não é como se nunca tivéssemos dormido juntos antes.

Ah, me lembro da época que eu adorava chegar de uma festa, morto, e me deitar ao lado dela. Era raro ela ir para algum lugar comigo, mas, no final das contas, eu sempre dava um jeito de voltar para ela.

Observando Ollie, vejo a vergonha instaurada em seu corpo em forma de vermelhidão. A garota parece desconfortável com a ideia e eu não posso dizer que estou diferente. Só de pensar em dividir uma cama com ela, meu corpo parece entrar em combustão.

Eu penso muito em fodê-la.

Já pensei tanto que tenho uma imagem mental muito nítida de como seria o seu corpo em cima do meu.

Como viemos parar aqui? Como passei de um homem avesso a relacionamentos para um que traz a namorada falsa para morar com ele, me diz?

Jayden.

A culpa sempre cai nesse filho da puta!

— Filha, eu vou ajudar a Ollie a se organizar, você pode ficar vendo televisão enquanto isso? — peço, rezando para ela obedecer.

Luna nem me responde, sai em disparada para a sala de televisão e, por um segundo, me sinto aliviado.

Dura pouco.

Logo estou observando a gostosa da irmã do meu melhor amigo tirar seu suéter, ficando apenas com uma regata coladinha em seu corpo, fazendo meu pau endurecer na hora.

Os seios dela parecem ser uma delícia.

Tira o olho daí, Lucas Blake Bullard!

Quase posso escutar a voz da minha mãe na minha consciência.

— Eu não te deixaria dormir em uma beliche. Seu corpo precisa de um descanso apropriado — Ollie diz com gentileza. — Está tudo bem, somos dois adultos que podem perfeitamente dividir uma cama, sem maiores dramas.

— Você diz isso, mas está claramente desconfortável.

— Eu só tenho muita vergonha — diz, mordendo o lábio inferior. — Porém, acho que com o tempo vai passar. É até bom que ficaremos mais tempo juntos, porque acho que assim vou me acostumando com a sua presença.

— Ainda sente muita vergonha por causa daquele beijo? — Toco no assunto sensível.

— Não foi um beijo.

— Foi sim — teimo.

— Não foi não. Eu só encostei o meu lábio no seu. — E como foi tentador conhecer o gosto da língua dela naquele dia.

Nossa, como me custou ter força de vontade para ser um cara legal e me afastar quando tudo o que me foi dado não tinha passado de um selinho.

— Foi um beijo.

— Um selinho não pode ser considerado beijo nos meus padrões — resmunga, colocando a mão na cintura e tombando a cabeça um pouco para o lado. — E tenho certeza de que nos seus também não.

— Você tem razão. Nos meus padrões, se não tem língua, não tem beijo. — *Não pense na língua dela no seu pau. Não pense.*

E eu pensei...

Como eu pensei...

— Aquele episódio foi vexatório e prefiro não pensar muito sobre ele — argumenta com a voz um pouco mais tensa. — Eu era jovem e achava que você estava a fim de mim, do mesmo jeito que eu estava a fim de você.

— Ollie, você sabe que naquele dia eu só não te beijei porque você estava bêbada, não sabe? — Sei que ela não sabe, mas não vou ser escroto com a menina.

Ninguém merece ser tratado com grosseria por coisas que não controla.

— Foi por isso? — Me encara meio confusa. — Eu achei que você tinha me rejeitado.

— Se você tivesse esperado eu falar alguma coisa ao invés de ir embora correndo, iria saber que, na verdade, te levaria para o meu quarto na fraternidade e pela manhã te daria muitos beijos... — Deixo até a minha voz morrer.

Porque ela entende que não eram só beijos que eu daria nela depois que sua embriaguez passasse.

— Jura? — Ollie faz até biquinho. — Poxa, eu poderia ter vivido o meu sonho adolescente e não vivi porque fugi.

— Hoje em dia, acho que foi até melhor. Você ia querer namorar e naquela época eu estava fugindo de relacionamentos.

— Continuamos não pensando igual quando o assunto é esse.

— Ainda sonha em encontrar o namorado perfeito? — Isso sim seria uma coisa esquisita.

— Evoluí, agora já estou pensando em um marido. — Só a palavra me dá calafrios.

— É, de fato não combinamos. Eu ainda acho que relacionamentos são feitos para acabar.

— Meu irmão era assim e hoje ostenta uma aliança enorme no dedo anelar — debocha da minha cara. — Acho que você só não encontrou a mulher certa para acabar com esse preconceito besta.

— Esse é o pensamento que faz as mulheres se iludirem, Ollie. Existem pessoas que simplesmente não querem uma relação séria. Eu sou um deles.

— Aposto que é por besteira — se opõe, fazendo uma careta engraçada.

— Como é?

— Você escutou bem. Eu tenho certeza de que é por bobagem. Você não teve o coração quebrado por ninguém. Não consigo achar uma única explicação plausível para você ser tão avesso a uma coisa tão normal quanto um relacionamento *sério.*

Reviro os olhos, dando de ombros.

— Eu só não quero nada que me dê dores de cabeça. Olha o que aconteceu com a Irina. Envolvimento com as pessoas só dá merda.— Aproveito para pegar duas malas enormes e dar início a mudança da romântica incorrigível.

— O que você teve com Irina está bem longe de ser um relacionamento. Ela nem mesmo conhecia a sua casa, pelo que meu irmão disse. Inclusive, você mesmo afirmou que não eram namorados.

— Seu irmão e aquela língua dele ainda vão me colocar em problemas. — Já colocou.

Está sempre colocando, inclusive.

— Bom, o que estou tentando dizer é que não entendo o motivo dessa sua aversão. Achei que esses problemas só existiam em adolescentes. — Olivia não fica parada, ela pega duas malas de rodinhas e me segue subindo as escadas.

— Não gosto de coisas com finais — resmungo.

— Tem certeza de que é só por causa disso? — me pergunta, ofegante.

Não me passa despercebido que ela momentaneamente me pareceu mais confortável ao meu lado.

Eu gostei disso.

Acho que até gostei dessa nossa discussão.

— Homens são simples, Ollie — minto, porque é óbvio que tem mais coisa, eu só não gosto de falar no assunto.

Quando levo as malas para o meu quarto, começo a me questionar por que eu achei que seria uma boa ideia trazê-la para morar aqui. Suas roupas não cabem no meu *closet*. Eu não tenho um quarto decente para recebê-la e ainda por cima, posso acostumar minha filha a uma pessoa que não irá ficar por aqui para sempre.

Mas o que eu ia fazer? Deixá-la naquele antro de putaria que Jayden chama de lar?

Não poderia fazer isso com ela.

E ainda tem gente que tem a audácia de me achar um babaca.

Eu sou ótimo!



Olivia está com o abajur ligado e estou tenso porque não sei como dizer que eu não consigo dormir com o menor feixe de luz no quarto.

O pior nem é isso. Ela está dormindo com um moletom que, não sei por qual motivo, está me deixando agoniado.

Nunca pensei que sentiria tesão por uma mulher usando um simples moletom, mas sinto. Como sinto.

Por uma medida de segurança, coloco um travesseiro no meio de nós dois para evitar que meu pau duro cause algum acidente constrangedor.

E pensar que quando a conheci, achei que meu maior problema seria lidar com a dor na consciência por desejar a irmãzinha do meu melhor amigo.

Acho que o problema inclusive está na escolha de melhor amigo.

Eu deveria ter escolhido alguém sem irmãs fofas que ficam gostosas até mesmo usando um amontoado de pano e que são obcecadas por livros.

Como que Olivia consegue ler tão rápido? Pior, como esses homens, que são feitos apenas de palavras, conseguem arrancar suspiros tão altos dela?

Não é uma merda? Agora estou me sentindo ameaçado por homens que nem existem na vida real.

Olha onde a amizade com Jayden me levou. É mais humilhante do que ser detonado em rede nacional.

Falando em ser detonado, se eu não dormir nos próximos trinta minutos, ficarei muito fodido amanhã e eu não posso me dar esse luxo, já que será o primeiro jogo dos *playoffs* da temporada. Se passarmos dessa etapa, estaremos na copa Stanley.

Não sei quando foi a primeira vez que sonhei em chegar na copa Stanley, mas tenho certeza de que foi antes mesmo de conseguir ficar em pé nos meus patins.

Eu preciso estar preparado e pronto para esse jogo.

Mas esse cheiro está me matando.

A luz me irritando.

E a porra do moletom me tentando.

Vai ser na cabeça do Jayden que vou pensar amanhã quando tiver que socar a cara de algum filho da puta!

— Você não está conseguindo dormir, não é? — pergunta com uma voz serena que me faz abrir os olhos.

— Desculpa, eu sou terrível para pegar no sono — respondo, mas noto o instante em que ela olha o meu torso de cima a baixo e suspira.

Os homens literários podem até ser bons, porém acho que eu consigo ser ainda melhor.

Isso me alivia um pouco.

— Boa noite, Blake. — Enfim, Olivia apaga a luz e se cobre até o queixo.

— Me chame de Lucas — sussurro bem baixinho.

Não sei o porquê, mas prefiro que ela me chame pelo meu primeiro nome. Aquele que só minha mãe usa.

Toda vez que as memórias daquele beijo — que ela diz que não foi beijo — vinha na minha cabeça, me recordava da sua voz me chamando pelo meu primeiro nome.

Lucas.

Gosto de ser o Lucas para ela.

Sempre fui o Lucas dela.

— Boa noite, *Lucas* — murmura baixinho, arrepiando o meu corpo.

— Boa noite, *Moon*. — Uso o seu nome do meio depois de anos.

Ela solta até uma risadinha.

— Achei que tinha esquecido.

Ollie sempre está errada quando o assunto sou eu.

— Não esqueci. — Acho que nunca esqueci nada quando o assunto é ela.

Quando fomos apresentados, seu irmão me contou o seu nome completo e lembro de achar o do meio lindo. Mesmo ninguém mais a chamando assim, passei a usá-lo. Depois do nosso incidente, senti que a intimidade que tínhamos foi desfeita, então me segurava.

Mas agora ela está aqui. Na minha cama. Mais intimidade que isso, só se eu estivesse dentro dela.



OLIVIA MOON FINNLEY

É muito diferente estar aqui hoje em dia. Confesso que desde que o meu pai se aposentou, eu me desliguei completamente do hóquei. Nunca liguei muito para o esporte e parecia não ter mais sentido acompanhar, então simplesmente deixei de lado.

As arenas estão um pouco diferentes, mas a energia e a emoção ainda são as mesmas. O que mudou mesmo foi o meu frio na barriga. A atenção no jogo. Minha mãe sempre ficava brava comigo porque eu não gostava de prestar atenção no gelo, mas agora, pareço estar vidrada.

Em minha defesa, não é o jogo que me chama muito a atenção.

É ele.

O camisa sessenta e três, que age como um animal capaz de matar qualquer um, caso os desrespeitem

É como se existissem dois homens. Um é gentil e educado, que acorda de manhã com um sorriso no rosto e é capaz até de

fazer tranças na própria filha. O outro é bruto, grosseiro e olha feio para qualquer um que não vista o escudo do seu time.

Acho que não é à toa que ele seja o capitão. Até eu obedeceria a este homem.

Como se eu não tivesse vontade de obedecer a ele de qualquer forma.

Dormir com Lucas não pode ser chamado de martírio, porém confesso que é meio agoniante sentir seu cheiro pós-banho e não poder me aconchegar nele. Sem contar que a voz dele quando acorda é... Nossa, nem quero pensar nisso para não corar.

— Você vai acabar dando para ele sem encontro, nem nada, não é? — Penny comenta como se estivesse falando sobre o tempo.

Minha melhor amiga é sem-noção igualzinha ao Jayden. Acho que é por isso que eles deram tão certo.

— Não sei do que você está falando — desconverso, ainda vidrada no jogo que acontece bem na minha frente.

A arena inteira parece gritar para impulsionar os jogadores dos Raptors que hoje estão muito bem.

— Você está praticamente babando no chão por causa do Blake. — Meu irmão chega a prender o riso. — Pensei que iria te encontrar com um *Kindle* na mão, igual quando era adolescente, mas vejo que com a motivação certa, você até consegue gostar de hóquei.

— Estou fazendo o meu papel de namorada, não sejam chatos — retruco, tentando ignorar o frio no estômago que sinto quando Lucas passa bem pertinho de mim.

Poderíamos ficar no camarote, que é mais privativo, mas como a ideia é dar mais matérias para a imprensa falar sobre nós dois, optamos por escolher cadeiras próximas ao gelo. Entre nós e eles, existe apenas uma divisória de vidro, o que é bem legal, mas também bem prejudicial para o meu coração.

— Sem julgamentos, amiga. Eu me casei com o meu *crush* da adolescência. — Penny empurra o meu ombro com o seu. — Fiquei sabendo que Blake até te acolheu na casa dele por causa da merda da sua reforma.

— Ele é tão bonzinho, né? Aposto que colocou você para dormir no colinho dele — meu irmão diz com aquela ironia irritante.

— Ele foi um cavalheiro e se disponibilizou a dormir na cama de Luna. — E com uma maturidade de causar inveja, aproveito para mostrar a língua para o insuportável do meu irmão.

Jayden não se aguenta e joga a cabeça para trás em uma gargalhada falsa e teatral. Idiota.

Por que meus pais não quiseram ter apenas um filho? Se bem que eu sou a segunda, então deixa para lá.

— E você é uma tonta, não tenho dúvidas de que o chamou para dormir com você, porque não ia deixar o homem dormir no beliche da filha. — Odeio que ele me conheça como ninguém.

Que ranço.

— Não dou duas semanas para ele *macetar ela* — Penny diz para o marido, oferecendo um aperto de mãos.

— Eu aposto uma semana. — E assim, eles parecem selar um acordo besta que só me faz revirar os olhos.

— Não vai acontecer nada entre nós. Lembra que eu não faço o tipo dele?

— Você tem uma boceta, está dormindo na cama dele, ajudando a cuidar da filha dele e até que é bonitinha. — O jeito do meu irmão de aumentar a minha autoestima é comovente. — Acredite em mim. Ele vai te comer sem nem precisar imaginar uma atriz pornô no seu lugar.

— Homens fazem isso? — pergunto meio ofendida.

— E mulheres não? — Bom, ele tem um ponto.

Quantas vezes eu já não transei com outros caras, imaginando que era Lucas que estava comigo?

Qual é, não é uma questão de ser apaixonada por ele, questão é que o cara tem o rosto e o corpo que mais parecem ter sido esculpidos por Jesus Cristo.

É tão bonito que chega a ser desleal com outros homens.

— E lá vamos nós... — Meu irmão agora está completamente focado no que acontece no gelo.

Tudo acontece muito rápido. Em um momento, o jogo estava rolando, em outro, Lucas está jogando as luvas no chão e partindo para cima do seu adversário de equipe como se estivesse em um ringue de UFC.

Não consigo ver direito, mas pelo que entendo, ele está em cima do cara, socando-o como se o adversário tivesse xingado sua mãe. O mais louco é que talvez isso realmente tenha acontecido.

Hóquei é um esporte meio voraz. Os jogadores não são calmos, nem suaves. É tudo muito viril. Muito... Nem sei dizer.

Ao invés de ficar assustada com a cena ou até mesmo com medo, eu me sinto quente. E provavelmente estou, porque minhas bochechas estão vermelhas e meu coração parece que vai sair pela boca.

Ver esse homem sendo fofo com a filha é legal, porém vê-lo sendo um brutamontes, partindo para cima de outro é algo que me faz pensar em muitas coisas impróprias.

Muitas mesmo.

— Ele é... — balbucio para a minha melhor amiga.

— O jogador mais bonito da temporada — responde, mas leva um cutucão do marido em seguida. — Estou dizendo fatos. Blake realmente foi considerado o jogador mais bonito da temporada.

— E o melhor defensor também — completo.

— Penélope, o que você sempre está pedindo, ainda está mole, querida. — Viram? Nojento. — E você, irmãzinha, baixa logo essa calcinha para aquele homem e acaba com esse fogo que ele te dá. Umazinha não vai te matar.

— Cala a boca, Jayden — nós duas falamos em coro.

— Bom... só estou dizendo. — Dá de ombros.

A briga se encerra e vejo, sem piscar, Lucas indo até o banco de reserva com a cara de pouquíssimos amigos, depois de tomar uma punição de dois minutos por brigar.

Apenas uma coisa se passa na minha cabeça: seria tão ruim assim deixá-lo me fazer gozar uma única vez na realidade?

Ele já me fez esse favor tantas vezes na imaginação.



Encaro boquiaberta a televisão como se estivesse vendo a coisa mais louca da minha vida. E estou!

Depois da vitória dos Raptors para cima dos Hurricanes, o time ofereceu uma pequena festa de comemoração. É a primeira vez, em uma década, que o time começa os *playoffs* ganhando.

Muitos especialistas comentaram que a vitória dos Raptors é quase certa. Eles têm, em um único time, quatro dos jogadores mais bem pagos da liga, além, é claro, de contar com um dos melhores técnicos de todos os tempos.

Time, eles têm, agora resta saber se terão o mental para conseguirem se controlar dentro do gelo.

O que vemos naquela televisão, em um dos cantos da festa, é a reportagem sobre a briga que envolvia Lucas e a estrela do time dos Hurricanes, Jackson Payton. Aparentemente, Payton provocou Lucas dizendo que estava louco para me comer *de novo.* E que ainda se lembrava do... Não acredito que ele teve a ousadia de dizer que se lembrava de algo que nunca provou.

— Ele nunca me chupou — rebato meio chateada e recebo um olhar de reprovação de Lucas. — É sério, Jackson não passou do terceiro encontro.

Alguns jogadores já tentaram sair comigo e sei que era por causa do sobrenome que carrego.

Porém, nenhum durou mais do que dois encontros na minha mão.

Atletas estão acostumados a foderem com quem querem e quando querem. Eles não precisam escolher muito para ter sexo bom e fácil. Não que eu ache isso ruim, mas não sou do tipo desligada para esse tipo de coisa. Gosto de transar com quem confio e conheço pelo menos um pouco.

Sim, sou bem insuportável, mas é o meu jeito.

Inclusive, esse jeito é visto com maus olhos por muitos caras. Sobretudo, atletas.

— Perdeu um dente para ficar esperto — Lucas sibila, com aquela carranca que coloca medo em meio mundo de jogadores.

— Você é bem violento quando quer. — O encaro meio atordoada. — Não precisava cair na provocação dele. Nem era verdade.

— Estou pouco me fodendo para a verdade ou não. Ninguém fala de você na minha frente e passa ileso — diz com aquele sotaque texano que me deixa fraquinha das pernas.

— Hum... Obrigada? — Ele apenas acena com a cabeça, porém ainda parece bravo por causa dos comentários. — Você é realmente ciumento, né? Até que é meio fofinho.

— Não é só uma questão de ciúmes, Moon. — Esse apelido me deixa até sem fôlego. — Nunca vou deixar alguém te desrespeitar. Não deixava antes e vou seguir assim.

— Antes? — pergunto confusa.

— Homens conversam... — diz meio evasivo. — Alguns caras falavam sobre você no vestiário, mas isso passou a ser proibido.

— Por você?

— Por quem mais seria? — me pergunta, olhando dentro dos olhos.

O arrepio é certeiro.

— Meu irmão, talvez?

— Seu irmão é um idiota — confessa.

— Em minha defesa, nunca precisei defender a sua honra depois que Blake chegou em nossas vidas. — Meu irmão aparece

atrás de nós e algo me diz que ele sempre esteve ali. Escutando tudo.

— Até porque, estava ocupado demais defendendo a minha. — Penny prende o riso. — Quem lembra da época que eu tinha um rolinho com Mark Yerger?

— Não me lembra. Tenho taquicardia por causa desse assunto. — Como é dramático.

— Você demorou dois anos para pedi-la em namoro. Bem feito. — Jay enrolou a coitada enquanto pôde até que Penny começou a viver a vida dela e enfim, ele se tocou que ela não iria ficar a vida inteira sendo a foda fácil dele.

Bons tempos.

Meu irmão chorando depois de ter levado um pé na bunda sempre será uma das melhores memórias da minha vida.

— Eu era um moleque confuso — se defende.

— Você era um moleque covarde — Penny o repreende e a melhor parte é que eles não estão brigando, já que logo meu irmão puxa a esposa pela cintura e em seguida aproveita para beijar o seu pescoço.

Eles são um casal bonito. O amor ali é palpável. Às vezes me pego observando-os e pensando quando que vou ter algo assim também.

Quero essa cumplicidade. Esse sorriso. Essa intimidade.

Parece ser tão bom. Tão único.

Meus olhos viajam pelo meu irmão e Penny até encontrar com o gigante ao meu lado. Não me passa despercebido que, ao me virar, ele já estava ali me observando. Me enxergando.

Não sei o que aconteceu, mas de alguma forma, naquele momento parecia que a festa inteira tinha se silenciado. Ninguém mais existia, apenas nós dois.

Os olhos dele nos meus e o sorriso dele convidando o meu corpo a algo bem maior.

Durou o tempo de um piscar.

Mas quando o instante acabou, senti minha barriga gelar e minha bochecha esquentar.

Senti muitas coisas, porém a parte mais assustadora é que todas elas eram novas para mim.



Lucas Blake Bullard

Não sou um cara esquentado, mas admito que paciência é algo que me falta. Sempre faltou. É por isso que eu nunca quis ser uma celebridade. Não tenho muito tato quando estou irritado e mexer com alguma das minhas garotas é sinônimo de problema.

E dos grandes.

Nos veículos de fofoca não se fala de outra coisa, além do meu *affair* com a filha de Finnick Finnley e como esse relacionamento vem tirando o meu juízo. Como se eu já não fosse briguento normalmente.

Confesso que amo esse esporte justamente por nele podermos ser um pouco agressivos e extravasar a testosterona do nosso corpo.

Quando era mais novo, era viciado em esportes, inclusive, na escola praticava futebol americano e hóquei, e por causa do meu tamanho, sempre fiquei na defesa. Com o tempo, o meu amor pelo hóquei ficou muito maior, muito mais forte. Então foi fácil optar por ele quando já estava no Ensino Médio.

— Posso dizer com certeza que o plano do meu irmão está dando bastante certo. Nosso possível envolvimento está sendo bem noticiado — Ollie comenta enquanto deixa sua taça de vinho já vazia na bancada da cozinha.

Eu pico os tomates para o nosso macarrão, tentando ignorar a angústia que sinto quando penso que mais uma vez estou na boca de todo mundo.

— Pelo visto, somos muito *shippáveis* — respondo ácido, largando a faca e abrindo a torneira para limpar meus dedos.

— Você odeia mesmo quando se metem na sua vida, não é? Acho que nunca te vi tão sério antes.

— Não posso negar que me sinto desconfortável. É complicado para mim, me sentir exposto e vulnerável. Não sou como o seu pai, sabe? — O pai de Ollie era um mestre na arte de lidar com a imprensa.

Finnick era bem mais do que um jogador. Ele era uma estrela.

— Como filha dele, te digo: o seu jeito de lidar com essa vida é melhor. Você é muito focado e protege sua filha como ninguém. Acho isso bom.

— Como está se sentindo com esse caos? — pergunto, preocupado.

— Nunca gostei de ser o centro das atenções. Eu amo ser dos bastidores. Não é algo que me deixe mal, porém também não é confortável para mim. Estou tranquila agora, mas confesso que seria melhor se minha foto não estivesse por aí.

— Me deixa mal — confesso, fugindo do seu olhar atento, ao me abaixar para pegar a panela para o molho do macarrão.

— Por quê? Eu não entendo. Você é um dos jogadores mais respeitados da liga, Lucas. Acho que não deveria temer tanto a opinião pública. Ou pelo menos não tem motivos para isso.

— Não gosto de nada que saia demais do meu controle. — Nunca gostei. — Odeio como as histórias nesse meio podem ser completamente falsas. — Tipo a nossa. — Me sinto desconfortável em ser visto como uma pessoa completamente diferente do que sou. — Tipo o que a Irina fez comigo. — Sinto que quando nos tornamos figuras públicas, a coisa toda perde um pouco da realidade e as pessoas nos colocam em um pedestal que nunca pedimos para estar, e quando erramos, elas simplesmente querem nos cancelar. É complicado.

E por mais que não pareça, tenho severos problemas com rejeição.

Nem todo mundo nasceu cisne, às vezes, você nasce como um patinho feio e isso molda a sua personalidade inteiramente.

— Como você queria ser visto? — pergunta, atenta às minhas palavras.

— Como de fato sou. Um cara tranquilo, caseiro e primordialmente reservado, que prefere passar as folgas com a filha a qualquer outro lugar, além, é claro, de curtir a vida como qualquer homem com vinte e sete anos. Eu transo, saio, bebo às vezes... Sei lá, não quero ser visto como um ídolo, quero ser visto como um cara comum que dá o sangue, literalmente, para criar uma menininha sozinho.

— Não acha que já é visto dessa forma?

— Com essa situação, vou ser visto como mulherengo, que troca de namorada como quem troca de roupa, além de ser um

cuzão sem coração que brinca com a vida das outras pessoas. — Coisa que nunca fiz. — Porque posso até limpar a minha imagem sobre a questão de ser tóxico, mas sobre o restante? Nunca vou poder apagar isso.

Sim, não sou um príncipe encantado. Eu troco de mulher como quem troca de roupa. Isso está correto. Mas não brinco com os sentimentos de ninguém.

Não fodo com a cabeça de ninguém.

Não sou e nunca serei como o meu pai.

— As coisas que ela disse mexeram mesmo com você. — Ollie me observa quase com pena. — Irina só estava magoada... E outra, acho difícil que as pessoas realmente te achem tão escroto assim.

— Já conferiu o que estão dizendo sobre nós no Twitter? Tem muita gente apoiando, mas tem muita gente me julgando por coisas que nem são reais. É irritante.

— Você a traiu?

— Terminei com ela cinco dias antes de ficar com outra mulher. — Sou completamente sincero.

— Você disse mesmo que nada que estavam vivendo era sério? — A pergunta me pega um pouco.

— Eu fiz como sempre faço. Antes de colocar minha boca na dela, eu disse com todas as letras como as coisas funcionavam para mim e também que entenderia perfeitamente se ela não concordasse. Irina aceitou. Ela até falou que odiava relacionamentos sérios e estava cansada deles. O começo foi ótimo. Ela é uma pessoa divertida, leve e muito parceira. Nós saíamos uma vez por mês, no máximo duas. Eu nem tenho tempo de sair mais do que isso. Nunca vou trocar tempo com a minha filha por uma foda

sem significado algum. — Estalo meus dedos, meio nervoso — Eu nunca tive problemas com mulheres. Você sabe disso. Não sou conhecido como alguém ruim. Quem caía na minha cama, sabia muito bem o que iria encontrar. Nunca expulsei nenhuma mulher dela como se ela não valesse nada. Eu trato bem. Sou respeitoso. — Eu posso não dar o máximo, mas o mínimo sempre dei. — Porra, o que aconteceu com Irina não tem nem lógica.

— Se importa de me contar mais? — Não dá, ela é muito fofa. — É que me incomoda muito essa parte de você achá-la louca.

Porque tem que ser tão empática? Irina não merece nossa empatia.

Irina não merece nada!

— Ela criou um Instagram onde gravava o seu dia a dia. Ela se dizia “namorada de um jogador de hóquei”, mas ninguém namorava com ela. Eu não vi tantos problemas, porque entendi que aquele era o trabalho dela. E então, começaram os pedidos. Todos eles envolviam carreira. Tudo girava em torno da carreira dela. Para ser sincero, comecei a perceber que até mesmo as coisas que pareciam ser sobre mim, no fundo, eram sobre ela. O relacionamento passou a ser permeado de dívidas. Ela fazia algo legal por mim, eu tinha que apresentar ela para alguém. Irina via que estávamos bem, passava-se um tempo e eu tinha que ajudá-la em alguma coisa. Sempre envolvia carreira. Sempre envolvia alguma coisa relacionada a sucesso ou fama. Não me entenda mal, queria que ela fosse bem-sucedida. Queria que Irina conquistasse os sonhos dela, porém não queria me sentir tão usado no processo.

— Ela te magoou? — Ollie murmura como se agora entendesse muita coisa.

— Não chegou a tanto porque jamais me permiti gostar dela. — Ter o coração congelado serve para muitas coisas, uma delas é evitar sofrimento e desgaste à toa. — Acho que Irina gostou de mim, contudo, o que ela não entendeu é que para me proteger, eu precisei me afastar, porque não quero ser só um homem bonito para alguém mostrar para as amigas ou sei lá, um homem cheio de contatos que pode deixar alguém famoso. — Não quero ser usado. *Quero ser amado.*

Quer dizer, não quero ser amado bosta nenhuma. Paz já está ótimo!

— Irina não aceitou muito bem o fim.

— Ela quis me magoar como eu a magoei, e entendo isso. As pessoas são vingativas, mas é foda quando o ataque vem de forma desproporcional. Pelo menos, agora vejo que eu tinha toda a razão em não querer mais essa mulher na minha vida. Alguém tão filha da puta não merece muito de mim.

— Papai, olha a boquinha. — Luna chega na cozinha já com o seu pijama da Barbie.

— Não vi que estava aqui, filha.

— E onde mais eu estaria? Moro aqui, não lembra? — Tanto eu quanto Ollie prendemos o riso.

— Claro que lembro. — É meio estranho perceber que consegui falar sobre os meus sentimentos com Olivia.

Não sou muito bom nessas coisas e me abro para pouquíssimas pessoas, então é estranho notar que com ela é fácil.

Sempre foi fácil.

Quando ainda éramos estudantes e Ollie era apenas a irmãzinha do meu melhor amigo, já era assim.

Aquele beijo negado mudou tudo. Mudou a conexão que nós tínhamos e ao mesmo tempo, parece que nada mudou.

Uma conversa.

Uma farsa.

Era como se eu ainda fosse o Lucas dela enquanto ela ainda era a minha Moon.

— Quem vai me ajudar a arrumar a mesa? — Olivia diz animada, olhando para a minha filha.

— Titia Ollie, a gente sempre come no sofá — Luna responde meio confusa.

— Ah, é? — Luna tão bobinha. Minha filha acha que a senhora organização vai liberar comida no sofá? Acho até que ela morre. — Mas acho que é sempre legal fazer coisas diferentes, você não acha?

— Sim! — Minha pequena é uma criança feliz.

E posso dizer que isso me deixa mais realizado do que nunca.

No final das contas, a opinião de ninguém realmente importa. Se não atingir a Luna, o resto é apenas um detalhe.



— E então a princesa encontrou com o príncipe e eles foram felizes para sempre. — Termino de contar a história que inventei, comemorando internamente que a pequena grilo falante já está capotada.

Por causa do meu trabalho, nem sempre consigo estar presente em todas as ocasiões importantes do crescimento dela, mas faço de tudo para que esses pequenos momentos compensem as minhas ausências.

Temos uma babá que sempre fica com a Luna enquanto não estou em casa. Ela dorme com a minha filha, faz a comida e até mesmo ajuda nas lições de casa. Por aqui, a chamamos de anjo Jane, porque de fato ela é um anjo. Se não fosse ela, as coisas seriam um pouco mais confusas e intensas para a minha pequena.

Jayden também ajuda muito quando estou fora. Geralmente nos finais de semana de jogo fora é com ele que Luna fica.

Somos um bom time. Pequeno, admito, porém espero de coração que seja tudo o que ela realmente precise.

Depois de cobrir o seu corpinho com o cobertor rosa de unicórnio — claro que é de unicórnio —, dou um beijinho em sua testa e vou em direção ao meu quarto.

E é bem ali que anda morando o meu problema.

Quando entro no que antes era o meu lugar de paz, encontro uma mulher com os cabelos presos em um rabo, usando uma máscara no rosto que parece de plástico ou seja lá o que aquela gosma é, e claro... um livro na mão.

A pior parte: ainda a acho linda assim.

Ainda acho Olivia... Sei lá, Olivia é diferente para mim, sempre foi.

Não que eu seja apaixonado por ela, mas sei lá... Só é diferente.

— Meu Deus, ela já dormiu? — pergunta assustada, fechando o livro rapidamente e se levantando da cama.

— Hoje até que demorou. — Prendo o riso, mordendo o meu lábio, ao vê-la ficar desconcertada por causa de como eu a vi.

— Eu estou relendo o meu livro favorito — explica como se aquilo fizesse algum sentido.

Não espero muito para deitar na minha cama, ainda completamente vestido, me cobrindo apenas com o lençol. Não perco tempo ao olhar para a sua mesa de cabeceira e conferir o nome do livro.

O Preço de uma Escolha.

Nunca ouvi falar e confesso que não tenho a menor ideia do que se trata.

— É romance? — Porque pela capa florida, eu não consigo entender muito bem a história do livro.

— Sempre é romance — responde meio sem jeito ao se deitar na cama, já com o cabelo solto e o rosto limpo.

— E por que ele é o seu favorito? — pergunto, genuinamente interessado, e também tentando pensar em outra coisa que não seja o seu corpo coberto apenas por um short e pela blusa de seda.

As suas roupas são comportadas. Essa não é a questão... E para ser sincero, nem sei qual é.

O problema está nela.

No tesão que ela me provoca.

Em como eu tenho vontade de ver essas bochechas corando enquanto... Não. Parou. Eu não sou esse tipo de homem.

Olivia é uma colega. Está me fazendo um favor. E só.

Não vou tê-la. Nunca. Meu pau precisa entender o que a minha cabeça já sabe o mais rápido possível.

— Tem certeza de que quer falar sobre ele? Eu me lembro muito bem de você achar livros uma chatice.

— Ainda acho. — Não consigo me concentrar para ler um, nem se a minha vida dependesse disso. — Porém, estou curioso. Por que você considera esse melhor do que todos os outros que já leu?

— Não disse isso! — rebate meio ofendida, meio rindo. — É sério, eu não disse. Todos os livros são meus favoritos, mas apenas esse tem o Killian, o que faz dele dono do meu coração.

— E quem seria esse Killian? — E o que ele tem de tão especial?

— Killian é o *badboy*, mal-encarado. Filho de um mecânico que mora na parte pobre da cidade. Ele está sempre com um cigarro nos lábios e uma expressão de poucos amigos, odeia todo mundo, até mesmo a mocinha dele — Ollie solta um sorrisinho enquanto se deita ao meu lado.

O cheiro dela é tão bom.

Porra, Moon, por que você tem que ser tão boa?

— Em uma noite, ele conheceu uma menina. Ela não tem nome. Ela é uma ninguém para ele, mas aquela noite mudou tudo.

— Por quê? — Fico com uma súbita vontade de tocá-la, porém me impeço.

Ela não é minha. Pelo menos, não de verdade.

— Porque ele não se sente mais sozinho no mundo e ela se sente vista pela primeira vez na vida. Duas almas solitárias e únicas que finalmente se encontram. Ela passa a ser a pessoa favorita dele enquanto ele faz o coração dela finalmente bater mais forte. — Ollie reluz enquanto fala sobre o livro. Gosto disso. Jamais leria um livro

por ela, mas acho que posso me acostumar a escutar as histórias que ela tanto ama. — Amo o jeito que Killian a ama, mesmo que não faça sentido, sabe? Ele foi muito machucado pela vida, mas isso não o impede de escolher a filha do prefeito que é completamente fora dos limites para ele.

— A filha do prefeito? — assobio. — Parece complicado.

— E é... Chega um momento que eles acham até que são irmãos. — Arregalo os olhos. — Mas calma que eles não são. Tudo é explicado depois.

— Esse Killian então paga o preço por amar alguém? — Fofo, porém muito irreal para o meu gosto.

— Ele paga, sim. Ele é perfeito. — E também é feito de palavras e é fruto da imaginação de uma mulher que adora iludir meninas como Olivia.

Não estou dizendo que homens não amam, mas homens jamais vão lutar tanto por um amor como nos livros.

Somos práticos. Se der certo, deu. Se não der, bom, vida que segue.

A minha pelo menos seguiu. Algumas vezes.

Eu já me apaixonei na vida. Claro que sim. Sei que o amor existe. Eu só não acho que ele é algo que dura por muito tempo.

E o seu final...

Bom, o problema do amor sempre está no final.

— Boa noite, Lucas — murmura, já fechando os olhos para dormir.

— Boa noite, Moon.

Depois que apago a luz, ainda demoro mais um pouco para dormir.

Memórias passam pela minha cabeça e algumas coisas rondam a minha mente.

É, pelo visto, eu jamais escolheria alguém acima da minha razão.

Mas se tem alguém que consegue roubar um pouco dela é a Moon.

Sempre acreditei que astronautas eram loucos por viajarem até a lua. Parece algo tão maluco. Tão impossível.

Essa mulher, às vezes, me faz sentir como um astronauta.

Mesmo sendo impossível.

Mesmo sendo bem difícil.

De vez em quando, me pego acreditando no amor e tudo por causa dela.

A fé dela nesse sentimento contagia qualquer um.

Moon me faz acreditar que o amor eterno é como pisar na lua. Mesmo que não faça o menor sentido, não é impossível.



OLIVIA MOON FINNLEY

Luna me olha como se eu tivesse que fazer algo com ela, mas de verdade, não faço ideia de como entreter uma menina de seis anos que deveria estar na cama há algumas horas.

Quer dizer, saber, eu até sei, o problema é que o papai dela não vai gostar.

Não estava no nosso combinado que a babá dela fosse embora quando eu chegasse, mas acho que como a namorada de Lucas e nova moradora dessa casa, a mulher achou que o mais correto fosse dar o expediente como encerrado. E sendo sincera, não a impedi.

Conheço Luna. Ela já passou milhares de finais de semana na casa do meu irmão, que mal faria cuidar dela essa noite?

— Já sei! — falo animadamente. — E se você fizer penteados legais no meu cabelo?

— Sim! Sim! Sim! — A pequena se levanta do sofá e corre para o andar de cima da casa.

— Cuidado com a escada! — berrei.

— Já volto*! Espela* aí. Quietinha, titia Ollie. — Olha a afronta.

Essa menina é uma verdadeira piada.

Depois de algum tempo, Luna desce as escadas, segurando não só um pente nas mãos, mas também uma enorme frasqueira que tenho teorias de que esteja lotada de coisas.

— Você podia me ajudar, né? Está bem pesado — diz de forma teatral.

— Ah, claro. — Me levanto rapidamente, indo em direção a ela e ajudando-a com a sua enorme maleta.

— Eu ganhei tudo isso do tio Jay — me conta de um jeitinho tão fofo que me dá vontade de apertá-la. — Meu pai ficou muito bravo porque ele não gosta que o tio Jay me *mima* demais. — Por um momento, ela parece tomar fôlego e fica pensativa — Tia Ollie, o que é *mima*?

— Mimar? — Solto uma risadinha. — É tipo... — Gente, como se explica uma coisa dessa? — Tipo... Uma criança que ganha tudo e depois não sabe ouvir um não. Entende?

Eu sou a pior tia do século.

— Ah, não tem como eu ser... — Ela trava sem saber como terminar a frase.

— Mimada.

— Isso aí! — Quando vejo, estou sentada no chão da sala de estar enquanto Luna começa a pentear o meu cabelo.

Quer dizer, ela começa a tentar porque parece bagunçá-lo mais do que realmente arrumá-lo.

— Por que não tem como você ser mimada?

— Meu pai sempre fala não para mim — diz, séria, enquanto passa a escova no meu couro cabeludo como se a sua vida

dependesse disso. — *Assim não, Luna. Papai não gosta assim, Luna. Não fala das pessoas, Luna.*

— Jesus, quantos não's esse papai fala…

— Muitos, titia Ollie. — A concentração dela deixa tudo mais engraçado. — Ele é bonzinho, mas também é chatinho.

— Mas ele sempre quer o seu bem. — Lucas é um ótimo pai, porém não é dos mais bonzinhos que já conheci.

Ele é amoroso, mas não deixa Luna fazer só o que quer. Eu gosto disso. É gostoso vê-lo com ela.

— Titio Jay fala isso também. — Do nada, ela para de mexer no meu cabelo e para na minha frente com o rosto completamente em choque. — Você é irmãzinha do titio Jay!

— Bom, eu acho que sim. — Ah, as crianças e suas pequenas descobertas.

Será que só agora ela entendeu isso?

— Você gosta de ter um irmãozão? — Não aguento o jeito dela de me perguntar as coisas e simplesmente começo a rir.

— Eu gosto muito de ter um irmãozão. — Tirando o fato de ele ser um cretino arrogante que faz planos malucos e me coloca no meio da confusão que é a carreira de um astro da NHL.

De resto, ele é ótimo.

— Eu sempre quis ter um irmãozão, mas meu pai diz que não tem como, *poque* ele tinha que ter nascido antes de mim, então como não nasceu, eu fiquei sem irmãozão. — Ela não sabe a sorte que tem.

— Mas você ainda pode ter um irmãozinho ou uma irmãzinha, o que acha?

— Você vai ter um bebê com o meu pai, titia Ollie? — Ai, meu Deus!

Fico vermelha como um pimentão e sinto meu corpo inteiro borbulhar em uma vergonha quase palpável.

— O quê? Não. — Nego rapidamente. — Não, amorzinho. Nós não teremos bebês.

— *Po quê*? — Faz um beicinho fofo que quase me deixa comovida. — Você não ama o meu pai?

Meu Deus do céu.

— Imagina, titia Ollie, se eles tivessem os olhinhos verdes como os meus e os do papai, e fossem pequenininhos como você. — Detalhe, eu devo ter mais do que o dobro do tamanho dela, mas ok.

— Querida... — Tento consertar minha meleca, mas nada vem.

Nenhum argumento.

Nada.

Meu Deus do céu, como queria que o meu irmãozão estivesse aqui para me salvar disso.

Até porque, tudo isso segue sendo culpa dele.

— Cheguei! — Um Lucas muito feliz entra em casa, mas logo seu sorriso morre. — Luna Bullard, posso saber por que ainda não foi dormir?

— Titia Ollie me chamou para brincar de *cabeleileiro* — Como ele consegue ficar zangado com ela ainda é um mistério, porque eu mesma só sei rir.

— O combinado é você sempre estar na cama antes das nove em dias de escola, filha. Já são quase uma da manhã. — Agora é

para mim que ele olha meio bravo. — O que rolou com o seu cabelo?

— Sabe como é... última moda no Lunaverso.

— Papai, por que a tia Ollie não quer ter filhinhos com você? — Acho que Lucas fica até zonzo com a pergunta.

— Filha, que pergunta é essa?

— Eu contei para ela que não tem como você me dar um irmãozão, daí pensei, por que não me dão um irmãozinho? Também serve. — Graças a Deus, ela tem pai.

Como Lucas vai explicar isso para ela é um mistério para mim, mas a melhor parte é que não é problema meu a solução disso.

Eu sou apenas a namorada de mentirinha.

— Porque o papai não quer ter mais neném. — Ah, ele não quer?

Menos um item na minha lista que ele não cumpre. É impressionante como Lucas é tudo o que eu não procuro em um cara, mas mesmo assim o desejo.

— Que pena, eles seriam pequenininhos iguais a Ollie. — Eu tenho um e sessenta e quatro, nem sou tão pequena assim.

Crianças essas que eu quero, inclusive.

Quero engravidar, ver a barriga crescer, parir... A coisa toda.

É importante para mim encontrar um parceiro que também queira viver isso comigo.

— Vamos dormir, filha — ele chama a garotinha, pegando-a no colo.

Ela não faz birra. Vai sem reclamar.

Eu também não reclamaria se estivesse no colo desse homem. Olha o tamanho desse braço... As veias... Nem vou comentar sobre

o tamanho da mão.

Lucas é do tipo de homem que te dá vontade de ajoelhar no chão e agradecer a Deus o poder da visão.

Lindo.

Lindo de morrer.

Uma pena que é um partido ruim.

— Boa noite, titia Ollie — a pequena se despede de mim e vejo que pela primeira vez na vida, Lucas está completamente desconcertado.

Diria até que ele está quase morto de vergonha.

É quase um alívio, já que sou eu que sempre passo vergonha quando está com ele.

— Boa noite, Lulu.

Enquanto Lucas coloca a filha para — finalmente — dormir, eu começo a juntar os seus brinquedos.

Guardo tudo até que acho perdida nas coisas dela uma fotinha de Maggie. Me lembro dela, era uma das líderes de torcida do time de futebol da faculdade. Muito popular. Muito linda. Loira, alta e com olhos tão azuis que quase chegavam a ser cinzas.

Maggie era muito bem resolvida quanto aos sentimentos perante a Lucas. Ela nunca o quis como algo além do pai de sua filha, assim como ele nunca a quis como algo além.

Às vezes, me pego pensando em como Lucas lida com a falta dela. A vida dele seria bem mais tranquila com ela por aqui, além, é claro, de dar a Luna uma mamãe na Terra, como a pequena mesmo diz.

Pelo que notei, Lulu já começou a perceber que não tem uma família como a de alguns de seus colegas, então perguntas e

sentimentos estão começando a surgir. É bem provável que o desejo de ter irmãos seja por causa dos amigos que devem ter a essa altura. Será que ela também quer uma mamãe?

Pare de pensar bobagens, Olivia Finnley!

Uma semana nessa casa e já estou ficando toda manteiga derretida. *Como se eu não fosse normalmente, mas tudo bem.*

Quando termino de organizar tudo, subo para o quarto e aproveito para usar o banheiro antes que Lucas chegue.

Minha rotina noturna é sempre feita religiosamente. Preciso lavar, hidratar e passar alguns séruns no rosto. Além de tomar um banho quente e passar um óleo corporal antes de me deitar.

Sou a organização em pessoa. Certinha. Metódica. Quase entediante.

Diria que gosto que tudo seja previsível. Inclusive, tenho uma mania irritante de amar reler os livros que já li, apenas porque sei o final.

Por isso, sou obcecada por listas, planilhas e agendas.

Meu melhor amigo sempre será um post-it.

Tenho hora para acordar, para tomar café e até mesmo ir ao banheiro. Eu diria que amo a minha vida quando sei exatamente como ela vai prosseguir.

É por isso que tenho uma lista de como deve ser o cara perfeito.

Não quero surpresas.

Não quero divórcios.

Acho que, no fundo, eu quero mesmo a perfeição.

— Hoje o jogo foi incrível, você assistiu? — Lucas me pergunta e sem que eu espere, ele me dá um beijo na bochecha ao mesmo

tempo que passa a mão na minha cintura, me arrepiando inteira.

Como se isso fosse rotina.

Como se chegasse do trabalho sempre louco para me contar sobre os seus jogos e, de quebra, tivéssemos intimidade para beijos na bochecha e mãos na cintura.

A parte mais esquisita é que eu não sinto como se isso aqui fosse novo. Como se fosse algo estranho.

Parece quase familiar. Como se fosse sempre assim. Como se fosse o certo.

— Não vi porque estava com Luna. — E vai que ele virasse o homem das cavernas de novo?

Acho que ela não ficaria muito feliz em ver o pai em uma briga. Eu mesma odiava ver o meu.

— Ganhamos daqueles filhos da puta, mas isso não foi o melhor. — Vem aí, Lucas versão homem das cavernas. — Consegui arrancar mais um dente do cretino que falou mal de você e nem foi à base do soco.

— Até o final do campeonato, ele fica sem dente — brinco, mas estou um pouco preocupada, admito.

— Espero que sim.

— Sádico.

— Eu diria rancoroso. — Está aí um fato.

— Desculpa por hoje. — Quando ele coça a nuca sem jeito, meus olhos vão subitamente para o bíceps marcado.

Eu.

Ele.

Nesse banheiro.

Isso aqui não vai dar certo.

— Está tudo bem, ela é criança. — Tento amenizar a situação.

— Luna está naquela fase de querer a mesma coisa das outras crianças e duas amiguinhas do colégio tiveram irmãos esse ano e outras já têm irmãos mais velhos. Acho que ela quer se sentir incluída também.

— Daqui a uns anos ela vai agradecer por não ter um chato na cola dela, vai por mim.

— Até parece que você não idolatra o seu irmão.

— Eu o amo, não viveria sem aquele chato, mas acho que Luninha vai crescer e ver motivos para agradecer de ser filha de um pai maravilhoso, e melhor do que isso, não terá que dividi-lo com mais ninguém.

— Pai maravilhoso, hein? — fala, envaidecido.

— Duvido que não saiba disso. — Reviro os olhos, aproveitando para sair dali.

No closet dele tem algumas malas minhas e em seu quarto, mesmo que de forma organizada, estão todos os meus sapatos.

É tudo provisório, mas é meio agoniante.

— É bom ouvir você me elogiar. — Sua voz é mais grave e por um segundo, o clima fica mais denso.

Mais intenso.

Minha respiração muda.

— Vou tomar banho, Moon. — Por que isso soa quase como um convite?

Por que esse aviso faz minha boceta pulsar?

Inferno!

— Boa noite, Lucas. — Nem chego a me virar.

Não posso estragar tudo. Pelo menos, não por causa de um cara que claramente não é o certo para mim.

— Boa noite, Moon.

E assim, ele fecha a porta do banheiro e eu fico ali.

Perdida e molhada.

Será que se eu colocar laxante no café do meu irmão, Penny irá brigar muito comigo?

Como Jayden merece sofrer, porque essa tortura que estou passando aqui é desumana.



Lucas Blake Bullard

Minha costela dói. Minha cabeça está latejando. A repórter me olha com uma animação que estou longe de sentir.

Odeio perder.

Odeio sentir esse gosto amargo por causa do meu fracasso.

— É uma pena o resultado de hoje — ela diz com um sorriso no rosto. — Como capitão, você entende como o time chegou a esse resultado desfavorável?

— Nem sempre é o nosso dia, mas tenho certeza de que no próximo jogo estaremos prontos para alcançar a vitória — minha resposta é seca e sincera.

Confesso que não sou o jogador com mais carisma da liga. Odeio dar entrevistas e odeio mais ainda sentir que estou sendo colocado contra a parede, mas faz parte do trabalho, então apenas preciso lidar com isso o mais rápido possível.

— Estamos escutando muitos boatos sobre um possível envolvimento seu e de Olivia Finnley, a filha mais nova do grande astro, Finnick Finnley. Tem algo para comentar sobre isso, Bullard?

Então foi hoje que Jayden escolheu para liberar para a imprensa? Não tem uma pergunta aqui que não foi liberada e aceita pelo meu querido empresário. Ótimo, simplesmente perfeito.

Em algum momento, eu deveria assumir o meu relacionamento com Ollie, mas jamais imaginei que seria em uma entrevista.

É estranho ter que fazer isso. Nunca assumi um relacionamento antes e mesmo que seja de mentira, ainda não é algo confortável para mim.

— Olivia entrou na minha vida há alguns anos e sempre foi alguém especial. Foi natural que as coisas evoluíssem para algo mais sério. — Chego a suspirar, meio exausto, no final da sentença.

— Então o coração de gelo, Blake Bullard, finalmente está fora do mercado? — *Coração de gelo?* Que idiotice.

— Estou feliz, é tudo o que tenho para dizer. — Corto o momento constrangedor, recebendo um sorrisinho meio enviesado da repórter.

Quando todo o martírio acaba, vou às pressas para o vestiário para tomar um banho e finalmente poder ir para casa.

Amo o meu trabalho. Sou obcecado pelos treinos. Pela energia quando estou no gelo. Pelo grito da torcida. Mas a parte da mídia... Nossa, essa sempre me pega.

Quando chego no vestiário, sou recebido com uma chuva de gritos e tapas, como se tivéssemos ganhado essa merda hoje. Eles são todos uns idiotas.

Nem parece que são jogadores do time favorito ao maior título do nosso esporte.

Loucos.

Imaturos.

Mas são talentosos, tenho que admitir.

— Está namorando! — o idiota do Manson começa o coro. — Está namorando!

E todos eles seguem, batendo na minha cabeça, rindo da minha cara. Alguns até parecem com inveja.

Qual é? Só porque Olivia é filha de quem é? Mal sabem eles que o seu sobrenome é a menor das qualidades que aquela garota carrega.

Ela é organizada e prestativa, além de ser muito gentil e simpática.

Ollie é rara.

Tão rara que me sinto meio desconfortável ao ver que ela seria a esposa perfeita. De outro alguém, porque eu mesmo estou fora desse mercado.

Imagina que bosta seria se divorciar de alguém como Olivia? Acho que não há superação para uma coisa como essa.

— É claro que o todo poderoso iria conquistar a princesinha do hóquei — Axel diz em tom de brincadeira. — Qual de nós conseguiria a proeza de entrar no meio das pernas da garota com os genes mais preciosos do mundo?

— Ei, Axel... — chamo sua atenção com a minha cara de poucos amigos.

Não que eu fique sociável quando estou trabalhando. Não sou conhecido por ser um cara legal e tranquilo. Em casa, eu posso fazer trancinhas, brincar de boneca e jamais aumentar o meu tom de voz.

No trabalho, as coisas mudam. Eu mudo.

Lá, eu sou Lucas, o papai da Luna. O cara tranquilo e paciente que ama abraços e distribui sorrisos sem se importar com mais nada.

Aqui, eu sou o Blake, o capitão dos Raptors. O cara que ninguém quer encher o saco ou enfrentar.

— Perdão, Capitão... — diz, mas posso ver que é sem culpa nenhuma. — Mas com todo o respeito, qualquer um de nós daria partes do corpo para ter um filho com aquela mulher. Já imaginou o talento que a criança poderia herdar?

Ele tem coragem, tenho que admitir.

Brincar comigo já é perigoso, agora brincar com a minha mulher... É quase suicídio.

— O último que falou de Olivia perdeu dois dentes no gelo, está lembrado? — falo tranquilo, com um sorriso quase letal nos lábios. — Sabe que não me importaria de fazer o mesmo com você, não sabe?

— Você é sádico. — River solta uma risada meio desconfortável. — Já espalhem a notícia: Olivia Finnley é território proibido para todos nós. Não falamos sobre ela. Não pensamos sobre ela.

— Ela agora se tornou... — Axel pensa alto.

— Intocável para todos nós — Mason completa.

É o trio do terror, isso sim. Bando de palhaços.

Uma pena que eu realmente goste deles, mesmo que não saibam disso.

— Não me façam quebrar a cara de ninguém — resmungo, contendo a risada.

É meio prazeroso saber que eles vão mesmo respeitar essa merda.

É idiota? Sim, mas prefiro cair duro a ver Olivia com outro homem. Inclusive, sempre evitei conhecer qualquer namoradinho da garota perfeita.

Sou maduro, porém tenho limites e os reconheço muito bem.



— Me deixe ver esse machucado, Lucas. Não seja teimoso — Ollie me pede pela segunda vez, mas não acho que precise de toda essa preocupação.

— Não foi nada, Moon. Estou bem. — Sou acostumado com cortes, socos, hematomas. Faz parte do meu trabalho.

Hóquei é um dos esportes mais brutais, se você não se acostuma com as dores é um sinal de que ele não é para você.

— A pancada foi feia, eu estava vendo o jogo hoje — diz, se sentando na beirada da cama ao meu lado. Ter essa mulher perto de mim está ficando cada vez mais difícil. — Por favor, não vou dormir bem sabendo que está machucado.

Pedindo assim, fica bem difícil de negar.

Porra de menina fofa!

Respiro fundo quando tiro o lençol de cima de mim, expondo meu torso ainda com a camisa.

— Pode levantar a blusa se quiser ver, mas já aviso que está bem feio. — Olivia vai pirar.

A conheço o bastante para saber que ela vai ter um minisurto quando ver o roxo enorme que virou a minha costela.

Não quebrou, nem nada, porém foi uma pancada forte o suficiente para deixar o local completamente roxo e dolorido.

Com delicadeza, Ollie puxa a minha camiseta para cima, expondo meu abdômen para si. Ela fica linda com as bochechas rosadas, mas é quando molha o lábio inferior com a pontinha da língua para em seguida morder o mesmo lugar, que me faz sentir uma fisgada em um lugar que deveria estar adormecido a essa altura do campeonato.

Sentir tesão por ela é quase como respirar. Inevitável, além de ser necessário. É como se o meu corpo já entendesse o que a minha mente se recusa a aceitar.

Eu a quero.

De verdade.

Não tem mentira nenhuma na minha ereção ou nas batidas do meu coração.

Se eu a tivesse... Porra, tenho até medo se um dia isso realmente acontecer.

Seus olhos brilham e seu cabelo cai um pouco do coque, deixando sua aparência ainda mais angelical.

Até com desejo, a garota é calma.

Como será que ela goza? Como ela geme? Como ela ficaria se eu a chamasse de puta ou a mandasse ficar de quatro para mim?

Acho que eu iria amar ver essa garota corar enquanto a fodo com força.

— Está bem ruim — limpa a garganta, porém noto que se arrepia quando toca na minha barriga.

Meu pau endurece na hora, mas o lençol consegue evitar a minha exposição. Seu toque é uma delícia. Sua reação é uma perdição.

E, por um segundo, esqueço o porquê não posso ficar com essa garota.

Ela quer um amor e eu não.

Ela quer um marido, já eu quero sexo.

Não posso brincar com o coração dessa mulher. Não sou um cara ruim. Não sou assim.

— Está tudo bem, amanhã já deve acordar um pouco melhor. — Não é bem verdade, amanhã deve doer ainda mais.

— Precisa de gelo ou algum remédio? Posso ligar para o meu pai e perguntar o que é melhor nesses casos. — Sei muito bem o que o pai dela falaria, porque é a mesma coisa que eu diria:

“Dorme que amanhã está novo.”

Somos jogadores de hóquei, afinal, drama é coisa de moleque mimado e fraco.

Não somos esse tipo de cara.

— Está tudo bem, Ollie. De verdade — digo, gentil.

— Por que começou a usar bigode? — pergunta, do nada. — Você é tão bonito... E o bigode é tão…

— Não gosta do bigode? — brinco, porque eu sei que ela não gosta.

Desde que comecei a usá-lo, Olivia parece se irritar com ele. E digamos que acho gostoso ver essa mulher irritada.

— Não que eu ache feio, até porque, nada fica feio em você, mas... — Ela achava melhor antes.

— É o meu charme. — Dou uma piscadinha. — Sabe como é... Pai e texano. Um bigode cai bem.

— Você é tão idiota — sorri, rolando os olhos.

— Mas sou bonito — digo, convencido.

Não sou burro, sei que sou um homem bonito e que chamo atenção, mas de todas as mulheres que me observam atentas, quase chocadas com aquilo que eu mostro por fora, Ollie sempre foi a que mais parecia impressionada.

Às vezes sinto que não são só os olhos verdes e o tanquinho que agradam tanto ela.

Parece que ela realmente gosta de mim... Apenas de mim.

— E metido também — me rebate, sorrindo.

Ollie é tão linda.

Linda pelo que mostra por fora, mas principalmente por aquilo que é por dentro.

— Vai me dizer que não concorda comigo? — Meu tom de voz cai um pouco, deixando o meu sotaque mais acentuado e minha voz um pouco mais grossa.

— Não pediria um beijo se não gostasse da sua aparência.

— Não acho que você é do tipo de pessoa que só beija alguém por causa da aparência. Seu irmão vive me contando sobre sua lista de homem perfeito e sobre uma tal regra dos três encontros... Nada ali envolve aparências. É tudo sobre outras qualidades. — Preciso me segurar muito para não puxá-la para o meu colo e beijar sua boca como ela merece ser beijada.

Será que alguém já conseguiu arrancar gemidos dos seus lábios apenas usando a língua, baby? Aposto que seria uma delícia fazer algo do tipo.

— Meu irmão não te falou sobre isso de verdade, né? Você está mentindo. — Agora ela está roxa de vergonha.

— Eu sei sobre os quinze itens do homem perfeito e sobre a regra dos três encontros antes do cara sonhar em conhecer a sua calcinha. — Inclusive, achei a ideia ótima, vou aderir com a Luna.

Mas ao contrário de Ollie, minha filha exigirá um ano de encontros antes que o imbecil sonhe em tocar na minha menininha.

— Eu poderia envenenar o café dele, né? Seria rápido e muito eficaz. — Se ser melhor amigo daquele idiota já me coloca em vários problemas, nem consigo imaginar o que a pobre Ollie passa na mão dele.

Jayden não é normal e só uma doida para aceitar se casar com ele. E digamos que Penny sabe ser ainda mais louca.

— Eu acho fofo — admito, enrolando uma mecha do seu cabelo em meu dedo, despretensiosamente.

— É meio bobo.

— Talvez um pouquinho irreal. — Acho que os caras preferem gozar primeiro e conhecer depois.

Mas sendo sincero, o cara certo para essa garota vai aceitar os três encontros e se esforçar para se encaixar na sua maldita lista.

Eu não sou esse cara.

Na verdade, odeio encontros.

Aquela palhaçada de flores e conversas triviais e desconfortáveis não são para mim.

Olivia ainda por cima nem gosta de encontros normais. Ela deseja coisas épicas, dignas de livros.

— Um dia, quem sabe, eu consiga viver uma história de romance. — Dá de ombros, se levantando da cama. — Vou pegar

um remédio para você, já volto.

— Mas eu disse... — Menina teimosa.

— Já volto, Lucas! — me responde, já de costas para mim.

Como pode uma pessoa que mal tem bunda, ser tão gostosa assim? Sem sal só se for na cabeça de algum idiota.

— Para com isso, Lucas — brado para mim mesmo. — Sossega.

Suspiro.

Não consigo sossegar.

Jayden, seu filho da puta, eu vou matar você!



OLIVIA MOON FINNLEY

Como nasci assim sendo filha desses dois insanos? Acho que nem eles sabem como fizeram uma filha como eu.

Meu pai é um senhor que nem mesmo se parece com um senhor. O cabelo é grisalho, mas ele ainda malha diariamente e adora um botox. Enquanto minha mãe é obcecada com as marcas de luxo e o nosso bom e velho salão de beleza. Eles são loucos pelas próprias aparências, além de gostarem muito do estilo de vida luxuoso que levam. O problema deles nem está aí, mas sim na personalidade expansiva e estrelada que ambos carregam.

É meio estranho ser apenas uma garota normal quando se é filha de duas estrelas, porém sinto que eles me amam apesar de todas as nossas diferenças. Inclusive, deve ser por causa desse amor que eles estão aqui agora, loucos para saber mais sobre o meu relacionamento com Lucas.

Minha mãe deve estar pirando! Ela ama aquele homem e acho que sonha com o dia que vou entrar de véu e grinalda na igreja e pegar o sobrenome dele para mim.

— Você podia pelo menos ter me avisado que eles estavam aqui, seu traidor! — brigo baixinho com o meu irmão enquanto corto o restante dos tomates para a nossa salada.

Fui convidada para um jantar que deveria se chamar: armadilha sádica de irmãos mais velhos que não têm amor à própria vida.

Custava me dizer que papai e mamãe estavam na cidade?

Custava ser um pouco caridoso?

Mas Jayden vai ver só... um dia, eu ainda o faço pagar com juros as coisas insolentes que me faz.

— E qual seria a graça disso? — resmunga, me rebatendo enquanto serve vinho em duas taças.

— Eles vão nos comer vivos hoje, tem noção?

— Se lembra de quando você contou para mamãe que Penélope tinha dormido na minha cama nas férias no Havaí?

— Isso foi há, pelo menos, uns sete anos. — Ele é tão infantil que chega a irritar!

— Eu tive que aguentá-los tendo conversas intermináveis sobre educação sexual por meses! — me responde, sorrindo.

Filho da minha querida mãe!

— Você queria que eu fizesse o quê? Mentisse? Mamãe perguntou se a Penny estava dormindo comigo e eu não pude falar que estava.

— Óbvio que deveria ter mentido, porra! Não é o que está fazendo agora, inclusive? — *Respira, Ollie. Não mate o seu irmão.*

— Porque você pediu!

— Naquela época, eu também pedi, mosca-morta. — Ele nem parece afetado. — Agora vai lá para a sala mentir para mamãe.

— Eu odeio você! — sibilo, levando o *bowl* de salada.

— Você vai me agradecer quando aquele homem finalmente te comer.

— Argh! Cala a boca, Jay — murmuro, tentando fingir um sorriso, quando entro na sala imensa do apartamento de Jay e Penny.

— Estava aqui dizendo ao Bullard como eu estou feliz por ele ter sido o seu escolhido. Morria de medo de que ele nunca enxergasse a garota incrível que você é. — E a sessão vergonha tinha começado cedo, pelo visto.

Meu pai sonhava com o dia em que eu apresentaria um namorado jogador de hóquei para ele. Já eu, sempre tive medo do dia que isso acontecesse. Lucas não percebe, mas nos profundos olhos azuis do meu pai está vibrando um novo tipo de obsessão e consiste, intrinsecamente, em netos com pequenos patins e roupas de proteção, tendo aulas de hóquei com ele toda quarta-feira.

Meu Deus, a Luna... Tadinha da Luna!

Não duvido nada dos meus pais a adotarem como neta e começarem a tratá-la como tal. Se bobear, papai já até comprou um patins rosa para a pequena.

— Eu sou um homem esperto, Sr. Finnley — Lucas responde, me observando colocar a salada na mesa e logo em seguida, me sentar.

Aquele olhar esverdeado é capaz de arrancar o pior de mim. Chego a ficar sem graça com a resposta que o meu corpo dá a ele.

— Ah, querido, mas sabemos como a nossa pequena Ollie sempre foi apaixonada por você. — Eles querem acabar comigo, caramba? — É muito bom que finalmente estejam juntos.

Mamãe sempre teve problemas em segurar a língua dentro da boca assim como o meu irmão, então hoje não seria diferente.

— Eu não era apaixonada por ele! — Tento contornar a situação enquanto olho para a minha melhor amiga pedindo socorro.

A traidora número dois apenas dá de ombros, como se concordasse com eles.

— Não era? — Lucas prende o sorriso ao olhar para mim, me deixando ainda mais vermelha. — Aquele pedido na festa da fraternidade me diz o oposto, *baby.*

Baby?

É um apelido tão brega... Por que na boca dele fica tão bom?

Nada que ele faz é ruim? Não consegue ter um defeito?

Ah, lembrei. Ele tem um coração que não ama. Pelo menos, não como um homem pode amar uma mulher.

— Eu só queria te beijar, ué... — digo sem graça. — Não precisa estar apaixonada para beijar na boca.

A minha resposta parece acionar alguma coisa em Lucas, porque suas pupilas aumentam e um sorriso perverso atravessa os seus lábios.

— Você sempre faltou babar em cima do Blake, irmãzinha. Assuma que sempre foi apaixonada por ele — meu irmão complementa.

— Eu não era apaixonada! — Não era mesmo não. — Eu só tinha uma quedinha porque ele era o menino mais bonito que já tinha visto, além do mais, parecia muito com um personagem de livro.

— Eu era o menino mais bonito que você já tinha visto? — Por que Lucas parece tão surpreso?

— Também não entendi isso. Você convivia comigo e eu era tipo um deus grego. — Nem cogito responder o meu irmão.

Ele não merece minha resposta.

Deus grego? Só porque é loiro de olho azul não faz dele um deus grego. Agora o Lucas... Ah, esse sempre foi diferente de qualquer um.

— Claro que você era, já viu as suas fotos naquela época? — Os olhos dele até brilham.

É bonito.

Não de uma forma normal, e sim de uma forma quase intocável.

Quero ver esses olhos brilharem mais vezes.

— Bom, minha filha, se não era apaixonada por ele antes, agora com certeza é. — Mamãe solta uma risadinha para o meu pai. — Eles não são uma graça?

— São sim, uma graça — é meu irmão quem a responde, com um tom de aviso.

Pelo olhar dele, já sei que está bravo comigo.

Mas eu não estou apaixonada.

É sério.

Sinto muita vontade de transar com ele? Sim.

Sinto muita vontade de conhecer a boca dele? Sim.

Estou adorando dormir ao lado dele? Sim.

Mas isso é tranquilo. Normal, eu diria.

Tento dar um sorrisinho sem graça para Lucas pedindo desculpas pelo caos que é essa família, porém ele não parece se importar.

— Então, como Luninha lidou com a notícia do namoro de vocês? — mamãe pergunta e Penny e Jay aproveitam para servir o nosso jantar.

— Ela está apaixonada pela Olivia tanto quanto eu, Sra. Finnley. — Fofo. Respeitoso. E quase parece estar falando a verdade.

Ao mesmo tempo que fala, como se não fosse o bastante, Lucas sobe sua mão pela minha coxa e a deixa bem ali. Eu estou de vestido, o que deixa tudo simplesmente pior.

Sua mão é quente e tira tudo de mim, menos o olhar meio alarmado.

Acho que ele não entende o que está fazendo. Para Lucas, é apenas ele sendo o namorado de alguém. Ele precisa me tocar, assim como Jay faz com Penny ou meu pai faz com a minha mãe. Mas poxa, a mão dele é enorme e cobre bem mais do que a metade da minha coxa.

Isso me dá ideias.

Me deixa meio estática.

Atenta.

Ansiosa.

E com tesão.

É só uma pegada na perna desse homem e eu estou queimando. *Imagina se um dia ele beijar a minha boca?*

— Está tudo bem, *baby?* — sussurra no meu ouvido e preciso me concentrar para não suspirar.

— Uhum — murmuro em resposta.

— Você fica linda com vergonha. — Cara, ele precisa segurar esses flertes. Está começando a ser demais para mim.

O problema não está no coração que bate acelerado, ou nas borboletas que flutuam na minha barriga.

Não.

É pior.

O problema está na calcinha ensopada e na vontade latente de pedir que ele arranque a minha roupa e alivie o desejo que parece estar me consumindo.

O jantar continua e todos parecem alheios a todas as sensações que Lucas me provoca. Eu, que sempre fui tão racional e até mesmo metódica com os caras que saio, pela primeira vez, sinto uma vontade quase incontrolável de fazer coisas que sempre achei errado.

Eu gosto do romance.

Da calmaria.

Da risada.

Do bom.

Não encontro nada disso no meu desejo por Lucas e o pior é saber que talvez seja exatamente isso que me faça desejá-lo tanto.

Ele não vai ser calmo, nem controlado e o principal, não vai me dar um futuro.

E eu sempre quis um futuro.

Realmente preciso de um futuro com ele? E se...

Não.

Eu não sou assim.



— Seus pais são legais, sempre gostei deles — murmura rouco do meu lado na cama enquanto tento prestar atenção no meu livro.

O problema é que eu não quero ler a foda de Savannah com o seu chefe.

Quero foder com o meu namorado de mentirinha.

Meu Deus, eu quero mesmo ser fodida? Olha as coisas que esse homem me provoca!

— Eles são ótimos... — Mesmo quando me fazem passar uma vergonha que me dá vontade de fugir para as colinas e nunca mais voltar.

— Você ficou estranha, aconteceu alguma coisa? — Aconteceu você, seu infeliz gostoso do caralho!

— Só estou pensativa — digo meio desconfortável — Você me deixa um pouco confusa.

Queria entender o motivo que me separa do meu homem dos sonhos.

— Você não se apaixonou por mim de verdade, não é? — questiona com os olhos arregalados.

Como se me apaixonar por ele fosse um crime.

E acho que seria.

Eu não deveria ficar aqui, não é? Sei que não. Por que eu só não vou embora?

— Claro que não — rebato ácida. — Eu só...

— Você só precisa me entender. É. Às vezes eu queria fazer o mesmo.

— Acho estranho notar que você é tão bom na mentira, mas jamais aceitaria algo como aquilo de verdade. Não acha que o seu futuro será solitário?

Suspiro, mexendo um pouco no cobertor, tentando digerir todas as emoções que estão me corroendo agora. É tão difícil lidar com ele. Com a minha óbvia atração por ele. Às vezes sinto que estou tentando achar alguma brecha para só... ficar com ele.

É isso.

Eu quero muito ficar com ele.

Beijá-lo.

Nem que fosse apenas uma vez.

— Minha mãe foi casada por dezessete anos e terminou sozinha de qualquer forma — me responde com naturalidade. O homem reservado e gelado parece não se importar em falar sobre si mesmo comigo. E isso me agrada bem mais do que eu gostaria de admitir. — Meu pai foi casado por dezessete anos e não se importou quando se apaixonou pela colega de trabalho.

— Seu pai já traiu a sua mãe? Eles parecem se dar tão bem — comento meio chocada.

— Hoje em dia, eles convivem de forma pacífica, como uma família, porque eu os obriguei a isso. Até a Luna nascer, era tudo um inferno.

O quarto está iluminado apenas com a luz do nosso abajur, o que deixa seus lindos olhos verdes ainda mais bonitos. É como ver uma tormenta se formando. Não consigo tirar meus olhos dos dele.

— Tudo bem se não quiser falar. — Tento ser educada, porém a verdade é que estou louca para conhecê-lo mais.

Lucas me intriga.

— Minha mãe é católica. *Muito* católica — diz, prosseguindo, ignorando minhas palavras. — Quando ela conheceu o meu pai, ela era só uma imigrante tentando sobreviver em um país que não era o dela. Minha mãe limpava a casa do meu pai, porque ela veio para cá buscando uma vida melhor — Lucas sorri, parecendo orgulhoso. — Mamãe é uma mulher corajosa. Com dezoito anos, ela se viu sem pai, sem mãe, sem perspectiva nenhuma e como ela sempre diz, com apenas um talento: Limpar casas. Ela era ilegal no país até meu pai se apaixonar por ela. — Não sabia nada disso. Que Julieta é brasileira, sim, eu sabia, mas acho que era o máximo de informação que eu tinha. — Ela estava em uma posição ruim desde o início, mas lembra que eu disse que ela é muito religiosa? Ela não iria sair de um casamento mesmo que o seu marido fosse dado a traições desde o início. Ela só chorava e rezava até que ele voltasse para casa.

— Ele a traía muito?

— Meu pai era um ótimo pai, mas um péssimo marido. Comigo, ele era incrível. Ia em todos os meus treinos. Sempre me deu o maior apoio em tudo o que eu quis fazer na vida. Com a minha mãe, ele sempre foi um bosta.

— Quando eles se separaram?

— Quando eu tinha dezesseis anos, meu pai se apaixonou por alguém que não era a minha mãe. — Seu semblante fica um pouco mais fechado, contudo, ele ainda não parece triste. Na verdade, Lucas não parece sentir nada. — Tipo, como ele pôde fazer isso? Ele passou uns dois meses chegando tarde e parecia meio desligado de todos nós. Foi assustador chegar um dia da escola e ver minha mãe desesperada dizendo que ele tinha saído de casa.

Simplesmente assim. Em um dia, ele era nosso, no outro, ele tinha uma namorada, uma nova casa, uma nova vida.

Eu sou filha de um casal que sempre se deu muito bem. Meus pais, mesmo sendo celebridades, nunca passaram por esse tipo de coisa. A fidelidade e lealdade entre eles sempre foi algo muito bem estabelecido.

— Mas você disse que ele era um bom pai... — Bons pais não fazem esse tipo de coisa com a própria família, na minha opinião.

— Para mim e para o Daniel, ele seguiu dando de tudo. O problema foi que minha mãe demorou anos para aceitar o divórcio. Eles brigavam demais. Era um falando mal do outro todos os dias. — Lucas se remexe desconfortável. — Na faculdade, eu me mudei, mas ainda recebia ligações de ambos. Meu irmão e eu também fomos nos afastando, porque Daniel ficava mais do lado do nosso pai enquanto eu ficava mais do lado da nossa mãe. Tudo foi virando um inferno, até a Luna nascer.

— Foi quando Luna nasceu que você colocou limites em todos? — Porque me lembro deles no aniversário da pequena e todos pareciam se dar muito bem.

— Jamais deixaria a minha filha crescer em um ambiente daquele. E jamais teria uma relação com a mãe dela como a que os meus pais tiveram. Filho nenhum deveria ficar no meio de uma briga daquelas. Filho nenhum deveria escolher um lado. Então, quando ela completou uma semana, eu sentei com os dois na sala do meu antigo apartamento e disse que se eles não começassem a se tratar com respeito, nem eu, nem Luna conviveríamos mais com eles. E isso valia até para as indiretas ou qualquer outra palhaçada. — Lucas sempre teve uma postura mais altiva, desde novo.

Não me surpreende que ele, com apenas vinte e um anos, tomou uma decisão tão forte quanto essa.

— E os dois simplesmente aceitaram?

— Meu pai é um homem complicado, mas ele sabe que eu herdei meu gênio de algum lugar. Ele virou a cara para mim por uns dois meses, mas depois que percebeu que eu não iria correr atrás dele e muito menos mudar de opinião, ele cedeu — Lucas sorri para mim, tocando nos meus dedos, com uma tranquilidade, uma paz que só me deixa ainda mais intrigada. — Você lê muitos romances com finais felizes, porém às vezes o amor é complicado. É feio. Meus pais se amavam, Moon, e olha só como foram terminar.

— Seu pai hoje não é casado. — Pelo menos não que eu saiba.

— Meu pai é um homem que precisa ficar sozinho. — Seus olhos parecem mais tristes agora. Só um pouquinho. Nada perceptível a qualquer um. — Ele já se casou cinco vezes desde a minha mãe. Mas é infiel. É mulherengo. Tipo...

— Você — completo o seu pensamento.

— Nós temos que nos conhecer e eu nunca fui do tipo hipócrita. Sei muito bem o que faço e como faço. Irina não mentiu quando disse que sou arrogante. E também não mentiu quando disse que sou mulherengo. Eu sou, realmente sou. Mas não sou como o meu pai. E aprendi isso desde cedo. Nunca vou fazer com mulher nenhuma, o que ele fez com a minha mãe. Nunca vou enganar, usar e cuspir como se fosse um nada. Sou honesto. Já até me apaixonei, mas sempre passa. Porque o amor entre homem e mulher sempre acaba. — É um jeito tão racional de ver a vida.

Tão diferente de mim.

— Meus pais são casados há vinte e nove anos — respondo, meio tensa.

— Eles são extremamente parecidos. Os dois sempre quiseram a mesma coisa na vida. Seus pais são uma raridade. Seu irmão e Penny também. — Seu sorriso parece tão calmo. Suave. — O problema é que é difícil acharmos pessoas tão parecidas com nós mesmos. Além do mais, acho que tem pessoas que servem para relacionamentos duradouros. Outras, como eu, simplesmente não servem para isso.

— Nunca tentou namorar com ninguém?

A sortuda que teve esse homem apenas para ela por sete meses. Tudo terminou ainda no primeiro ano de faculdade.

— Tentei ter alguma coisa quando eu tinha uns quinze anos, mas durou pouco tempo. Quando olhei para outra mulher e senti desejo por ela, terminei tudo com Katie. Como eu disse, reconheço muito bem o homem que sou. É por isso que nunca mais pedi ninguém em namoro. Inclusive, é por isso que sempre sou honesto em dizer que comigo não tem futuro. Sei que não sou o homem dos sonhos de ninguém, mas dou a chance de as pessoas desistirem de mim.

— Irina te acusou de traição, sendo que esse é o seu maior asco. — Lucas não quer ser um homem ruim, como o pai dele foi.

Ele jamais faria uma mulher sofrer como a mãe dele sofreu.

Agora o seu ódio fica ainda mais explicado para mim.

Não foi só por causa das mentiras. Foi por tudo.

Foi por colocá-lo em uma posição que ele sempre lutou para não estar.

— Irina fez comigo o que a minha mãe vivia fazendo com o meu pai — diz, tenso. — Minha mãe queria tanto que ele sofresse como ela estava sofrendo, que vivia fazendo coisas para se vingar. Ela fez amizade com o pessoal do trabalho dele e o difamava para todo mundo. Quando digo que era um inferno, não estou brincando. É por isso que odeio ser exposto e odeio ainda mais vinganças. É por isso que eu jamais vou perdoar Irina. Entendo que ela me amava. Mas olha o que nos aconteceu. Imagina se eu tivesse me casado com ela? Imagina o inferno que ela faria a minha filha passar?

— Você se apaixonou por ela? — Por que isso me irrita?

— Não, eu nunca me permito sentir nada profundo por alguém. Se apaixonar é como respirar para os seres humanos, Moon. É fácil. É rápido. Acontece sem controle. Mas o que vamos fazer com isso é do nosso controle. Até mesmo, esquecer a pessoa. — Discordo e acho que ele percebe. — Você acredita mesmo que não tem controle nenhum? Livros romantizam demais o amor. Não deveria acreditar neles.

— Só acho que não tem muito como controlar por quem a gente se apaixona. — Se fosse assim, eu jamais... Deixa para lá.

— De qualquer forma, eu tomei uma decisão em relação à Irina, que ela só me mostrou ser a correta. *É* a correta. — Lucas dá dois tapinhas na minha perna que está coberta pelo cobertor. — É por isso que nós dois jamais daríamos certo. Vemos o amor de forma diferente. Acho que você vai encontrar um cara legal e se casar com ele. — Eu também confio nisso. Preciso confiar. — Mas eu jamais serei esse cara.

— Você terminou com a Irina porque ela se apaixonou por você?

Preciso saber disso.

Preciso escutar isso da boca dele.

— Eu terminei com ela por vários motivos. Primeiro, porque eu vi que ela estava apaixonada por mim. Segundo, porque não queria um futuro com ela. Terceiro, porque ela tentou me usar e eu não gosto nada disso — responde direto.

Como se já tivesse pensado nisso mil vezes.

Como alguém consegue ser tão racional assim?

— Agora eu tenho a Luna. Se antes, já não queria ter um relacionamento, hoje em dia é ainda pior. Não quero que Luna passe pelo que eu passei de forma alguma. Jamais faria a minha filha sofrer com uma merda daquelas. Todas aquelas coisas que Irina disse sobre a minha forma de criá-la e sobre a mãe dela serão tiradas daquelas páginas. Estou pouco me fodendo para o que vão dizer de mim. — Era mentira, porém não digo nada. — Mas da minha filha e sobre a história dela, ninguém vai dizer uma vírgula. Nunca mais.

— Mesmo com tantos medos, por que não refutou com mais energia o nosso relacionamento falso? Porque isso aqui vai terminar em cinco meses, Lucas.

— Você é diferente — sua resposta gela o meu estômago.

Meu Deus, tão clichê, mas tão bom.

— Por quê? — suspiro.

— Você é doce. Jamais ousaria acabar comigo ou com a imagem que minha filha tem de mim. Você não gritaria comigo, nem

faria uma cena. Sei que quando tudo isso acabar, se precisar, você estará aqui por Luna e até mesmo por mim.

— Mas a pequena vai ter que lidar com um final.

— Por culpa minha que escolheu mal as próprias companhias. É uma consequência que vou ter que lidar — soa exausto.

— O que Irina fez com a mágoa dela nunca foi e nunca será sua culpa.

— A culpa é minha por tê-la escolhido, Moon. — Seu tom não abre brecha para discussão. — Amanhã eu tenho que acordar cedo, acho melhor dormirmos.

O corte não é suave.

É mais como um limite.

Ele já me explicou.

Ele já se fez por entendido.

Agora, Lucas não quer mais falar nada.

E eu o respeito.

— Eu te entendo — digo, me cobrindo, ignorando completamente a vontade de abraçá-lo. — Mesmo não compartilhando dos seus pensamentos, entendo os seus medos. Não acho que sejam medos bobos.

— E eu não acho bobo os seus sonhos — confessa baixinho.

É só uma pena que os medos dele sejam tão contrários aos meus sonhos.

— Boa noite, Lucas.

— Boa noite, Moon.



Lucas Blake Bullard

Sempre me sinto estranho depois de me abrir com alguém. Nem mesmo Jayden sabe tão intimamente as coisas da minha vida e olha que ele já me viu sem roupa — as dores de dividir vestiários com outros homens.

É difícil para mim.

Me sinto tenso, ansioso e até mesmo um pouco culpado.

Mesmo que Ollie seja a bondade em pessoa, ainda é uma parte minha que ela pode usar contra mim — assim como Irina usou.

O que me fode é me sentir vulnerável.

Não gosto.

Não me sinto confortável.

— Eu adoro a primavera — diz, quebrando o gelo, enquanto observamos Luna brincar com suas bonecas no meio do gramado do Central Park.

— Gosto mais do inverno — respondo, ainda não olhando em seu rosto.

— Está tudo bem, Blake? — O nome pelo qual me chama me faz finalmente encarar seus olhos.

— Por que está me chamando assim?

— Perguntei primeiro — responde risonha.

— Não estou me sentindo confortável. — Estou envergonhado. Queria estar em qualquer outro lugar que não aqui, sendo espionado por paparazzis, ao lado da mulher que eu definitivamente não deveria desejar.

— Você está com vergonha de mim — afirma sem que eu precise dizer. — Eu te entendo, passei anos com vergonha de você, lembra?

— Claro que lembro. — Tento ser o mais delicado possível. Ela não tem culpa do meu óbvio mau humor. — Por isso que nunca tentei desfazer o mal-entendido. Você estava com vergonha, se sentindo exposta. Jamais iria impor minha presença para você.

Além do mais, eu usei sua vergonha para me esconder da coisa mais óbvia do mundo: Eu não sou o homem certo para ela.

— Está tentando me dizer que preciso te deixar em paz? Porque eu acabei de terminar de arrumar os meus sapatos no seu quarto. — Tadinha, ela até comprou uma sapateira portátil para deixar suas coisas mais organizadas.

— Não, Ollie. Claro que não. Eu amo não ter que fazer trancinhas de manhã cedo. — Tento aliviar tudo com um sorriso.

É incrível como ela sempre se derrete com os meus sorrisos.

— Me chamando de Ollie? — resmunga.

— Você me chamou de Blake primeiro.

— É você que estava todo esquisitão. Não quero atravessar os seus limites. — Suas palavras gelam completamente a minha

barriga.

É tão estranho que me sinto meio paralisado.

Que porra é essa?

Sua beleza é única.

Seu humor é único.

Seu jeitinho é único.

Adoro essa menina. Gosto dos papos que tenho com ela. Gosto de como ela trata a minha filha. Gosto de como ela sabe ser a melhor em tudo o que eu sou ruim. Os dias com ela são fáceis. São leves. São gostosos.

Amo a vida com ela.

Mas ainda assim, não acho que sou o homem certo para ela.

Imagina se um dia eu sentir desejo por outra mulher como o meu pai sentiu? Ou se eu virar para o lado e não a quiser mais?

Sou chato. Difícil de lidar. Coloco a minha filha acima de tudo e qualquer coisa. Com o tempo que me sobra, sou inteiramente da minha carreira que me deixa longe de casa quase metade do ano se formos contar.

Ela merece um homem tão melhor do que eu.

Por que está pensando isso se não gosta dela?

Exatamente. Por que estou pensando isso se nem sou apaixonado por ela?

— As ideias de Jayden nunca são boas, mas essa se superou. Uma tarde no Central Park, regada a pão com manteiga de amendoim e geleia, suco de laranja e paparazzi. Simplesmente ótimo. — Mudo de assunto porque não quero lidar com os meus próprios sentimentos.

— Eu diria que é bem nova-iorquino. — Meu melhor amigo está fissurado na ideia de alcançar mais publicidade com esse relacionamento falso.

Ainda acho que isso vai dar problema, mas ele me escuta? Não escuta.

Quando Jayden coloca algo na cabeça, é muito difícil de tirar.

Foi assim quando ele quis a Penny. Um homem como ele não seria um bom marido nem aqui, nem na China, porém ele sempre está pouco se fodendo para o que eu penso.

— Pelo menos, a Lulu está se divertindo.

Essa mulher tem algum defeito? Qualquer um?

Queria tanto que ela fosse um pouco egoísta, ou mimizenta, ou até mesmo meio filha da puta.

Daria qualquer coisa para achar um único motivo para não querer essa mulher, contudo, nunca encontro nada.

Nunca encontrei.

Quando acho que não pode piorar... piora.

Sinto sua mão na minha e o contraste da sua delicadeza com a minha brutalidade fica bem claro ali.

Eu sou todo enorme. As mãos. A altura. Os músculos.

Ela é toda pequena e suave, e parece que pode quebrar se não pegarmos com jeitinho.

Ollie é um cristal e a beleza é que ninguém a quebrou. Gostaria que permanecesse assim. Quero que essa menina tenha os sonhos realizados sem manchas, sem choros, sem caos.

Uma rachadura não a deixaria menos incrível. Eu sei que não. Mas não queria que ela mudasse.

Não queria que em nenhum momento da vida, ela se tornasse tão covarde quanto eu.

— Precisamos dar algo legal para eles noticiarem — sussurra para mim de uma maneira tão fofa, que me faz sentir algo bem no meio do estômago.

É tão singelo e delicado que decido não dar bola.

Só aproveito.

Só um pouquinho não vai rachar nem a ela, nem a mim.

— Vem aqui, Moon — chamo-a e vejo surpresa em seus olhos. — Eles precisam de um show completo.

Minha menina corajosa vem para os meus braços mesmo que não pareça o correto. É tão natural a forma como ela se encaixa em mim. É como se a sua cabeça tivesse sido feita para caber perfeitamente no meu peitoral e o meu corpo inteiro tivesse sido encomendado para proteger suas partes frágeis.

É um abraço completo. Ela está no meio das minhas pernas, praticamente deitada, enquanto eu a seguro como se estivesse segurando a coisa mais preciosa do mundo.

— Você cheira bem — comenta, envergonhada.

— É o perfume que você me deu no meu aniversário de vinte anos. Não se lembra? — confesso, dando a ela mais um pouquinho da minha intimidade.

— Nunca iria imaginar que você ainda o usasse. — Caralho, por que eu não consigo ser um pouco mais frio com ela?

Por que não consigo ser, sei lá, apenas eu mesmo?

Não sou tão gentil assim, nem mesmo tão aberto.

Olivia é perigosa.

Muito perigosa.

— Acho que tem muitas coisas que você não sabe sobre mim, Moon.

— Achei interessante ver que você tem sim sentimentos, só é muito prático para lidar com eles.

— Minha mãe te diria que sou insensível, mas eu discordo. Acho que ser racional nos deixa menos propenso a se desesperar com qualquer barreira que a vida nos coloca. — É por isso que nunca surto com nada.

Sou frio quando o assunto é problema ou sofrimento.

Nada se resolve deitado na cama chorando, ou pior, se lamentando pelas coisas.

Sou do tipo que lida com as coisas. Que enfrenta os problemas. Inclusive, é por isso que nunca derrubei uma única lágrima por causa do que Irina fez.

— Sofreu por causa da morte da Maggie?

— É a mãe da minha filha. Acho que sempre vou sentir falta dela, sabe? Nos momentos que a Luna faz alguma coisa legal. Quando ela descobre ou aprende alguma coisa nova... Era divertido dividir momentos assim com ela. Porém, não posso ficar me lamentando, eu tenho uma filha para criar. Se eu viver sofrendo, minha filha vai sofrer ainda mais.

Não posso ser fraco.

Não posso ser sentimental.

Tenho que seguir em frente, porque no final do dia, eu sou tudo o que uma garotinha tem.

— Se apaixonou por ela? — pergunta com uma voz meio magoada.

Acho que Ollie ainda não percebeu que não gosta de saber sobre a minha história com outras mulheres, mas eu percebo.

E gosto bastante do que percebo.

— Não. Por isso nunca quis um relacionamento com ela. Tivemos uma noite que resultou em Luna e eu sempre quis que a nossa relação fosse baseada em uma grande amizade. — E foi.

Éramos ótimos juntos como amigos.

— Titia Ollie! — Luna grita, chamando nossa atenção. — Olha o que eu sei fazer.

E faz uma pirueta, mostrando seu dom para o balé.

— Você é ótima, Lulu.

— Papai, já contou para titia Ollie *sobe* aquilo que te falei? — me pergunta ansiosa, com a testa toda suada.

Hoje será uma noite de sono muito bem aproveitada. Duvido que um mísero pesadelo a incomode.

— Sobre a sua apresentação de primavera? — Como eu pude me esquecer dessa merda?

Ah, lembrei, estava preocupado demais pensando na perfeição que é Olivia Moon Finnley.

Essa mulher me desconcentra!

— Eu adoraria ir, quando é? — Ollie pergunta e, por algum impulso esquisito, eu entrelaço nossos dedos.

Não tem nada a ver com o momento.

É um impulso.

Uma necessidade estranha.

Nossos dedos se encaixam perfeitamente e antes que me detenha, me pego abraçando-a com mais firmeza, encaixando meu rosto no vão do seu pescoço.

Ela cheira a rosas, creme corporal e algo que é só dela.

É tão bom.

É tão relaxante.

A calmaria que Olivia me traz, nunca encontrei em nenhum lugar.

Minha filha me faz querer viver, já Ollie me faz querer parar tudo e só aproveitar.

Porra, por que você me faz tão bem?

Passei tanto tempo longe que me esqueci de como é gostoso estar perto dela.

— Daqui a duas semanas. Eu vou estar na final da Stanley provavelmente. — Sinto os pelos de Ollie se arrepiarem quando deposito um beijo em seu ombro.

É o paraíso.

Queria que essa mentirinha durasse mais um pouco.

É interessante perceber que nem me importo com os paparazzi. Sei que eles não têm a liberdade de mostrar a minha filha, já em relação à Olivia, eu não me preocupo.

Que vejam que ela é minha.

Que vejam que sou dela.

É mentira mesmo.

— Titia Ollie vai sim, vou estar na primeira fileira.

— Promete? — pede a pequena com os olhinhos brilhando.

Assim como eu, Luna não comenta muito sobre as coisas que não gosta, porém sei que se incomoda um pouco pelas minhas ausências, mas não tem o que fazer. É o meu trabalho. Nosso sustento.

É a vida.

— Prometo. — Lógico que ela promete.

E essa mulher faz alguma coisa errada?

— De dedinho? — pergunta, oferecendo o mindinho torto que sempre me aquece o coração.

A confiança de que o amor é algo verdadeiro vem do que sinto por Luna. Nada é mais forte do que isso. Nada é melhor do que isso.

Se precisar, morro por essa menininha e acho que mataria por ela também.

— De dedinho. — E então, elas selam o juramento.

É bonito como as duas se dão bem, sem precisar de muito esforço para isso. Ollie simplesmente gosta de Luna e minha filha gosta dela.

Não tem tentativa. Não tem manipulação.

Olivia gosta de Luna sem malícia de fazer disso uma moeda de troca para ficar comigo.

É o que mais curto nela, inclusive.

Minha filha volta a brincar com algumas outras crianças enquanto eu seguro Ollie em meus braços.

Sei que para ela, isso aqui é tudo parte da nossa farsa. Olivia não sabe que estou aproveitando o seu cheiro. Seu acolhimento. Sua leveza.

E nunca vai saber.

Como já disse, eu não sou um filho da puta e jamais daria esperanças de um final feliz para uma garota que tanto acredita nele.

Por mais que eu goste de Ollie, ainda não abriria mão da minha casualidade e simplicidade nos relacionamentos por ela.

Talvez se fosse antes de Irina, até poderia tentar.
Mas depois de tudo, melhor não.



OLIVIA MOON FINNLEY

O toque dele ainda estava na minha pele. Seu perfume estava me acompanhando, mesmo depois do meu banho. Se eu fechasse bem os olhos, podia sentir o seu beijo no meu ombro e suas mãos nas minhas.

Foi um momento perfeito com o cara errado.

Mas nem me importei.

Acho que está tudo bem Lucas ser o cara errado. A conversa com ele me abriu os olhos para algumas coisas.

Primeiro de tudo: o final feliz nunca é garantido;

Segunda coisa: toda história clichê começa com algo que deu errado.

Então, acho que Lucas é o meu cara errado que precisa acontecer para o certo vir.

Você só quer sentar nele, seja sincera.

Ok, eu quero muito sentar nele.

Mas ninguém pode me julgar. Acho que qualquer pessoa que goste de homens teria o desejo de sentar em um homem como ele

pelo menos uma vez na vida.

Lucas é um homem bonito, mas é mais do que isso. Ele exala confiança. É como se o mundo fosse muito pequeno para ele. Com apenas um olhar, ele consegue fazer o que quiser com qualquer um.

Você o respeita por tudo aquilo que ele demonstra.

A segurança que ele te passa faz com que uma confiança quase cega surja, e isso é tão perigoso quanto viciante.

Sinto o seu corpo ao meu lado, mesmo que esteja distante de mim. Lucas não me toca, porém me faz sentir coisas que nenhum toque me provocou.

A minha respiração se torna mais pesada e acho que ele percebe, porque se mexe na cama, limpando a garganta. Ele nunca se deitou sem camiseta ao meu lado, mas depois daquela noite, quando cuidei de um dos seus hematomas, o seu abdômen esculpido por causa da sua obsessão com o esporte, sempre aparece nos meus sonhos.

Tenho imagens vívidas da minha língua conhecendo cada pedacinho daquelas divisões perfeitas até finalmente chegar... Não posso acreditar que estou com tanta vontade de chupar um homem. Eu nem gosto tanto de sexo oral assim.

Mas com ele, eu queria tanto.

Ando sonhando com o seu pau na minha boca, seus dedos no meu cabelo e seus gemidos ecoando pelo quarto.

Tenho certeza de que Lucas fica ainda mais bonito enquanto goza.

Tomo coragem de olhar para o lado e me arrepio ao notar os seus olhos profundamente verdes me observando. É quase como se ele notasse o meu tesão.

É como se ele quase pudesse sentir o que estou sentindo.

— Você gosta de encontros? — pergunto, meio ofegante.

— Não. Eu não gosto de encontros. — Sua voz é tão profunda.

Tão gostosa.

Será que ele me chamaria de Moon quando me tomasse?

Será que ele é do tipo que comanda ou é comandado?

— O que faz com as mocinhas que quer... — Foder.

Trepar.

Tirar a alma do corpo enquanto faz elas gozarem como loucas.

É o que eu queria dizer, mas não consigo.

— Geralmente, as conheço em algum lugar por aí, converso por um tempo por mensagem e nos encontramos em algum hotel. Simples. — Eu jamais me deixaria levar desse jeito.

Gosto dos jantares. Dos flertes. Da tentativa da conquista.

Preciso da intimidade.

Lucas não precisa de nada disso.

Somos diferentes, mas acho que isso não importa muito. Isso não muda nada.

— Nunca tem futuro? — pergunto, mordendo o lábio inferior.

— A longo prazo? Nunca. Sempre começo algo sabendo que um dia vai ter fim.

— Não tem para sempre?

— Nunca tem para sempre. — *Mas e se não fôssemos para sempre?*

E se fôssemos apenas para o momento?

Aqui.

Agora.

Não. Eu não sou assim.

Quando me levanto da cama, sinto o meu corpo inteiro se retrair, como se o que eu estivesse fazendo fosse errado.

Mas é o certo.

Estar com Lucas que é errado.

Preciso de ar. Preciso de algum lugar que não cheire a ele.

— Ollie? — Seu questionamento é ignorado. Apenas pego o meu robe e vou em disparada para o terraço de sua casa.

É difícil dizer não ao meu corpo com ele tão perto. Aquele pedido de beijo nunca foi culpa da bebida. Foi minha.

Eu o quis.

Sempre quis.

Me afastei porque sempre soube que perto dele, qualquer lista não valeria de nada. Qualquer sonho seria pequeno. Qualquer mísera coisa que eu desejasse pareceria não fazer tanto sentido quanto ele.

Não é amor. Não é nem paixão. É carnal.

E a pior parte é que isso acontece com ele de um jeito que nunca aconteceu com mais ninguém.

Nunca conheci um único homem que me provoca coisas como Lucas me provoca.

Já senti desejo. Já senti tesão.

Mas não assim.

Não tão forte.

Com ele, é sempre único.

Quando chego ao ar puro, sinto uma vontade de chorar. Não sou do tipo chorona, mas tenho meus momentos. Não estou triste. É só frustração.

Frustração por ter sonhos idiotas. Por não ser como outras garotas e gostar de sexo como elas. Por não ser desapegada e simples quando o assunto é relacionamentos.

Mas...

Respiro fundo.

Mas eu realmente...

Respiro mais uma vez.

Mas eu realmente não me importaria de jogar fora a minha lista por um breve momento, apenas para satisfazer o meu desejo.

Até porque, ele habita em mim de uma maneira tão rara que me sinto errada de não ir em frente com isso.

Vai ser só algo normal. Com final. Muita gente faz isso.

Eu posso fazer também.

Mas calma, será que ele também quer isso?

Ele me disse não uma vez. Será que estava mentindo? Lucas mente tão bem. Ele sempre parece apaixonado por mim quando estamos em público.

E se...

E se ele me quisesse?

— Olivia, está frio aqui — diz, preocupado. — O que está fazendo, *baby?*

— Você me deseja? — pergunto, ansiosa.

Quando me viro, encontro Lucas de calça moletom e regata, segurando uma manta, quase parecendo culpado.

Será que ele sabe que eu o desejo tanto?

Será que ele sabe o que causa em mim?

Melhor, será que ele sabe que por muitos anos eu achei que era frígida? Que ele foi o primeiro homem que me causou... coisas?

Coisas reais.

Nunca foi forçado com o Lucas.

Nunca foi uma tentativa desesperada de sentir o que as minhas amigas ou as mocinhas dos romances sentem.

Com ele, flui.

Com ele, é real.

— Olivia, o que está acontecendo? — Seu rosto se contorce como se o pensamento que atravessasse a sua mente soasse quase como uma ofensa.

— Você me deseja? — Me permito chegar um pouco mais perto.

É só sexo.

É normal ter relações de puro prazer.

Minha melhor amiga teve várias.

Meu irmão teve várias.

Lucas também.

Eu posso.

Com ele, acho que realmente posso.

Por mais que eu já tenha tentado sexo casual antes, nunca foi com alguém que eu realmente desejasse. E se com Lucas for diferente?

— Por que está me perguntando isso, *baby?* — Noto quando engole em seco.

Não sou só eu que parece estar sendo esmagada pelo desejo. Ele também.

— Eu não gosto de sexo casual. — Tomo coragem para abrir a boca e contar a ele a verdade que eu nunca conto a ninguém.

— Eu sei que não gosta.

— Não, Lucas. Eu realmente não gosto, porque tenho uma dificuldade enorme de me sentir confortável com alguém que não conheço. Eu preciso de um pouco de intimidade. De um pouco de confiança. Já tentei transar com homens que eu conheci por uma noite ou que só queriam sexo comigo, e sempre foi uma merda. — Chego mais perto dele e paro bem próxima ao seu corpo.

Ele é tão grande que preciso levantar a cabeça para que nossos olhos se encontrem.

Uau, ele consegue ser ainda mais bonito assim de perto.

Os olhos são arredondados e pequenas ruguinhas já se acomodam por ali. A boca é grande, larga, mas não muito carnuda. Deve ser uma delícia de beijar. Até mesmo o bigode não parece tão ruim assim visto aqui tão de perto.

Ele espera. Não se afasta. Não me corta.

Só fica ali, aguardando, ansiando.

— Você nunca faria ser ruim para mim. E eu… — Meu rosto esquenta. É bem vergonhoso, mas ok. Lucas sempre é sincero comigo, então acho justo que eu seja com ele também. — Eu realmente te desejo. Queria experimentar, pelo menos uma vez, transar com alguém que me deixe com tanto desejo. Não é paixão. É... — Dou de ombros, meio desconfortável. O frio não faz diferença para mim. Perto dele, tudo o que consigo sentir é calor. Muito calor.

— Tesão — ele completa, meio ofegante.

— Não sinto desejo com facilidade. Por anos, achei que eu tinha um problema. Nós temos intimidade. Nós temos uma conexão. Mesmo que seja só carnal, é algo. E eu confio em você. Acho que sexo casual com você seria, sim, muito bom.

O meu lado romântico sempre foi muito forte, mas ele nunca teve a ver com a minha óbvia falta de desejo.

Eu tenho sonhos, porém não são eles que realmente me impedem de sentir prazer com qualquer corpo de qualquer pessoa.

A lista do homem perfeito é pelos sonhos de encontrar o cara ideal. A regra dos três encontros é para me dar tempo de sentir alguma coisa. Para me deixar confortável para o sexo.

— Mas você nunca namorou, Moon. Está me dizendo… — O homem já está até vermelho.

— Que sexo para mim sempre foi uma coisa meio esquisita. Desconfortável. Estou longe de ser virgem. Eu já tentei me entender por muito tempo, passei anos achando que tinha algum problema comigo.

— Já experimentou ficar com garotas, Ollie? — Não tem malícia em sua pergunta, é algo mais como uma preocupação velada.

E ciúmes.

Tem bastante ciúmes queimando em seus olhos.

— Sim. Duas vezes. — Sou sincera, mas olho para baixo, ainda me sentindo estranha. Não porque seria um problema ser lésbica. Acho até que a minha vida seria melhor no quesito relacionamentos, mas porque estou me sentindo vulnerável. — Mas quando fiquei com o Nash no último ano da faculdade, entendi que precisava sentir confiança e ter alguma intimidade com a pessoa para conseguir gostar do sexo.

— Eu lembro desse cara — diz, meio irritado. — Ele terminou com você depois de uns meses porque se apaixonou por uma caloura, não foi?

— Foi. — Mesmo sendo um babaca, não posso dizer que Nash não foi importante para mim. — Eu não transo há onze meses, doze dias e algumas muitas horas.

É constrangedor, para ser sincera.

Nash e eu ficamos amigos na faculdade e demoramos quase um ano para realmente elevar o nosso relacionamento. Eu tive o meu primeiro orgasmo com ele. E também entendi o que é transar com vontade com ele.

Mas se eu dissesse que foi com Nash que aprendi sobre desejo, estaria mentindo.

Não foi.

Foi com o Lucas.

Ele foi o único cara que eu já quis transar sem encontros. Sem medo. Sem nada.

Mas uma coisa que Lucas e Nash tinham em comum era a intimidade comigo sem que houvesse uma malícia por trás. Eles eram conhecidos que, depois de algum tempo, passaram a ser amigos para enfim evoluir para beijos e no caso do Nash, a algo além.

— Eu não me sinto confortável nas mãos de qualquer um. Eu... — Como explicar?

— Não fica molhada nas mãos de qualquer um? — ele completa para mim, e nossa.

Uau.

— Às vezes fico excitada, mas quando chega no momento, eu travo. Tudo fica estranho e é só ruim. Bem ruim.

— O que te deixa molhada, Moon? — Ele está tão próximo que quase consigo sentir o seu gosto na ponta da minha língua. — O

que te deixa confortável na hora de foder?

— Intimidade — confesso em um sussurro. — Confiança. Não sei explicar muito bem isso para você. Mas é como se eu só conseguisse sentir prazer no sexo com alguém que tenha algum vínculo afetivo. Não precisa ser amor, nem mesmo paixão. Uma amizade já está ótimo para mim. Acho que você vai me entender, eu não gosto de me sentir usada.

— Consigo te entender muito bem.

— Não preciso transar com alguém que me ame, mas quero alguém que se importe. Que eu possa confiar o meu corpo. Acho que eu poderia confiar em você — digo mais baixinho ainda. — Confio em você.

— Confio em você também. — Por que ele é sempre tão sincero?

Sua sinceridade sempre me desmonta inteira.

— Você foi a primeira pessoa que me fez sentir desejo, sabe? De verdade. Não aquela coisa superficial ou programada — confesso ao mesmo tempo que a sua mão direita sobe instintivamente para o meu quadril. — Por isso, eu te pedi um beijo — suspiro, sentindo uma espécie de tontura por causa do desejo que envolve o meu corpo nesse momento. Sua mão esquerda agora está nos meus cabelos, segurando-os com firmeza. — Por isso que estou te perguntando se sente desejo por mim.

Em resposta, Lucas cola nossos corpos, me puxando inteiramente para ele. Me sinto tão pequena, mas ao mesmo tempo tão protegida.

Não demora muito para eu notar algo duro bem no meio da minha barriga.

Ao invés de me assustar, me sinto ligada. Sedenta.

É quase reconfortante saber que ele sente o mesmo que eu.

— Céus... — sussurro, sôfrega.

— Parece que eu te desejo, não é, Moon? — Seus dedos se enrolam no meu cabelo enquanto sua outra mão me prende com ainda mais firmeza. — Olhe para mim.

Não soa como um pedido.

Acho até que não é um.

Obedeço.

— Você quer um futuro comigo? — Ele não quer quebrar os meus sonhos.

Muito menos o meu pobre coração.

— Não.

— Você quer encontros? — Engulo em seco.

— Não preciso deles com você. — Não preciso deles para desejá-lo.

O que eu preciso dele, ele já me dá.

— O que você quer de mim, Moon*?*

— Prazer. — Minha resposta faz com que Lucas abra um sorriso perverso nos lábios.

— Isso eu consigo te dar.

Ele não espera nem mais um segundo e toma a minha boca.

É um alívio.

É como matar uma sede que durava anos.

E nossa, acho que durou sim.

Sou surpreendida com um beijo calmo. Não é rápido ou voraz. Tem presença, tem cuidado. É como se Lucas não tivesse pressa alguma em me sentir. Ele convida a minha língua com a sua para

uma dança calma e gostosa, que me faz amolecer contra o seu corpo. Os dedos são firmes, mas a boca é pecadora, dissimulada. Sei disso porque seu agarre contrasta com os lábios. Um é calmo, zeloso enquanto o outro é dolorido, firme.

Sua língua circula a minha para em seguida aprofundar mais o beijo, me curvando um pouco quando mergulha nos meus lábios sem nenhuma resistência. Nem percebo, mas quando me dou conta, estou prensada contra o parapeito do terraço, com os cabelos jogados para fora, enquanto tenho a boca fodida por ele.

Isso não é um beijo.

Isso é pecado em sua forma mais pura.

Isso é algo perverso.

Não quero que pare.

Não posso permitir que ele pare.

E ele não para.

Sua mão desce para a minha bunda enquanto seus dedos puxam um pouco mais os meus cabelos. Nossas bocas não se descolam. Ele me arrebata quando puxa o meu lábio inferior com os dentes, porém não me dá tempo para fazer nada além de gemer quando mergulha sua língua na minha boca novamente.

É tão gostoso que a minha boceta parece dolorida. Necessitada.

Preciso dele.

Preciso do Lucas.

Preciso que ele foda a minha boceta como está fodendo a minha boca.

Mordendo o meu lábio novamente, ele se afasta um pouco, finalizando o beijo.

É desesperador.

Preciso de mais.

É além de desejo. É necessidade.

— Seu gemido é uma delícia, Moon — murmura contra os meus lábios.

— Não pare... — peço, mas soa como uma súplica.

— Se eu continuar, vou...

— Me leve para o seu quarto. — Agora é uma ordem. — Pode fazer o que quiser comigo, Lucas. Só faz isso parar.

— Isso o quê, *baby?* — Não consigo responder, mas vejo que ele entende ao olhar para as minhas pernas fechadinhas em uma tentativa besta de aliviar o desejo.

Estou ensopada.

— Eu não sou carinhoso — me avisa. Lucas está me dando uma opção aqui.

Não será amor.

Será bruto.

Será uma foda.

Entendi isso no momento que puxou os meus cabelos entre os dedos, e estou de acordo.

Quero que ele seja o primeiro a me foder como se eu fosse... qualquer uma.

— Não quero que seja. — É o bastante para convencê-lo.

Quando percebo, já estou em seu colo, sendo carregada para o lugar onde ando dormindo há pelo menos um mês.

Finalmente, não vamos para lá dormir.

Finalmente, esse homem vai me foder.

E eu sei que vou amar cada segundo.



Lucas Blake Bullard

Sonhei em fazer isso por tanto tempo. Diferente de Olivia, eu nunca precisei de tempo para sentir nenhum tipo de atração. Bastou apenas olhá-la pela primeira vez, com aquela calça jeans clara e um tênis surrado, para desejá-la.

Sou um cara passional. Sempre fui. Gostar de sexo para mim nunca pareceu um problema. Então era óbvio que quando a conheci, a primeira coisa que eu pensei foi: *Vou acabar fodendo a irmãzinha do meu melhor amigo.*

Tentei lidar com os meus desejos, mas quando ela começou a puxar assunto comigo e até mesmo me convidar para almoçarmos juntos, comecei a ir por um caminho que não era muito ético ou moral.

Ficamos amigos, é verdade. E quanto mais eu a conhecia de verdade, mais ia vendo que ela poderia ser perfeita para mim.

Perfeita até demais, inclusive.

Coloquei na minha cabeça que aquela atração iria passar com o tempo e que seríamos melhores se fôssemos apenas amigos. E

funcionou. Para mim, aquele fogo foi passando à medida que fomos pegando mais intimidade.

Eu não a beijei naquela noite por causa do álcool, é verdade, porém acho que não teria seguido em frente de qualquer jeito.

Mentiroso!

Ok, eu teria seguido em frente, mas sei que iria me arrepender depois.

Não gosto de ficar com mulheres que querem algo a mais.

Gosto de ficar com quem quer a mesma coisa que eu: sexo.

Puro e simples.

Hoje ela só quer sexo... Hoje ela pode me ter.

— Você tem certeza? — pergunto, trancando a porta do meu quarto e tentando manter a cabeça limpa de qualquer outra coisa que não seja Olivia.

Agora não existe mais o *papai Lucas.*

Não existe mais namoro de mentirinha.

Não existe mais qualquer outra coisa que não seja dar prazer a essa mulher.

— Tenho — fala com confiança.

— Não quero quebrar o seu coração, Moon. — Me viro para chegar mais perto dela.

Ela é tão bonita.

Parece até que foi pintada.

Seus traços são delicados, assim como o seu jeito.

Não acredito que depois de anos, vou realmente realizar esse meu desejo. Não acredito que depois de anos, essa garota quer a mesma coisa que eu quero dela.

— Não é o meu coração que estou te dando. — Ela parece estar falando tão sério.

Por que isso me incomoda? Eu não quero o coração dela mesmo, só quero a boceta e a boca.

Esse caralho de boca gostosa.

— Jamais poderia imaginar que essa boca pudesse beijar tão bem — falo enquanto passo o meu polegar em seus lábios, abrindo-os suavemente.

Ela é tão tímida. Tão retraída.

Mas quando beija, ela se entrega. Olivia toma do mesmo jeito que recebe.

É uma delícia.

— Você pode... — suspira alto quando agarro o seu cabelo novamente, com firmeza.

— Posso. — Chego mais perto dos seus lábios, sorrindo ao ver que ela se estica toda para chegar até os meus. — Eu vou te beijar até precisar da sua boca para outra coisa.

Porque se beijando, ela já era uma delícia, não conseguia nem imaginar o quão gostoso seria tê-la chupando o meu pau.

Tomo os seus lábios do mesmo jeito que antes; com calma, abrindo-os, pedindo passagem, engolindo cada suspiro, cada gemido que sai dali. Minha mão esquerda segura os seus fios com firmeza, mas a direita começa a passear pelo seu corpo, querendo conhecê-lo.

A bunda é gostosa, porém não me prendo ali. Vou subindo até encontrar um ponto bem debaixo da sua cintura, onde o seu pijama subiu, me dando um pedaço de pele completamente exposto.

Não é nada.

É só uma pontinha dela.

É o bastante para saber que nada será como isso aqui.

Dos meus lábios escorre um gemido baixo ao mesmo tempo que os meus dedos sobem para dentro de sua blusa, tateando o seu corpo até chegar no seu seio.

Preciso morder o lábio inferior dela para conseguir me controlar.

A minha vontade é fodê-la sem preliminar nenhuma.

— Você é tão gostosa — sibilo contra os seus lábios, apertando um pouco o seu mamilo com meus dedos.

Olivia geme, meio surpresa com a minha ação, mas me segura com ainda mais força, querendo me trazer para mais perto.

— Tira a roupa para mim, *baby*? — peço, movendo meus dedos para o seu outro seio, apenas para observar sua reação.

Olivia desamarra o robe para puxar a blusa e noto como os seus dedos estão trêmulos ao fazer isso.

— Nervosa? — pergunto, sem esquecer do que estava fazendo.

Ela precisa puxar o ar para me responder.

— Não... Estou com tesão — me responde, mordendo o lábio. — É normal.

— Pode tirar o short também — murmuro, tomando um tempo para decorar a visão daqueles lindos seios à minha mercê.

É do jeito que eu imaginava. Não são pequenos, mas estão longe de serem grandes. Rosados. Com bicos que me fazem salivar de vontade de tê-los em minha língua.

— E a calcinha — sussurro ainda mais baixo, mais rouco.

— Já? — pergunta, fazendo o que eu pedi.

Ela não precisa de muito para estar completamente nua à minha frente. O laço do seu pijama é desfeito e duas reboladinhas depois, ele está fora do seu corpo.

— Nossa... — Minha respiração fica até mais pesada.

Eu sabia que ela era perfeita, mas confesso que nada me preparou para a sua boceta com poucos pelos exposta para mim.

— É um nossa bom? Ou um nossa ruim? — me pergunta, meio tímida.

— *Nossa* do tipo eu vou acabar com você. — Solto uma risada sem humor, porém não espero muito para tê-la colada em mim novamente.

Agora beijo seus lábios com um pouco mais de fome e deixo que Olivia sinta como estou duro por ela, para ela. Acho que nunca estive tão duro na minha vida.

Meus dedos vão direto para o seu quadril enquanto deixo que ela brinque um pouco com a minha língua.

Olivia não fica apenas recebendo os meus carinhos. Ela não tem vergonha nenhuma de mergulhar os seus dedos finos nos meus cachos e me trazer ainda mais para a sua boca, aprofundando nosso beijo de uma forma ainda mais íntima.

Eu já fodi muito. Não sou um homem inexperiente. É por isso que sei que essas batidas aceleradas do meu coração são diferentes.

Tudo com ela é diferente.

Do beijo ao gemido.

Do nosso passado ao nosso desejo.

O que tenho com Olivia, nunca tive com ninguém e sei disso agora.

Não tenho como me preocupar.

Não quando meus dedos caminham para o meio de suas pernas.

Abro um sorriso quando sinto sua boceta pela primeira vez. Está molhada. Está pedindo por um alívio. Não enrolo para me enfiar ali, encontrando seu clitóris inchado.

Ela não para de me beijar. Nem mesmo para gemer.

Deixo que o meu toque se torne mais natural para ela. Mais nosso. Até que me sinto tentado a descer os dedos um pouco mais. Quanto mais eu desço, mais sou arrebatado com sua umidade.

Ela não está só molhada.

Ollie está completamente encharcada.

E para mim.

Só para mim.

— Se meus beijos te deixam assim, imagina o que eu consigo fazer com o meu pau, Moon*?* — digo com um carinho que não estou acostumado a ter em momentos como esse.

Afundo meu dedo em sua boceta, arrancando dos seus lindos lábios um gemido gostoso que só me faz ficar ainda mais sedento. Não hesito em recomeçar nosso beijo.

Meu beijo rouba o seu fôlego enquanto meu dedo a conhece. Quero sentir o que ela gosta. O que ela precisa.

Um segundo dedo agora acompanha o movimento enquanto meu polegar alcança seu clitóris em movimentos circulares.

Suas unhas me agarram com força e o beijo, que antes era calmo e convidativo, passa a ser mais necessitado, mais apaixonado.

Sua boceta molha meus dedos e por um segundo, me pego desejando lambê-la, mas ainda não é o momento.

Ela só vai receber a minha língua quando, de fato, merecê-la.

Eu gosto de ser intenso, porém a intensidade sempre vem em contradição com uma calmaria quase torturante.

Tudo na minha vida exige pressa, rapidez.

Quando estou fodendo, gosto do oposto. Gosto da calma, da tranquilidade.

Gosto de dar tudo o que tenho e receber em dobro.

— Lucas... — Ollie geme meu nome e sinto meu pau pulsar em resposta.

— Quero você gemendo baixinho, *baby* — sussurro em seu ouvido, sem parar de masturbá-la. — Se você não conseguir fazer isso, terei que amordaçar você.

— Caramba! — Seus olhos rolam nas órbitas quando atinjo um ponto específico dentro de sua boceta. — Não pare! Não ouse parar.

— Shhhh... — peço, e em seguida, mordo sua orelha. — Não me faça ser bruto. Estou sendo bonzinho, então, por favor, me obedeça, ok?

Olivia se entrega para mim ao retomar nosso beijo, tentando abafar seus gemidos gostosos enquanto eu meto meus dedos nela.

Sou obstinado.

Quero vê-la se desfazer no meu braço.

Quero vê-la gozar antes mesmo de sonhar em conhecer o meu corpo.

Nada me dá mais prazer do que ter a sensação de fazer uma mulher gozar.

Meu fetiche é esse.

Quanto mais orgasmos, melhor.

Se ela conseguir esguichar, será ainda mais perfeito.

Será a foda perfeita com a garota perfeita.

— Você vai gozar, *baby?* — pergunto, sussurrando, enquanto sinto seu aperto ficar ainda mais firme.

— Sim... acho que sim.

— Bom. Isso é ótimo. — Chego mais perto do seu ouvido e falo bem baixinho: — Eu amo meter em uma boceta bem molhada. Goza para mim, Moon?

— Lucas… — Olivia chega a morder os lábios quando claramente chega ao ápice, me deixando extasiado com a cena.

Ela fica toda vermelha. Do colo até o rosto. Enquanto tenta, sem sucesso, fechar as pernas em uma tentativa de aliviar aquela agonia gostosa que apenas um orgasmo é capaz de dar.

Se ela já é linda normalmente, gozando, essa mulher parece até uma deusa.

— Boa menina — digo, beijando sua testa, diminuindo meus movimentos ao mesmo tempo que seu orgasmo vai se dissipando.

Com paciência, deixo que Ollie recupere o fôlego.

Deixo que ela volte a si.

Deixo que ela consiga ter controle novamente de sua língua.

Estou muito a fim de usá-la.

— Isso foi... — sorri para mim, ainda meio aérea. — Ótimo!

— Foi, é? — Devolvo o sorriso, mas com malícia.

Estou louco por ela.

Estou me controlando por ela.

Mas estou chegando no meu limite.

Porra, como eu quero meter em você, baby.

— Uhum — responde, finalmente olhando para mim.

— O que acha de agora usar essa boca para me fazer gozar? — digo, passando novamente meus dedos em seus lábios.

Olivia me desmonta quando chupa meus dedos molhados com seu gozo e me dá uma prova de como, por trás dessa postura de boa moça, tem uma puta que sabe muito bem como deixar um homem louco.

— De joelhos, Moon — comando, tirando meus dedos de sua boca, doido para sentir aquela língua em mim.

— É engraçado como você consegue ser fofo e safado ao mesmo tempo. — *Fofo*.

Já fui chamado de muitas coisas na vida, mas fofo é a primeira vez.

Quando a vejo à minha mercê, tenho a certeza de que isso aqui vai ser muito mais complicado do que havia previsto.

Eu vou querer muito mais dela do que um dia imaginei desejar.

Com as mãos trêmulas, Olivia abaixa a minha calça de moletom, deixando meu pau livre para fazer o que quiser.

Respiro fundo.

Tento manter a calma.

Tento ser racional.

Tento não sentir demais.

Mas é em vão.

Tudo é jogado no lixo quando a observo engolir a cabeça do meu pau com uma delicadeza que só deixa tudo ainda pior.

É o paraíso.

É o inferno.

Sua língua se movimenta ao redor de mim antes de me engolir de verdade.

— Porra, *baby!* — murmuro, sôfrego.

— Quietinho, *baby.* — Solta uma de suas risadas irônicas, me deixando ainda mais duro.

Com mais vontade dela.

Sua provocação me faz perder o controle que estava lutando arduamente para ter.

Sem esperar mais, enrolo seus cabelos em meus dedos e a seguro com firmeza.

Olivia deixa que eu mergulhe em sua boca gostosa e não tira seus olhos dos meus em nenhum segundo.

Ela é muito boa fazendo isso.

Olivia sabe usar a língua enquanto me chupa e suas mãos não ficam largadas, elas participam de tudo.

Onde a boca não alcança, ela toca com os dedos.

Quem foi o filho da puta que te ensinou a chupar um pau desse jeito, baby? E por que já quero matá-lo?

— Caralho, Olivia! — digo com a voz rouca, tomada de tesão. — Você é...

Minha para fazer o que eu quiser.

Tomo o controle quando empurro um pouco mais até sua garganta, que relaxa para me receber.

Ela engasga, seus olhos passam a ficar vermelhos e sua boca saliva mais do que o normal.

Mas ela não pede para parar.

Ela aguenta.

Ela me puxa pra mais.

Meu corpo inteiro começa a formigar. A minha regata me agonia. A calça amontoada nos meus pés também.

Quero meter nela.

Quero meter nela com ela amarrada na minha cama.

Quero gozar nela.

Nos seus seios.

Na sua barriga.

Na sua perna.

Quero gozar na sua pele para que ela nunca se esqueça a quem o seu corpo pertence.

— Você está me deixando louco, porra! — Preciso de tudo de mim para não gozar em sua boca quando ela finalmente consegue me levar inteiro até a garganta.

Puxo-a para cima pelos cabelos e vejo o susto nos seus olhos. Não sei se pela brutalidade ou por como pareço irritado.

Eu disse que não era gentil.

Eu avisei.

— Não vai gozar na minha boca? — pergunta, confusa. Com uma inocência que eu sei ser falsa.

Alguém que chupa desse jeito está bem longe de ser inocente.

— Onde aprendeu a chupar assim, Moon? — pergunto, ainda segurando seus cabelos.

— Não sou virgem — diz, divertida. — Você está longe de ser o primeiro a receber o meu boquete.

— Ah, eu sei. — *É isso que está me fodendo!* Largo seus cabelos e aproveito para tirar minha regata e chutar minha calça. — Quero você deitada no meio da nossa cama. Pernas e braços abertos.

— Lucas?

— Tem problemas em ser amarrada, Moon? — pergunto enquanto vou até o nosso closet.

— Na... não. — Escuto quando ela se deita como eu mandei.

Ótimo.

Gosto assim.

Vou até a minha gaveta secreta, que é trancada com senha, e tiro de lá quatro cordas e uma mordaça.

Hoje vou ser bondoso.

Olivia tem sorte de atingir pontos no meu coração que me fazem ficar mais carinhoso, porque o que eu gosto mesmo de fazer, acho que ainda é muito para ela.

— Jesus... — Arregala os olhos quando me vê chegando perto da cama. — Você...?

— Só vamos brincar um pouco, mas podemos parar se você quiser. — Ela nega com a cabeça rapidamente. — Estica os pulsos para mim, Moon?

Calada, Ollie se estica inteira na cama, ficando com os braços e as pernas abertas em paralelo.

Toda aberta.

Toda vulnerável.

É uma imagem que sempre vou guardar na minha mente.

O dia que eu fiz a doce Olivia ser a minha puta particular.

Amarro seus braços e suas pernas à minha cama, deixando-a completamente à minha mercê. Seus olhos nunca saem de mim. E eu gosto disso.

Gosto que eu esteja mostrando algo único a ela.

Porque hoje ela está me mostrando várias coisas novas.

Meu coração é uma dessas coisas.

— Com esse rostinho de anjo, ninguém imagina o pecado que você carrega no meio das pernas — falo enquanto desenrolo a camisinha no meu pau.

Nunca fodo sem camisinha. Com ninguém.

É minha regra depois de ser pai.

Ollie não me responde, fica ali apenas me observando, bebendo minha imagem como uma viciada.

Sua boceta está ensopada e seu corpo parece estar se corroendo em desejo.

Paro nos pés da cama e chego a limpar um pouco meu lábio quando observo a boceta gostosa que está ali, somente me esperando.

— Você parece um lobo se preparando para... — Ela fica ainda mais vermelha quando nota o que disse.

— Para te comer. — É bobo, mas sei que ela é assim.

Bobinha.

Fofa.

Minha.

Vou para cima dela com a calma de sempre, mas acho que pelo meu semblante, ela nota que não vou ser delicado.

Não quero ser.

Essa garota precisa ser punida por me tentar tanto. Por me fazer perder o juízo.

Olivia me faz matar o meu lado que eu mais gosto.

Eu sou racional.

Porém, não estou sendo com Ollie.

Estou lotado de emoções agora.

Pincelo meu pau em sua boceta, sentindo-a em mim e me coloco de joelhos antes de perder a cabeça e afundar nela de uma vez.

— Vou te comer, mas você não pode fazer barulho, entendeu? — pergunto, já empurrando a cabeça para dentro dela. — Se você gemer alto e acordar a minha filha, te deixo sem gozar por semanas.

— Não quer me amordaçar? — pergunta, respirando mais rápido à medida que eu, centímetro a centímetro, entro nela.

Não consigo responder de primeira, estou concentrado demais observando meu pau mergulhar nela.

Se ter a sua boca em mim já foi o paraíso, confesso que nada me preparou para sentir a sua boceta.

Ela é toda gostosa.

O jeito.

A boca.

A boceta.

A bunda... *Nossa, como eu quero comer essa bunda.*

— Preciso entender os seus limites primeiro — respondo, meio ofegante.

Empurro até a base, deixando ela se acostumar com meu tamanho. Sinto uma dor física ao me inibir de fazer qualquer movimento com meu quadril.

Ela é muito quente e está tão molhada que sinto sua umidade escorrendo por nós dois.

Perfeita para caralho.

Como eu vou fazer agora? Quero essa boceta todo dia. Não tem como enjoar disso aqui. Não tem como querer outra coisa que não seja Olivia.

— Me beija, Lucas... — pede com os olhos pesados por causa do prazer.

E eu a beijo, sem negar um pedido sequer dessa mulher que aparentemente me tem nas mãos.

Ela está à minha mercê, porém sinto que não estou muito diferente.

Rebolo em estocadas curtas enquanto minha boca toma a dela.

Minha calmaria se dissipa.

Não tem um único pensamento cruzando minha cabeça nesse momento.

Eu meto nela, mas acho que a intensidade fica ainda melhor por causa do beijo. Não tem nenhuma parte do corpo de Olivia que eu não esteja tomando posse.

Não tiro meu pau dela. Os movimentos mais curtos me possibilitam massagear seu clitóris com a minha pélvis, trazendo ainda mais prazer para a minha garota.

Mais prazer para ela é, consequentemente, mais prazer para mim.

Entre um beijo e outro, nós gememos juntos e minhas mãos vão para o seu rosto, segurando-a ali, embaixo de mim. A visão é incrível.

É como um estalo.

Um clique.

Algo tão forte que eu mal consigo respirar quando me acomete.

— Lucas... — Olivia geme meu nome e preciso piscar duas vezes para sair daquele torpor.

Com um certo desespero, começo a me enterrar nela com mais força. Meus beijos ficam mais vorazes e meus movimentos mais firmes.

Minhas mãos descem para o seu quadril, prendendo-a na cama para dar mais firmeza para as minhas estocadas.

Não tem como fugir disso.

Eu só quero gozar.

E quero ela.

O cheiro dela me inebria.

O gemido dela me arrepia.

— Caralho, Olivia! — murmuro, puto.

Ela está me tirando completamente do juízo.

Não sei o que é isso.

Não sei o que estou sentindo.

Mas é algo.

E é forte.

— Vou... — Suas mãos pequenas se agarram nas minhas cordas e é quando sinto sua boceta me apertar em um movimento que os meus dedos já tiveram o prazer de conhecer.

É o que preciso para ir mais forte.

Meus dedos talvez deixem marcas nela, mas confesso que não me importo. Apenas sigo meus instintos, entrando e saindo dela, provocando nossos corpos até o limite.

Tudo fica intenso, como se eu estivesse me afogando em um mar revolto. Não tenho controle de nada. Olivia está amarrada nas minhas cordas, mas eu estou amarrado a algo ainda maior.

Meus sentimentos explodem, assim como meu tesão.

Gozo, beijando a sua boca e me libertando de algo que nem sabia que estava enjaulado.

É uma sensação única.

Divina.

Meu corpo inteiro relaxa e me pego beijando a testa dela antes de sair de sua boceta para tirar a camisinha.

Em seguida, beijo seu nariz e finalmente os seus lábios.

Ollie sorri e eu me desmonto.

— Isso foi legal — é o que Olivia diz para mim. — Vou sentir dores amanhã.

Meu coração bate mais forte.

Respiro.

Me permito sorrir também.

— Isso foi bem legal — é a minha resposta para ela.



Lucas Blake Bullard

Acordar e ter Olivia em cima do meu peito, dormindo confortavelmente como se nada no mundo pudesse perturbá-la, foi uma das melhores sensações que já provei. Faz cinco minutos que estou igual a um paspalho, olhando-a, bebendo de sua imagem como se eu não tivesse uma garotinha para levar ao colégio e um avião para pegar.

Vou passar uma semana viajando com o time.

Uma semana que a verei apenas por chamada de vídeo. Não vamos acordar juntos. Não vamos tomar café da manhã juntos. Não vamos... Porra, não vou poder foder Olivia no conforto da nossa cama.

Ela nem disse que vai ter uma segunda vez, emocionado!

Só de pensar nisso, meu pau dói.

Foder com ela foi a melhor coisa que já fiz na vida. O gemido dessa mulher me alucina e a boceta é tão gostosa que se fosse por mim, poderia passar a noite inteira dentro dela.

Observo seus pulsos meio marcados por causa das cordas e sorrio. As marcas ficaram bonitas nela.

Gosto que ela mostre que estive ali.

Gosto que ela mostre que se entregou para mim assim como me entreguei para ela.

Ollie se mexe em cima de mim, abrindo um sorriso sonolento, enquanto suas mãos contornam o meu peitoral.

Preciso prender o gemido na garganta.

Porra, estou atrasado, mas não me importaria de gozar mais uma vez para ela para finalmente começar o meu dia.

— Bom dia, *baby* — diz com sua voz sonolenta e rouca antes de depositar um beijo no meu pescoço.

Olivia sabe muito bem o que está fazendo quando se esparrama em cima de mim, deixando nossas pernas entrelaçadas.

— Bom dia, Moon. — Toco em seu quadril com calma, deslizando meus dedos até a sua bunda, aproveitando para senti-la ainda mais.

Fiquei surpreso quando, depois do nosso banho, ela se deitou completamente sem roupa ao meu lado. Jamais imaginei que a toda certinha, Olivia Finnley, seria tão confortável com o próprio corpo.

Aparentemente, ela confia em mim o bastante para ser assim. É bom saber disso.

É bom saber que comigo, ela não tem muitas amarras.

Olivia sobe os beijos do meu pescoço para o meu maxilar, até chegar nos meus lábios. Não preciso de muito para encaixá-la em cima de mim, com as pernas abertas e a boceta completamente exposta para o meu pau.

— Precisamos ser rápidos, porque tenho que levar Luna à escola antes de ir para o aeroporto — sussurro contra os seus lábios, que parecem inchados de tanto me beijar.

Nunca vou me cansar de olhar para essa mulher. Nunca.

Ela é simplesmente uma das coisas mais bonitas que já vi.

— Você no modo “bom pai” só me deixa com mais tesão. — Ollie me provoca, passando a boceta por todo o meu comprimento, dando um gostinho do que me espera.

— Senta em mim, vai — peço, cobrindo seu seio com minha mão, aproveitando para apertá-lo um pouco. — Me faz gozar para você.

Ollie solta um suspiro e parece hipnotizada quando desce sua mão no meio de nós dois, pegando meu pau e encaixando-o em sua abertura. É quente, molhado, delicioso. Ela não me provoca, parece estar com tesão demais para isso.

Minha garota apenas desce, tomando meu pau aos poucos, mordendo o lábio para não fazer nenhum barulho.

É o paraíso.

Acho que sempre vai ser o paraíso.

Observo Olivia começar a rebolar em cima de mim, tomando tempo para se acostumar com meu tamanho e largura, e decido ajudá-la, sugando seu mamilo para dentro dos meus lábios.

Minha língua o circula delicadamente para em seguida o sugar com uma pressão que faz sua boceta palpitar ao redor de mim.

Faço o mesmo com o outro, aproveitando para observar suas reações enquanto sugo seu mamilo. É bonito vê-la segurar os gemidos.

Seus movimentos ficam mais intensos e ela aproveita para puxar um pouco mais as pernas para se abrir ainda mais. Vê-la em cima de mim me dá um tesão do caralho.

— Você está linda demais em cima de mim, *baby* — falo, passando a mão pelo seu mamilo babado, espalhando a umidade por ele inteiro. — Acho que o seu lugar é aqui. Me fodendo. Me tomando. O que acha, Moon? — Subo um pouco o tronco para encontrar sua boca. — O que acha de passar o resto dos seus dias tomando meu pau nessa boceta gostosa?

— Não fala assim — geme contra os meus lábios.

— Por quê, Moon? — Minha mão desce até sua bunda, testando como ela se sente quando meus dedos encontram sua abertura. *Quero tanto fodê-la por aqui.* — Por que eu não posso dizer que o seu lugar é em cima de mim?

— Porque me dá vontade de gozar e não quero gozar ainda. — Quando enfio um dedo no seu cu, ainda metendo em sua boceta, Ollie revira os olhos de prazer. — Isso... Assim...

Agora sou eu que preciso me segurar muito para não gozar.

— Como você é gostosa! — sussurro contra o seu seio, sentindo meu pau se contrair por causa da pressão que sinto bem abaixo do umbigo.

Os movimentos de Olivia vão ficando mais pesados e preciso morder um pouco o seu pescoço para conseguir controlar os sons que escapam pela minha boca.

Sinto tudo.

Sinto suas unhas no meu braço, seus seios em meu peitoral, sua umidade escorrendo pela minha pélvis.

A minha vontade é de bater na bunda dela por ser tão perfeita. Por conseguir gemer tão baixinho no meu ouvido, apenas para não acordar minha filha. Por conseguir me deixar no limite apenas com seu corpo, com sua boceta.

— Vou gozar, Lucas! — fala e eu não tenho tempo nem de responder, porque quando vejo, estou gozando para ela.

Dentro dela.

Meu esperma inunda tudo e parece que isso só deixa o orgasmo dela ainda mais forte, pois além dos sons presos na garganta e os arranhões que ela faz nos meus braços, sinto suas pernas tremerem.

Não é uma simples contração muscular que sempre tem quando está gozando.

Não.

Dessa vez, Olivia foi colocada no limite.

Quando ela olha para mim com aqueles olhos pesados e se coloca de joelhos novamente, com seu tronco todo reto, enquanto tira meu pau de dentro de si, só consigo pensar que eu fodi essa mulher sem camisinha e de um jeito bem irresponsável.

Ela me faz cometer esse tipo de loucura.

Ollie me faz perder a razão e isso é tão preocupante quanto viciante.

Observo meu gozo sair de sua boceta, pingando pouco a pouco em cima de mim.

— Nunca transei sem nada — diz, meio envergonhada. — Desculpa, nem me toquei que estávamos sem camisinha.

— Ficou louca de tesão a esse ponto, Moon? — pergunto com um sorriso no rosto. — Não peça desculpas por isso. Eu estava aqui também. Também me esqueci.

Também não me importei com a merda do preservativo.

— Eu... Hum... — Agora ela realmente parece meio desconfortável. — Eu não tomo remédio.

— Nenhum? — Isso sim é um problema.

— Nenhum.

Respiro fundo, tentando ser frio com a situação.

Eu também errei. Eu também quis.

— Você se importa de tomar a pílula do dia seguinte? — ela sorri, negando com a cabeça. — Tome uma pílula e vamos ficar bem.

— Não está bravo?

— Eu gozei dentro de você, *baby*. Não sou nenhum menino. Há uns anos, eu até poderia dizer que fazia esse tipo de coisa porque estava bêbado, mas não sou mais esse homem. Sei as coisas que faço e assumo as minhas responsabilidades. Ninguém precisa ficar bravo com ninguém. Eu não tenho doenças, você também não. Vamos ficar bem. — Ollie solta um suspiro aliviado e meu coração dá um salto com esse simples movimento dela. — Vamos tomar banho? Se eu perder a hora, a diretora da Luna vai me matar.

Olivia sai de cima de mim e assim como ontem à noite, tomamos um banho silencioso e calmo juntos.

É preciso de tudo de mim para não criar uma imagem mental dessa mulher carregando um filho meu no ventre.

O problema maior é gostar da imagem.

A ideia de ter um filho com ela não me assusta.

Nada com Olivia me assusta.

E acho que, no final das contas, é isso que me assusta.



— Papai, tem *aplesentação* na escola de balé no sábado, *tá lembado*? — Claro que eu não estava.

O dia que conhecer um pai e uma mãe que lembra de toda a agenda do filho, eu o mato por atentado contra os outros pais.

Onde já se viu não se perder no meio de tantos compromissos e brincadeiras?

Se bem que estou querendo enganar a quem? Minha cabeça não está legal depois de ter comido quem não deveria.

— Estou, filha. Jamais me esqueceria disso.

— Você *tava* esquecendo, né? — Ela solta uma risadinha fofa. — Sua cabecinha não é muito boa.

— Juro que eu não estava! — Faço a cara mais falsa do mundo enquanto olho no retrovisor a garotinha loira que agora sempre usa trancinhas.

— Minha sapatilha, você lembrou de *pegá*? — Não lembrei, inferno!

— Vou pegar hoje de tarde. — Chega a me dar taquicardia.

Se eu não buscar a sapatilha vermelha para ela dançar no sábado, estou fodido!

— Você vai viajar hoje, papai. Não vai conseguir pegar não. — Simplesmente ótimo!

— O titio Jay vai pegar, filha. Não se preocupe. — Respiro fundo, tentando não pirar.

Já estou pirando.

— Eu pedi para a minha tia Ollie pegar, papai. Só estava *bincando* com você.

— Espertinha.

Minha filha parece mais relaxada e não passa despercebido por mim que hoje, pela primeira vez em anos, ela não está chateada porque não vou poder ver uma de suas apresentações no balé.

— Papai vai te ligar todos os dias antes de você dormir e antes de ir para escola, tá bom?

— Uhum. — Minha filha me olha e com a maior naturalidade do mundo, diz: — Titia Ollie vai ver a minha apresentação, ela nunca viaja, né?

Meu coração se aperta um pouquinho.

— O trabalho dela é aqui na cidade, filha, por isso ela não viaja.

— Gosto da titia Ollie, papai. Acho que devíamos *adotar ela*. — Primeiro, eu dou uma risada.

Mas logo fico tenso.

Porque pela primeira vez em muito tempo, eu sinto que... Não. Eu não sinto nada.

Foi só uma trepada.

Nada além disso.



Nós ganhamos.

Eu me sinto feliz. O time está feliz.

O jogo não era no nosso estádio, com a nossa torcida, mas isso não nos parou. Conquistamos a vitória e estamos cada vez mais próximos do objetivo final. Porém, para o meu desespero, sinto falta dela.

Do sorriso dela.

Do cheiro dela.

Vejo as namoradas e as esposas dos meus colegas por aqui, sorrindo e oferecendo apoio para eles, e isso nunca havia me incomodado antes. Até agora. Até conhecer de verdade a boca daquela mulher e perder completamente os meus sentidos.

Estou há dois dias dizendo que ela não é especial para mim. Somos amigos que transaram e só, mas é difícil.

Ela é tão mais que uma amiga.

Olivia vem se transformando na minha parceira. Na pessoa que eu divido responsabilidades, tempo e uma rotina.

O problema deve ser esse.

Eu nunca morei com uma mulher antes, então é óbvio que estou ficando confuso.

Esse tempo longe de casa vai ser bom. Vou conseguir lidar e digerir esses sentimentos intrusivos, e me desvincular um pouco da mulher que faz minha cabeça ficar confusa e meu coração bater mais rápido.

Vou ficar bem.

Vamos ficar bem.

E separados.

Porra, Olivia, por que você tem que bagunçar tudo assim?



OLIVIA MOON FINNLEY

Eu não sei por que estou tão nervosa. É só uma apresentação de balé. Ela se preparou. Prendi o cabelo dela com vários grampos. Não tinha nada para dar errado.

— Você está balançando o banco inteiro com essa perna. Sossega, Olivia — meu irmão murmura ao meu lado.

O teatro da escola de balé está lotado, todos parecem animados com a apresentação de primavera, mas confesso que estou doida para que eles comecem logo. Quero ver a Lulu dançar pela primeira vez.

— Você também não está nervoso? — Meu irmão me olha como se eu fosse uma maluca. — Ah, qual é? É um momento importante.

— Ela faz umas quatro apresentações dessa por ano. Por que eu ficaria nervoso? Além do mais, Luna é ótima. Nunca erra um passo ou uma pirueta sequer. Não é como algumas aí que ficam parecendo umas estátuas no palco — diz com arrogância.

— Não se esqueça de filmar. Lucas pediu para mandar para ele no final da apresentação. Está louco para ver, não fala de outra coisa comigo.

Algo na minha frase faz Jay cerrar os olhos para mim.

— Lucas? — Nossa, mas ele não pode fingir que é tonto pelo menos uma vez na vida? — Já deu para ele, não é? É por isso que está toda felizinha e sorridente.

— Cala a boca — murmuro, ficando mortificada.

Meu irmão não é um cara que fala baixo.

Olho para os lados, mas ninguém parece muito curioso com o nosso papo.

— Um mês e uma semana morando no mesmo teto que ele e essa calcinha já voou pelos ares. Quem te viu, quem te vê, hein, Sra. Três Encontros.

— Não seja chato, sabe que esses assuntos me deixam com vergonha. — Tento me acomodar na cadeira, desviando os olhos do meu irmão para o palco.

Seria um bom momento para essas luzes se desligarem e o show começar.

— Pelo que me recordo, você tinha parado de tomar anticoncepcional e não voltou mais. Sugiro que volte o mais rápido possível. — A intimidade que esse demônio insiste em ter comigo é tão irritante quanto reconfortante.

— Eu marquei médico para semana que vem, porque tive que tomar a pílula do dia seguinte há uns dois dias e não sei se posso já começar a tomar anticoncepcional em seguida.

— Mas... mas... — Meu irmão chega a ficar branco.

Hoje não era um bom dia para Penny se enfiar em um spa relaxante.

— Demos bobeira, sabe como sexo matinal funciona. Muito tesão e pouco raciocínio.

— Esquece tudo o que eu falei sobre os três encontros! Eles são necessários. — Jay chega a limpar a testa, preocupado. — Você é muito tonta mesmo, né? Como transa sem camisinha com um cara que nem é seu namorado?

— Não começa, eu já tomei o remédio e marquei o médico.

— E se não tiver funcionado? Imagina se você tem um filho com um cara que nem mesmo te ama!

E depois perguntam por que eu fiquei desse jeito.

Jayden pode até ser muito liberal quando o assunto é ele mesmo, mas comigo, as coisas sempre funcionaram um pouquinho diferente.

— Não seja dramático. Foi só uma vez. Não se esqueça de que você vivia esquecendo de usar camisinha quando ainda namorava com a Penny — resmungo, cruzando os braços.

— Eu tinha dezenove anos, não vinte e sete, porra!

— Ei, sou adulta. Cometi um deslize, mas fique tranquilo, já resolvi. Não estava no meu período fértil. — Mentira, eu estava sim.

Mas ninguém precisa saber disso.

Nem mesmo o Lucas.

— Vou te buscar depois do médico e vamos bater um papo sobre pílula e camisinhas. — Meu irmão ajeita o paletó do terno cinza, ainda pronto para esganar o meu pescocinho. — Se aquele filho da puta te engravidar e não colocar uma bela aliança no seu

dedo, eu capo aquele pau enorme que ele carrega no meio das pernas.

— Cala a boca, Jayden!

— Eu não estou brincando.

E eu sabia que ele não estava mesmo.

As luzes do teatro finalmente se apagam e todos, aos poucos, fazem silêncio esperando a primeira apresentação começar.

Eu passo uma hora vidrada naqueles pequenos humanos de tutu e minisapatilhas.

Uma coisa no meu coração brota ali.

Quando chega a vez da turminha da Lulu, não consigo conter as lágrimas. Ela é talentosa e dá para ver que o seu carisma transborda em cima do palco.

Me sinto tão pronta para viver coisas como essas.

Filhos.

Apresentações.

Rotina.

Isso combina tanto comigo. Com meu jeito. Com meu plano de vida.

Essa família não é sua, Ollie.

É, eu sei que não é. Mas ao mesmo tempo, sentada aqui, com lágrimas nos olhos, enquanto me sinto ansiosa para falar com o pai dessa linda garotinha, me pego desejando que fosse.

No fundo, sei que desejo que eles sejam meus.

Porém, não são.

E eu tenho que lidar com isso.



— *Ela ficou uma gracinha com aquele tutu vermelho*. — Lucas está deitado em sua cama de hotel, sem camisa, enquanto eu lavo as panelas sujas por causa do jantar. Estamos a quilômetros de distância, mas o celular faz tudo ficar um pouco mais fácil. — *E as piruetas dela estão ficando cada vez melhores.*

— Lulu é muito boa. Acho que seria legal se você investisse em algumas aulas particulares para ela. Talvez tenhamos uma bailarina em casa — respondo, colocando a última panela no escorredor.

Nem acredito que esse dia finalmente teve fim.

Luna nem conseguiu esperar o pai para dormir. Depois do jantar e um belo banho quente, ela dormiu assistindo desenho deitada no sofá. Mas quem pode julgá-la? Uma atleta merece o seu descanso.

— *Já pensei nisso, mas tenho medo de sobrecarregá-la. Ela é só um bebê.*

— Concordo, mas vai que ela tem realmente talento? Acho que você podia conversar com ela e ver o que acha. Mais umas duas horas por semana de balé pode ser divertido, e caso ela não queira mais, tudo bem. Não é uma obrigação, entende? — Acho que tudo o que ele puder dar para a filha sempre será muito bem-vindo.

— *Vou conversar com ela, acho que você pode ter razão.* — Pego meu celular e aproveito para me jogar um pouco no sofá, deixando meu corpo relaxar. — *E como você está, Moon?*

— Eu marquei com a minha médica para ver sobre o anticoncepcional, tomei a pílula, então estou me preparando para lidar com a cólica e a menstruação que provavelmente vem daqui a uns três dias.

— *Sente muitas dores?*

— Minhas cólicas geralmente são terríveis e nunca tomei essa pílula. Não sei muito bem o que esperar.

— *Queria estar aí por você.* — Por que ele tem que ficar falando essas coisas? — *Não me deixe de fora. Quero saber de tudo o que está acontecendo.*

— Não quero te atrapalhar.

— *Você não atrapalha. Nunca. Não hesite em me ligar ou me pedir algo.*

— Lucas... Lucas... Eu sou iludida, você ainda fica dizendo essas coisas e para eu me apaixonar é fácil — brinco, mesmo sabendo que é a mais pura verdade.

— *Perdão. Normalmente não sou assim, mas me preocupo com o seu bem-estar como... como...* — Ele parece tentar achar as palavras que nunca vem. — *Eu me preocupo com você. É isso.*

Eu o entendo.

Sou a irmãzinha do Jayden e além do mais, nós somos meio que amigos. Ou pelo menos fomos um dia, então é meio lógico que tenhamos uma conexão diferente.

Não preciso me iludir com isso.

Ele segue sendo o cara anti-relacionamentos que não vai me querer vestida de véu e grinalda, nem se a sua vida dependesse disso.

Não sei o que é mais difícil. Não me iludir ou não me apaixonar.

— *Que livro está lendo agora?* — me pergunta, do nada.

— Um de uma autora nova, mas que estou amando. Eles são cientistas e se odeiam por causa de um passado que ainda não entendi, mas estou adorando a interação dos dois. A tensão sexual está... — Faço um movimento beijando os dedos. — saboroso!

— *A mulher odeia o cara e ele vive de pau duro para ela? Um coitado, eu diria.*

— Mas essa é a parte gostosa desse tipo de romance. Eles se odiarem e se desejarem na mesma medida. Todo mundo sabe que sexo com raiva é o melhor tipo. — Minha resposta faz os seus lindos olhos verdes queimarem.

Adoro como o rosto dele se transforma quando está excitado.

— *Discordo*. — Sua voz rouca me deixa toda arrepiada. — *O melhor tipo de trepada é aquela que fazemos com tanta calma, que o orgasmo quando vem é dilacerante.*

Lucas tem razão.

E como tem...

Ainda consigo sentir algumas dores por causa das coisas que fez comigo naquela noite.

— Vamos continuar fazendo isso, né? — pergunto, porque preciso saber muito bem onde colocar as minhas expectativas.

— *Se você quiser seguir tendo algo casual enquanto mantemos nossa farsa, não vou me opor. Adorei te comer, Moon. Inclusive, não vejo a hora de poder comer de novo.*

As coisas que ele fala. Meu Deus do céu.

— Por mim, tudo bem. — Eu estava cometendo um erro.

Sei que sim.

É óbvio que sim.

Esse friozinho na barriga e essa saudade dele não é algo que acontece quando as coisas são casuais. Mas não vou parar. Não quero parar.

Estou cometendo um erro onde o meu coração vai se quebrar, porém vou cometer mesmo assim.

Que mal vai me fazer? É só amor.

Amor não mata.

Amor é bom.

— *Não cometa o erro de se apaixonar por mim, Ollie, porque eu não vou te corresponder.*

— Não vou me apaixonar. Prometo.

Seu sorriso se abre e eu me derreto inteira, sentindo que no fundo já me apaixonei. Ou talvez, bem lá no fundinho, eu saiba:

Sempre fui apaixonada por Lucas, só nunca consegui admitir isso para mim mesma.



Lucas Blake Bullard

— Eu avisei que esse era o plano perfeito. Vocês são incrivelmente perfeitos juntos. Ela parece louca por você e bom, ninguém pode dizer o contrário do Sr. Possessivo. O público ama, consequentemente, as marcas compram.

— Gostaria que elas comprassem pelo meu talento, mas ok.

— Você é o defensor mais bem pago da temporada, Blake. Pare de ser dramático por pouca coisa. Estamos na Era das celebridades. É normal. — Para ele, é mesmo normal, já para mim, é uma merda. Ainda acho esse plano uma merda, só não abro a boca para reclamar mais porque a minha namorada de mentirinha é a Olivia. Se não fosse ela, eu não estaria tão tranquilo com isso. — E outra, seu dinheiro referente a contratos de publicidade simplesmente dobrou de valor. Tem noção do que é isso?

— Muito dinheiro. — Mais herança para a loirinha que agora vai até fazer aulas particulares de balé para conseguir treinar mais.

Talvez a filha de atleta seja realmente uma atleta.

— Muito, meu amigo. — O sorriso dele mal cabe na boca. — Confie em mim, essa foi uma ótima solução.

— Agora começamos a parte onde temos que alimentar as nossas redes sociais? — Essa é a etapa que menos me sinto preparado.

Eu nem entro nessas merdas. E vamos combinar, meu carisma é menor do que a minha habilidade de manter um relacionamento duradouro na minha vida.

— Exatamente. Eu não diria para vocês fazerem vídeos, mas fotos, alguns *storys*, não vão matar ninguém. — Ok, foto é algo que podemos fazer.

— Sem entrevistas — falo com firmeza.

Olivia não é alguém que gosta da mídia em cima dela. Sua escolha profissional mostra com bastante clareza que ela não gosta de ser o centro das atenções de nada. Então, não quero que fique desconfortável mais do que o necessário.

— Sem entrevistas. — Jay não ousa brigar comigo por isso e parece se dar por satisfeito depois da nossa reunião.

Jayden ganhando dinheiro e tendo para si a esposa que ele nunca pediu a Deus é sinônimo de paz e tranquilidade para o restante do mundo.

— Sabe, eu fico vendo as fotos de vocês dois juntos e às vezes fico com medo de Olivia estar se iludindo com essa história inteira. Que está fodendo com ela, eu já sei, mas fico preocupado. Não sei se a minha irmã entende que você nunca vai assumir alguma coisa com ela. — Jay me fita com aqueles olhos glaciais e parece meio bravo. — O romance falso é até fácil de lidar. Vocês precisam aparecer muito pouco juntos. Já morar juntos... Não sei se foi uma boa ideia.

— Eu sou sincero. Você me conhece.

— Você é sincero, mas também é carinhoso, gentil, adora ter atenção e dar isso de volta para as pessoas. Sou seu melhor amigo, eu te conheço. Às vezes as suas palavras não condizem com suas ações.

— O que está tentando me dizer?

— Que não é por suas palavras que as meninas se apaixonam e sim pelas suas ações. Você é um bom partido. É um cara que a maioria dos homens sonham em ser e as mulheres sonham em ter. É fácil pensar em um futuro com você. É extremamente confortável estar ao seu lado. Com as suas *ficantes*, você pelo menos não dormia junto, não fazia nada além de levar até um hotel e trepar. Mas com a Olivia, você está dividindo um teto, tem noção de como isso é perigoso?

— Primeira coisa, eu não tenho culpa de que as mulheres se apaixonam por mim — digo na defensiva. — Tento ser o mais sincero possível, sempre deixo claro as minhas intenções, mas não vou me prestar ao papel de ser um homem grosseiro e estúpido só para manter as pessoas longe de mim. Não sou esse tipo de cara. Segundo, sua irmã já é adulta. Se ela quer estar comigo e sabe que eu nunca vou assumi-la, não vejo com o que se preocupar. Às vezes, as mulheres só querem trepar e se divertir — resmungo, olhando para ele com seriedade.

— Algumas mulheres, sim. Outras, como a minha irmã, querem se casar e viver um amor avassalador. — Eu entendo o que ele está dizendo. Juro que sim.

Mas não quero lidar com isso.

Não quero pensar que estou cometendo um erro ao comer aquela mulher.

Não quero parar de tê-la.

— Sabe o que eu acho? — Jayden arqueia a sobrancelha para mim, de forma irônica. Ele sabe que me irritou. Não que isso seja difícil de acontecer. — Olivia ficou desse jeito por sua causa. Essa pose de irmão liberal é apenas isso: uma pose. No fundo, você quer isso para ela. Um casamento. Um amor. Você sonha que aquela garota seja mulher de um homem só. Porém, se esquece que a sua irmã pode até ser romântica, mas ela está bem longe de ser burra. Olivia não quer o meu dinheiro, não quer a minha fama e não quer o meu coração. Confie em mim, ela me falaria. Deixe a sua irmã viver, Jayden. Ela não é mais criança.

Ao invés de me dar uma resposta à altura, ele apenas sorri e balança a cabeça, negando alguma das minhas palavras.

Ficamos ali, em silêncio, até que finalmente sinto o meu melhor amigo relaxar um pouco.

Não somos de brigar, nem mesmo de discutir, mas ele sabe quando não me enfrentar.

Não sou o tipo de cara que alguém quer irritar. Ainda mais por coisas que não estou apto a discutir.

Ninguém vai me dissuadir a ficar afastado de Olivia.

— Vamos almoçar? Estou faminto. — E assim, eu sei que Jayden, por ora, está tranquilo com esse assunto.

Vai durar pouco tempo.

Enquanto meu melhor amigo não entender que a sua irmã não sofrerá no final de tudo, ele não ficará sossegado.

O que ele não sabe é que eu prefiro me ferir a um dia cometer o erro de ferir Olivia.



A vida de um jogador acontece muitas vezes dentro de um avião, indo de um lugar a outro, com uma rapidez impressionante. Em um dia, estamos em um estado, no outro, já trocamos e vamos para outro. No início, era mais cansativo, mas hoje já me acostumei.

Antes de começar a me arrumar para o jogo de hoje à noite, sinto uma necessidade enorme de falar com Ollie. Sinto falta dela. Me peguei observando meu quarto de hotel, sentindo falta das suas velas, dos seus livros e principalmente do seu cheiro.

Queria que ela estivesse aqui.

Queria foder aquela boca gostosa com a minha língua e tê-la tremendo embaixo de mim, antes de ter que lidar com o resto do mundo.

— *Lucas?* — Moon parece um pouco surpresa quando atende a ligação de vídeo. Ela ainda está na loja e veste o suéter azul que eu adoro. Linda. Como ela é linda. — *Está tudo bem?*

— Sim. Só liguei para... — *Te ver. Porque estava com saudade. Porque queria que você viesse para cá.*

Minha voz morre, porque me recordo das palavras do meu melhor amigo. Não posso iludir minha garota. Não tem futuro. Não tem sentimentos reais e profundos. Eu sinto, sim, um carinho enorme por ela, mas não passa disso.

Nunca passará disso.

— *Luna está bem* — me responde como se entendesse as minhas preocupações de papai babão. É a primeira vez que eu

deixo minha filha aos cuidados dela, parece ser lógico que eu me preocupe. — *Está dormindo na cama dela, não teve nenhum pesadelo e até aprendeu a comer uva congelada comigo antes de dormir.*

— Então vocês duas estão se divertindo?

— *Muito! Lulu é adorável. Ela é uma menininha muito tranquila.* — Ollie vai andando para a sua sala, que fica à direita do caixa da loja, e aproveita para fechar a porta, dando para nós mais privacidade.

— Estou pensando em apresentar o mundo do hóquei para ela — digo, pegando a mim mesmo desprevenido. — Não sei. Ela já tem seis anos e nunca viu um jogo meu ao vivo. Sinto que chegou esse momento.

— *Você tem certeza?* — Olivia parece meio assustada com a ideia.

— E se eu nunca mais participar de uma semifinal? O tempo de um atleta é curto. Fico vendo meus colegas com os filhos por aqui e me sinto meio de fora por não ter a coragem de trazê-la. Luna já foi exposta. As pessoas já meio que tiveram acesso a ela. Por que não só lidar com isso da melhor forma?

— *Acho que ela adoraria ver um jogo seu. Ainda mais em uma viagem. Luna não diz, mas sente muito a sua falta nesses momentos, então não sei... Acho que vai ser bom. Para você e até para ela.*

— Nenhum jornalista fica em cima das crianças. Não sei se será tão ruim assim.

— *Olha, o que vai acontecer é que vão ligar o rostinho dela a você, ainda mais se isso acontecer. Eu não gostava muito da vida*

que os meus pais levavam, mas meu irmão nunca se importou. Uma coisa que minha mãe sempre disse é que eu nunca deveria sentir vergonha ou raiva pelo meu pai ter aquele trabalho. Era o que pagava as minhas contas e os meus estudos. Na época, eu não entendia muito bem, mas hoje em dia sou grata pelo trabalho e até mesmo pela fama dele. Tudo o que eu tenho, inclusive a minha loja, é por causa do esporte. Se conheço bem a Lulu, ela vai tirar tudo isso de letra. Acho até que ela vai amar a atenção.

É um alívio dividir essas questões com ela. Me sinto tão mais compreendido do que com qualquer outra pessoa. Ollie e eu sempre formamos um bom time. Acho que é por isso que temos tanta química juntos.

— Vocês conseguem vir para o jogo no sábado? — questiono, sentindo algo na minha barriga se apertar.

É ansiedade.

Não vejo a hora de poder dormir enrolado em seu corpo novamente.

Não vejo a hora de dividir a cama com ela e com a minha filha, e dormir sabendo que o mundo inteiro cabe dentro dos meus braços.

— Cl... claro que sim — gagueja, um pouco nervosa. — A Luna tem problemas com avião?

— Nunca teve, por quê?

— Eu nunca viajei com uma criança antes. — Ah, bom, isso realmente pode soar um pouco assustador.

— Não tem muito erro. Ela passa a maior parte do tempo brincando com alguma coisa ou conversando. Luna sempre é tranquila. Talvez fique um pouquinho ansiosa, mas nada demais.

— Tem um voo que chega aí às oito da noite, na sexta-feira. Eu posso pegá-la na escola e ir para o aeroporto direto. Acho que dá certo. — Olivia olha para o computador e parece estar bem decidida do que vai fazer.

— Obrigado, Moon. — Meu agradecimento a faz virar para mim, com o rosto já um pouco mais vermelho.

— Não é nada demais.

— É, sim. Tudo isso. A farsa. O cuidado que tem por Luna. É perfeito. — *Para mim.*

É com esse pensamento que sinto o meu corpo inteiro se retesar em um medo quase palpável.

Porque ela é sim perfeita para mim.

Ela é perfeita para a minha filha.

Passei dias despreocupado sabendo que Luna estava sendo bem cuidada.

Eu confio na Olivia.

Que porra é essa que eu estou sentindo?



OLIVIA MOON FINNLEY

Como sempre, tudo o que podia dar errado, deu.

Luna esqueceu o unicórnio de pelúcia em casa e fez a maior birra por causa disso, então quando vi, já estávamos atrasadas demais para pegar o nosso voo, mas tudo deu certo no final. Fui socorrida a tempo pelo meu irmão, que conseguiu um jatinho particular para nos levar até a Carolina do Norte.

A criança agora está deitada ao lado do pai em uma calmaria que me alivia demais.

Foi a primeira vez que a vi chateada daquela forma, mas, no fundo, sabia que era um pouco de ansiedade por estar vivendo algo totalmente novo.

Até eu estava ansiosa.

— Então amanhã muita gente vai me ver? — Ela está tão aninhada ao pai que quase me sinto com ciúmes.

Não dele.

Mas dela.

Queria esse abraço também.

Nada é tão reconfortante quanto o abraço desse mini ser humano.

Luna é uma criança doce, que sabe ser bondosa e carinhosa, além de ser muito engraçada.

Passar um tempo com ela sempre me dá a sensação de que o mundo é uma delícia e que a vida é até curta demais. Me sinto viva perto dela.

Me sinto... feliz.

Menos quando faz birra. Daí tudo vira uma meleca e tanto.

— Sim, mas acho que você vai gostar, tem muitas crianças por aqui, pode ser até que faça amigas.

— Sabia que o meu pai também jogava hóquei, Lulu? — pergunto, fazendo um carinho em seu braço.

É tão estranho que estar deitada com Luna e Lucas não me deixa desconfortável. Não é forçado. Não é estranho.

Só é... nós.

— Jura? — Ela me olha com aqueles olhos azuis arregalados. — Você tinha muitas amiguinhas?

— Claro que sim — minto.

Eu não era fofa, muito menos sociável como Luna. Meu pai me chamava de bichinho quando eu era pequena por uma razão.

— Vai ser legal. Só não pode bater nas pessoas, papai. Tia Ollie disse que você às vezes fica *blavo* e bate nos colegas. É coisa de gente feiosa. — Lucas segura o sorriso, mas eu não tenho a mesma habilidade.

— É de brincadeirinha, filha. Ninguém se machuca. — Correção: ele não se machuca, porque o resto…

O apelido dele pode até ser muralha, mas deveria ser trator. O homem acaba com qualquer um que se meter na frente dele sem dó.

— Você *plomete*? — Não é possível que ele vai mentir assim na cara dura.

— Prometo, filha. Pode confiar no papai. Jamais mentiria para você. — Bom, pelo menos ele já está treinando Luna para não acreditar nas palavras de homens por aí.

Acho que faz até sentido.

Um bocejo sai dos seus lábios e quando menos espero, ela vem até mim e me beija no rosto, encostando seu rostinho em meu ombro, se aconchegando bem ali.

— Vou dormir aqui, tá bom? — Não sei por que seu gesto mexe comigo.

— Claro, Lulu. — Meus olhos se encontram com os de Lucas, que olha para nós duas com um certo… orgulho? Não sei definir muito bem.

— Quatro dias com a Ollie e você já esqueceu do papai? — Lucas brinca.

— Eu gosto dela — murmura, já fechando os olhos, sonolenta. — Vamos te adotar, titia.

— Me adotar?

— É, tipo para você ficar comigo *pala* sempre. — Lulu me abraça ainda mais forte, como se tivesse um pouco de receio de que eu saísse dali. — Pai, desliga a luz?

Lucas não fala nada, apenas apaga tudo, deixando o quarto apenas com a meia luz do abajur.

— Titia Ollie, conta uma *histolia* para mim?

— Claro... — O que eu não faço por essa menina, não é mesmo? — Era uma vez uma princesa. Ela era bem feliz. Cantava com os pássaros pela manhã e vivia rodeada pelos seus livros à tarde.

— Ela é igual a você — murmura, ainda atenta a tudo.

— Um belo dia, ela conhece um príncipe encantado, bem alto... forte... com os cabelos loiros... — Sou interrompida no mesmo segundo.

— Você errou. — Luna chega a se sentar para falar comigo, olhando diretamente em meus olhos. — Meu papai tem cabelo escuro, olha ali.

— Ela tem razão, Moon. Quem é esse cara loiro?

Ah, pronto, agora é formação de quadrilha.

— Eu nunca disse que eu era a princesa — rebato a dupla dos Bullard e pego a minha criança novamente. — É uma historinha de mentira.

— Não quero a de mentira, pode contar a de verdade.

— É, *baby,* queremos a de verdade.

— Pai, ela não é a sua *Moon?* — Se vira para ele, ficando toda torcida na cama. Desse jeito, ela não irá dormir nunca.

— Ela é os dois.

— Pai, ela e eu temos o mesmo nome. — Agora, ela torna a me abraçar novamente. — Sabia que o meu nome significa lua também?

— Hum... É... sabia, sim. — Lucas solta um suspiro quando olha para nós duas, mas acho que ele está mais ansioso do que antes.

— Você só se chama Luna por causa da Moon, filha. — É o quê?

— Ué, mas por quê?

— Eu achava o nome dela bonito e a sua mamãe estrela também achou. — Ele fala olhando diretamente para mim. — Você se chama Luna por causa da titia Ollie, filha. A ideia do seu nome veio por causa dela.

Meu coração parece até descompassar.

Eu leio romances desde os quatorze anos.

Consumo coisas fofas e legais há séculos.

Nada me fez soltar um suspiro igual a isso. Nada fez a minha barriga gelar assim. Nada me fez ficar tão boquiaberta.

Não é possível que o meu nome do meio tenha inspirado o nome da filha dele.

O nome pelo qual só ele me chamava.

O nome que era uma coisa dele. Nossa.

Parece até mesmo loucura.

— Maggie aprovou isso? Ela sabia? — pergunto, meio em choque.

— Sabia e foi ela quem escolheu no final das contas.

— Temos o mesmo nome, então você é minha família. Igual o Easton da minha sala que tem o mesmo nome que o papai dele. Só que você é minha titia. Não é legal? — Agora o sono parece pegá-la de jeito.

Meu coração segue acelerado.

Meu corpo segue ainda bem acordado.

— É superlegal, amorzinho. — É superlegal!

Não consigo manter o contato visual com Lucas por muito tempo, porque se antes os meus sentimentos já estavam confundindo a minha cabeça, agora tudo ficou mil vezes pior.



— Pai! Pai! Pai! — Uma Luna eufórica bate no vidro da arena, com os olhos brilhando ao ver o pai entrar em um jogo pela primeira vez. — Ele não é lindo?

Ele é.

Pior que ele é.

O uniforme dos Raptors é inteiro verde com branco, que casa perfeitamente com os olhos do homem mais bonito da NHL. Eu entendo o apelo. Realmente, o homem é um deus.

É um alívio saber que eu tive a sorte de sentar nele pelo menos uma vez na minha vida.

E para completar, ele ainda é muito bom no que faz.

Tipo... muito.

— Sim, ele é lindo, Lulu.

A energia hoje está surreal, os torcedores estão animados, o time inteiro parece estar superatento e à vontade, mesmo não estando em casa.

É um bom dia.

Tenho certeza de que será um bom jogo também.

Meu coração se descompassa um pouco quando Lucas para bem na nossa frente e sorri para a filha, batendo no vidro, animado

por ela estar aqui. Não sinto que exista mais alguém no mundo agora. Só ele, Lulu e eu.

Adoro ver a conexão dos dois. Amo ainda mais quando percebo que, aos poucos, Lucas está deixando os seus medos e anseios de lado para aproveitar o que a infância da filha tem de melhor.

Luna nunca mais vai esquecer da sensação que está vivendo hoje.

Lembro de achar meu pai o melhor pai do mundo em jogos assim. Lembro de me orgulhar bastante dele.

Acho que Lulu vai se orgulhar muito também.

— Se você se apaixonar por ele, vou te deixar de castigo por um mês! — meu irmão diz bem no pé do meu ouvido.

— Ah, garoto, vai assustar a sua mãe! — Preciso até colocar a mão no coração.

Por um segundo, minha alma saiu completamente do corpo.

— Minha mãe não é uma tonta, jamais se assustaria por tão pouco. — Ridículo.

— Sabe o que aconteceu para o Sr. Chato pra Caralho pedir para trazer a Luna para cá?

— Ele quer aproveitar os *playoffs* com ela. Vai que ele não consiga mais jogar tão bem nas próximas temporadas? — Dou de ombros, dando um tchauzinho para a minha melhor amiga, que se senta ao lado do meu irmão.

— Que papinho mais furado — Jayden resmunga, olhando diretamente para o meu namorado de mentirinha. — Vocês são péssimos mentindo. Sinto o cheiro da mentira de longe.

— Somos péssimos? — pergunto com ironia.

Jayden não me responde.

Ele não pode.

Vai que alguém nos escuta.

— Titio Jay! — Luna grita ao encontrar seu padrinho e corre para o seu abraço. — Você viu o meu pai?

— Ele não está superlegal naquela roupa?

— Super! — Como uma boa menina educada, ela vai até Penny e a abraça também. — Meu Deus, que roupa mais linda! — A euforia ainda segue ali. Intacta. — Quero uma também, tia Penny.

— Eu sabia que você iria amar o meu vestido rosa. — Minha melhor amiga bate aqueles cílios bonitos para a criança, que parece obcecada por ela. Já notei que Luna adora roupas, coisas de cabelo e maquiagem. É a praia dela. — Tenho um para você na minha mala.

— Do meu tamanho? — Lulu até abre a boca, meio chocada.

Enquanto isso, volto minha atenção para o gelo. Um movimento muito ruim, já que ao fazer isso, vejo Lucas começando o seu aquecimento, parecendo todo... gostoso.

Jesus amado, e pensar que eu já tive esse homem em cima de mim!

— Sim, amor. Do seu tamanho!

— Ah! — Luna solta um grito. — Quero ver.

— Depois do jogo, querida — Jay a orienta. — Agora vamos ver o seu papai.

— Bem que você podia me dar sobrinhos, não é?

— Nem começa! — Jayden coloca a mão aberta quase perto do meu rosto, como se me mandasse parar de palhaçada.

Meu irmão morre de medo de ter filhos. Acho que ele tem medo de sofrer como os nossos pais sofreram para criá-lo.

Eu era o anjo, já ele, o demônio.

Penny revira os olhos, pegando Lulu no colo. Sei que a minha amiga nunca pensou em ter filhos, mas ela nunca rejeitou a ideia completamente. Será...?

Meu irmão vai surtar se ela engravidar e olha que não estou sendo exagerada.

— É um nenenzinho. Não vai te matar à noite.

— Vai que não nasce uma mosca-morta como você. Deus me livre. — Idiota.

Não sei nem se ele estava me elogiando ou ofendendo.

— Para de xingar a minha mulher, Finnley! — Meu namorado de mentirinha bate no vidro, chamando a atenção de todos.

— Lá vem o defensor dos fracos e oprimidos. Vai aquecer, chato — resmunga, pegando sua cerveja e tomando um longo gole.

— Meu pai não parece um príncipe, titia Penny? — Luna pergunta, toda apaixonadinha pelo seu papai.

Por que isso só me deixa mais rendida por ele?

Um homem como ele já é bem irresistível. Agora, um homem como ele, sendo um ótimo pai, deixa tudo pior!

Como é difícil manter aquela promessa mentirosa.

Como é difícil manter minhas mentiras nos lugares certos.

— Ele parece sim — responde, já sorrindo porque sabe que o meu irmão vai pirar.

— Eu sou mais bonito, não acha, Luninha? — pergunta o insuportável.

— Não acho não. — É impossível conter a gargalhada.

Sorrio.

Passo o tempo todo sorrindo.

Não é difícil fazer isso quando Lucas brilha no jogo.

Não é difícil quando ele faz o primeiro gol e dedica à filha.

Não é difícil quando ele faz o segundo e dedica a mim.

Não é difícil quando eu sinto o meu coração cheio e minha alma viva.

Sorrio muito porque estou feliz. Estou em paz.

Mentira ou não, sei que essas memórias vão estar comigo para o resto da minha vida.

Lucas não sabe, mas ele está me mostrando que os meus sonhos um dia podem ser reais. Mesmo que não sejam com ele.



Lucas Blake Bullard

O gosto da vitória sempre faz qualquer outra merda valer a pena. Já me senti muito culpado por gostar de trabalhar, mas a verdade é que sou um cara que precisa ter um foco. Um motivo para acordar cedo de manhã e viver o resto do dia. O esporte para mim é muito mais do que o meu sustento, é também a minha fonte de orgulho e prazer.

Eu gosto de jogar. Gosto de acordar cedo e treinar. Gosto até das dores e dos hematomas. Eu amo ser o pai da Luna, mas preciso ser mais do que o pai dela para me sentir amplamente realizado.

Me lembro de que quando ela ainda era um bebê, eu ficava incomodado com esse tipo de pensamento, porém hoje sei que é normal. Nenhum pai se realiza através dos filhos. Somos pessoas diferentes. Com vidas diferentes.

Eu amo a minha filha. Ela é a prioridade número um na minha vida. Mas ela não é e nunca será a minha vida inteira.

Acho muito ruim quando alguém me julga por causa das minhas viagens, ou por causa da minha profissão. Sim, minha filha

sente minha falta. Sim, eu sinto muito a falta dela. Mas, assim como eu, acho que ela deve ter uma rotina muito bem delimitada, preciso fazer o que eu amo para ser um cara feliz.

Ninguém merece ser criado por alguém infeliz e amargo.

A decisão de trazer a minha filha para o meu mundo veio de um ato meio impulsivo, concordo. No fundo, só estava com saudades e queria ligar um pouco o foda-se, mas depois entendi que ser muito recluso e muito reservado faz com que eu tenha muitos segredos e me deixa sob os holofotes do mesmo jeito. Esconder a Luna talvez só me deixe como um alvo fácil. É bem tranquilo de me atingir. É tranquilo inventar coisas sobre alguém que poucos sabem a verdade.

Julgar o que você desconhece é absurdamente fácil.

Sou uma figura pública. Não há como mudar isso nesse momento. Por mais que eu não goste de tudo que venha com esse fato, ele não deixa de ser real. Jamais vou colocar a minha filha em uma capa de revista ou nas minhas redes sociais por exemplo, mas acho que falar sobre ela e trazê-la em alguns jogos não será ruim de nenhuma forma. Ou pelo menos, não será tão ruim.

O que falam sobre mim, não me importo. Sou um homem de quase trinta anos. Não tenho muita paciência para fofoquinhas e encheção de saco. Meu problema é com a Luna. Se alguém mexe com a minha filha, daí realmente eu topo qualquer negócio para protegê-la.

— A fila do banheiro estava enorme! — Ollie chega até mim, arrumando seu vestido vermelho no corpo, me causando aquele arrepio gostoso. Acho que é a primeira vez que venho acompanhado em uma festa pós-vitória do time, porém não posso

dizer que estou infeliz com isso. — Ainda não acredito que a Lulu conseguiu convencer o meu irmão e a Penny a irem embora para ver filme.

— Você não tem ideia de como o seu irmão mima aquela garota. — *E não tem ideia de como eu gosto desse vestido em você.*

— Jay será um ótimo pai. Acho que nunca pensei que falaria isso, mas é a verdade. Ele é ótimo com a Luna. E a Penny é perfeita também.

— Penélope me ajudou muito depois que Maggie faleceu. Ela que me ensinou a arrumar os cachinhos de Luna e foi ela quem me ajudou a comprar roupas. Eu era péssimo. Nunca conseguia acertar nos tamanhos. — Ninguém nasce sabendo ser pai.

Você vai se descobrindo. Aprendendo. Estudando. Aos poucos, as coisas vão fazendo sentido. Mas não é fácil, nem de uma hora para outra.

E não falo isso apenas sobre a paternidade, me lembro de Maggie chorar com Luna no colo simplesmente porque não sabia como lidar com as cólicas dela.

A parentalidade é a melhor coisa do mundo, mas às vezes consegue te levar a um limite que você jamais sonhou em chegar.

— Penny nunca foi muito boa com crianças, mas Luna despertou algo nela. As duas são muito parecidas, com esse jeitinho... — Ollie pensa um pouco antes de falar. — Perua? É, posso dizer que as duas são bem peruas.

— Foi Penélope que começou com essa coisa de pintar as unhas de Luna. Até em um salão de beleza, ela já levou a pequena.

— Eu odeio — sorri um pouco enquanto brinca com o seu *drink*. — Me dá agonia ficar tanto tempo sentada naquelas poltronas esperando por um milhão de anos. Por isso, sou do time corte simples e manicure de quinze em quinze dias.

— Lucas? — uma voz feminina me chama e eu chego a suar frio.

É lógico que em algum momento isso iria acontecer.

A festa está um pouco lotada, os caras estão aproveitando os sabores da vitória e é claro... Aproveitando os prazeres da vida.

Quem não conheceu a futura esposa em festas assim?

O problema? É que eu não encontrava futuras esposas, eu encontrava fodas.

Olho por cima do ombro, tentando manter o sorriso no rosto quando vejo que é Angelina, a modelo famosa que até poucos meses atrás namorava com o capitão de um time da Califórnia.

— Ah, oi. — Me viro para ela, acenando um pouco, mas logo puxando Ollie pela mão, trazendo-a para o meu lado.

— Você se lembra de mim? — O pior é que eu me lembrava.

Dois anos atrás, nós tínhamos perdido o campeonato e eu encontrei um colo para chorar bem no meio das pernas dela.

Não posso dizer que foi um momento ruim, mas olhando para a cara de bosta que Olivia está fazendo agora, talvez ela não fique tão feliz assim pelo meu passado.

— Angelina York, claro. — A alma até parece querer sair do corpo. — Essa aqui é a minha namorada, Olivia Finnley, acho que não foram apresentadas ainda.

— Olivia? — O olhar dela vai do rosto da Ollie até os pés, e quando eu acho que ela falará alguma merda, a mulher sorri, como

se estivesse na frente de um picolé de chocolate. — Então é verdade? Você realmente sossegou?

— Sim, é verdade. — Engulo até seco.

— E como é o sentimento de ser a escolhida do Lucas? — O rosto de Olivia se fecha ainda mais.

— Bom. — Não posso dizer que Ollie entrega muito no carisma quando responde.

O silêncio fica meio constrangedor e Angelina parece estar desconfortável com a interação. Ela não é uma mulher ruim. Muito pelo contrário, sua reputação é muito limpa dentro do nosso meio. Até mesmo depois do seu término, ela continuou sendo muito querida.

— Fico feliz por vocês. — Angelina abre um sorriso e logo se vira para sair de perto e voltar a interagir com outras pessoas.

— Mas que porra… — Até paro a minha pergunta no meio quando me deparo com os olhos assassinos da minha namorada de mentirinha.

— Por que ela te chama de *Lucas*? — A pergunta vem seca.

— É o meu nome. — Espera aí, isso aqui é ciúmes?

— Você nunca deixava ninguém te chamar de Lucas. — Cadê a garota calma e serena que morava nessa cabecinha? — Então acho estranho que ela te chame assim.

— Você não está realmente brava por causa disso, né?

— Não estou brava, só estou confusa.

— Você está brava, sim. — Prendo o riso. — Não acredito que tem ciúmes de mim, Ollie.

— Não é ciúmes!

— Então o que é isso? Hum? — Puxo Olivia para mim pelo quadril. Geralmente, essa ceninha seria uma terrível bandeira vermelha para mim.

Se fosse com qualquer outra pessoa, eu terminaria tudo agora. Relacionamentos casuais não têm espaço para ciúmes. Não têm espaço para posse. Muito menos para "*drzinha"* besta.

Mas é a Olivia.

Eu nunca me importo com esses detalhes quando estou com ela.

— É... — Ollie morde o lábio inferior quando sente as minhas mãos prensarem ainda mais o seu corpo.

— Fala. — Abro um sorriso malicioso — Conta para mim que porra de surtinho foi esse?

— Você já ficou com ela? — pergunta com os olhos mirando os meus.

— Isso importa? — Estou irritando-a mais. Sei disso.

Eu não me importo.

Gosto quando ela sai da pose de boazinha.

— Sim... Importa. — Ela fecha mais a cara.

Eu sorrio mais.

— Por quê, *baby?* — Minha boca toca a sua sutilmente. — Meu passado nunca te incomodou antes. Então, qual o problema?

— Ninguém te chama de Lucas. — Só ela e a minha mãe.

É meio constrangedor, mas é a verdade.

— Se não confessar que está com ciúmes, eu vou te deixar sem gozar até a Stanley. Não quer isso, quer?

— Então me responde, por que ela te chama de Lucas? — Tão bonitinha fazendo essa feição brava.

— Porque eu nunca a impedi de fazer isso. — Nunca me importei, na verdade. — Mas não deixarei ninguém mais me chamar de Lucas. Só você.

— Ótimo. — Encaro os seus lábios e decido que se ela pode mostrar um pouco das suas garras, eu tenho o mesmo direito.

— O nome disso é ciúmes, Olivia. — Fico mais próximo dela, mostrando como estou duro por ela, roubando o seu fôlego. — E te ver com ciúmes me deixa duro pra caralho.

— Lucas... — Ollie ofega e noto que algumas pessoas estão nos observando, mas estou pouco me fodendo.

— Vai para o carro e me espera lá.

— Você não está falando sério.

— Pareço estar brincando? — Pelo meu olhar, ela já sabe que eu não estou.

Olivia se vira, deixando o *drink* que estava em sua mão em uma das mesas e se vai. Enquanto isso, olho para os lados, encontrando alguns olhares em mim, mas o que mais me chama atenção é Axel, que abre um sorriso glacial e diz em alto e bom som:

— Agora sim, eu acredito mesmo nesse namoro.

Merda!



Quando abro a porta da limusine, a divisória já está levantada. Olivia lança um olhar arregalado para mim enquanto parece esperar

um movimento meu. Ela está com um vestido tão fácil de tirar. Ele é vermelho. Solto.

Um puxão e eu encontro o que ela está escondendo ali embaixo.

— Vem aqui, caralho! — Puxo-a pelo pescoço, colando nossas bocas.

O beijo não tem nada de calmo, nem paciente. Beijo Olivia com fome. Com vontade. Tentando mostrar todo o meu desejo com a língua. Como se estivesse tentando engolir todos os seus medos.

Ela está me deixando fora de mim.

Ela está me deixando confuso.

Meus sentimentos não parecem mais meus e minhas ações seguem uma lógica completamente insana agora.

Eu só a quero.

E só quero que ela me queira.

Minha mão sobe em sua coxa, tocando o seu corpo, tateando tudo até achar a barra do vestido. Pouco a pouco, o tecido vai sendo puxado para cima e sua pele vai se arrepiando no processo.

É sempre assim quando eu a toco.

É sempre assim para mim também.

Nossas bocas se descolam e no mesmo segundo, seu vestido está jogado em um lugar qualquer da limusine.

Fico boquiaberto quando encaro a minha garota certinha e cheia de não me toques com um sutiã de renda branco que combina perfeitamente com a sua calcinha.

— Você quer me enlouquecer? — Trago-a para o meu colo, tomando o controle das suas mãos.

— Eu... Eu... — Sua fala morre quando beijo o seu pescoço, lambendo até chegar no colo.

Minha mão esquerda segura os seus pulsos juntos enquanto a direita resvala em seu bico enrijecido, provocando-a um pouco.

— Hoje eu vou te ensinar porque você não deveria me provocar. — Desfiro um tapa em sua bunda, arrancando um gemido da sua boca.

Com apenas a minha mão livre, abro minha calça, puxando o meu pau para fora.

— Tem noção de como é gostoso foder você, *baby?* — Meu questionamento a faz arfar enquanto eu arrasto sua calcinha para o lado, expondo sua boceta molhada, sentindo sua excitação. — Tem noção de como eu fico perto de você? Tem noção das coisas que passam pela minha cabeça?

Ollie apenas nega com a cabeça, nervosa com os meus toques.

— É tão fácil te deixar com tesão. Isso me deixa louco. — Olivia é muito responsiva com os meus toques, parece não precisar de muito para simplesmente se entregar.

— É porque... — ela perde a fala quando eu volto a beijar o seu pescoço.

— Por quê? Continua, *baby*. Deixe-me saber por que você se excita com essa facilidade quando eu coloco minha mão em você.

Um gemido escapa dos seus lábios quando a puxo mais para frente, deixando os meus dedos entrarem nela.

— É porque te como do jeito que gosta? — Ela acena positivamente. — É porque te faço gozar? — Ela acena mais uma

vez e eu sorrio. — Vou te comer de quatro aqui no banco, você quer?

— Uhum. — Tiro os meus dedos molhados de sua boceta e deixo que ela se empine para mim.

Sou um homem grande, mas consigo me posicionar de um jeito que me deixa bem encaixado atrás dela. Limpo sua excitação chupando os meus dedos, aproveitando para molhá-los ainda mais.

Eu disse que não seria bonzinho com ela hoje.

Sorvo a imagem de ter a sua bunda à minha mercê. O tecido branco, todo rendado, se perde no meio dela, fazendo-a ficar ainda mais gostosa para mim.

Essa mulher bonita do caralho. Por que tinha que me provocar tanto? Por que tinha que me fazer sentir tanto?

O sorriso que eu vejo em sua imagem refletida no vidro do carro só me mostra o que eu já sei.

Ela sabe me provocar.

Ela sabe muito bem o que faz e como me deixa.

— Caralho, Moon. — Toco suas costas e a faço deitar o tronco todo no banco de couro, empinando aquele inferno de bunda para mim. — Vou te comer com ela.

Coloco a calcinha para o lado novamente e não me contenho. Quando olho para aquela boceta ensopada de tesão, me encaixo bem ali. Nunca vou enjoar dessa sensação. É um prazer que me deixa sem palavras. Sem pensamentos. É o nirvana. Meter na boceta de Olivia faz com que a porra do mundo não exista mais para mim.

Eu poderia morrer aqui que o faria feliz e com um sorriso no rosto.

Ela me recebe tão bem. Seu gemido ecoa pela limusine, mas dessa vez, eu deixo. Que escutem que essa mulher é minha. Que se foda.

Hoje ela pode ser barulhenta ao me mostrar como gosta quando eu a tomo.

Rebolo um pouco, já com o pau totalmente dentro dela, mas não sou carinhoso ao começar as enterradas. Minha pegada em seu quadril é firme e logo puxo os seus braços para trás, querendo tê-la completamente.

Quero que seu corpo seja meu.

Quero que seus pensamentos sejam meus.

Quero que ela seja minha.

Vou tirando meu membro dela para em seguida meter inteiramente naquela boceta. É gostoso e intenso. Os movimentos são longos e me deixam ter uma visão do caralho. Observo meu pau entrar nela e sair dali cada vez mais melado. Ela me marca como eu a marco.

Meu dedo lambuzado começa a entrar em sua bunda, ainda com a calcinha, testando os seus limites. Vendo até onde ela permite que eu chegue. Quando percebo que Olivia já está pronta para gozar, eu paro de brincar com sua bunda e me concentro nas estocadas.

Não quero que ela goze agora.

Não vou permitir que isso aconteça ainda.

— Que boceta gostosa, inferno! — Minhas estocadas seguem o mesmo fluxo enquanto abandono minha mão esquerda do seu quadril e mergulho meus dedos dentro dos seus cabelos, segurando-os com firmeza.

Puxo-a para cima, deixando que suas costas se encontrem com o meu tórax, nos dando um novo ângulo. Suas pernas estão mais fechadas e seu canal, que já me apertava para um cacete, agora parece ainda mais comprimido. É o inferno e o paraíso.

— Rebola, *baby* — murmuro rouco em seu ouvido. — Quero encher essa boceta de porra.

Mais um tapa ecoa no carro e o seu gemido soa mais alto, mais agoniado.

Ela está perto.

Porra, ela goza tão fácil.

— Não quero que goze, entendeu? — Ela me olha meio confusa. — Se gozar, eu vou comer o seu cu depois.

— Vai? — Ollie me quebra quando sorri para mim, como se isso fosse exatamente o que ela queria. — Então me faz gozar, Lucas. Porque eu quero que você faça o que quiser comigo.

— Ah, caralho! — Nada me deu tanto tesão na vida quanto escutar essas palavras.

Nada me deu uma sensação tão boa quanto isso.

Olivia confia em mim.

Eu sei que ela nunca fez isso antes e ela quer fazer agora.

Comigo.

Porra!

Os braços dela seguem para trás, mas eu os solto para que ela consiga se inclinar um pouco para se movimentar. Quando me obedece, sinto coisas que não deveria. O meu coração bate em um ritmo frenético. Me pego admirando não o seu corpo, mas ela. Inteira. O jeito que geme. O jeito que me arranha. O jeito que rebola.

É hipnotizante.

Seu corpo parece se encaixar tão bem com o meu, que o orgasmo é fácil. É um caminho que nós dois simplesmente sabemos como percorrer.

Me sinto pertencente a ela.

Quanto mais ela se movimenta, mais vou ficando tenso. Suado.

Nossos corpos vão se misturando, assim como nossos cheiros, e tudo vai virando uma coisa só.

Nós.

Não existe mais um eu. Nem mais um ela.

Somos algo novo e nosso. Um inteiro formado por outros dois inteiros.

— *Lucas...* — ela geme, me apertando, e eu só a deixo fazer sua mágica.

Deixo que ela me foda.

Meu gozo explode, me fazendo apertar o seu corpo, me levando a tremores muito parecidos com os dela.

Gozamos juntos. Deixamos que a coisa toda fuja do nosso controle. Não tem nada de mentira aqui. Não tem nada de mentira na gente.

Será que um dia foi de mentira?

Tiro meu pau de dentro dela, deixando o gozo escorrer por toda a sua boceta. Não hesito ao rasgar aquela porra de calcinha minúscula, arrancado-a do seu corpo, me dando acesso ao que tanto quero. Umedecendo os meus dedos com o nosso gozo, começo a prepará-la para me receber.

— Tem certeza de que quer dar o cu para mim hoje, Olivia? — A limusine está passando pela Quarta Avenida e a melhor parte é

saber que, por causa da película das janelas, nós estamos totalmente seguros.

— Quero — diz, se empinando mais quando coloco o meu dedo médio para dentro dela.

Vai ser uma tortura segurar o orgasmo. É apertado demais!

Enterrando com calma, eu vou entrando e saindo dela. Deixando que relaxe um pouco. Ajudo colocando minha outra mão em sua boceta, massageando também o seu clitóris.

Não demora muito para eu sentir o seu corpo se abrindo mais para mim. Com paciência, eu tento entrar com dois dedos. Repetindo o mesmo processo. A imagem dos meus dedos se perdendo dentro dela é o que faz o meu pau endurecer novamente.

Entro e saio. Massageio o seu clitóris em movimentos circulares. E vez ou outra, beijo suas costas, tentando tornar aquela experiência o mais gostosa possível para ela.

Quando sinto que ela está quase gozando, coloco um terceiro dedo. Quero ter certeza de que não vou machucá-la quando for a vez do meu pau. Ela sente um pouco mais. Seus gemidos parecem mais agoniados, mas passa assim que eu volto a masturbar sua boceta.

Fico um tempo ali.

Quanto mais ela geme, mais tesão eu sinto.

Quanto mais eu empurro para dentro dela, mais perto do orgasmo ela fica.

Seu corpo se retrai de repente e suas unhas fincam no banco do carro, aproveito esse momento para trocar meus dedos pelo meu pau.

Penetro-a com calma, tentando ao máximo respirar e me controlar. Não quero machucá-la. Não quero gozar em três minutos também.

É muito apertado.

Mas tudo fica melhor quando observo minha garota gozando para mim.

Eu a tomo enquanto suas pernas tremem e seus gemidos se tornam incontroláveis. Parece ser o orgasmo mais intenso da vida dela, já que lágrimas escorrem dos seus olhos.

Estoco algumas vezes, mas me sinto no limite.

Tudo é demais.

Os gemidos.

A agonia.

A possessividade em saber que sou a primeira pessoa com quem ela faz algo do tipo.

Não devo durar mais do que dois minutos ali, e gozo.

É meio humilhante? Sim.

Mas não consigo me segurar.

Tudo sai do controle rápido demais e quando vejo o que o meu esperma está fazendo por toda a sua bunda, chego a ficar tonto com tudo o que sinto.

Saio dela e me permito sentar no banco, tentando fazer a minha respiração voltar ao normal.

— Achei que doeria mais. — Ollie se aconchega em meu peitoral e eu sorrio, ainda com os olhos fechados.

— Se eu tivesse conseguido meter por mais tempo, provavelmente teria doído um pouco mais.

— Foi meio rápido, né? — diz, prendendo o riso.

— Meio rápido? — Arqueio minha sobrancelha. — Se durei mais de dois minutos dentro da sua bunda foi muito.

— O que posso fazer? Minha bunda é mesmo uma delícia. — Sua resposta me arranca uma risada, já a intimidade da situação, um leve pânico.

Não deveria ser assim. Não deveria ser íntimo assim.

Não trato as mulheres mal, mas também não sou esse cara.

Que porra tem na boceta dessa mulher?

— Ops... acho que desceu para mim — ela diz quando nota um pouco de sangue na minha perna, onde sua boceta estava encostada.

É um alívio, certo?

Sem bebês.

Sem um futuro.

Não. Eu me recuso.

— Vem, vamos colocar nossas roupas. Vou pedir para o motorista passar em uma farmácia. Você está com dor, *baby*? — Seus olhos chegam até a brilhar.

— Não, mas provavelmente amanhã sentirei cólicas.

— Vou cuidar disso, não se preocupe. Qual remédio você toma? — Agora seu sorriso morre.

— Não faça isso.

— O quê? — Coloco o vestido em seu corpo, sem nenhum tipo de problema.

— Não me faça amar você, ok?

É agoniante notar que eu quero.

Quero conquistar essa garota.

Mas que porra é essa?

— Ok — respondo, optando por ser racional.
É meio estranho sentir uma esperança crescer no meu peito.
E se com ela for diferente?
E se com Olivia não for ruim?
Nunca é... Não seja ingênuo.
Nunca é diferente.
Olivia é uma garota legal, mas isso não quer dizer nada.
Não vou deixar significar alguma coisa.



Lucas Blake Bullard

Existe uma instituição chamada “mães que não estão nem aí para a sua vida privada”, que deveria ser estudada.

No caso, a minha mãe é a rainha dessa instituição.

Mesmo morando no Texas, ela nunca deixa de me visitar pelo menos uma vez ao mês.

Ela veio para o aniversário da Luna, então é óbvio que ela viria por esses dias para cá.

Mamãe nunca fica na nossa casa, ela prefere um hotel por questão de espaço e consumo. Sim, ela adora o shopping e a Quinta Avenida, então é óbvio que ela prefere um hotel.

E também tem a parte de que ela odeia dormir na beliche, mas daí pergunto: quem gosta?

De qualquer forma, aqui está ela, olhando para mim com olhos dissimulados, pronta para me encher de perguntas enquanto tenta entender o motivo de ter uma mulher morando sob o meu teto, sem ter o meu sobrenome em seu documento e uma aliança bem grossa no seu dedo anelar.

Como se isso fosse um problema dela!

— Então, quando o casamento vem? — Mamãe é foda.

Mamãe não tem dó nenhuma de mim.

A Olivia até engasga com a água que estava tomando.

O restaurante está lotado. Tem criança gritando na brinquedoteca. Eu estou suando.

E estou tentando ser o mais sincero possível com essa linda senhora, mas está difícil.

Porra, ela está me obrigando a mentir.

— Estamos juntos há quase dois meses… — Tento dizer, porém ela nem deixa eu terminar de falar.

— E já estão morando sob o mesmo teto? Que bonito, meu filho. — O sotaque dela ainda é bem puxado, mesmo estando há décadas aqui nos Estados Unidos.

— Eu posso explicar, Sra. Bullard — Ollie tenta dizer.

Mamãe ainda usa o sobrenome do meu pai para evitar qualquer tipo de descriminação. Xenofobia é uma realidade triste neste país.

— Ah, eu gostaria muito que fizessem isso. — O sorriso é simpático, mas sei que por dentro ela quer me matar!

E pensar que tudo isso é culpa da língua grande da minha filha que desatou a falar com a avó no carro e contou absolutamente tudo sobre a pobre Olivia.

Luna não sabe, mas quase assina o atestado de óbito do pai antes da hora.

— Mamãe, o apartamento dela está reformando, então achei que seria educado chamar minha namorada para morar comigo. Inclusive, daqui a uns dois meses, ela já estará em casa novamente.

— Então só estão testando um tempo, até tudo voltar ao normal. — Ela vai me matar. É isso. Aqui está o meu fim. — Quais são as suas intenções com essa mocinha, meu filho?

Levando em consideração que eu estou comendo essa mulher em limusines e amarrando-a na minha cama, dizendo que tudo é puramente casual. Eu diria que são as piores.

E nem vamos falar sobre o namoro de mentirinha, que acho que se a minha mãe descobrir, ela realmente passaria dessa para uma melhor.

Ou pior.

Já que tenho certeza de que se ela morresse por causa de mim ou do meu irmão, ela ficaria tão puta que se negaria a ir para o céu. Viraria assombração, com certeza!

— Senhora Bullard, está tudo bem. — Ollie parece aterrorizada com as perguntas, mas eu jogo a toalha.

Se temos que mentir para os fãs, o que custa mentir mais um pouco, não é mesmo? Mamãe jamais vai desconfiar.

— Eu conheço bem o traste que criei, querida. Acredite em mim quando digo que esse aí tem o rosto de um anjo, mas, na verdade, é pior do que o satã. Ele já te contou que vivia enroscado em qualquer rabo de saia? — Meu Deus, ela não deveria me proteger?

— Mãe, já chega. — Olivia com ciúmes me dá tesão.

Não posso sentir tesão agora.

— Nem comecei, criança. — E sei que ela realmente está falando sério. — Quais são as suas intenções com a Olivia? Essa garota é a irmã do seu melhor amigo, se você quebrar o coração dela, ele te mata!

E eu não sei, porra?

— Eu não tocaria na Ollie se não gostasse de verdade dela. — Por que a frase parece tão verdadeira?

Que merda.

Que enorme merda.

Está vendo, mamãe só me coloca em posição merda.

Jayden me fodeu com essa coisa de namoro de mentira, mas é a minha mãe que vai terminar de foder com tudo.

— Você sempre disse que nunca iria se casar. Posso supor que isso ainda seja uma verdade… — ela me pressiona mais e eu sinto até dor no estômago.

Acho que vou vomitar.

Olivia olha para mim, meio desconcertada, mas tudo bem.

Ela sabe que é de mentira.

Ela não vai se iludir com nada que eu disser agora.

Até porque, ou eu falo o que essa mulher quer escutar, ou estamos fodidos!

— Mamãe, Olivia é diferente de qualquer outra mulher que eu já conheci. — Não menti. — Ela é a garota que fez o meu coração acelerar desde o primeiro dia. — De novo, verdade. — Ollie é doce. Alegre. Compreensiva. Ela me acalma. — Encaro seus lindos olhos escuros e sinto uma paz tão grande, que me assusto. O olhar volta para a minha mãe na hora. — Não estou brincando com ela. Nunca fiz isso com mulher alguma, não seria a essa altura do campeonato que eu faria algo assim.

— Você a ama, meu filho? — Que perguntinha ordinária.

Me gela até a espinha.

A visão fica até escura.

— Mãe! — brado, querendo fugir desse restaurante.

Porque eu não amo.

Eu sei que não amo.

Mesmo sabendo que… Que inferno!

— Você o ama, querida? — pergunta diretamente para Olivia, que engole em seco.

— Cla… — Se encolhe antes de conseguir dizer: — Sim. Quer dizer, eu não entraria nessa se não amasse.

Ah, merda!

Não.

Eu não queria ter escutado isso.

É de mentirinha.

Mas e se…

Por que eu queria que fosse verdade? Claro que não.

Será que estou infartando? Ou ficando louco?

E pensar que se não fosse pelo Jayden… Vou socá-lo. Que se foda.

Olha a merda que isso virou.

— Entende que se brincar com ela, a coisa vai ficar ruim para o seu lado? Eu já te disse que, ou leva as mocinhas a sério, ou… — Vou me tornar o meu pai.

Eu já sei!

— Mãe, você me conhece. Já pedi alguma menina em namoro? Se fosse para foder com tudo, eu não tinha pedido, não é mesmo? — Meu tom de voz não está normal.

Estou nervoso.

Estou com medo.

Que saco.

Não sou assim.

Sou frio.

Sou calculista.

Sabe o que você também é? Burro. Tu é muito burro, Lucas!

— Se você fizer alguma coisa de ruim para essa menina, eu juro que morro de desgosto, está me ouvindo? — Só concordo com a cabeça. — E você, minha querida, não hesite em dar um chute na bunda dele, caso ele mereça. Como eu disse, conheço muito bem o traste que criei.

— Mas a senhora fez um bom trabalho — Ollie diz, contida. — Lucas é muito gentil e cuidadoso. Ele até compra remédio de cólica para mim e todo dia de manhã faz o meu chá de camomila. Do jeitinho que eu gosto.

Leite. Açúcar. Gelo.

Todos os dias que estou em casa, deixo preparado para ela.

Sou mesmo um otário de merda.

— O que mais ele faz? — mamãe pergunta com os olhinhos brilhando. — Me deixe ter um pouco de orgulho da criação que ele, pelo visto, aprendeu.

Quem vê, até pensa que eu dava trabalho. Sempre fui tão bonzinho.

Tá, ok, já fui meio terrível. Mas foram momentos. Eles estão no passado.

— Bom, ele sempre me ajuda com o jantar. — O mínimo. A casa é minha no final das contas. — Lucas também é carinhoso. Nunca levantou a voz para mim, além de sempre prestar atenção nas minhas intermináveis falas sobre livros que ele nem gosta. Ele lota a minha gaveta do trabalho com chocolates. E hum… — Suas

bochechas coram. Deve estar pensando no jeito que eu a como. *Pelo amor de Deus, Olivia!* — Ele faz muita coisa por mim. — Ufa! — E não se preocupe, você o criou bem. Ele nunca dá falsas esperanças para ninguém, não seria diferente comigo.

— Essa é a beleza de não ter criado um homem mentiroso. — Mamãe parece mais feliz.

Já eu me encontro sem fôlego.

Por que caralhos eu tô sem fôlego?

Olivia só sabe algumas qualidades minhas. Eu sei um monte dela. Não me vejo fazendo uma grande questão por isso.

Ela falou que te amava… e você adorou ouvir. É por isso que está pirando.

Bobagem.

Lógico que não.

Eu não sou homem de pirar por essas coisas. Até porque, é tudo mentira.

Ela só está abaixando a calcinha para mim

Justamente porque não me ama.

Se amasse, Ollie ia querer os encontros e a porra toda.

— Papai, acho que eu me machuquei.

Se eu já estava estressado antes, agora tudo piora.

Luna está com o joelho todo ralado. Ela não chora. Mas eu? Ai, acho que quero chorar um pouco.

E não. Não é por causa do joelho ralado da minha filha.

— Vamos ao banheiro limpar isso, borboletinha.

— Quer ajuda? — Ollie pede, solícita, mas nego.

— Eu consigo lidar com isso. Fique tranquila.

Pegando a criaturinha no colo, tomo um susto quando ela questiona:

— Papai, você está bem?

— Sim. Claro. Por que não estaria?

— Porque o seu coração está batendo super-rápido. E ele nunca bate assim.

Minha filha está com a mão no meu coração, e como ela sabe disso, eu também não sei.

Não me passa despercebido que, assim como minha mãe, ela me olha de um jeito estranho.

— Papai? — me chama mais uma vez, parecendo preocupada.

— É preocupação, minha filha. Mas já, já passa.

Sim. É isso.

Já, já vai passar.

Tem que passar!



OLIVIA MOON FINNLEY

A The Galaxy of Chaos entrou na minha vida quando eu ainda era uma adolescente. Homens bonitos, talentosos e problemáticos pareciam ser tudo o que uma garota como eu queria. Eu amava as músicas, as fofocas e até mesmo as brigas.

Quem nunca sonhou em se casar com um astro do rock? Quem nunca quis ser a mocinha de um *bad boy*?

Eu mesma sonhei, e sonhei muito.

Brian O'Connor — o homem de pele clara, lotada de tatuagens, cabelos escuros e uma marra que conseguia deixar qualquer um louco — era o meu objeto de desejo.

Eu sonhava com ele. Eu passava horas e mais horas lendo *fanfics* desse homem.

Já fui em tantos shows que mal consigo contar, mas sempre é uma experiência única. O arrepio pelo corpo. A ansiedade. A agitação. Nossa! O coração bate tão rápido que parece que vai parar a qualquer minuto.

É sempre ao som da bateria de Hero Hernandez — o homem negro, cabelos curtíssimos e uma imponência que te faz querer se

encolher diante do seu claro reinado — que os shows começam.

Todo mundo grita, até mesmo eu perco qualquer traço de timidez diante deles.

Quem se importa com as pessoas tirando fotos e filmando Blake e eu? É a The Galaxy. Tudo o que importa são eles.

Depois da bateria, a banda inteira começa. Parker e Dominic entram com as guitarras e logo em seguida Brian com o baixo. E não demora muito para Roman se posicionar atrás do seu teclado. Não tem uma célula do meu corpo que consegue sustentar o caos que se forma dentro de mim.

Eles são a destruição em sua forma mais cruel, tudo porque o som não condiz com as emoções que provocam. Não é pesado. É suave. É como um carinho antes do tapa.

E ele vem.

Sempre vem.

A dor da The Galaxy sai em forma de canto. Uma voz rouca e potente que emociona a todos.

Kyle Ettore é o vocalista da banda mais famosa do mundo. O loiro polêmico é a personificação exata de um *bad boy*. É só olhar para a cara dele que você vê o atestado de problema.

Como sempre, a música de abertura é Little Star. Eu nunca perdi ninguém, mas é impossível não pensar nisso.

Eu *vou* perder.

Eu vou chorar.

Vai doer.

Vai ser terrível.

Não sei o que é pior, perder alguém que ama e que te ama também. Ou perder algo que nunca foi seu.

Lucas nunca foi meu. Eu sabia disso e quis assim mesmo.

Fui fraca e irresponsável. Agora tenho que lidar com os meus sentimentos. Com esse amor que claramente está em mim e que nunca consigo matar.

Podem se passar anos. Posso fazer inúmeras listas. Ir a vários encontros.

Ele sempre será o homem perfeito para mim. Ninguém se compara ao Lucas. Nem mesmo os deuses do rock que estão agora me fazendo chorar.

— *When I look at the stars.*[1] — Lucas me toma em seus braços e me coloca de costas para ele, cantando em meu ouvido: — *All I can think… as much is hurt… is how beautiful you are…*

Respiro fundo para gritar a plenos pulmões o refrão da música mais triste do mundo.

— *Shine for me, little star! Show me the way, little star! I still need you, little star! All I know is… loving you… my little star!*

Viro uma meleca quando ele beija meus ombros.

O que é mais pecador: O homem que canta essa música ou o meu coração traidor que insiste em bater pela pessoa errada?

A música segue. Eu sigo paralisada. Morta de medo de fazer qualquer coisa que mostre o tamanho do problema que meu irmão nos enfiou.

Porque sim… isso tudo é culpa dele!

Eu vou chorar.

Lucas vai ficar chateado porque tudo o que ele não quer é machucar corações alheios.

Vamos ficar magoados e infelizes, tudo por culpa do meu irmão!

É o carma.

Só pode ser isso.

Não tem outra explicação para uma pessoa ter que passar pelo martírio que estou passando.

Tem pessoas morrendo, Olivia! Menos.

Bom… pensando assim…

— É uma linda noite, pessoal! — Kyle sorri junto ao seu microfone e aponta para o camarote, e sem conseguir me preparar antes, noto que estou no telão. — Hoje o show é para vocês, *Ice Couple!* Aproveitem. E não chore, *baby*. Você é bonita demais para chorar.

Vou desmaiar.

Sério.

Vou passar mal.

Kyle Ettore falou comigo.

Kyle Ettore dedicou um show a mim!

Todo mundo está gritando, mas não me importo.

— Não acredito que ele te chamou de *baby.* — Rolo meus olhos.

— Ele chama todas as meninas assim. — *Ele disse que eu sou linda!*

Puta merda!

Foxy Eyes começa, mas ainda estou aérea demais para conseguir pular ou cantar.

— Está surtando porque ele te chamou de linda, não está?

— Sim — berro, me virando para ele.

Eu estou pirando.

É a minha banda favorita.

Eles sabem quem eu sou… Mal posso acreditar nisso.

— Só não vou ficar mais mordido, porque até eu estou surtando um pouquinho. — Na frente de todos eles, Lucas me beija.

É um beijo tão bonito.

Tão nosso.

Tão calmo.

Mas algo gela nesse beijo.

Eu sinto.

Sinto como ele parece ansioso e meio em pânico.

É muito romântico. É muito perfeito.

Estamos em público e nem parece que estamos namorando de mentirinha. E ele não é bobo. Lucas percebe onde nos enfiamos.

Ele sorri para mim, limpando a garganta, porém logo seu olhar se perde na multidão.

É. Bom. Acho que acabamos de ferrar com tudo.



OLIVIA MOON FINNLEY

Lucas está estranho. Muito estranho. Faz uma semana que o percebo mais aéreo, mais desconectado. Ele não me beijou mais. Nem me tocou.

Só em público.

Só para os outros.

Ontem, antes de dormir, perguntei se estava tudo bem, ele disse que sim, que estava ansioso para o próximo jogo.

Mas ele é sempre tão tranquilo quanto a isso.

Estou confusa, bem confusa.

Os meus sentimentos estão tornando tudo pior. Sigo ignorando o meu coração acelerado quando ele chega em casa. Ou a expectativa que sinto quando ele se deita ao meu lado.

Sigo ignorando a tristeza que sinto cada vez que mamãe me conta que a minha reforma está chegando ao fim.

Sabia que eu não deveria ter aceitado essa farsa.

Eu sabia.

Mas aceitei mesmo assim.

Essa que é a meleca.

Isso que está me matando.

Porque sei que não lidei com isso como uma farsa. Não flertei, não beijei, não me entreguei como se estivesse mentindo.

Eu menti para mim mesma. E para o Lucas.

Ele vai ficar muito bravo quando descobrir que menti. Porque ele vai descobrir. Ele não é besta.

Meu irmão também não é.

Acho que, no fundo, todo mundo já sabe que deu alguma merda, mas não queremos falar.

Queremos mentir.

Sou tirada do meu momento de autopiedade quando um cliente coloca dois livros na minha frente, pronto para fazer o seu pagamento. Primeiro, eu estranho, porque conheço essa mão.

Conheço muito bem essa mão.

Depois, eu gelo.

Gelo o corpo todo.

Fico estática no lugar.

Nash.

— Confesso que fiquei muito feliz em saber que realizou o seu sonho. A loja é linda. — Estou corando.

Estou corando e estou chocada.

— É… hum… consegui, sim. — Nash é um homem bonito. Cabelo preto e liso, olhos extremamente azuis, pele clara, braços e pernas tatuados.

É, eu me lembro dessas tatuagens.

Ele era um bom cara. Fiquei bem magoada quando ele escolheu outra menina para seguir seu caminho. Mas não posso

dizer que Nash me fez infeliz quando estávamos juntos.

Valeu a pena. Nash, apesar de tudo, me ensinou muitas coisas sobre mim mesma. E isso é o mais importante.

Mas eu não quero o Nash.

Transar com ele? Depois de ter experimentado o Lucas…? É vergonhoso admitir que não sinto vontade nenhuma de fazer isso.

Aparentemente meu coração não é o único órgão do meu corpo que é teimoso.

— Vai levar esses dois? — Ele tinha optado por um exemplar de A Voz do Arqueiro e Perfeito para o Papel.

Acho que os livros não combinam muito com o seu estilo, porque pelo que me lembro, ele gostava de terror e ficção científica, mas tudo bem.

As pessoas mudam.

— Ollie — Nash me chama e automaticamente me sinto estranha, como se o que eu estivesse fazendo aqui fosse errado.

Na verdade, é pior.

Porque no fundo sei que não o quero, quero o Lucas.

Mas não posso ter o Lucas.

Que saco!

— Eu sei que fiz algumas merdas — suspiro com suas palavras.

— Olha, foi tranquilo. Não tínhamos nada sério. Você se apaixonou. Foi só isso. Está tudo bem.

— Eu terminei com a Julie. — Ih. Lá vem. — Sei que você está em um relacionamento agora, mas quero que saiba que eu terminei tudo com ela porque… — Mas o que está acontecendo

aqui? — Eu nunca consegui te esquecer completamente. Fiquei confuso na época, mas agora não estou mais.

Mas que merda é essa?

Ele não pode estar falando sério.

— Nash, você disse que a amava. Você falou isso para mim com todas as letras.

— Mas eu te amava mais. E isso me assustava, ok? Você me assusta, Ollie. Sua bondade, seu jeito. Fiquei com medo de me doar demais para você e um dia te perder.

Talvez se isso fosse antes.

Talvez…

— Olha, eu tenho namorado. — É de mentira, mas ainda é um acordo. — E não acho que você me amava, acho que ainda está confuso.

Acho até que está carente.

— O que estou dizendo é que se ainda quiser o marido dos sonhos, eu posso ser. — O frio que isso causa no meu estômago… Por que Lucas não pode falar esse tipo de coisa para mim? Por que ele não pode ser o meu marido perfeito? — Eu posso ler os seus livros bobos, ver suas séries preferidas, fazer seu chá, te levar a encontros. Estou pronto para isso agora. Estou pronto para você, Ollie.

Mas que dia estranho.

E fica pior.

Uma sombra enorme para ao meu lado. Hoje o meu gigante particular está de boné e casaco da faculdade, me lembrando um pouco do menino que já foi.

Nada será como Lucas para mim.

Ninguém nunca conseguiu provocar o que ele provoca em mim.

— Ela já tem alguém para fazer o seu chá, ler os livros, ver as séries. Uma pessoa que não a chutou para ficar com outra. — Mas meio que me chutou mesmo assim. — Uma pessoa que agora ocupa o seu antigo posto.

— Você diz isso como se nunca a tivesse magoado — o boca grande diz.

Custava ficar calado?

Tem coisas da minha vida que só o Nash sabe. Tem partes do meu coração que só ele conhecia.

— Não interessa o que eu fiz. Interessa que agora ela é minha e eu não pretendo ir a lugar algum. — O sorriso mortal que meu namorado de mentirinha oferece a ele me desconcerta.

Se Lucas der um murro nele, acho que o quebra inteiro.

Lucas é muito grande, atleta, vive na academia. Seria uma briga desleal.

Assim como é uma briga desleal pelo meu coração. Com Lucas na equação, ninguém nunca vai ser páreo.

— Você sabe onde me procurar. — E assim, Nash vai embora.

Olho nervosa para Lucas, que está com um bico gigante e uma postura pronta para ter uma briga comigo.

Uma briga de verdade.

Uma briga de… namorados.

— O que esse infeliz estava fazendo aqui? — Olho para os lados, meio tensa, mas ele não me deixa fugir com o olhar.

Seus dedos tocam o meu queixo, me puxando para ele.

— Você gosta do Nash, Ollie? — Como pode ser tão burro?

Como ele não vê o óbvio?

Mordo a língua para dizer a verdade, porém ele não me deixa responder.

Lucas está puto.

— Entendi.

— O quê? — Fico meio confusa, mas ao mesmo tempo brava.

— Você gosta do Nash. Claro que gosta. Ele foi o cara que te ensinou tudo o que você sabe, não é?

Lucas é um idiota. Ele me irrita.

E olha que ninguém mais consegue fazer isso.

— Quer saber? Seria legal, sim, depois do nosso acordo acabar, eu encontrar um homem que queira ficar comigo, que queira me querer, que goste de mim de verdade, que não tenha medo, muito menos regras sobre o nosso envolvimento. Um homem que queira se casar comigo! — Rebato, mais brava ainda!

Ele nem me ama! Não tem direito de fazer isso comigo.

Ou ele me quer, ou ele me deixa seguir em frente!

— Você realmente se casaria com o Nash?

— Por que você se importa com isso, Lucas? O que temos não é casual? Você tem pavor de relacionamento sério! — Ele só me deixa mais confusa.

Mais iludida.

Porque eu quero acreditar que essas cenas não são possessividade… são amor.

Tonta! Você é muito tonta!

— Por que eu me importo? — Lucas vira o rosto e respira fundo, abrindo um sorriso em seguida.

Meu coração acelera. Muito. Bate tão rápido que até parece que eu o escuto no meu ouvido.

Vamos, Lucas, fale algo. Me dê uma luz. Eu estou sozinha aqui? Como sempre foi? Você ainda não me ama? Você ainda não me quer? Você ainda tem muito medo?

E então, quando ele olha para mim, eu já sei.

Ele vai quebrar o meu coração.

— Não me importo necessariamente com isso. Só não acho que um homem que te trocou seja um bom marido para você. Acho que você merece coisa melhor. Acho que merece alguém que te escolha de primeira. — Ele nunca me escolheu de primeira.

Pisco uma. Duas. Três vezes.

Dói.

Dói bastante.

— O que veio fazer aqui? — pergunto exausta.

— Luna pediu lasanha para o jantar, então fui comprar os ingredientes e aproveitei para comprar o seu chocolate. — Tão gentil.

Lucas às vezes é cruel na gentileza.

— Vou jantar com a Penny — aviso.

— Luna vai ficar chateada. — Ela vai ficar mais se me ver chorando.

E hoje preciso chorar nos braços da minha melhor amiga porque, por mais que todo mundo tenha me avisado, eu fiz uma merda.

Me apaixonei. De novo.

Me apaixonei pelo único cara que eu sempre soube que não deveria me apaixonar.

E agora estou sofrendo. De novo.

Igual já sofri, em silêncio, em segredo, anos atrás.

Que ódio!

— Lulu vai me entender. — Um clima ruim e estranho se instala entre nós dois, porém não tenho muito tempo para lidar com isso.

Não quando estou ocupada demais pensando em como sair dessa meleca de situação.



Lucas Blake Bullard

Estou sendo um filho da puta.

Sei que estou.

Faz uma semana que sinto que estou me tornando o cara mais idiota e filho da puta que já pisou na face da Terra. Tudo porque estou confuso, estou tenso, com medo.

Medo é uma coisa estranha, porque ele te tira da sua razão. Depois que saí da livraria da Ollie, fiquei pensando no motivo de eu simplesmente não abrir mão dos meus medos para ficar com ela. Por que eu não assumo as coisas que sinto?

Porque sei o que eu sinto.

Sei que nunca foi normal a preocupação que eu tenho com ela. Os ciúmes, a tranquilidade, a intimidade. Me fiz de besta por

anos. Não queria essa farsa no início exatamente por saber que iria dar merda.

E deu.

Está dando.

Estou me apaixonando por Olivia.

Pare de mentir para si mesmo, homem!

Tá bom, ok. Sou apaixonado por ela há anos. Sempre soube que ela era a mulher ideal para mim. A mulher que fazia meu coração bater mais rápido. Que provavelmente me daria as memórias mais bonitas e acolhedoras. A mulher perfeita para dividir comigo uma responsabilidade que nunca teria que ser dela. Olivia é ótima para Luna e ainda mais perfeita para mim.

Só que isso me apavora.

Os meus sentimentos me deixam em pânico.

Passei dias fugindo dela. Ollie não é boba, ela sabe que estou fugindo. Sabe que estou agindo como um adolescente imaturo e ignorando todos os sentimentos que ela me causa.

Não sei se ela entende a dimensão do meu medo.

Não sei nem se ela entende que eu a amo.

Aquele merdinha só fez o meu pânico aumentar ainda mais. Porque ela tem homens por aí. O cara perfeito nunca será o Nash, mas a verdade é que pode ser alguém.

Alguém que não sou eu.

— Papai, a titia Ollie já se mudou? — Minha filha me olha um pouco confusa.

Com o passar dos dias, a pequena está cada vez mais apegada à Olivia. Por exemplo, agora ela prefere que a Ollie a coloque para dormir do que eu. É um absurdo.

— Não, filha. Ela só foi jantar com a tia Penny. — Dou mais uma garfada no meu frango com arroz integral enquanto vejo minha filha se empanturrar de lasanha.

— Ela me disse que falta pouco para a casinha dela ficar pronta. Você podia falar para ela não ir *embola*, né? — Sabia que seria um problema quando esse momento chegasse, porém confesso que não esperava sentir o aperto no peito que estou sentindo agora. — Nossa casa é grande, papai. Cabe a titia Ollie também.

— Mas ela tem a casa dela, filha. Ela precisa voltar para lá. — Meu coração briga comigo na hora.

Porque ele não quer que ela vá embora.

Ele a quer aqui.

Nessa casa.

Com essa família.

Sendo nossa família também.

— A nossa casa podia ser a dela também. Ela fica tão sozinha lá. Aqui ela tem a gente. — E o coração? Esse se aperta mais. — Você podia se casar com a titia Ollie. Tem uma amiga da escola que o papai dela se casou com outra pessoa e a mamãe dela também. Agora, ela tem dois pais e duas mães. — Luna engole mais um pouco da sua lasanha antes de seguir falando: — Então, acho que você *podelia* se casar com a titia Ollie e me dar irmãozinhos.

Essa conversa está indo para um rumo que não me ajuda em nada.

Mas preciso seguir em frente com isso.

— Filha, as coisas não são simples assim. Você ficaria muito triste se um dia a titia Ollie fosse apenas minha amiga?

Olha, ela, eu não sei, mas eu sinto como se levasse uma facada no peito só em dizer essas palavras.

Olivia nunca foi só a minha amiga. Ela sempre foi mais, ela sempre foi especial. É por isso que sempre a deixei ir.

Por medo.

Porque sou um maldito *cagão*!

— Ela sempre vai ser nossa amiguinha, papai. — Dá de ombros, como se não sentisse nenhuma dor. — Mas acho que você vai ficar *tliste* se ela não beijar mais a sua boca.

— Como assim, borboletinha? — pergunto, meio tenso.

— Você sempre sorri quando está com ela, assim como ela sempre fica *velmelinha* quando está com você. — A simplicidade de Luna em ver o mundo sempre me cativou muito.

Minha pequena não tem medo de amar Ollie, mesmo que ela já tenha conhecido a dorzinha da saudade.

Luna não se importa.

Ela se joga.

Minha filha é mais corajosa do que eu. É algo lastimável.

— Se eu me casasse com a Ollie, ela seria a sua madrasta, o que você acharia disso? — Luna me olha como se eu fosse um tapado.

E talvez seja.

Talvez eu seja uma besta quadrada.

— Ela é minha titia Ollie, não minha *madlasta* — me corrige como quem explica algo sério. — *Madlastas* são feiosas e a titia Ollie é amiga, não feiosa.

— Ah, claro. — Então eu me preparo para o tiro. No meu peito, é claro. Luna está ótima. Está feliz, não tem medo de perder nada. — Se eu trouxesse a Ollie para morar com a gente, você ficaria feliz? De verdade? Você gosta de dividir o papai com ela?

A pequena sorri de novo, brincalhona, e parece pensar: *Papai, seu bobinho. Não entende nada mesmo.*

— Você que me divide com ela, papai. — Ah, claro.

É lógico.

— Te amo, borboletinha. — Ela é a melhor criança desse mundo.

— Te amo, papaizinho.



Olivia Moon Finnley

Penélope acha que eu deveria desistir e me mudar logo daqui. Minha melhor amiga acha que eu deveria ficar longe de Lucas. Ele me deixa confusa. Ele não é completamente sincero comigo. Ele não faz o menor sentido.

Penny também achou os comportamentos dele estranhos, mas não disse exatamente o que achava. Agora, sobre os meus... Ela teve muitas opiniões.

Ela não quer que eu me machuque.

Eu entendo.

Também não quero.

Então é óbvio que a minha melhor amiga só disse para eu me mandar daqui e que se fodesse o meu contrato ou o meu irmão. Mas eu não sou assim. Luna se acostumou comigo nesses últimos quatro meses. E Lucas, no fundo, é um cara bom. Ele só não é o homem certo para mim.

Apenas isso.

Mas está doendo.

Não posso dizer o contrário.

Não posso mentir.

Não posso dizer que não tenho vontade de chorar ao entrar nessa linda casa e escutar o barulhinho de Luna cantando no banheiro enquanto Lucas a arruma para dormir. Não tem como não sentir uma dorzinha no peito quando vou pegando os brinquedos do chão ou enquanto eu penso que gosto dessa rotina.

Gosto de acordar nos braços dele e dormir nos braços dele.

Amo cuidar da filha dele.

Amo acompanhar o seu trabalho.

E amo que ele se importe com o meu.

São dois meses vivendo uma mentirinha enquanto peço a Deus, todos os dias, que a torne realidade.

Esse é o meu erro.

Porque eu sempre soube que não tinha futuro. Ele me avisou. Sempre escutei, porém admito que dessa vez fui ingênua. Achei que doeria menos, achei que não fosse ser tão horrível.

Mas não ser correspondida é péssimo.

É exatamente como no passado. Só que pior, porque agora temos Luna. E eu amo aquela garotinha.

Ela deixa tudo ainda mais difícil de se despedir.

Subo as escadas e vou direto para os dois. A cumplicidade deles me encanta. Lulu nunca parece se importar em ter uma mãe estrelinha, porque o mundo inteiro dela está no colo desse pai.

Lucas é muito bom desempenhando esse papel. Ele agora canta com ela a musiquinha da Frozen enquanto penteia o cabelo da criança e ri.

Os dois juntos estão sempre rindo. Estão sempre felizes.

Lucas trança os cachos da pequena assim como eu o ensinei há algumas semanas, para deixar as ondas um pouco mais

definidas. Em seguida, coloca a pasta de dente na escova e entrega para a filha, e fica ali, observando-a se arrumar para dormir.

E eu faço o mesmo.

Sempre fui muito romântica e sonhadora.

É fácil para mim pensar no futuro com eles. Em ajudar Lulu a se safar de algumas coisinhas que seu pai não a deixaria fazer. Escutar sobre seu primeiro beijo. Sobre seu primeiro amor. Consigo me imaginar deitada na cama, ao lado de Lucas, enquanto ele conversa comigo sobre os meus livros para em seguida dizer sobre o próprio trabalho. Consigo me imaginar acordando e tendo-o dentro de mim em seguida. Beijá-lo. Consigo me imaginar sendo parte dessa pequena família.

Me permito assumir que eu queria, sim, que essa fosse a minha família também.

Mesmo que nunca realmente seja.

— Titia Ollie! — Lulu corre para me abraçar e eu a pego no colo, sentindo seu perfume infantil tocar no meu coração. — Estava esperando você para dormir.

— Ela queria as suas historinhas. Disse que as minhas são chatas. — Lucas sorri para mim, mantendo o clima tranquilo quando está na frente da filha.

— E ela tem toda razão! — brinco, abraçando ainda mais a minha pequena. — Qual você vai querer hoje, Lulu?

— Hum... — Ela bate o dedinho na boca, pensando. — Acho que hoje eu quero uma de princesa.

Coloco a garotinha na cama e a ajeito com seu cobertor e bichinho de pelúcia, enquanto me sento para colocá-la para dormir.

Sou surpreendida por Lucas.

Ele se senta ao meu lado.

No meio da história, ele pega minha mão e entrelaça nossos dedos.

Não tem ninguém olhando. Não tem mentira alguma.

Quando, finalmente, Lulu dorme, penso que vamos conversar, mas ele não conversa. Apenas nos arrumamos em silêncio e nos deitamos, ainda sem dizer uma só palavra.

Lucas me abraça.

Lucas beija o meu rosto.

Lucas respira fundo antes de dizer:

— Boa noite, *baby*. Desculpa por hoje.

E eu sorrio ao responder:

— Boa noite, querido. Está desculpado.

Deus, como eu sou fraca quando o assunto é esse idiota gostoso!

Porém, a verdade é que está chegando a hora de lidar com a verdade: Lucas não me ama. Ele não quer me amar. E eu preciso seguir em frente.

Eu *tenho* que seguir em frente.



LUCAS BLAKE BULLARD

Ela me desculpou, mas está estranha.

Minha garota não quer mais passar um tempo comigo, nem dormir nos meus braços. Ela não encosta em mim. Quando eu vou me deitar, geralmente ela se vira para o outro lado e simplesmente dorme.

Conversamos. Rimos de algo bobo. Cuidamos da Lulu. Mas só. Nada além disso. Nada mais do que isso.

Eu fui um idiota e provavelmente a magoei por causa dos meus medos e das minhas frustrações. E, dessa vez, eu não posso culpar o Jayden ou os meus pais. A culpa é minha.

Apenas minha.

Não tem o que fazer além de assumir isso e de fato reconquistar pelo menos a intimidade que tínhamos. Mesmo que ela não seja minha namorada de verdade, eu não quero perder a intimidade que conquistamos ao longo desses dias.

Por isso, estou aqui, com um buquê de lavandas na mão — achei que rosas seria muito clichê — e chocolates na outra, na porta

da livraria dela, pronto para buscar verdadeiramente o meu perdão.

E também… Bom, dizem que os medos só saem de nós quando os enfrentamos.

Eu preciso enfrentar meu medo de amar Olivia. E só posso fazer isso, amando-a.

Já são quase onze da noite e Ollie segue aqui. Hoje foi dia de entrega de mercadoria nova e ela precisava ajudar as funcionárias a organizar tudo no estoque e nas prateleiras, então ficou até mais tarde.

Luna está em uma festa de aniversário de uma amiguinha da escola. O tema foi noite do pijama e confesso que fiquei com o coração apertado em deixá-la na casa de outras pessoas que não são do nosso círculo, mas fui convencido por Olivia a deixá-la ir. Ollie já fez amizade com algumas mães e pais — coisa que eu mesmo nunca consegui fazer —, o que ajuda a me permitir confiar um pouco mais nessas pessoas.

Minha filha estava eufórica quando chegou na festa, e o jeito que abraçou a amiga fez meu coração ficar em paz. Ela estava feliz. Eu dei meu contato para os pais da menininha, então poderia ficar tranquilo.

Entra logo nessa loja, Lucas!

Está bem, estou entrando!

Nervoso, abro a porta do estabelecimento, tentando achar Ollie. Ela não está no caixa, muito menos na entrada. Ando mais um pouco, indo para o fundo da loja, e suspiro quando a encontro deitada no chão, toda esparramada, lendo um livro aos prantos.

Quem está te fazendo chorar, Moon?

Coloco as flores e a caixa de chocolate no balcão, não me impedindo de me jogar no chão ao seu lado e roubar o bendito que está causando suas lágrimas.

— Ei, eu estava lendo! — reclama, limpando os olhos rapidamente.

Não entendo logo de primeira o que aquelas páginas querem dizer, mas me esforço.

Aparentemente, o homem está terminando tudo com a mocinha porque não quer amar. A garota quer tanto ficar com ele, mas sabe que não pode.

— Você não deveria estar chorando, Moon. O cara claramente é um babaca! — Tipo eu.

Tipo o seu irmão.

Porque hoje em dia aquele idiota pode até ser casado e feliz, porém deu um trabalho danado para a pobre Penélope.

— É tão triste porque ele não se permite ser feliz e não explica o motivo.

— É só um idiota. Não chore por ele. — *Não chore por mim. Não chore por ninguém. Você é preciosa demais para isso.*

Limpo suas lágrimas, observando seu rosto angelical, e noto rapidamente seu olhar esperançoso.

Não posso quebrar essa garota. Eu não tenho o direito de fazer isso. Eu não quero fazer isso. O que eu tenho que fazer é lidar com essa porra de medo que sempre me paralisa quando o assunto é ela.

Respiro fundo e começo do início…

— Me conta a história desse livro? — Meu pedido a acende.

É como ver uma estrela cadente bem na minha frente. É lindo.

Fazer Olivia feliz é uma das melhores coisas para mim.

Nunca vou conseguir ler esses livros que ela tanto gosta, mas posso sempre escutá-la falando sobre eles. É uma concessão.

Noto que por ela, eu sempre estou apto a fazer concessões.

— É o novo livro da Bree. A história é um drama superpesado, de dois melhores amigos que se conheceram quando ainda estavam no orfanato e depois foram separados pela vida. Eles se encontram na faculdade. Ela está ótima, sabe? Faz pedagogia e tem um namorado que a ama. Já ele está péssimo. Ele é estudante de Literatura. Quer ser escritor. Não é feliz. Não tem ninguém. Eles voltam a ser amigos e depois que ela termina com o namorado, por perceber que ama de verdade o amigo, tudo começa a dar errado. Josh não quer ser amado de forma alguma. Ele tem ódio por aquilo que escreve, inclusive. — Seus olhos se enchem de novo. — Tudo o que ela queria era fazê-lo feliz, mas ele não a quer.

— Tenho certeza de que ele quer, só tem medos e inseguranças que o impedem.

— Queria que o Josh fosse feliz.

— Para isso, ele teria que escolher a felicidade. — *Do mesmo jeito que eu acho que estou te escolhendo, baby.*

Ollie limpa suas lágrimas e parece se dar conta do que está acontecendo. Estamos deitados no chão da sua livraria. Tem flores no balcão. Tem uma caixa do seu chocolate favorito.

Eu estou aqui.

— Lulu está no aniversário?

— Sim, *baby*.

— Que bom. — Olivia não me faz perguntas. Nossas bocas se encontram em um beijo avassalador lotado de saudade.

Sua língua macia é gostosa de chupar e me embriaga de um sentimento tão pecaminoso quanto os meus desejos.

Meu corpo vai para cima do dela, que se abre para me receber, sem nenhum problema.

— Vou acabar te fodendo aqui no chão. — Eu quero fodê-la bem aqui.

— Então fode, Lucas… — sussurra contra a minha boca.

— Ah, mas não vão foder nesse chão com a porta da livraria aberta nem por cima do meu cadáver! — Lógico que Jayden ia aparecer em algum momento.

É claro que ele iria me atrapalhar!

— Jayden! — Ollie me arranca de cima dela. — Esqueci que você estava vindo me buscar.

— Deixa eu adivinhar, você estava lendo aqui. O idiota aí chegou com flores, chocolates e esses olhos verdes, e quando viu, estava querendo dar para ele no chão? Nada contra o chão, porém podiam ter fechado a porta da loja. — O pior é que ele tem razão. — E você, prodígio de príncipe encantado, seja mais atento da próxima vez.

Reviro os olhos para ele ao me levantar.

— Não acredito que eu tive que ver essa cena — resmunga.

— Você vai superar — respondo com ironia enquanto Ollie tenta se arrumar.

— Vamos combinar uma coisa: ninguém toca mais nesse assunto e vamos fingir que isso aqui nunca aconteceu, ok? — Olivia pede, quase suplicando, e eu dou de ombros enquanto Jayden ainda tem um semblante fechado.

Mas ele vai obedecer.

Olivia não nota, porém ele sempre acaba obedecendo a ela.

— Esquecido, mosca. Agora vamos comer que estou morto de fome. E você, campeão, pode ir para casa dormir. Daqui a alguns dias tem a final do campeonato e eu não quero te ver jogando mal só porque está fodendo a minha irmã a noite inteira. — Por que ele dizer essas palavras me incomoda tanto?

Eu não estou só fodendo a Olivia.

Essa é uma mentira.

Essa é uma farsa.

Talvez essa seja a maior farsa de todas.

— Eu vou com vocês. — Sou firme e meu amigo apenas dá de ombros.

— Vamos, então. Bom que repassamos algumas coisas.

Olivia tenta passar por mim, encolhida, mas sou mais rápido em pegar sua mão e entrelaçar nossos dedos.

Que se foda o medo.

Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance, porque eu realmente quero essa garota e ninguém vai me impedir disso. Nem mesmo a minha própria mente.



Lucas Blake Bullard

Tudo o que sinto é felicidade. Tudo o que eu vejo é papel picado. Tudo o que escuto são gritos.

Nós ganhamos.

Os Raptors são campeões da copa Stanley.

Eu fui o capitão do time que conseguiu esse feito. Consegui.

Conquistei esse sonho.

Depois de uma temporada infernal, com fofocas, mentiras e farsas, aqui estou eu.

Lutei tanto por isso. Investi tanto tempo nisso. Batalhei tanto que não consigo conter as lágrimas. Não consigo evitar o soluço.

Puta que pariu!

Não foram poucas as vezes que deitei a cabeça no travesseiro e pensei que não daria conta de tudo. Eu tive algumas coisas contra esse sonho, tive até Irina no meu caminho.

Fãs me odiaram no meio da temporada. Lidei com isso. Lidei comigo. Com meu ego. Com meus problemas.

Olho em volta, observando os garotos do meu time eufóricos. Ganhamos tão fácil. Nem chegou a ser emocionante.

Éramos os melhores. Não tinha como nos parar.

Fomos muito *foda*.

Somos muito *foda*.

— Papai, você ganhou! — Ainda meio zonzo, sinto minhas pernas serem agarradas.

Não hesito em pegar Luna no colo. Não hesito em abraçar a minha filha e segurá-la com força.

Não posso dizer que essa profissão é só por ela, mas confesso que sou grato demais por ser o pai dela. Por ser o exemplo que ela vai se espelhar ao longo dos anos.

— Não *chola*, papaizinho. — A pequena pega no meu rosto e limpa algumas lágrimas, até mesmo arruma um pouco do meu bigode.

— Estou feliz, filha. Às vezes o papai chora de felicidade — falo, olhando para os seus olhinhos verdes.

Luna é tão feliz, tão realizada.

O mundo dessa garotinha parece até feito de algodão-doce. E talvez seja. É bom que seja.

— Titia Ollie também estava *cholando* — diz, fazendo fofoca.

Como gosta de fazer fofoca essa criança.

— Será que ela estava feliz também? — Busco-a com o olhar e não demoro para achar minha garota.

Seu cardigan listrado parece até meio apagado perto das roupas das outras pessoas. As calças jeans de hoje são mais apertadas, me dizendo que ela tentou entrar um pouco no papel de namorada de um jogador, mesmo do seu jeito. Por mim, tudo bem. Estou tentando ser mais como um príncipe encantado enquanto ela está tentando ser mais uma princesa.

Então, como um raio, sinto a certeza percorrendo minha mente. Meu corpo. Tudo esquenta. Tudo parece até mais lento.

Eu amo essa mulher.

Amo muito.

Amo e não sei o porquê.

Amo e não sei desde quando.

Só sei que a amo.

Só sei que de alguma forma, eu caí por ela e agora me sinto completamente rendido.

Enquanto ela caminha em minha direção, penso que não me apaixonei pelo seu jeito ou pela sua aparência, foi por ela.

Olivia inteira me cativa, me tem.

Nunca tive chance contra isso. No instante que assinei aquele contrato de relacionamento falso, assinei também o meu futuro. Porque é com ela.

Eu sou dela.

Eu que fui burro demais para entender isso antes.

Acho que sou dela há muito tempo.

Acho até que o meu coração sempre foi ocupado por essa linda garota, por isso ele se negou a amar outra pessoa.

Sou de Olivia, mesmo quando não era.

Sou de Olivia e ponto-final.

Não sei como lidar com isso. Não sei como enfrentar a calmaria que esse pensamento me dá.

Não a machucaria.

Não trairia Olivia.

Ela me basta. Ela sempre me bastou. Quando Ollie está perto de mim, o mundo não existe ao meu redor. As outras garotas não

são nada.

Maggie me avisou sobre isso. A mãe da minha filha tentou me dizer várias vezes que eu já tinha achado a mulher da minha vida, mas sou teimoso e covarde. Então, eu fugi.

Mas não consigo fugir dela.

Não consigo evitar de tomá-la nos meus braços ao colocar Luna no chão e beijá-la com amor. No meio de todo mundo.

Pela primeira vez, meu beijo não é lotado de luxúria. Ele é como uma declaração de amor. É uma música de amor formada pelos meus lábios com os dela.

Minha língua toma a dela, minhas mãos a seguram com firmeza, puxando-a para o meu colo, acabando com a nossa enorme diferença de altura.

Eu a amo.

Não consigo pensar em outra coisa que não isso.

Não consigo sentir nada além da verdade.

Precisei de três meses vivendo sob uma farsa para perceber a mais pura verdade.

Mas eu desisto de lutar.

Desisto de fugir.

Quero a Olivia.

Quero me casar com a minha Moon.

Quero me comprometer com ela.

Eu cansei das minhas mentiras, acho que depois de tanto tempo, estou pronto para viver com a verdade que meu coração já sabe faz tempo… Eu amo Olivia.

Ela é a mulher da minha vida.

Sempre foi.

Sempre será.

— Eca, papai! — Luna bate na minha perna e eu sorrio nos lábios de Ollie.

— Espero que ela continue com nojo de beijos daqui a uns anos também — comento baixinho, olhando para os olhos chorosos de Olivia.

— Parabéns, *baby*. — Não sei o que ela vê no meu olhar, mas parece ser algo, porque sorri para mim com alívio.

Com amor.

Como eu pude ser tão burro?

Naqueles profundos olhos chocolates encontro uma correnteza de sentimentos que só podem ser denominados como amor.

É por isso que ela aceitou essa farsa rapidamente. É por isso que ela aceitou morar na minha casa. É por isso que ela aceitou se deitar na minha cama, mesmo sem encontros, mesmo sem eu preencher os itens de sua lista.

A maior farsa da Olivia foi mentir que nunca me amou. Que nunca foi apaixonada por mim.

Porque ela foi. E algo me diz nesse olhar que ainda é.

Deixo-a no chão para abraçar minha mãe e meu pai que estão aqui hoje. Eles parecem orgulhosos, felizes. Já o meu irmão me abraça com a sua típica falta de humor.

Papai olha para mim e depois para Olivia, e sorri.

É algo tão simples, tão tranquilo, mas me passa uma mensagem.

Não sou um pai como ele. Não sou um homem como ele. Jamais vou ser um marido como ele.

Meu pai pode ter errado muito com a minha mãe, porém ele me criou para ser diferente. E eu sou.

Sou completamente diferente dele.

— Meu caralho que esse beijo foi para as câmeras. — Jayden me abraça e bate nas minhas costas antes de me oferecer um sorriso. — Você, meu caro, está rendido!

Fico calado.

Não conto que magoei a irmã dele há alguns dias. Não conto meus medos. Não conto que é verdade. Eu estou, sim, rendido.

Ainda não gosto de contar minhas coisas para ninguém, mas vou contar para quem precisa saber.

Vou contar para a minha Moon que me apaixonei perdidamente por ela e que mesmo que eu não seja o cara dos seus sonhos, ainda assim, eu sou o seu cara.

Eu sou o amor da vida dela. Só tenho que provar.



Lucas Blake Bullard

Finalmente estou liberado para beber meu bom e velho uísque. O primeiro gole já me relaxa. A festa de comemoração do campeonato está linda, toda nos tons de verde e preto. Há balões metálicos espalhados pelo espaço, além de flores e todo o resto. É uma festa enorme. Os patrocinadores estão aqui. As famílias estão aqui.

É o tempo de aproveitar e digerir o fato de que realmente ganhamos. Não foi um sonho. Não foi mentira. Minha mãe está conversando com Penny e Olivia enquanto Luna brinca com algumas amiguinhas que fez ao longo dessas últimas semanas.

Observo minha mãe pegar na mão de Olivia, falando alguma coisa que a deixa com um sorriso bobo nos lábios. Provavelmente ela gosta de Ollie a ponto de dizer que está feliz com o nosso relacionamento. Que não vê a hora dela fazer parte da nossa família.

Mamãe sonha com o meu casamento e do meu irmão. Acho que ela até se orgulha dos meus feitos na minha carreira, mas é

com uma aliança no meu dedo que ela realmente ficará sossegada. O pensamento me deixa ainda meio receoso, mas ao mesmo tempo com uma certa expectativa. Eu quero isso. Quero, sim.

Se for com a Ollie, eu quero.

— A menina combina com você. — Papai para ao meu lado, observando a cena. — Sempre me preocupei com essa parte da sua vida, mas acho que sua mãe estava certa. No final das contas, a pessoa certa faz tudo mudar.

Os olhos do meu pai são verdes como os meus e o nosso bigode é idêntico. Sou uma versão jovem dele. Já Daniel é mais parecido com a nossa mãe. Está aí a razão das nossas diferenças.

— Não te fez mudar — comento, meio ácido.

Nunca engoli muito bem as coisas que ele fez com a minha mãe. Talvez eu ainda tenha uma mágoa forte por aquele tempo, pelas coisas que ele fez.

— Acho que para alguns de nós, o relacionamento realmente não funciona — papai suspira, olhando para a minha mãe. — Mas no final de tudo, sua mãe sempre vai ser o amor da minha vida. A mãe dos meus filhos. Ninguém foi como ela, ninguém nunca vai ser como ela. Só… não éramos bons juntos.

Suas palavras fazem as minhas sumirem da boca.

— É diferente com você. Eu sei. Eu vejo. Você sempre foi muito bom em tudo o que fez na vida. Sempre foi mais frio, mais responsável. — Papai bate no meu ombro, com aquele semblante orgulhoso, me deixando ainda mais sem palavras. — Se tornou um pai melhor, um profissional melhor, vai ser um marido melhor também.

— Eu nunca quis me casar — confesso para ele.

— Mas vai — ri da minha cara. — Você sempre foi certinho, meu filho. Você vai se casar e vai adorar cada segundo. Vai ser uma das melhores coisas para você. A rotina, a vida, o tédio.

Não me sinto entediado com ela. Nunca me senti.

— Luna é igualzinha à Maggie. — Jay vem chegando perto da nossa mesa com duas taças de champanhe nas mãos. Provavelmente uma para ele e uma para Penny. — Já fez mais amizades do que consegue contar nos dedos.

Isso ela puxou mesmo da mãe. Eu sou fechado, chato. Ela é o oposto. Luna é sempre o coração da festa.

— Ela é foda — sorrio, balançando a cabeça, pensando que Maggie se orgulharia do trabalho que venho fazendo com a nossa borboletinha.

Nunca fui apaixonado por ela, porém confesso que em momentos assim, sinto uma pontinha de saudade. Maggie iria amar ver o que estamos nos tornando.

Ela iria amar saber que escolhi Olivia para ser a madrasta da nossa menina. Ela amava a Ollie. Maggie torcia para que um dia eu tirasse a minha cabeça da bunda e desse uma chance para ela.

Aparentemente, eu tirei.

Demorou, mas o momento chegou.

— Então, acho que agora já podemos falar sobre as suas intenções com a minha irmã. — Os olhos de Jayden até faíscam.

— Pai, nós vamos ali falar com os patrocinadores, já voltamos — comento, puxando meu amigo para longe.

Não está nos meus planos contar que o meu relacionamento com a Ollie era de mentira. Acho, inclusive, que esse sempre será nosso segredinho. Uma coisa nossa.

Jayden deixa o champanhe com a esposa e vem comigo para o bar. Eu preciso de outro copo de uísque para falar sobre isso.

Quando nos sentamos nos bancos, peço dois copos de uísque puro e sem gelo ao *barman*, e tento me acalmar um pouco para ter essa conversa.

Não vou assumir nada. Não vou dizer nada que seja sobre os meus sentimentos.

Só quero esclarecer minhas intenções para esse insuportável não encher mais o meu saco.

— Admito que queria ter sido mais esperto e pensado nessa mentirinha antes — meu amigo sorri com aquela ironia que só ele consegue ter. — Minha irmãzinha te pegou de jeito.

— Cala a boca, Jayden! — respondo, sorrindo. — Só quero te deixar tranquilo que não vou machucá-la. Eu disse que não o faria e não vou.

— E você quer que eu fale o quê? Que libero a minha irmã para você trepar o quanto quiser? — Ele é ridículo.

Péssimo.

— Como eu acabei sendo o seu melhor amigo?

— Você me ama. — Amo mesmo.

— Estou dizendo porque acho que devo. Ela é sua irmã, se fosse o contrário, você faria o mesmo.

Jayden joga a cabeça para trás e gargalha, me fazendo revirar os olhos.

— Olivia é adulta. Por mais que eu a superproteja, nunca dei limites quando o assunto é esse. Eu não tenho nada a ver com a vida amorosa da minha irmã. Nunca tive. Nunca terei. Mas não é

segredo que eu sempre quis que você fosse o meu cunhado. Te acho um homem foda, te acho o melhor para a minha garotinha.

É por isso que amo esse cara. Por trás dessa fachada, tem um cara bom e companheiro que faz de tudo por quem ama.

— Você realmente não planejou essa porra? — questiono, desconfiado.

— Claro que não! Como eu ia imaginar que você iria descongelar esse coração? Para mim, você e Ollie era caso encerrado. Eu só queria limpar a sua reputação e manter aquela idiota longe de homens ruins.

— Funcionou. — E funcionou meio que para sempre.

— Ela já sabe? — Jayden observa a irmã pegar minha filha no colo e perguntar alguma coisa a ela.

— Não. E você vai ficar de bico fechado.

— Eu sabia que você iria passar da fase “ignorando os sentimentos” para “sou o último dos românticos”. Tudo o que precisava era de tempo.

— Ganhou a aposta com a Penny? — Porque eu não preciso nem pensar muito para saber que ele apostou com a esposa.

— Ela perdeu. Está me devendo um boquete. — Que filho da puta. — Mas Penny achava que você iria precisar tomar um pé na bunda para entender que estava apaixonado. Já eu tive fé na sua inteligência.

— Fico feliz em saber que algum dos padrinhos da minha filha tem fé em mim. — Chega a ser reconfortante.

— Não chore, bebê. Estarei sempre aqui para torcer por você. — Pau no cu.

— Você acha que tem risco… — O tapão que ele dá na minha testa é um aviso.

Lá vem.

— Não seja burro. Já foi um tonto por tempo demais. — Ele olha por cima do ombro, observando Olivia alimentar a minha filha.

Ollie é realmente muito boa com Luna. As duas parecem ter uma conexão incrível.

— Minha irmã tentou achar alguém. E confesso que apoiei essa tentativa, porque você sempre foi taxativo em dizer que não iria ter um relacionamento com ninguém, mas ela é perfeita para você. — Seus olhos profundamente azuis voltam para mim enquanto eu tomo o meu *drink*. — Você é bom para ela. De todos, o melhor que ela já teve. Esqueça aquela lista. Você é melhor do que o homem dos sonhos dela. Se eu não te achasse bom, pode ter certeza de que jamais apoiaria merda alguma.

— Fico feliz em escutar isso. — Fico aliviado, para ser sincero.

— Ah, para completar as boas notícias, saiu o processo contra a Irina. Ela está oficialmente proibida de falar sobre você ou sobre Luna publicamente e foi multada em cinquenta mil dólares por difamação. Como eu te conheço, já mandei esse dinheiro direto para a doação.

Abro um sorriso para o meu amigo e empresário, sentindo o alívio por tudo ter dado certo no final.

— Finalmente estamos livres de Irina, então?

— Finalmente estamos!

O alívio só não é maior do que a gratidão. A mulher que por algum tempo foi a vilã da minha história, foi também a responsável

por essa farsa.

Eu só tive que fingir um relacionamento por causa dela.

A mentira da Irina me deu de presente uma segunda chance com Ollie, e por isso sou grato.

Não a quero por perto, porém não sou um homem ruim, sei reconhecer os passos que me fizeram caminhar para o sucesso na minha vida profissional e o mesmo vale para a minha vida pessoal.

Nem acredito que vou realmente fazer isso.

Nem acredito que finalmente estou pronto para abrir o meu coração para aquela garota.

Finalmente…



Olivia Moon Finnley

No silêncio do nosso quarto, me pego pensando que eu tenho que ir embora.

Tenho que parar de mentir e simplesmente partir.

Como conto a verdade?

Como conto para esse lindo homem que eu o amo, mesmo que ele nunca me ame de volta?

Como eu abro o meu coração para que ele possa parti-lo em seguida?

— *Baby*? — Lucas me chama e minha vista embaça.

Estou chorando.

Estou chorando pra caramba.

— Por que está chorando? — Sua voz sai agoniada.

— Porque está doendo. — Aponto para o meu coração. — Bem aqui. Está doendo muito.

Lucas parece ficar um pouco em pânico, mas logo me abraça.

Ele não se assusta o suficiente para fugir apavorado.

— Está tudo bem, Moon. Não vai doer mais. Não vou fazer doer mais — diz com uma calmaria que só me faz soluçar.

Porque ele vai fazer doer mais.

Vai doer quando eu for embora. Quando eu chegar em casa. Quando eu acordar sem ele. Quando eu beijar outro cara que não for ele. Quando eu for pedida em namoro por alguém que não é ele. Quando eu me casar com alguém que não é ele. Quando eu me apaixonar por alguém que não é ele.

Porque quero que seja ele.

Quero que seja o homem sem senso de humor, chato e certinho, que adora videogames e passar o tempo com a filha. Com o cara que odeia dar entrevistas, mas ama o próprio trabalho. Com o cara que sabe amar como ninguém, mesmo que morra de medo desse sentimento.

Quero Lucas.

Porque eu o amo.

— Eu te am… — Lucas coloca dois dedos em cima do meu lábio e me impede de dizer as palavras.

Meu coração dói mais.

Eu choro ainda mais.

— Não. Não. Não. Você não vai dizer isso para mim. — É como quebrar um cristal.

É como envenenar meu pobre coração.

Dói como o inferno.

— Você me convidou para almoçar pela primeira vez. Você me pediu um beijo. Você aceitou essa farsa primeiro. Você pediu para se deitar na minha cama. Tudo foi você. Sempre foi a primeira em tudo. Mas não vai ser a primeira a dizer essas três palavras.

— O que está me dizendo, Lucas? — Tento não me iludir, porém é difícil.

O coração apaixonado é iludido por natureza. Ele só quer ser correspondido. Ele só quer ser compreendido. Vejo amor nos olhos do Lucas. Vejo tanto amor que me rouba o fôlego.

Mas ele não me ama.

Ele não ama ninguém desse jeito.

Por que eu não o escutei? Por que eu fui tão teimosa?

— Que eu quero dizer essas três palavras antes. — Suas mãos seguram o meu rosto e me fazem olhar para ele. — Porque, pela primeira vez, desde que eu te conheço, sinto que finalmente tenho a coragem necessária para assumir que você é a dona do meu coração. Ele bate por você. Ele vive por você. Sempre foi você, eu só mentia. Vivi anos mentindo. Porém, essa é a verdade. — Seus polegares limpam as lágrimas que não param de cair dos meus olhos. — Me desculpa por ter demorado tanto, mas agora estou aqui, pronto para você. Para nós. Eu amo você, Moon. Eu sou completamente louco por você.

Pisco uma. Duas. Três vezes, até entender que ele está falando sério.

— Meu Deus, eu estou sonhando de novo? — brinco, arrancando um sorriso bonito dos lábios dele.

— Estou falando muito sério, *baby*. Eu amo você.

É como música.

É melhor do que ler um livro favoritado.

É melhor do que qualquer descrição que eu já tenha lido.

Isso aqui não pode ser colocado em palavras.

Como eu era boba. Não é nos livros de romance que estão os amores mais bonitos. Esse aqui é o amor mais bonito.

Ele é real.

Ele é meu.

— Eu também amo você — suspiramos juntos. É tão fofo. Tão nosso. — Amo muito, de verdade.

— Vou beijar você… E vai ser para sempre, ok? — Engulo em seco. — Espero que esteja preparada para ser beijada pelo amor da sua vida, Moon.

— Eu já fui, querido. Desde que seja beijada por você, é sempre um beijo lotado de amor.

— Porra, Moon. — E assim, ele toma a minha boca.

E eu finalmente entendo o que quer dizer a expressão “cair de amor por alguém”.

É como se jogar de um precipício.

É um frio na barriga que desconcerta. É uma esperança que ativa todas as partes boas do nosso coração.

Parece que nenhum problema existe. Parece que eu nasci para estar aqui com o Lucas.

Nosso beijo rapidamente passa a ser algo a mais. A língua dele se enterra na minha boca, arrancando o mais sincero arrepio do meu corpo. Suas mãos o percorrem, tateando o meu cardigan até achar os botões.

Lucas é rápido, mas carinhoso. Ele toma o seu tempo, abrindo botão por botão.

Eu gosto do tempo que ele leva para me beijar. Gosto ainda mais de como ele é firme com os seus movimentos.

Seus lábios saem dos meus no mesmo instante que meu cardigan escorre pelos meus braços. Não demora para, silenciosamente, Lucas tirar a minha blusa e expor meu sutiã rosa-claro, rendado, que por não ter bojo, deixa meus bicos praticamente aparentes.

Suas mãos descem mais. O rumo delas é a minha calça. Lucas se agacha na minha frente ao tomar tempo para desabotoá-la. Ele suga a visão da minha calcinha com o olhar compenetrado.

Seu sorriso me conta que ele gosta.

Ele me ama.

Não acredito que Lucas realmente me ama. Não acredito que ele genuinamente me ama.

Minha calça escorrega pela minha perna enquanto Lucas beija meu abdômen, antes de me ajudar a ficar apenas de roupa íntima para ele.

— Sempre combinando? — sorrindo, ele se levanta, parando na minha frente.

Meus sapatos também se foram e percebo que ele ainda está completamente vestido.

— Eu gosto. — Não consigo explicar que guardo os conjuntos de roupa íntima juntos, porque é mais fácil para mim.

— Eu também. — Seu sorriso bonito me acalenta, mas dura pouco.

Seus olhos brilham com aquele fogo que promete coisas que eu nunca saberei lidar direito.

Ele é muito carinhoso. É, sim. Mas sabe me tratar como uma puta sempre que estamos na mesma cama.

— O que eu vou fazer hoje com você, Moon? — Seus dedos percorrem o meu corpo até chegar nos meus lábios. Lucas parece um caçador, chegando perto de uma presa.

Ele tem paciência, cuidado e muita organização para fazer o que quer.

Lucas não toma, ele tem a calmaria de me foder sendo tão tranquilo quanto uma tarde de primavera, mas as dores no dia seguinte são típicas de uma tempestade de inverno.

Ele é intenso. Ele só é muito bom em esconder essa intensidade.

— Tem tantas coisas que quero proporcionar em seu corpo. — Minha respiração parece se perder dentro do meu pulmão. — Quero te ver chorar enquanto goza tão forte, que será dolorido. Quero te bater com um chicote. Quero te amarrar e te deixar amordaçada de quatro enquanto eu te como gostoso, até você ficar exausta. Quero meter no seu cu enquanto um vibrador trabalha na sua boceta. — Por que a ideia parece ser tão boa? — Você gostaria disso, não é? — Chego a suspirar. — Como eu gosto de saber que esse seu lado safado é só meu. — Lucas pega nos meus cabelos com firmeza. — Mas a única coisa que eu consigo pensar nesse momento é que quero fazer um filho em você, sabia?

— Meu Deus, por que isso só me faz ficar mais molhada?

Meus lábios são beijados mais uma vez quando eu tomo consciência do que estamos fazendo.

Eu só sei sentir.

Eu só sei cair de amores por Lucas.

— O mais louco de tudo é que eu poderia fazer todas essas coisas com você, mas o que eu verdadeiramente tenho vontade é

de fazer amor. — Lucas me deita com cuidado no colchão, me deixando de pernas abertas para ele. — Vou chupar sua boceta até você gozar na minha boca, Moon.

Ele não espera muito antes de colocar minha calcinha de lado e tocar sua língua na minha intimidade.

Não demora muito para as minhas mãos se enrolarem no lençol por sentir seus dedos me abrirem mais, expondo meu clitóris aos seus lábios, que me chupam como se eu fosse deliciosa.

Seu bigode, que até então eu não gostava nem um pouquinho, ajuda na fricção, enviando uma onda diferente de prazer ao meu corpo.

Lucas é tão calmo que eu chego a ficar agoniada, mas conhecendo esse homem como conheço, sei que se eu pedir para ele ir mais rápido, ele não irá só para me torturar mais.

Sua língua faz uma dança gostosa no meu clitóris por algum tempo, até que sinto seu dedo na minha abertura, me provocando.

Meu corpo sente o baque. A pulsação do meu coração aumenta. Meus olhos se fecham, e quando dou por mim, estou com a mão esquerda nos cachos dele, agarrando seus cabelos, trazendo-o ainda mais para a minha boceta.

— Lucas… — meu gemido é alto quando seu dedo atinge um ponto dentro de mim que faz até os dedos do meu pé se segurarem na cama.

— Deixa vir, *baby*. — E assim, sua língua volta para mim.

Ela me chupa.

Me toma.

Já vi esse homem com tesão, mas hoje ele parece genuinamente faminto de mim.

A imagem dos olhos verdes dele me observando enquanto sua boca me chupa, sempre ficará marcada em mim.

É uma delícia quando ele mete mais forte.

Me leva ao céu quando chupa o meu clitóris, colocando mais pressão ali.

Mas é quando ele começa a circulá-lo com a língua, com calma e paciência, que sou levada para sensações tão impetuosas que me permito gritar.

Graças a Deus, Luna está com a avó hoje.

Esse inferno de bigode faz tudo ficar mais intenso. Eu me arrepio. Ele não para.

Lucas só segue.

Meu corpo suado chega ao ápice, não me importando de me esfregar no rosto do meu homem.

O orgasmo não passa rápido.

Eu caio.

Caio.

Caio.

Caio.

Até finalmente encontrar a realidade de novo.

Sem dúvida nenhuma é o melhor orgasmo da minha vida.

— Se um dia eu critiquei esse bigode, pode esquecer. Ele é a sua melhor arma. — Ofegante, sorrio, sentindo aquela tranquilidade que só um orgasmo pode dar.

A risada gostosa dele ecoa pelo quarto, aquecendo meu coração, assim como o meu corpo.

— Fico feliz que tenha gostado dele, *baby*. — A camiseta dele vai para o chão, assim como a calça, e eu só fico ali,

observando tudo. — Tira a calcinha para mim? Quero meter em você sem nada atrapalhando.

Obedeço.

Obedeço porque depois dessa chupada, eu faria qualquer coisa que ele me pedisse.

— O sutiã também? — pergunto, empurrando a peça para fora do meu corpo.

— Tira tudo. Me deixa ter você inteira para mim. — Engulo em seco quando olho para o seu pau.

É grande. E eu nunca vou me acostumar com o seu tamanho.

Não tem nem comparação com os que eu já tive no meio das minhas pernas.

Ter aquele homem grande, lotado de músculos, em cima de mim, me deixa com uma sensação de pertencimento que é tão gostosa quanto o orgasmo que ele havia me dado.

O beijo mistura meu gosto com o dele, enrolando nossas línguas ao mesmo tempo que seu corpo se encaixa no meu com perfeição.

É tão bonito.

O beijo.

O toque de sua mão na minha perna, abrindo-a.

Os gemidos que soltamos quando finalmente ele está dentro de mim.

A simplicidade do ato é justificada pelo caos de emoções que sentimos.

Ele me acaricia com carinho até olhar dentro dos meus olhos.

— Eu te amo, Moon — diz novamente, como se não pudesse mais se segurar.

— Eu também te amo.

Seus dedos se entrelaçam nos meus, puxando meus braços para cima da minha cabeça, enquanto seu pau se enterra tão profundamente que os gemidos se tornam música.

Ele sabe como se mexer. Como me tocar em todos os pontos certos.

É uma conexão via olhar.

Dançamos com nossos corpos, mas é o coração que está falando.

É puro amor.

Lucas se enterra em mim com força. Com jeito. Não dói. Não arde. Ele sabe fazer de um jeito que tudo me relaxa e me deixa completamente entregue a ele.

E tem a parte de fazer um bebê. Não que ele vá fazer um bebê em mim hoje, porque a vida não funciona assim e eu estou tomando remédio.

Mas estaria mentindo se dissesse que isso não me deixou louca de tesão.

— Eu nunca vou me cansar de comer você — murmura no meu ouvido para em seguida mordê-lo. — Nunca vou me cansar de meter nesse paraíso que você esconde nessas calcinhas do caralho!

— Lucas…

— Eu sei… — Seu ritmo fica mais rápido. Mais firme. Minhas pernas tremem. Minha respiração se torna mais pesada.

Estou caindo. De novo.

Mas dessa vez estou caindo com Lucas.

É maravilhoso.

— Goza para mim, *baby*. — O tom rouco de sua voz, com seu sotaque puxado, é tudo o que preciso para não me segurar.

Minhas unhas fincam nas suas costas e minhas pernas se cruzam em seu quadril, puxando-o ainda mais para dentro de mim.

Grito.

Arranho.

Chego a puxar o seu lábio com os dentes.

O orgasmo é dolorido, mas desolador.

Sou recompensada com sua porra me inundando enquanto seus lábios vão para o meu pescoço.

É incrivelmente íntimo.

É incrivelmente nosso.

Eu nem acredito que isso está acontecendo comigo. A felicidade é palpável. E eu a agarro.

Não vou a lugar nenhum.

Para mim, é o momento perfeito, com a declaração perfeita, com o homem perfeito.

Ele nunca me levou a nenhum encontro. Ele ainda não abre a porta do carro para mim. Ele é meio chato. Ele não lê. Ele bebe. Ele fuma charutos.

Ele não é o cara ideal.

Mas ele é real.

E a realidade é melhor do que a minha lista idiota.

Ele faz o meu chá do meu jeito preferido.

Ele escuta todos os meus surtos pelos meus livros.

Ele cuida de mim.

Ele sempre me toca quando estamos no carro.

Ele nunca me deixa pegar um táxi ou Uber. Quando está na cidade, é Lucas quem me leva para cima e para baixo.

E Lucas tem Luna. Ela o deixa 110% melhor.

Eu amo que ele seja um bom pai para ela.

Eu o amo.

Com todas as suas imperfeições. Com todos os seus defeitos.

Eu o amo.

Para mim, é o suficiente.

É nos braços dele, em profundo silêncio, que eu durmo.

É a primeira vez que durmo sabendo que o meu maior sonho se realizou. Eu encontrei o meu mocinho e a melhor parte é que ele não é feito de palavras.



LUCAS BULLARD

Eu sou um rendido de merda.

Não tem outra explicação para o aperto no peito que sinto quando vejo a última mala da minha garota pronta.

Ela tem uma casa. Ela vai voltar para essa casa.

Tudo o que eu queria era ela aqui, mas decidi que mesmo eu não podendo ser o homem perfeito para ela, algumas coisas vão precisar seguir o tempo certo.

Namoro. Noivado. Casamento.

Para tudo há tempo. A vida é um processo e essas coisas são necessárias. Além do mais, como

eu vou manter essa mulher morando debaixo do meu teto, sem nem ter a levado para um encontro?

Não tem como.

Minha equipe já está ciente de que aquele contrato não existe mais. Que esse relacionamento, de falso, só tem mesmo o começo.

Irina não é mais um problema e minha reputação não está tão ilesa assim, mas eu, de verdade, não me importo muito.

De fato, as pessoas ainda me acham um traidor, mas eu vou fazer o quê?

Além do mais, para cada *hater* que eu tenha, tenho também um fã que ama o meu relacionamento com a Olivia. Que gosta do meu jeito de jogar. É neles que tenho que focar.

— Você vem nos visitar, não vem, titia Ollie? — Ver a minha garotinha meio triste por causa da mudança de Olivia me corta o coração.

Queria que ela ficasse aqui.

Queria que ela fosse nossa.

— Amor, vou sempre estar por aqui. Eu amo você, ok? O que acha de nós duas termos um dia só

nosso? Eu poderia te levar ao balé, o que acha? — Os olhos de ambas até brilham.

Elas se entendem tão bem. Luna tem uma nova melhor amiga, e tenho certeza de que Maggie ficaria feliz de dividir a nossa bebê com alguém tão bom e amoroso quanto Ollie.

Esse fato me relaxa bastante. É tudo o que eu preciso.

Uma vida com Olivia é, de fato, tudo o que eu quero viver.

— Ela pode me levar ao balé, papai? — Ollie me olha e parece meio emotiva.

Conheço a minha mulher, ela vai sentir falta da nossa casa. De nós.

— Claro, borboletinha. Ela sempre virá te ver e nós também vamos vê-la.

— Estamos atrasados! — Ollie revira os olhos e parece querer ir embora o mais rápido possível. — Temos que sair agora se não quisermos nos atrasar ainda mais.

— Moon? — chamo-a com a voz firme. — Hoje o seu irmão vai ficar com a borboletinha.

Vamos a um encontro.

Seu sorriso aparece e meu coração dá aquele salto. Ela realmente me tem.

— *Encontlo*? — Luna parece confusa, acho que nem ela está acostumada com isso ainda.

— É um momento de gente adulta, Lulu — Ollie responde, agora está mais animadinha.

As malas podem ser ignoradas por um tempo.

Ou talvez para sempre.

Olivia gosta tanto do para sempre. Bem que ela poderia ficar aqui para sempre.

Ela sai no carro dela rumo à sua casa reformada enquanto eu sigo no meu com a Luna.

O percurso em um primeiro momento é lotado por silêncio. Estou pensando. Preciso tentar entender que porra eu quero da vida.

Eu quero fazer tudo certo? Eu quero ser calmo e contido? Eu quero ser tranquilo e racional?

O que eu quero?

Olivia.

Eu quero Olivia.

Na minha casa. Ficando brava com a minha bagunça. Rindo dos meus desesperos com a Luna. Brincando com a minha filha. Assistindo filme com a gente. Me ajudando na rotina de sono e depois dando aquele corpo gostoso para mim. Eu quero fazer seu chá todo dia de manhã e escutar sobre as suas histórias. Quero acalmá-la quando algo da loja não vai bem. Quero acompanhar o seu dia. Quero ver o seu sorriso quando chego do trabalho.

Quero fazê-la feliz.

Que se foda.

Não quero mais ser racional. Não com ela.

Com Olivia, quero cometer a loucura de amar sem medo de me jogar. Até porque, com ela, eu não tenho medo de me machucar.

— Filha, o que você acha de adotarmos para sempre a Olivia como parte da nossa família?

— Achei que nunca ia perguntar, papai. — E rola os olhos como se fosse adulta.

Ah… eles crescem tão rápido.



— Você sabe que eu não sei patinar, não é? — Como que a filha de Finnick Finnley não sabe patinar, me diz?

— É por isso que estou te trazendo aqui hoje. Para você aprender.

— Vou ser um desastre. — Ela coloca o primeiro patins no gelo para em seguida colocar o segundo.

Eu pedi para usar a nossa pista hoje e depois de ser campeão, acho que poderia pedir qualquer coisa que eles deixariam.

— Se eu cair… — Arqueio a sobrancelha com o seu medo irreal. — Você não me deixaria cair. Lógico que não.

— Eu nunca deixo você se machucar, Moon.

— Isso é verdade. — Ela tenta patinar, mas é muito ruim nisso.

Olivia mais parece querer andar com os patins do que deslizar pelo gelo.

— Assim, *baby*. — Pego-a pela cintura, tentando mostrar o compasso para ela, porém descubro que sou um péssimo professor.

— Somos terríveis! — gargalha, feliz, quase caindo no processo.

— Calma. Você tem que deslizar o pé, não pisar, entende? — Tentamos mais uma vez, porém a tentativa só serve para ela escorregar e quase cair de bunda no chão.

Sou mais rápido e a pego pela cintura, rindo, escorando-a no vidro que divide o gelo das cadeiras do público.

— Entendeu o motivo do meu pai ter desistido de mim?

— Acho que agora eu posso dizer que Finn teve um ponto. — Suas bochechas coram e quando dou por mim, estou encostando nossos lábios mais uma vez.

O beijo dela sempre parece com o primeiro. Aquece meu corpo, mas é meu coração que sempre

parece que vai parar.

Eu sei o que fazer, agora eu só tenho que ir e fazer.

— Eu te amo, Moon. — Acho importante deixar isso claro mais uma vez e a reação para essas palavras é a coisa mais bonita que já vi.

Os olhos dela brilham e a sua boca se abre um pouco, deixando-a em um estado maravilhado.

É a própria princesa dos contos de fadas. A minha princesa.

— Eu te amo, Lucas. Te amo muito.

— Você confia em mim? — Minhas mãos a seguram como se fosse uma joia.

Demorei tempo demais, porém não quero mais perder um segundo sequer.

— Claro que sim. Eu até coloquei um patins por você. — Colocando nesses termos…

Sorrio ainda mais.

— Não sou passional, você sabe disso como ninguém. Sou frio. Racional. Mas tem duas pessoas que conseguem coisas de mim que mais ninguém consegue.

— Luna e eu?

— Luna e você. — Beijo a pontinha do seu nariz e sua testa, tentando ganhar tempo.

Estou nervoso pra caralho.

— Mas eu não quero mais ficar longe de você, Moon. Eu sei que não faz muito tempo que estamos juntos, porém eu te conheço há anos. Eu te observo há tanto tempo. Eu te amo há tanto tempo. Não quero mais perder tempo. Não quero mais…

— Lucas? — Os olhos dela se umedecem.

Tiro uma caixinha de veludo vermelha do meu bolso. Eu tenho esse anel há muitos anos. No divórcio dos meus pais, foi a única coisa que pedi para mim.

O anel com uma safira em formato de gota no meio, fez parte da minha vida. Da minha infância.

Lembro de admirá-lo sempre que via na minha mãe.

É dela.

Esse anel tem que ser da minha Moon.

— Não vou me ajoelhar, porque se eu fizer isso, talvez você caia — rimos da situação, mas

continuo: — Sempre pensei que se um dia eu fosse me casar, eu queria que fosse com você. Você é perfeita em cada detalhe. Cada nuance. Cada suspiro. Somos tão diferentes e ao mesmo tempo perfeitos um para o outro. Estou pronto para você, Moon. Estou pronto para ser o seu marido. E mesmo parecendo muito rápido e muito louco… Você está pronta para ser minha? — Eu abro a caixinha, expondo o anel para ela, sentindo que eu posso ter um ataque do coração a qualquer momento.

Não acredito que eu, logo eu, estou cometendo a loucura de pedir essa mulher em casamento.

Mas por ela, eu cometo loucuras. Essa será só a primeira.

— Você aceita se casar comigo?

— Sim! — Sua animação dá lugar a uma voz embargada. — Ai, meu Deus, não acredito que me pediu em casamento no nosso primeiro encontro.

— Eu sei que não é bem o que você queria…

— É perfeito — me corta, estendendo o dedo anelar para mim. — Você é perfeito para mim,

Lucas.

— Mesmo que eu não cumpra com nenhum item da sua lista? — Coloco o anel no dedo dela e a faço minha noiva.

Meu Deus, isso realmente aconteceu.

Puta merda!

— Você é melhor do que qualquer coisa que tenha naquela lista. — Ollie chega perto de mim, sorrindo contra os meus lábios, e suspira antes de dizer: — Você, Lucas Blake, é melhor do que qualquer mocinho literário que eu já li.

— Isso é música para os meus ouvidos.

E assim, eu dou a ela o meu melhor beijo.

Eu a beijo como se nunca fôssemos brigar.

Como se nunca fôssemos nos machucar.

Como se fôssemos para sempre.

Não há garantias. Não há uma certeza.

Mas por ela, eu tento.

Por ela, eu vou.

Por ela, eu voo.

Por Olivia, eu sou capaz de cometer a loucura de acreditar em *felizes para sempre*.

E esse é o começo do nosso.



OLIVIA MOON FINNLEY

O bebê agora já chuta, o que é uma coisa bem esquisita, além de maravilhosa. Não foi uma surpresa quando há 30 semanas, eu descobri que estava grávida de quatro semanas do nosso segundo bebê — o primeiro sempre seria a Lulu — e não poderíamos estar mais felizes.

Fizemos tudo como mandava o figurino. Noivamos. Casamos. E enfim, estamos esperando um lindo menininho no final da primavera.

Para duas pessoas que começaram a sua linda história de amor com uma farsa, até que tiramos muitos benefícios disso.

A rotina ainda era a mesma. Nossa bailarina ainda era a nossa prioridade número um, mas algumas mudanças foram feitas. Como por exemplo, agora não tínhamos mais consultas ao fonoaudiólogo às quartas. Não precisávamos mais.

— Ele está mexendo muito? — Lulu perguntou enquanto eu arrumava a louça na lavadora para finalmente irmos dormir.

— Muito. Quer sentir?

— Não! — A borboletinha parece estar com nojo. — Mas estava pensando… Ele vai te chamar de mamãe, né?

Eu sabia que isso seria um problema, eu falei para o Lucas.

O meu lindo marido observa a cena, atento, enquanto guarda o restante do nosso jantar na geladeira.

— Sim, Lulu. Ele vai me chamar de mamãe.

A garotinha loira, de bochechas rosadas como as minhas e palavras sempre afiadas mesmo tendo apenas oito anos, me olha pensativa.

Acho que ela quer falar uma coisa para mim, mas ainda não sabe bem como fazer isso.

Eu amo tanto essa garotinha.

Ela esteve em muitas partes da minha vida e eu só consigo me sentir grata por isso.

Quando noivamos, Lulu ficou extremamente feliz e mal podia acreditar que eu estava de volta para a casinha dela, e dessa vez, para ficar.

— Ah, já que você vai ser a mamãe dele, bem que você podia ser a minha também. — O pedido vem de uma forma tão simples.

É só uma terça-feira qualquer. Estamos seguindo nossa rotina.

Mas é um dia inesquecível. Se tornou inesquecível.

Minha relação com a pequena foi construída aos pouquinhos. Eu a conheci. Nos tornamos amigas. Depois nós nos tornamos família. Até que eu entendi que, no meu coração, ela era, sim, a minha filha.

Jamais iria apagar a Maggie da vida dela. As fotos da mamãe estrelinha, como Luna mesmo diz, estão espalhadas pela casa e ela sempre será uma memória bonita para todos nós, porém isso não me impediu de me apaixonar e amar essa garota como filha.

Ela é minha filha.

— Eu sei que tenho uma mamãe estrelinha, mas queria ter uma mamãe aqui na Terra. E queria que fosse você, Ollie. — O seu olhar é acanhado, me mostrando que está com vergonha de fazer esse pedido, mas tem a coragem de enfrentá-la. Que orgulho do meu bebê. — Você quer ser minha mamãe também?

Largo tudo o que estou fazendo e antes de mais nada, abraço Luna. Quero que ela se sinta amada e protegida. Beijo o seu rostinho e abro um sorriso emocionado para ela, mostrando o que realmente estou sentindo.

— Seria uma honra ser sua mamãe, Lulu. — Faço um carinho em suas bochechas, notando que ela sorri. A única emocionada parece ser eu. — Eu te amo como uma filha, porque você é minha filha. Adoro cuidar de você. Adoro nosso tempo juntas. Pode ter certeza de que vou honrar essa escolha para sempre. Eu sempre serei sua mamãe, Lulu. Sempre e para sempre juntinhas.

— Eu te amo, mamãe. — Ela parece testar a palavra na boca, me abraçando. — Ainda é meio estranho, mas acho que com o tempo, vou me acostumar a te chamar assim.

— Vai só me chamar assim — brinco, com cara de brava. — Para você, agora é só mamãe. Nada de titia Ollie ou Olivia. Sou sua mamãe.

— Você é a minha mamãe. — Luna me abraça novamente e suspira em meus braços. — Te amo muito, mamãe.

— E eu amo as minhas lindas garotinhas e o nosso pequeno Gabriel. — Lucas nos abraça também e não perde tempo de passar a mão na minha barriga.

Ele ama essa barriga. Não tenho dúvidas de que ficará arrasado quando ela for embora.

Arrasado não, porque do jeito que esse homem é, vai adorar fazer filhos em mim.

Eu quero quatro, já Lucas quer ter um total de seis. Toda vez que ele fala isso, eu nego, dizendo que é demais, mas sei, no fundo do meu coração, que teremos todos os filhos que eu conseguir ter.

Eu amei ficar grávida. E tenho certeza de que amo ser mãe. Então, enquanto estiver saudável e feliz, não vejo problemas em ter uma ninhada de coelhos — palavras do meu irmão, não minhas — com Lucas.

O final feliz é uma constante. É uma rotina. Não é felicidade em todos os segundos, mas é a certeza de que estamos no lugar certo com as pessoas certas.

Eu encontrei meu lugar no mundo. Eu encontrei minha família. O homem da minha vida.

O nosso começo não foi lá muito normal. Uma farsa deu início à nossa história de amor. Mas tudo o que veio depois é verdadeiro.

Eu amo Lucas Blake Bullard. E ele ainda é o homem perfeito para mim. Mesmo que ele em si não seja nada perfeito.

Ainda estou meio emotiva quando me afasto um pouco deles, tremendo pela emoção. Quando coloco minha mão na bancada, sinto o corte. É rápido, mas arranca um pouco de sangue. A faca que estava dentro do copo faz seu trabalho nada requisitado.

— Vish, machucou! — Lulu parece agoniada.

— Está tudo bem, filha. Vou cuidar disso. — Arde como o diabo e eu coloco minha mão na água corrente para limpar o corte.

Meu marido vai pegar a malinha de primeiros socorros e logo consegue secar e estancar o sangue. Não foi tão fundo, mas também não posso dizer que foi superficial.

— Dei bobeira — confesso, maravilhada com o cuidado que esse homem tem comigo.

— Não é todo dia que se ganha uma filha, não é? — Ele está tão feliz.

Esse homem é sempre sorridente agora. Menos quando Luna se atrasa pela manhã. Daí não tem humor que habite nesse gostoso!

— Obrigada por isso. — *Obrigada pelo cuidado. Pelos filhos. Por nós dois.*

— Sempre aqui, Moon. — Lucas pega duas caixinhas de Band-Aid dentro da malinha enquanto a nossa querida filha está de volta para a televisão.

Luna está entrando em uma fase terrível em relação a telas. Vamos atravessar isso. Eu espero…

— Gatinho ou Barbie? — Não consigo conter a risada.

— Band-Aid de criança?

— Sabe como é… estilo. Sem contar que são os melhores.

É. Realmente. Não tem como. Eu vou deixar esse homem fazer quantos filhos quiser em mim.

Não tenho outra opção.

— Barbie, *baby.* Pode ser o da Barbie.



NÃO ESQUEÇA DE AVALIAR. SUA AVALIAÇÃO É MUITO IMPORTANTE PARA MIM!

AH! E ME SIGA NO INSTAGRAM PARA FICAR POR DENTRO DAS NOVIDADES

@autorabpallazzo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu quero agradecer este livro aos meus leitores. Essa história foi criada a partir de um pedido de vocês, e para vocês. Depois de quase dois anos nessa profissão, eu sei, e confio, que o maior presente que eu tenho na minha vida são pessoas tão fiéis e boas, ao meu redor. Obrigada por tudo que fazem por mim. Por me transformarem na Bruna Pallazzo que eu sou hoje. Espero que vocês se orgulhem de mim, assim como eu me orgulho imensamente de vocês.

Minha família esteve muito presente na escrita desse livro. Não foi fácil escrever em um curto espaço de tempo, então eles se responsabilizaram por cuidar de mim, e até mesmo me tirar de dentro do meu escritório quando eu estava na reta final, e um poço de cansaço e estresse. Obrigado por todo o apoio. Eu amo vocês, e sou grata pela vida de cada um. Não sei o que seria de mim sem vocês.

Minhas amigas são o meu ponto de equilíbrio. Obrigada pelas risadas e companheirismo, e pela compreensão. Acho que eu nunca fiquei tão atolada na vida, como fiquei na escrita de Lucas, e vocês foram incríveis ao compreender isso. Amo todas vocês, e não vejo a hora de dar um abraço em cada uma – menos da gabizinha, que essa já está até cansada de ver minha cara bonita de tanto que me encontra. Os refrescos de morar na mesma cidade.

Minhas betas incríveis, que chegaram na minha como uma grata surpresa. Vocês pegaram na minha mão e me acalmaram em vários momentos. Obrigada pela paciência de jó. Pelos conselhos. Pela cumplicidade. Pela companhia. Amo cada uma de vocês. Espero que vocês sigam me aguentando porque só Deus sabe o quanto é difícil lidar com o caos da Pallazzo hahahaha.

Agradeço também a minha equipe, parceiras e influencers. Obrigada pelo trabalho maravilhoso. Nenhum dos meus livros seriam o que são, sem o esforço de cada um de vocês. Obrigada. Palavras jamais serão suficientes para agradecer pelo o que o trabalho de vocês fazem por mim.

Bom, agora eu vou tirar minhas férias merecidas. Descansar também é necessário. Fiquem bem. Nos vemos no meu próximo lançamento. Qual será? Bom, isso ainda é um segredo.

Beijinhos,
Bruna Pallazzo

---

[1] Quando eu olho para as estrelas.